

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
NÍVEL DE MESTRADO**

RENAN LOURENÇO DA FONSECA

**HISTORIA PÚBLICA E ORIENTALISMO: INVESTIGAÇÕES SOBRE
CULTURA ORIENTAL E ZEN BUDISMO A PARTIR DA PERNSONA
DE MONJA COEN**

**CAMPO MOURÃO – PR
2022**

RENAN LOURENÇO DA FONSECA

**HISTORIA PÚBLICA E ORIENTALISMO: INVESTIGAÇÕES SOBRE
CULTURA ORIENTAL E ZEN BUDISMO A PARTIR DA PERNSONA
DE MONJA COEN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: História Pública
Orientador(a): Dr. Jorge Pagliarini Junior

**CAMPO MOURÃO – PR
2022**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Lourenço da Fonseca, Renan
HISTORIA PÚBLICA E ORIENTALISMO:
INVESTIÇÕES SOBRECULTURA ORIENTAL E ZEN
BUDISMO A PARTIR DA PERNSONA
DE MONJA COEN / Renan Lourenço da Fonseca. --
CampoMourão-PR,2022.
217 f.: il.

Orientador: Jorge Pagliarini Junior.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado em História Pública) -- Universidade Estadual
do Paraná, 2022.

1. História Pública. 2. Zen Budismo. 3.
Orientalismo. 4. Monja Coen.. I - Pagliarini
Junior, Jorge (orient). II - Título.

RENAN LOURENÇO DA FONSECA

**HISTORIA PÚBLICA E ORIENTALISMO: INVESTIÇÕES SOBRE
CULTURA ORIENTAL E ZEN BUDISMO A PARTIR DA PERNSONA
DE MONJA COEN**

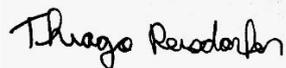
BANCA EXAMINADORA



Dr. Jorge Pagliarini Junior – UNESPAR, Campo Mourão



Dr. Leandro Crestani – Centro Universitário FAG, Toledo



Dr. Thiago Reisdorfer – UESPI, Teresina

Data de Aprovação

25/11/2022

Campo Mourão – PR

RESUMO

FONSECA, Renan Lourenço da. **Titulo.** História Pública e Orientalismo: investigações sobre cultura oriental e Zen Budismo 214f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, ano.

Resumo: O presente estudo composto de três artigos têm como objetivos: abordar as principais influências de Monja Coen no imaginário orientalista na audiência do Zen Budismo, sobretudo, no que se refere às dimensões de sua persona enquanto representante religiosa e figura pública; analisar as representações sociais orientalistas através da memória dos entrevistados; relatar e analisar o material propositivo em formato de podcast. Para tanto, definiram-se os seguintes objetivos específicos: conceituar imaginário orientalista e audiências, tendo-se como ancoragem teórica a problematização da noção de invenção do Oriente a partir das potencialidades da História Pública; identificar tópicos relevantes para a compreensão da relação Monja Coen, Zen Budismo e o Oriente; realizar reconhecimento sobre comunidades zen budistas; desenvolver e analisar material propositivo em formato de podcast. Abordar estes objetivos justifica-se por existir a necessidade de se estudar e produzir novos trabalhos acerca da cultura oriental, tendo em vista a quantidade de produções que ainda carregam historicamente uma dependência das mentalidades ditas eurocentricas ou ocidentalizantes. O presente estudo consiste em pesquisa de caráter exploratório, com resultados tratados de maneira qualitativa, a partir da coleta de dados primários e secundários.

Palavras-chave: História Pública. Zen Budismo. Orientalismo. Monja Coen.

ABSTRACT

FONSECA, Renan Lourenço da. **Title.** Public History and Orientalism: Investigations into Oriental Culture and Zen Buddhism 214f. Dissertation. Graduate Program in Public History – Master's. State University of Paraná, Campo Mourão Campus. Campo Mourao, year.

This study, composed of three articles, aims to: address Monja Coen's main influences on the orientalist imaginary in the Zen Buddhism audience, especially with regard to the dimensions of her persona as a religious representative and public figure; to analyze the orientalist social representations through the memory of the interviewees; report and analyze the proposed material in podcast format. To this end, the following specific objectives were defined: to conceptualize the Orientalist imaginary and audiences, having as a theoretical anchor the problematization of the notion of invention of the Orient based on the potentialities of Public History; identify relevant topics for understanding the relationship Monja Coen, Zen Buddhism and the East; conduct reconnaissance on Zen Buddhist communities; develop and analyze propositional material in podcast format. Addressing these objectives is justified by the fact that there is a need to study and produce new works about eastern culture, in view of the number of productions that still historically carry a dependence on the so-called Eurocentric or Westernizing mentalities. The present study consists of an exploratory research, with results treated in a qualitative way, from the collection of primary and secondary data.

Keywords: Public History. Zen Buddhism. Orientalism. Coen nun.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Oração inter-religiosa pelas vítimas da pandemia	36
Figura 2 – Postagem Facebook sobre o Zen.....	39
Figura 3 – Postagem Facebook: Como descobrir a origem da ansiedade	42
Figura 4 – Postagem Facebook: Comentários sobre Monja Coen	44
Figura 5 – Postagem Facebook: Monja Coen embaixadora da moderação.....	48
Figura 6 – Postagem Facebook: Comentários sobre Monja Coen e seu vínculo com a Ambev	49
Figura 7 - Criação do grupo no WhatsApp	89
Figura 8 - Envio do Roteiro.....	89
Figura 9 - Pareceres.....	89
Figura 10 - Dia de gravação na residência do Frater Goya	92
Figura 11 - Edição do episódio piloto utilizando o software Audacity	93

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
ARTIGO 1: REPERCUSSÕES DOS DISCURSOS DE MONJA COEN EM COMUNIDADE ZEN BUDISTA NO FACEBOOK	25
ARTIGO 2: HISTÓRIA PÚBLICA E HISTÓRIA ORAL: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ORIENTALISTAS DOS MEMBROS DA SANGHA E “ORIENTALISTAS”	54
ARTIGO 3: PODSATVA: UMA TENTATIVA DE PRODUÇÃO DE UMA HISTÓRIA “COM” O PÚBLICO	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
FONTES / ANEXOS	107

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Renan Lourenço da Fonseca. Sou formado em História pela UNESPAR, campus de Campo Mourão-PR. Sou originário do Estado de São Paulo e atualmente moro em Campo Mourão, onde curso Mestrado no Programa de Pós-graduação em História Pública (PPGHP), sob a orientação do professor Jorge Pagliarini Junior. Minha pesquisa no programa tem como tema o imaginário e as representações sociais da sangha zen budista e de “orientalistas” sobre a cultura oriental e, de modo especial, ao próprio Zen Budismo.

Minha relação com a temática inicia muito cedo. Minha infância foi carregada de referências da cultura oriental: pratiquei artes marciais japonesas, como o judô e o karatê; assistia animês¹ e *tokusatusus*²; lia mangás; convivia com amigos com descendência japonesa nas escolas onde estudei. Inicialmente, todo aquele repertório não passava de uma “caricatura” da cultura japonesa, mas com o tempo passei a me interessar de maneira cada vez mais profunda.

Quando ainda morava no Estado de São Paulo, durante o Ensino Médio, convidei alguns amigos para visitar o Bairro da Liberdade³, pois havia descoberto uma loja de mangás e artigos de animês. Pegamos o metrô partindo da Zona Leste para o centro da cidade. Ao desembarcar uma voz eletrônica avisou “Estação Japão-Liberdade”. Quando ainda era bem pequeno, meu pai havia me falado desse bairro, e se referia a ele como “bairro japonês”. O nome vem a calhar, pois ao sair da estação vemos uma São Paulo totalmente diferente do habitual. A primeira impressão que tive foi de ter sido transportado para a Terra do Sol Nascente, pois a paisagem urbana paulista se misturava a uma estética que só tinha visto em filmes e documentários⁴. O

¹ Animações japonesas.

² Filmes ou séries japonesas em live-action, que tem como marca os usos de efeitos especiais.

³ “Os imigrantes japoneses constituíram no bairro da Liberdade o primeiro núcleo colonial nipônico do município de São Paulo. Hoje os reflexos desta presença são perceptíveis na paisagem local. (...) A concentração de japoneses no bairro da Liberdade, entre os anos de 1908-1942, pode ser justificada devido ao custo das moradias, relativamente baixo, quando comparado ao das moradias de outras localidades da capital paulista. Além disso, havia a possibilidade de sublocação das casas para terceiros, o que barateava os gastos e ainda, a localização do bairro também favorecia o acesso rápido a toda região central, representando possibilidades de emprego e, além disso, meios de transporte para locomoção às regiões mais afastadas do centro” (BOCCI, 2009, p. 1)

⁴ “a paisagem serve às intenções do governo e da iniciativa privada, já que a imagem de “bairro japonês” é vendida e veiculada à sociedade, constituindo um pólo de atração monetária. Desta forma cria-se uma casca japonesa com essência chinesa, coreana e nipônica, embora a promoção do produto baseia-se nos elementos paisagísticos que conferem tal imagem. (BOCCI, 2009, p. 4)

imenso *torii*⁵ criava um portal por onde os carros passavam; um jardim com carpas e bambuzais se escondia entre os prédios; barraquinhas vendiam *tempura* e *lâmen*; nas bancas, jornais estavam escritos com *kanji*⁶ e *hiragana*⁷; o cheiro de incenso estava por toda parte. Aquela foi a primeira de muitas visitas que faria ao Bairro da Liberdade.

Em 2017, estava no terceiro ano da graduação quando o professor de Metodologia e Prática de Pesquisa em História II, Thiago Reisdorfer, nos solicitou que produzíssemos um artigo, com temática livre, para encerrar a disciplina obrigatória. Minha escolha foi trabalhar com imigração japonesa. Na primeira oportunidade, fui a São Paulo explorar o Bairro da Liberdade, em busca de uma fonte de pesquisa. Caminhei pelas ruas da Liberdade, tentando observar e absorver informações úteis para minha pesquisa. Depois de muita andança, decidi ir até o Museu da Imigração Japonesa. O museu fica localizado no sétimo, oitavo e nono andares do prédio do Bunkyo. Seu acervo possui itens que remetem à imigração japonesa no Brasil. Muitos dos itens pertenciam aos próprios imigrantes japoneses, tal como fotos, jornais, microfilmes, livros, revistas, discos, pinturas, utensílios domésticos e de trabalho, além dos quimonos. O que me chamou atenção foi um livro em exibição, intitulado “Sôbô – Uma Saga da Imigração Japonesa”, do romancista Tatsuzô Ishikawa.

O romance retrata os trabalhadores de classe baixa japonesa, em especial os trabalhadores rurais, que acabavam em situações em que o medo, a miséria e a discriminação imperavam no dia a dia das pequenas famílias. Realça-se as dificuldades que apareciam em decorrência da comunicação, que era impedida pelo idioma, pois a maioria mal sabia falar o português. Toda obra é baseada na própria experiência de Ishikawa como imigrante no Brasil.

Ao finalizar o artigo notei que haviam ainda mais questões a serem respondidas, principalmente àquelas vinculadas a religiosidade dos imigrantes japoneses. No mesmo ano, enquanto assistia uma palestra de Leandro Karnal no YouTube, verifiquei as sugestões de vídeos e nelas havia um vídeo de uma mulher, de cabeça raspada e com vestes pretas. Está mulher era Monja Coen, que mais tarde publicaria um livro juntamente com Karnal, intitulado “O Inferno Somos Nós”. Enquanto Karnal falava sobre o medo nas origens da violência,

⁵ “Um *torii* é um portal de madeira, normalmente pintado de vermelho. Ele foi criado para ser originalmente apenas um simples portão das antigas cercas do santuário. Quando as cercas foram retiradas, o *torii* permaneceu para designar a entrada de um lugar sagrado e afastar os maus espíritos” Disponível em: <<https://site.aliancacultural.org.br/torii/>> Acesso em: 21 out. 2021.

⁶ Sistema de ideograma chineses e usados pelos japoneses.

⁷ Sistema japonês de origem silábica.

utilizando-se do conhecimento histórico e filosófico ocidental, Monja Coen dialogava sobre o mesmo tema, em um linguajar acessível, porém na perspectiva de uma monja budista. Assim, meu interesse pela religiosidade japonesa foi reacendido e as questões se complexificaram.

Como uma não descendente de japoneses se tornou monja zen budista? Por que tanta gente não budista se sente interessado pelo que ela diz? Será que sua condição ocidental não teria sido um empecilho para se inserir em uma religião oriental? E, afinal, o que é ser oriental?

Um conceito que me serviu de reflexão nos processos de pesquisa e escrita foi o “orientalismo”. Baseado, principalmente, em Edward Wadie Said (2018), compreendo o orientalismo, em seus muitos sentidos possíveis, uma construção teórica que busca compreender as representações, as construções e as apropriações do Oriente, partindo do princípio da hegemonia do Ocidente quanto reivindicador da centralidade histórica e filosófica mundial. Deste modo, passei a utilizar a perspectiva denunciadora do orientalismo no objetivo de esclarecer o caráter fantasioso e imaginativo ocidental sobre a artificialidade da existência de um Oriente.

Em 2020 tive a oportunidade de ingressar no Programa de Pós-graduação em História Pública, onde tive conhecimento da linha de pesquisa “Saberes e Linguagens”, que era adequada ao tema decidi pesquisar, principalmente nos direcionamentos dados às práticas fundamentadas nas oralidades e às representações religiosas. A partir daí, dou início a esta pesquisa com base no conceito de orientalismo, que apresento brevemente a seguir.

Procurei resguardar nesta pesquisa os compromissos éticos baseados no “Código de ética e conduta profissional” anunciado pela *National Council for Public History*⁸ e adotados desde 2007. Destaco tais diretrizes fundamentalmente na responsabilidade do historiador público com a preservação e acessibilidade de suas produções; apresentar as evidências históricas; inclusivos culturalmente, tanto na prática, como na apresentação histórica; ter consciência de seus propósitos e da dinâmica interpessoal intrínsecas à prática histórica. Portanto, naquilo que a pesquisa necessita tangenciar sua execução na contribuição de seres humanos busquei o Comitê de Ética à preservação e salvaguarda dos mesmos.

Me ancoro no posicionamento do compromisso do historiador público:

A história pública requer envolvimento ético e devolução contínua, entendendo-a como processo conflituoso, dinâmico e fragmentado, porque alvo de disputas vivas entre as próprias comunidades, que devem ser, além de

⁸ Disponível em: <https://ncph.org/> Acesso: 21/10/22

autoras, consumidoras e beneficiárias da publicização de suas histórias e memórias (ROVAI, 2018, p. 196)

Levando em conta os fenômenos públicos acerca do budismo no Brasil, darei destaque às audiências do Zen Budismo japonês, Por meio da investigação nos discursos e memórias que pautem a própria religião budista, Monja Coen e a cultura oriental. Para tanto foi necessário realizar um apanhado histórico sobre a inserção dessa religião asiática no país. Assim, inicio tratando da imigração responsável pela transmissão cultural japonesa em suas origens. Em seguida abordo os assuntos mais específicos voltados à História Pública e orientalismo.

Cabe enfatizar, esta pesquisa se configura segundo as aspirações da História Pública, levando em consideração à compreensão das representações religiosas numa preocupação com as combinações políticas, sociais, econômicas e culturais na especificidade de seus anunciadores. Privilegio, portanto, uma vertente da história pública que se preocupa com a produção de uma história *para* o público, cujo foco é criado segundo a ampliação de suas audiências (CARVALHO, 2016); mas considero importante dar atenção à produção de uma história *com* o público, visto que ao optar pelos usos teórico-metodológicos da História Oral admito“(...) um diálogo sobre o passado entre o historiador e um membro do público, ou, talvez dizendo melhor, entre duas pessoas com tipos diferentes de conhecimento histórico” (SANTHIAGO, 2018, p. 297). A apresentação da pesquisa demanda uma contextualização da formação política, econômica, social e cultural japonesa e de sua aproximação com o território nacional.

Os trabalhadores japoneses iniciariam um movimento emigratório, conforme as mudanças do período da Restauração Meiji de 1868, fenômeno tal que modificou a economia e a política do Japão. Este movimento modernizador acabou levando o endividamento de trabalhadores rurais e ocasionando tensões sociais. Portanto, o incentivo a tornar-se imigrante era uma estratégia governamental para levar o Japão a diminuição de conflitos internos de cunho econômico.

Rumo ao Brasil, o fluxo migratório intensificou-se no século XX, logo após o veto americano à imigração japonesa. O Brasil passa a ser destino de emigrantes vindos de vários cantos do mundo, como os italianos, alemães e espanhóis, que juntamente com japoneses acabaram, por vezes, forçados a conviverem numa mesma fazenda. Os japoneses foram um desses vários povos que enxergaram no Brasil a possibilidade de melhorar suas vidas, acumulando dinheiro suficiente para que um dia possam regressar a sua terra-natal.

Na historiografia o tema da imigração japonesa ainda se mostra com muitos espaços lacunosos, tanto em língua portuguesa, como também em inglês e no próprio japonês (ANDRÉ, p. 61). São iniciados estudos sobre a imigração japonesa em um tempo muito recente. Datam de 2008 as primeiras produções mais sérias, voltadas especificamente ao assunto da imigração japonesa. Nem mesmo nos livros escolares existem quantidade significativa de informações.

Comparada à história da imigração de outros países como Itália, Portugal e Espanha, ainda há muito o que se estudar sobre. Lesser (2001) diz que os imigrantes não-europeus foram deixados de lado pela historiografia, mesmo tendo consciência de que o montante de pessoas fora dos grupos mais privilegiados, em termos de atenção à pesquisa, soma-se milhões delas. Nos últimos anos nomes como Célia Sakurai, Rogério Denzem, Lia Cazumi Yokoyama e Marcia Yumi Takeuchi são alguns dos pesquisadores que vem trabalhando em cima desta temática (ANDRÉ, 2011, p.61). A própria Célia Sakurai esteve nos últimos anos envolvida na organização do Museu da Imigração Japonesa, localizado no bairro da Liberdade do Estado de São Paulo.

Entre 1914 e 1928, período em que acontece a I Guerra Mundial, o Japão usufrui de um período curto de prosperidade, porém seguiu-se de um desgaste patente na economia. Com o fim da I Grande Guerra, uma crise estourou, em meio a recessão, eclodindo uma série de tumultos em 1918, conhecidos como *Komo Sôdô*⁹. O preço do arroz estava excessivamente alto, e o salário, por sua vez, não aumentou na mesma progressão, fazendo com que o custo de vida fosse muito elevado. Em algumas cidades, houve arrombamento de depósitos de arroz. Em 1920 a crise piora, levando o Japão a um quadro de pobreza e desamparo nas áreas rurais. O terremoto de Kanto, de 1923, leva a situação a um nível de extremo caos, pois a violência destedesastre natural provocou a morte e desaparecimento de 140 mil pessoas, 120 mil casas desmoronaram e 450 mil outras foram incendiadas. Esse prejuízo na economia levou a um “pânico financeiro” que foi muito sentido em 1927 (NOGUEIRA,1984).

Nogueira diz que, além do surto industrial, a situação se configurava em um paradoxo, pois a economia agrícola estava cada vez mais sufocante, causada pela carência de terras para o cultivo, atrelada à desproporção com a demografia, que estava sobrecarregada. Entre 1875 e 1940 o indicador populacional passou de cem para duzentos e sete, enquanto a produção dos campos de arroz foi de uma ordem de cem para cento e quarenta e cinco (NOGUEIRA, 1984). Dessa forma, o impulso da indústria e a explosão demográfica não seguiram as mesmas proporções do setor agrícola.

⁹ A tradução trazida por Nogueira é “motins de arroz”.

Antes da Segunda Guerra Mundial, o intuito de se fixar em outro país era algo fora de cogitação. Esperava-se economizar dentro de um prazo limitado para que então pudessem voltar para a casa. A terra natal é o “solo sagrado”, onde os ancestrais tiveram suas vidas e onde ocorreu a criação dos seus filhos, portanto, emigração era para eles uma ideia dolorosa. Necessidade, mas, de caráter passageiro (ITOZAKU,1998).

A sociedade japonesa nesses períodos iniciais de ondas migratórias foi assolada por entraves que foram além das dificuldades financeiras, mas também no exercício de práticas socioculturais tradicionais. Segundo o compilado de 80 anos de imigração japonesa no Brasil, em “Uma Epopeia Moderna”, não seria correto afirmar que a vida religiosa do 1º período, datado nas primeiras duas décadas dos contatos originais em São Paulo, teriam ocorrido ativamente. Até que o antigo quadro de “colonos” se converteria, por meio da “estratégia de trabalho temporário de longa duração”, passando para um novo quadro de agricultores independentes ou arrendatários. Tal mudança levou ao momento áureo da imigração. Assim, a divulgação de religiões de origem japonesa passou a ser facilitada, principalmente com o êxodo rural.

O processo de industrialização aumentou as possibilidades de emprego dos japoneses, que possuíam na segunda metade da década de 40 alto grau de escolaridade. A ascensão social e econômica levou a substituição da ideia de um “trabalho temporário” para projetos de permanência definitiva. No quarto período, datado do início dos anos 40 e nomeado “Época Urbana”, 90 % dos japoneses e descendentes instalados nas regiões rurais se transferiram para as cidades. A “ressureição das religiões japonesas” teve seu início com o *Tenry-kyô*¹⁰ e o *Seichô-no-iê*¹¹.

O Budismo, por sua vez, teve sua introdução em consonância às religiões japonesas, porém em menor número, baseando-se nos poucos registros de sua manifestação nos primeiros períodos da imigração. Nem mesmo a historiografia brasileira preocupou-se significativamente com o assunto, como confirma o doutor em ciência da religião, Frank Ursarski:

É verdade que, no passado, alguns historiadores de religião bem como sociólogos e antropólogos ocuparam-se de fenômenos relevantes ao tema. Todavia, por se tratar de focos específicos, publicações isoladas, ou seja, por faltar uma abordagem integrativa ao fenômeno em sua complexidade, aquelas obras não chamaram atenção adequada, nem na discussão acadêmica nacional, muito menos nos debates internacionais (URSARSKI, 2002).

¹⁰ A Tenrikyo é uma religião monoteísta que se originou a partir das revelações feitas a uma mulher japonesa chamada Miki Nakayama, cognominada de Oyassama pelos seus seguidores.

¹¹ Seicho-no-Ie ou Lar do Progredir Infinito em português é uma nova religião de origem japonesa fundada em 1930 e que se faz presente em todo o mundo.

Levo em consideração que o culto ao imperador e o xintoísmo¹² se fizeram marcantes naquele contexto, tendo em vista a tendência nacionalista e isolacionistas no Japão, que passaram a se afrouxar lentamente desde a Restauração Meiji (1868).

Segundo Ursarski (2002), há dois modelos clássicos conceituais para se analisar a introdução do budismo no Brasil, distintos em: “Budismo de imigração” e o “Budismo de conversão”. Estes dois modelos podem se subdividir em maiores detalhes de acordo com a abordagem e relevância analítica. Mas pautarei apenas o segundo, ainda que para compreender seu contexto se faz necessária a compreensão do Budismo de imigração, pois foi a partir dele que esta religião é introduzida no Brasil.

Mesmo que o “Budismo de imigração” remonte ao ano de 1810, com a chegada de pequenos grupos de chineses, o Budismo japonês ganha destaque devido ao fluxo migratório explanado anteriormente. Segundo o censo do IBGE de 2010, das 159 mil pessoas auto-declaradas amarelas, 48,3% eram budistas. Ou seja, quase metade da população de descendência asiática budista é, em sua maioria, de procedência japonesa. Genju Ibaragui, um dos imigrantes japoneses da tripulação do *Kasato Maru*¹³, teria sido protagonista chave para a instalação do primeiro templo budista no Brasil na região centro-oeste de São Paulo, localizado em Lins, próximo à Praça das Cerejeiras. O Budismo *Honmon-butsumyô-shû*¹⁴ teve como arcebispo o próprio Ibaragui, que passou a responder pelo nome de Nissui (GONÇALVES, 2008).

Com a derrota japonesa na Segunda Guerra, os imigrantes terão um forte impacto em suas mentalidades, contribuindo para a permanência definitiva em sincronia ao êxodo rural. Assim o crescimento de fundações budistas leigas ou oficiais passa a ocorrer no decorrer da década de 50, quando se inclui a corrente *Zen*. Entretanto, sua propagação não será tão expressiva para não-descendentes nos anos que se seguiram até 1980 (URSARSKI, 2002). Dentre as dificuldades de disseminação do Budismo estava a de que “Além de problemas lingüísticos, as duas instituições destacam a identificação entre o culto ancestral e Budismo

¹² Xintoísmo é o nome dado à espiritualidade tradicional do Japão e dos japoneses, considerado também uma religião pelos estudiosos ocidentais.

¹³ Foi um navio que transportou os primeiros grupos de imigrantes japoneses ao Brasil, que em 1908 estavam vinculados ao acordo firmado entre os dois países.

¹⁴ Honmon Butsumyô-Shu, traduzido do japonês, significa Religião Budista do Caminho Primordial do Sutra Lótus estabelecida pelo Buda Primordial, conhecido no Brasil como Budismo Primordial HBS.

como o entrave significativo da não-propagação do Budismo numa abrangência maior” (USARSRKI, 2002, p. 7). Portanto, cultura, tradição e linguagem são empecilhos para a comunidade sem descendência.

Em 1993 chega ao Brasil Moriyama Roshi, encarregado da administração do templo Bushinji em São Paulo, que foi imbuído pela Ordem a oficializar a abertura para seguidores que não faziam parte do grupo étnico. Com intuito de romper as barreiras do tradicionalismo, o monge Moryama foi substituído pela brasileira, recém-chegada do Japão, monja Coen Roshi. Nascida brasileira, Claudia Dias Baptista de Souza, ordenada em 1983, dedicou sua vida religiosa por 12 anos no Japão, nos Conventos Zen Budista de Nagóia, Aichi Senmon Nisodo e Tokubetsu Nisodo, posteriormente causando impacto aos antigos obstáculos em solo brasileiro, demonstrando autenticidade em sua forma de ensinar o *dharma* e os costumes da tradição *Sôtô Zenshu*, abrindo novos horizontes a comunidade budista sem descendência (USARSKI, 2002).

Em decorrência de tensões internas na ordem, Monja Coen é destituída de seu cargo de administradora do templo Bushinji e inicia sua trajetória mais autoral na divulgação do Zen Budismo, abrindo novos caminhos para o Budismo de Conversão em sua vertente e escola. Atualmente a monja é líder espiritual no templo *Taikozan Tenzuizenji*, onde se realizam as práticas do *zazen*, cerimônias matinais, retiros e outras atividades arregimentadas pelo *Soto Shu*¹⁵. É autora de vários livros como o “Viva Zen” e “Sempre Zen”. Ficou famosa pelas palestras postadas no canal “MOVA” e desde então se tornou figura marcante na mídia nacional. Fez participação em programas famosos da televisão brasileira, como “Encontro com Fátima Bernardes”, “Programa do Jô”, “The Noite”, “Provocações”, além de participação em *podcasts* famosos como o “Poucas”.

Assim, a investigação se efetiva na análise do fenômeno das crescentes audiências sobre os assuntos orientalistas, tendo como base as discussões de Edward Said sobre o conceito “orientalismo”. E reforço o entendimento por orientalismo como um conceito que procura denunciar o desprezo e fascínio ocidental pelo Oriente (SAID, 2018), cuja mentalidade hegemônica se escancara na cultura de diferenciação e controle do outro. Segundo Said (2018):

Não há nada de especialmente controverso ou repreensível nessas domesticações do exótico; elas acontecem entre todas as culturas, certamente, e entre todos os homens. O que pretendo, contudo, é enfatizar a verdade que o orientalista, como qualquer pessoa no Ocidente que pense ou experimente o Oriente, desempenhou esse tipo de operação mental (p. 70)

¹⁵ Informações retiradas do site zendobrasil.org e do blog monjacoen.com.

Isto posto, dou atenção à constituição de um novo saber histórico sobre o Oriente e de como a linguagem utilizada por Monja Coen permitiu a inserção dos debates acerca das representações religiosas japonesas e da filosofia zen budista em uma nação majoritariamente cristã. Conjuntamente exploro as possíveis maneiras pelas quais o historiador, quanto agente de produção histórica, pode se inspirar em tais formas de divulgação, seja na linguagem ou no saber, em que seu produto histórico se mostrará acessível e útil à sociedade.

É na metáfora de Michael Frisch, do “cozimento” dos “ingredientes” que cada ator histórico se faz “cozinheiro” nessa “cozinha compartilhada”, que se insere esta pesquisa. E é na “autoridade compartilhada” que o processo de interpretação e de construção de significados se realiza de maneira conjunta, num diálogo entre a “expertise” e a “experiência” (FRISCH, 2016).

Importante notar que o termo público pressupõe participação comum. No entanto, a participação comum hoje estabelecida à sociedade ocidental não necessariamente está em consonância a um período longínquo, cujo termo teria surgido. Como nos alerta Vidal-Naquet, as concepções de público mais se deslocam do que se avizinham, visto que autores como Platão e Montaigne, por exemplo, se distanciam em bons séculos, e que, portanto, aplicam suas ideias segundo *modos operandi* sócio-político muito peculiares. São os “comuns” aqueles eleitos por pessoas de seus tempos, segundo suas próprias condições.

Também acredito ser importante lembrar que a publicização é elemento do que é público, quando é atribuído à esfera pública aquilo que Arendt vai entender por “ser visto” ou exposto, aproximando-nos à *polis*, no que concerne à “(...) dignidade, o valor daquilo que merece ser público” (SCHITTINO, 2016, p. 39). A história pública, por sua vez, tem, como um de seus braços, um valor anunciativo e difusivo, no que diz respeito ao trabalho de se tornar público o conhecimento histórico acadêmico. Para que isso se torne de fato praticável, segundo modelo norte-americano, lanço mão de técnicas capazes da criação de novos bens culturais (SANTHIAGO, 2018). Porém, não restritos a este membro, a história pública procura um sentido de público que vai para além da exposição dos saberes, mas na concepção do mesmo.

Entendo por história pública, um fazer que está muito além da mera divulgação histórica, antes, principalmente, uma preocupação com uma gestação coletiva do conhecimento, por meio da democratização dos saberes. Tendo em vista as relações dialógicas e interdisciplinares, cujo cerne propositivo se dão nas transformações dos agentes históricos em suas diversas relações com a memória. Assim, são fatores transformadores as dimensões relacionais das pessoas com o seu passado e da autoreflexibilidade do historiador para com o seu ofício.

É por preocupar-me com esses tópicos que considero conveniente a percepção da intersecção dos interesses destes públicos, que orbitam o repertório do Zen Budismo. Como diz Malerba (2016) sobre a história das audiências:

Deverá primeiro definir um grande público, determinar sua dieta cultural, e por fim medir a resposta coletiva dessa audiência não apenas em relação a obras particulares de literatura, mas também em relação a educação formal, religião, arte e qualquer outra atividade cultural (MALERBA, 2016, p. 139).

Deste modo, desenvolvo algumas problemáticas norteadoras para a investigação: Como o Oriente estereotipado historicamente na sociedade brasileira, autoproclamada ocidental, passa a criar novos significados sobre assuntos que envolvem a religiosidade e espiritualidade japonesa? Como a percepção das intersecções de audiências podem contribuir para uma maior consciência do historiador na produção e divulgação de um conhecimento histórico *para e com* o público? Como evitar a construção de conhecimentos hermeticamente fechados a pequenos grupos cujo *métier* lhes são simpáticos, levando em conta as linguagens ideais aos seus respectivos saberes e vice-versa? E por fim, como trajetórias e conceitos históricos, como o orientalismo, podem contribuir para a compreensão de fenômenos históricos como o crescente interesse pela cultura japonesa?

Apresentados os questionamentos, neste trabalho procuro investigar e responder algumas destas questões, por meio de três produções em formato de artigo:

No primeiro artigo, apresento os resultados da pesquisa etnográfica realizada em ambiente virtual, com intuito de compreender as principais influências de Monja Coen no imaginário orientalista de sua audiência. Deste modo, por meio de pesquisa em uma rede social, qual seja, o Facebook, seleciono um grupo específico, cuja pauta é Zen Budismo, representando uma pequena parcela dos interessados pela religião, sejam eles convertidos ou não. Neste grupo procuro observar os membros que o compõe, bem como seus conteúdos em postagens e caixas de comentários voltados para a temática do Zen Budismo e, principalmente, aqueles que fazem menção à Monja Coen.

O segundo artigo se desapega da figura de Monja Coen para tratar das representações sociais dos membros da sangha, assim como de outros perfis que se identificam com a cultura oriental. Neste capítulo procuro ampliar alguns questionamentos deixados em aberto no capítulo anterior, principalmente aqueles que tratem da forma como acontece a familiarização e apropriação da cultura oriental pelo sujeito ocidental, onde se incluem aqueles sujeitos que possuem algum interesse pelo Zen ou pela própria cultura oriental. Portanto, utilizo da metodologia da História Oral e das aspirações da História Pública, principalmente àquela vinculada a ida à público afim de coletar experiências contidas nas memórias dos grupos

entrevistados. Estes grupos são divididos em duas categorias: “membros da sangha” e “orientalistas”. E no que diz respeito às análises dos trechos de entrevistas, sistematizei em dois blocos, objetivação e ancoragem, a partir da proposta da construção das representações sociais de Serge Moscovici (2007). Assim, por tratar de uma pesquisa que utiliza do contato com pessoas, a encaminhei para avaliação e aprovação do Comitê de Ética.¹⁶

O terceiro e último artigo reservo para a exposição de relato de experiência sobre material propositivo em formato de podcast, que desenvolvi com base nas discussões realizadas nos dois artigos anteriores. O podcast intitulado Podsatva tem um total de cinco episódios, possui o formato de conversa, que contou com a participação de outros dois colaboradores, que foram Frater Goya e Sifu Samuel, com os quais tratei de apresentar a temática da pesquisa e debater sobre assuntos específicos voltados para a cultura oriental, Zen Budismo e Monja Coen. Neste capítulo realizei algumas possíveis aproximações entre História Oral e Podcast; apresentei como realizei os contatos com os colaboradores, assim como suas respectivas contribuições; expus o desenvolvimento e construção do podcast; analisei brevemente o conteúdo do material propositivo.

¹⁶ Aprovado no dia 20 de agosto de 2020. CAAE 36809120.7.0000.0107

ARTIGO 1

REPERCUSSÕES DOS DISCURSOS DE MONJA COEN EM COMUNIDADE ZEN BUDISTA NO FACEBOOK

INTRODUÇÃO¹⁷

O presente estudo consiste em pesquisa aplicada de caráter exploratório, que visa compreender as principais influências de Monja Coen no imaginário orientalista de sua audiência. Nesse sentido, os resultados serão apresentados de forma qualitativa, a partir da coleta de informações de fontes primárias e secundárias, incluindo a discussão do conceito de orientalismo, trabalhado principalmente sob a perspectiva do crítico literário e intelectual palestino Edward Wadie Said (2007) que contribui com a discussão a respeito do debate em torno da noção dicotômica entre oriente/ocidente, ou mais especificamente, dos limites da noção de invenção enquanto elemento negativo. Esse debate terá por ancoragem metodológica a discussão dos imaginários orientais e ocidentais manifestos por usuários de um grupo do Facebook sobre falas e posicionamentos de Monja Coen.

Neste seguimento, o cenário virtual e as relações contruídas em redes sociais, caracterizados pela profusão de informações oriundas das interlocuções, dos diálogos, das “estórias”, manivestam o surgimento de novos documentos, como nos aponta Carvalho (2016). Esta abundância de fontes estaria diretamente ligada ao fenômeno da ascensão da interconectividade causada pelo aprimoramento da Web (World Wide Web), ligando povos e culturas distintas em um ambiente transgeográfico, causando interesse aos historiadores digitais. Como reitera Noiret (2015)

De este modo, la Historia digital frecuentemente se torna también un factor de conocimiento glocal. Los fenómenos de la globalización alcanzan así a las identidades locales, que no llegarían a un público global mediante las formas narrativas tradicionales de la Historia. Gracias a la Historia digital, con la ductilidade de la red y de las tecnologías digitales que permiten promover globalmente los pasados comunitarios locales, la Historia pública nacional tiene llegada a distintos tipos de público a nivel internacional (p. 103)

Junto ao fenômeno do “glocal” manifesto nas redes, os estereótipos seguem insistentemente presentes no ciberespaço, tal qual as declarações presentes em ambientes offline. São digitalizados nas narrativas, em bancos de texto, por figuras cujas representações

¹⁷ O texto faz parte de uma pesquisa de História Pública que se inicia na figura de Monja Coen.

manifestas estão longe de apresentar uma realidade que de fato representem os grupos étnicos diversos que compõem a teia das interrelações. Segundo Bhabha (2008) o estereótipo, constituído em problema de alegoria dos indivíduos nas significações de relações psíquicas e sociais, se exhibe como falsa representação, pois simplifica em moldes presos e fixos a imagem do “Outro”. Este outro, aqui trabalhado na perspectiva do Oriente imaginado, é aquele que, de acordo com Said (2007) é designado segundo uma moral e cultura, cuja atmosfera emanada o leva a carregar atributos que lhe dá a qualidade de oriental.

É neste sentido que a diversidade cultural presente nas redes propicia um sentimento muito particular à herança da mentalidade colonial, pois segundo Bhabha (2008) este efeito de poder estaria ligado ao desejo pela vigilância. Este “ver”, por sua vez, está relacionado ao desejo pelo objeto, cujo âmago da problemática fetichista se localiza justamente nesta relação “imaginária”. Portanto, o orientalismo, enquanto evento tipificado no imaginário ocidental, anuncia a temática das relações expostas nas redes sociais, campo ainda generalizado e que nos leva à necessidade de se compreender algumas particularidades, cujo planejamento se apresenta a seguir.

A planificação da pesquisa inclui, em primeiro lugar, o levantamento dos dados secundários, ou seja, que tangenciam o tema da pesquisa, os quais se incluem as informações complementares, tais quais as páginas do Facebook que dialogam com a página principal sob a temática do Zen Budismo, para posterior contato com as fontes primárias, ou seja, a própria página que onde identificamos o objeto da pesquisa, a fim de promover a coleta de dados em campo. Neste artigo serão apresentados os resultados da aplicação do instrumento de pesquisa da observação.¹⁸

Levando em conta os fenômenos públicos acerca do budismo no Brasil, daremos destaque às audiências do Zen Budismo japonês, por meio da investigação de uma figura pública expoente nesta vertente, em que elegemos Monja Coen como norteadora das pesquisas entorno do assunto.

Coen Roshi, este foi o nome obtido por Claudia Batista Dias ao ser ordenada monja budista da ordem soto shu. Monja Coen, como ficou mais conhecida em suas palestras e aparições na mídia, iniciou sua trajetória como muitos daqueles que procuram por um amadurecimento espiritual e pelo autoconhecimento. Entretanto, seu engajamento com esta busca a levou para águas mais profundas da espiritualidade, optando por navegar “contra a maré” ocidental. Foi nos Estados Unidos que Claudia teria experimentado de maneira mais

¹⁸ Outro instrumento da pesquisa foi a entrevista oral. Os instrumentos partem de uma divisão por grupos, sendo elas voltadas primeiramente para um público consumidor e praticante da cultura oriental, a quem nos referimos como “orientalistas”, e um segundo grupo composto de membros praticantes do Zen Budismo, a quem denominamos “membros da sangha”, sendo eles leigos ou monges.

intima a religião budista, mas foi no Extremo Oriente que nossa personagem é lapidada aos modos japoneses em um monastério feminino. Obtendo formação suficiente, Monja Coen volta ao país natal e se torna uma mestra expoente, engajada com os ensinamentos do Dharma de Shakiamuni Buda. Inicialmente voltada para a agenda da sangha, promoveu caminhadas pela paz e ministrou palestras. Com o tempo, se tornou não apenas uma clériga budista, e para além dos muros do templo, tornou-se também uma influenciadora muito presente no debate público.

Assim, os discursos da figura eleita para investigação serão aprestados a partir das análises dos possíveis impactos que estas narrativas poderiam ter exercido no imaginário orientalista de sua audiência. Aqui compreende-se imaginário, segundo Patalagean como o:

conjunto de representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam. Isto é, cada cultura, portanto cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário (PATALAGEAN, 1998, p. 291).

E a particularidade “orientalista” do imaginário refere-se ao conceito de orientalismo, para título de apresentação é tratado por ora em suas dimensões filosóficas e psicológicas segundo Edward W. Said é:

Filosoficamente, então, o tipo de linguagem, pensamento e visão que tenho estado chamando de orientalismo é, muito geralmente, uma forma de realismo radical; qualquer pessoa que faça uso do orientalismo, o que costuma ser o caso quando se lida com questões, objetos, qualidades e regiões consideradas orientais, nomeia, designa, aponta e fixa aquilo sobre o que está falando ou pensando com uma palavra ou frase, que é então considerada como tendo adquirido, ou mais simplesmente como sendo, realidade. (...) Psicologicamente, o orientalismo é uma forma de paranoia, um conhecimento de outro tipo que não, digamos, o conhecimento histórico ordinário (SAID, 2007, p. 81 e 82).

Isto posto, é necessário que se faça um apanhado histórico sobre a inserção dessa religião asiática no país. Cabe enfatizar que este projeto se configura segundo as aspirações da História Pública, levando em consideração a compreensão das representações religiosas numa preocupação com as combinações políticas, sociais, econômicas e culturais na especificidade de seus anunciadores. Privilegia-se, portanto, uma vertente da história pública que se preocupa com a produção de uma história sobre o público, quando compreende-se que a internet, e mais especificamente, o fenômeno da Monja Coen possui estatuto e movimento que escapam ao trabalho de produção acadêmico, e *para* o público (CARVALHO, 2016), cujo foco é criado segundo a ampliação de suas audiências, um debate apenas anunciado neste artigo e

problematizado em um subsequente específico que tratará da produção de podcast¹⁹ a partir dos resultados da pesquisa.

Discutir sobre as influências de Monja Coen no imaginário da audiência do Zen Budismo justifica-se por existir a necessidade de se estudar e produzir novos trabalhos acerca das decolonialidades, tendo em vista a quantidade de produções que ainda carregam historicamente uma dependência das mentalidades ditas eurocentricas ou ocidentalizantes. Além disso, vale ressaltar que o trabalho em questão carrega potencial para o fomento à criticidade aos paradigmas culturais, bem como tem a capacidade de estimular a consciência social sobre um imaginário coletivo em vigência. Imaginário este que insistentemente procura normalizar a herança colonial nos diversos contextos contemporâneos.

Outro fator que vai ao encontro do que está sendo posto é o da urgência por posturas mais tolerantes na sociedade brasileira, tendo em vista o crescente desrespeito às minorias e às diversidades étnicas e culturais do país. Assim, o budismo, sendo uma das inúmeras religiões minoritárias praticadas no Brasil, ajuda a compreender a penetração da diversidade religiosa nas redes. Por isso, parte-se para a dimensão da experiência. Ou seja, entendemos que a vivência de convenções culturais distintas não só criam cenário propício para aprofundamento em questões particulares da prática religiosa em estudo, mas também sugerem um sentimento de empatia e apreço à diversidade cultural.

No primeiro momento do texto apresentaremos o fenômeno da Monja Coen a partir das contribuições do estudo ancorado nas audiências. Entre as discussões destacaremos a possibilidade de estudo das repercussões de Monja Coen entre os espectadores e consumidores do conteúdo sobre o Zen Budismo. Avaliamos, portanto, como eles podem impactar direta e/ou indiretamente no imaginário coletivo, tanto no nível estritamente religioso, quanto num nível sociocultural mais amplo, a partir da sua exposição nas redes sociais, imprensa ou materiais comercializáveis, como seus livros e cursos. Para tanto, se faz imprescindível a conceituação de elementos chave como o de audiência e imaginário orientalista, os quais darão respaldo para a discussão e análise acerca dos nichos que compõem o perfil da audiência do Zen Budismo, detectados por meio dos procedimentos metodológicos combinados.

¹⁹ Devido ao recorte temático desse artigo não serão aqui discutidos os resultados dessa produção, e cabe por ora adiantar que a escolha pelo podcast levou em consideração a intenção de se incluir à pesquisa um teor propositivo e participativo, ou seja, atrelando as discussões aqui realizadas com o engajamento e compartilhamento de narrativas representativas, elegemos o formato de podcast como uma via de comunicação do conhecimento histórico construído conjuntamente. É neste sentido que as oralidades tomarão um papel colaborativo, partindo da ideia de “shared authority”, que segundo Michael Frisch (2016) é atribuída a característica da história pública a da não centralidade do historiador quanto autoridade do saber histórico. Assim, cabe o reconhecimento da amplitude dos processos interpretativos e de construção de novos significados de maneira compartilhada, num diálogo entre “experts” e “experiências”.

No segundo momento, trataremos da investigação netnográfica. As principais páginas analisadas foram o perfil oficial da Monja Coen e o grupo “Zen Budismo”. Sendo o Facebook o espaço selecionado para o laboratório etnográfico e de reconhecimento, e consistindo “(...) o Facebook como uma grande fonte de dados brutos, em função de ser um projetor das atividades pessoais visíveis publicamente a todos os usuários da rede” (FERRAZ, 2019, p. 58), adotamos a postura de observador, ou *lurker*, que segundo Maranhão (2014) é aquele que se insere na comunidade, mas nem sempre é percebido pela comunidade, pois sua participação se limita à investigação e coleta de dados. Assim, conforme o aprofundamento e filtragem das informações adquiridas, cabe destacar as seguintes informações, baseadas na netnografia proposta por Kozinets (2014): (a) os participantes mais ativos; (b) líderes; (c) temas populares; (d) conceitos e preceitos da comunidade; (e) linguagem; (f) rituais e atividades específicas. Todos estes levantamentos possibilitados após a devida familiarização com as práticas, valores e signos da comunidade.

Além disso, a netnografia também nos oferece um aporte de análise das informações, tais como aqueles elencados por Kozinets (2014), que neste trabalho são utilizados nas análises de codificação, abstração e comparação, generalização e teorização. Complementa nossa abordagem as contribuições de Recuero (2014) e sua proposta de negociação das regras da comunicação.

Um breve contexto do Budismo no Brasil e alguns conceitos pertinentes

A notabilidade do Budismo em países ditos ocidentais é uma questão a ser compreendida, tendo em vista que sua origem longínqua, tanto geograficamente, quanto culturalmente, poderiam ser elementos adversos a sua adaptabilidade. Segundo Shoji (2002) “Se por um lado o número de adeptos ainda é percentualmente pequeno, o Budismo tem tido presença constante na mídia e tem exercido influência considerável no mundo religioso contemporâneo” (p, 85). Entretanto, sua presença em países da Europa, nos Estados Unidos, assim como em regiões da Austrália e América Latina datam desde fins do século XIX, adotando características não tradicionais, ou seja, já desvinculadas a particularidade da herança religiosa, de pessoas adeptas e convertidas à religião de maneira deliberada (USARSKI, 2009). Além disso, Usarski (2009) nos apresenta um Budismo Ocidental

Engajado, que em países ocidentais valorizam a prática atrelada ao cotidiano, em detrimento de um Budismo mais “clássico”, em que a vida monástica seria mais apreciada. Assim, temos um cenário de tímida expansão do Budismo no mundo Ocidental, cujas particularidades de ascensão vão reservar a cada região e país um desenvolvimento próprio.

No Brasil, o Budismo se revela ainda de modo irrisório nas reuniões organizadas pela Sociedade Budista Brasileira (SBB) em meados da década de 1920, aumentando frequência em 1955 e finalmente notável a partir da década de 60. Uma figura ilustre deste período de maturidade e abertura para diversas práticas budistas orientadas pelo ecumenismo teosófico é a do professor universitário Murilo de Azevedo, que ajudou a fundar oficialmente a SBB em 1967 (SHOJI, 2002). Segundo Gomides (2017)²⁰ as visitas do Dalai Lama²¹ também teriam sido um divisor de águas para o florescimento da religião, elas teriam gerado estímulo de publicação de vários livros em língua portuguesa, inclusive alguns *best-seller* de sua autoria, tornando a religião cada vez mais visível. Para Rocha (2006) “as múltiplas influências que as práticas religiosas dos nikkeis²² sofreram desde que chegaram ao Brasil, justamente com o recente forte interesse pelo budismo na sociedade brasileira deram origens às práticas religiosas crioulistas”. Segundo a autora, suas referências às “práticas religiosas crioulistas” se devem pela ênfase à ideia de que a identidade budista se constrói no Brasil a partir da adaptação da religiosidade dos imigrantes japoneses aos “vocabulários” religiosos brasileiros, pois haveria aproximações com religiões contemporâneas aqui praticadas, como o catolicismo, espiritismo e religiões afro-brasileiras. Deste modo, termos como carma, zen, tântrico e bodisatva seriam utilizados com maior frequência e disseminados pelos mais variados veículos de mídia em todo o Brasil conforme as décadas avançam.

Uma das vertentes difundidas na década de 60 foi o Zen Budismo, cujo interesse estava ligado à prática da meditação, propagado sob a influência da teosofia, do movimento hippie e a círculos intelectuais que tinham acesso a livros e publicações estrangeiras. A escola responsável pela representação institucional desta vertente foi a Soto (SHOJI, 2002). Segundo Gomides (2017), em 1961 houve circulação de uma tradução para o português da obra “Introdução ao Zen Budismo” de Daisetsu Teitaro Suzuki, que reforçou a difusão do Zen no Brasil. A partir de 1976 pelo menos 23 templos Zen foram fundados no país. E em 1995 virá

²⁰ Disponível em: https://www.martureo.com.br/wp-content/uploads/2017/09/como-cresce-o-budismo-ocidental-no-brasil_mila-gomides.pdf Acesso em: 23/09/21

²¹ Líder espiritual e político do budismo tibetano

²² Descendentes japoneses nascidos fora do Japão.

do Japão para o Brasil uma monja brasileira, que dará início a uma nova fase para o Zen Budismo no Brasil, sendo a primeira mulher de ascendência não-japonesa a assumir a Presidência da Federação das Seitas Budistas no Brasil, a quem discorreremos a seguir.

Monja Coen é fundadora da Comunidade Zen Budista Zendo Brasil e missionária da tradição Zen Budista Soto Zenshu, cuja sede se localiza no Japão. Sua formação teria iniciado nos Estados Unidos, em Los Angeles e finalizada em um Mosteiro Feminino no Japão, localizado em Nagoya. Além de exercer sua função como abadessa no templo Taikozan Tenzuizenji, Coen Roshi²³ também é grande influenciadora nas mídias sociais, onde costuma disseminar os ensinamentos budistas de maneira acessível ao contexto e cotidiano de sua audiência²⁴. Audiência esta que nos debruçaremos a investigar, com o intuito de detectarmos os possíveis impactos dos discursos da monja no imaginário dos grupos em seus aspectos orientalistas. Seguidamente, nos compete apresentar os conceitos de audiência e imaginário.

Para Hine (2011), a audiência, em ambiente virtual, está relacionada aos visitantes atuais e potenciais, como uma categoria de sentido fundamental aos autores, pois é pensando nela que se orienta a criação dos conteúdos. Segundo a autora, fatores que são levados em conta no trato com as audiências são os das capacidades de inteligibilidade e acessibilidade de uma página na web pelos seus espectadores, na mesma medida em que pesam os aspectos emocionais e estéticos de seu material. Isto posto, para compreender a quem se direciona a mensagem, é necessário analisar os sujeitos consumidores do conteúdo em questão. Coruja (2020) nos ajuda a selecionar quais as particularidades deste público que devem ser levadas em conta:

Para entender quem são os sujeitos que pelas ações reconfiguram práticas e modos de agir, uma reflexão sobre audiências (no plural) se faz necessária. Mais do que supor a massa heterogênea de receptores, é necessário entender a conjuntura cultural (ou cibercultural) para podermos, com mais propriedade, aproximarmo-nos desses sujeitos (p. 311).

Assim sendo, destina-se a investigação às audiências imersa em conjuntura cultural específica. Neste ponto, o conceito de imaginário nos vem a calhar, tendo em vista que, como diz Palatagean (1998), cada cultura possui imaginário próprio, e é a partir dele que analisaremos os limites entre o real e o imaginado, cuja derivação está diretamente ligada à experiência humana:

²³ Significa professor(a) do Budismo Zen.

²⁴ Informações extraídas do site oficial da comunidade Zendo Brasil <https://www.zendobrasil.org.br/monja-coen-roshi/biografia/> Acesso: 23/09/21

do mais coletivamente social ao mais intimamente pessoal: a curiosidade dos horizontes demasiado distantes do espaço e do tempo, terras desconhecíveis, origens dos homens e das nações; a consciência do corpo vivido, a atenção dada aos movimentos involuntários da alma, aos sonhos, por exemplo; a interrogação sobre a morte; os harmônicos do desejo e de sua repressão; a imposição social, geradora de encenações de evasão ou de recusa, tanto peça narrativa utópica ouvida ou lida e pela imagem, quanto pelo jogo, pelas artes da festa e do espetáculo (p. 291).

E com toda esta densidade que carrega o miolo do imaginário, seja no nível coletivo ou individual, na contramão da proposta de sua análise está o pensamento racional e científico desenvolvido no dito Ocidente. Nas palavras de Pesavento (1995) “Houve um movimento reiterado de ruptura a partir do racionalismo cartesiano, com tudo aquilo que representava opiniões, pré-noções e formas de conhecimento transmitidas pela tradição ou pelos vieses ideológicos” (p. 11). No pensamento de Descartes, cabe ao imaginário um estágio inferior do conhecimento, sendo ele fruto daquilo que é falso e do incorreto. Durand (2004) dirá ainda, que

Embora, por um lado tenha sido a lenta erosão do papel do imaginário na filosofia e epistemologia do Ocidente que possibilitou o impulso enorme do progresso técnico, por outro, domínio deste poder material sobre as outras civilizações atribuiu uma característica marcante ao “adulto branco civilizado”, separando-o, assim com sua “mentalidade lógica”, do resto das culturas do mundo tachadas de “pré-lógicas”, “primitivas” ou “arcaicas” (p. 15).

Nesse sentido, o imaginário carrega os traços da sistemática da classificação intransigente entre Ocidente e Oriente, como denuncia Said (2007) em seus quatro dogmas de diferenciação. Sendo eles os pressupostos que atribuem, num primeiro dogma, ao Ocidente à racionalidade, desenvolvido, humanitário e superior, em oposição a um Oriente anômalo, pouco desenvolvido e menor. Outro dogma são as abstrações direcionadas ao modelo oriental, baseados em literatura pré-definida que o represente como civilização “clássica”, ao invés de evidenciar as realidades mais modernas. No terceiro dogma o autor aponta para a característica da incapacidade do Oriente de se auto representar, pois seria engessado nas representações ocidentais como imutáveis, eternos e uniformes. Além de apresentar no quarto e último dogma um perigo a ser controlado através da “pacificação”, da pesquisa, da ocupação e de seu desenvolvimento aos modos ocidentais. À vista disso, nos dedicaremos a investigar como o Zen Budismo, quanto religião importada do dito Oriente, na representação de Monja Coen, se desenha nas redes sociais, mais especificamente no Facebook. Por meio da etnografia virtual, destacaremos postagens que carreguem informações cujas expectativas do imaginário orientalista se fazem presentes, seja reforçando estereótipos ou desconstruindo paradigmas.

Laboratório netnográfico: Zen Budismo no Facebook

A página no Facebook de Monja Coen, criada no dia 15 de março de 2011, possui mais de 400 mil seguidores. Em sua apresentação temos a exposição da categoria como “figura pública”, cuja descrição é “Monja zen-budista, autora bestseller”. Esta apresentação nos indica a maneira como Monja Coen, ou pelo menos sua assessoria de marketing, gostaria de apresentá-la ao público. Em sua condição de influenciadora, Monja Coen poderia se enquadrar naquilo que designamos como “influenciadora digital”. Entendo por influenciadora digital o perfil de pessoa que de alguma forma se destaca nas redes e que tem por característica o poder de mobilização de um número avolumado de seguidores. Estes influenciadores digitais instigam seus seguidores a emitir opiniões e manifestar comportamentos balizados pela sua exposição em rede, que diz respeito ao seu estilo de vida, experiência, opinião ou gosto sobre determinados assuntos (DA SILVA; TESSAROLO, 2016) Deste modo, a autonomia de Monja Coen molda o conteúdo de sua mensagem segundo preceitos e valores por ela mesma definidos.

O conteúdo de sua página é todo direcionado à temática de sua ordem, ou seja, ao Zen Budismo. O teor de suas postagens varia, mas se destacam aqueles posts voltados para a divulgação e ensinamento do dharma, numa linguagem muito própria de sua comunidade, sempre em tom agregador e inclusivo. Para Usarski (2009), esta tendência aponta para a particularidade “inclusivista” da religião:

Uma atitude *inclusivista*²⁵ tem como pré-requisito a disposição de concordar com posições e conteúdos presentes em sistemas alheios, sem abandonar a

²⁵ Entretanto, existem contradições dentro da comunidade budista que denotam historicamente um posicionamento contrário a esta postura inclusivista. A exemplo disso temos o ocorrido no Myanmar com o massacre aos rohingyas. Localizada na antiga região da Birmânia, que é uma região bastante conflituosa, principalmente sob o ponto de vista étnico religioso, fica o estado de Rakhine. E é no Rakhine que vivem o povo rohingya muçumano, considerados apátridas desde 1948 por Myanmar, demaioria budista. Os conflitos teriam se intensificado no ano de 2012, quando um rohingya cometeu um atentado contra um local budista, e acabou servindo de estopim para uma expulsão destes povos minoritários, refugiados principalmente no país vizinho, o Bangladesh, de maioria muçumana. a partirde 2018 o Bangladesh passa a frear a entrada do povo rohingias no país, assim como outros países comoIndonésia e Filipinas. Sem ter para onde ir, os rohingias passaram a ser atacados pelas sociedades budistas, ainda que isso vá contra os próprios princípios de não-violência do próprio Budismo.

pretensão da superioridade da própria religião. Em outras palavras: quem se apropria da figura retórica do inclusivismo está aberto à filtra (sic) esses elementos de acordo com os critérios fornecidos pela comunidade religiosa a quem pertence (p. 178).

Um conteúdo informativo compartilhado interessante é o Jornal Zendo Brasil, um periódico trimestral disponibilizado gratuitamente no site da comunidade Zendo Brasil. Este jornal é um dos veículos utilizados pela Monja para transmitir mensagens de sua autoria, expor textos sagrados, relatos de praticantes e comunicados de atividades do Zendo, destinado tanto aos membros, quanto para os não-membros. Em sua septuagésima quarta versão, referente ao último trimestre de 2020, Monja Coen discorre sobre a importância que cada integrante tem em comunidade, dizendo que “A Sanga de Buda sempre foi composta por monges e monjas, leigos e leigas – todos com igual valor e respeito”. Ainda neste número, ela também reforça a isonomia dizendo “(...) espero que nesta Sanga a equidade entre monges/monjas e leigos/leigas seja respeitada. A equidade entre todos os seres e todas as formas de vida, que são causas e condições da nossa vida”.

Outro material muito presente em suas publicações são as propagandas de seus livros, em grande parte comercializáveis. Dentre os livros mais vendidos na Amazon estão: “Zen para distraídos”, “O inferno somos nós”, “Aprenda a viver o agora” e “Ponto de Virada”. Este último foi lançado em 2020, abordando o contexto pandêmico e de quarentena. Nele a monja utiliza do conceito-chave budista da transitoriedade, resumida em uma frase sempre presente em seus discursos “Nada é fixo, nada é permanente”. Sob um olhar otimista ao contexto, diz Monja Coen nesta obra:

Vamos sonhar a grande utopia: Toda a terra, todos os seres humanos despertando para a interdependência passariam a cuidar respeitosamente da natureza, de todas as formas de vida. Com isso, menos poluição, diminuição ou retardamento do aquecimento global, fim de guerras e massacres populacionais. É possível. Depende de cada um de nós. Cada pessoa que se transforma, que desperta, é um átomo de transformação de toda a realidade. Talvez apenas essa pandemia não seja suficiente para o despertar de toda a humanidade. Alguns, certamente, despertarão (COEN, 2020, p.149).

É claro que esta fala de Monja Coen não está desvinculada do contexto histórico ao qual ela está inserida. Estamos falando de um momento da humanidade em que conferências internacionais que pautem a preocupação com o meio ambiente se tornaram comuns. Desde a Conferência de Estocolmo, organizada pela ONU no ano de 1972, ocorreu um forte apelo pelas pautas da sustentabilidade e preocupação com os impactos com a natureza, causados pelo

crescimento acelerado das grandes potências mundiais. Segundo Layrargues (2012), no Brasil, tivemos a Rio-92 que impactou profundamente a educação brasileira nos anos subsequentes²⁶. Portanto, este apelo à conscientização ecológica é um elemento que permite à monja sensibilizar o contexto brasileiro, majoritariamente cristão, com as causas engajadoras do Budismo. Capra (1998) fala das aproximações entre monges budistas com os frades e freiras cristãos na tradição ligada ao trato com a terra, seja agricultura ou jardinagem, cujo labor entrópico, carregado de valor espiritual, o que poderia ter contribuído para uma aproximação da preocupação com o meio ambiente, compatível com a máxima de fazer o bem a todos os seres. Na interpretação de Usarski (2009),

Com o argumento de que a sua religião se encontra na redução do sofrimento humano enfatizando, além disso, ainda o significado de uma irmandade global de relações harmoniosas entre o ser humano e a natureza, os budistas contemporâneos também apresentam compatibilidade com as questões centrais da teoria da libertação cristã ou semelhanças com a espiritualidade natural de Francisco de Assis (p. 264 e 265).

Esta aproximação inter-religiosa é outro tópico presente em suas postagens, tendo em vista os eventos ecumênicos nos quais Monja Coen marcou presença. Apenas em 2020, Monja Coen participou de pelo menos dois eventos virtuais interconfessionais, cuja pauta era a pandemia. Um deles foi uma celebração religiosa organizada pelo Fórum Inter-Religioso e Ecumênico de São Leopoldo-RS, intitulado “Defesa do SUS e solidariedade com profissionais da saúde”, transmitido no dia 7 de abril de 2020. Um segundo evento aconteceu no dia 03 de maio de 2020, organizado e transmitido pela CONIB (Confederação Israelita do Brasil) e intitulado “Oração inter-religiosa pelas vítimas da Pandemia”, onde os representantes religiosos Dom Odilo Scherer (Cristianismo Católico), Sheikh Mohamad Al-Bukai (Islamismo), Rabino Michel Schlesinger (Judaísmo), Pastor Marcos Ebeling (Igreja Evangélica de Confissão Luterana), Mãe Carmem de Oxum (Candomblé) e, finalmente, Monja Coen (Budismo Zen) se uniram para rezar pelas vítimas e infectados pela COVID-19, como vemos na FIGURA 1. Pierucci (2005) atribui este quadro de pluralismo religioso ao fortalecimento do processo de conversão e reconversão, tanto no reavivamento de religiões mais tradicionais, assim como na integração de novas formas de religiosidade, aumentando as possibilidades de circulação e adesão religiosa. Entretanto, mesmo com toda a diversidade religiosa ainda há espaço para

26 “No plano legal, pudemos assistir a um notável processo de institucionalização da educação ambiental no país, neste período de vinte anos. Tivemos, em 1999, a criação – relativamente prematura – da Política Nacional de Educação Ambiental (Pnea) – a primeira na América Latina –, e sua regulamentação efetivada em 2002” (LAYRARGUES, 2012, p. 2).

críticos ferrenhos e à intolerância religiosa, como veremos a seguir com a investigação etnográfica em um grupo de Facebook voltado para a temática do Zen Budismo.

Figura 1 – Oração inter-religiosa pelas vítimas da pandemia



Fonte: acervo da pesquisa²⁷

Há vários grupos Zen Budistas no Facebook, contabilizados em mais de 80, segundo a busca por palavra-chave que se realizamos em setembro de 2021, entre os quais se elegeu apenas um para a pesquisa etnográfica. O critério de seleção se deu pela quantidade de membros, sobressaindo o grupo que descrevemos a seguir.

O grupo possui 33 mil membros, e é administrado pelo Monge Hantai²⁸. A página foi criada para proporcionar um encontro com a sangha e um convite para o autoconhecimento, como é exposto em sua apresentação “Aqui encontramos a sangha. Aqui encontramos a nós

²⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/monjacoenoficial> Acesso em: 01 ago. 2021

²⁸ Pseudônimo criado para o monge administrador em respeito a integridade do indivíduo estudado. “Hantai” significa “oposição” ou “opor” em japonês. A escolha do nome se dá pois o monge em questão se posiciona no grupo não apenas como administrador, mas como opositor e crítico da figura de Monja Coen, em destaque neste artigo.

mesmos”. Os conteúdos do grupo são reservados para o compartilhamento de ideias, textos e notícias sobre o Zen Budismo. As regras estipuladas pela administração para a participação de membros são: Objetividade: “Falamos de budismo e de zen-budismo, não fazemos proselitismo nem discutimos religião. Nós não convidamos ninguém a ser budista, em contrapartida pedimos que ninguém faça pregações aqui”; Ecumenismo e ecletismo: “Diálogos inter-religiosos são construtivos, discussões não. Assuntos de interesse e/ou relacionados ao tema podem e devem ser abordados”; Serão excluídas postagens: “1) Alusivas à política, ideologia, catequese, crenças, superstições, ficção e misticismo e qualquer outro assunto que possa gerar polêmica. 2) Apologia a preconceito ou discriminação de qualquer tipo”. Entretanto, veremos que no grupo ainda há muitas brechas para a quebra do regulamento da comunidade, assim como algumas contradições. Além disso, dentre os assuntos mais recorrentes estão as exposições conceituais sobre o Zen²⁹, que apresentam dissonâncias.

O Zen é um conceito complicado de se definir, entretanto existem muitas autoridades que arriscaram esboçar sobre aquilo que o envolve, sem diretamente defini-lo. Para tratar do assunto é prudente que apresentemos algumas considerações sobre o conceito por meio dos próprios mestres Zen, atendendo a proposta de Said (2007) que diz

A ideia que se encoraja é que, ao estudar os orientais, os muçumanos ou os árabes, “nós” podemos ficar conhecendo outro povo, o seu modo de vida e de pensamento, e assim por diante. Para isso é sempre melhor deixa-los falar por si mesmos, representar a si mesmos (p. 297).

Assim, utilizando da ideia de “deixa-los falar por si mesmos” seguem algumas explicações sobre o Zen, proposta por uma figura intimamente ligada à religião, o fundador da ordem no Japão Eihei Dogen (1200-1253). Certa vez, Mestre Dogen, fundador da escola Sōtō, teria escrito “Os estudantes devem poder ver aquilo a partir disto e também isto a partir daquilo. Praticando com toda sua energia, e utilizando todos os seus recursos, você poderá entender a verdade Zen, que vai além da superfície das coisas”³⁰. Ou seja, parece-nos que Dogen fala de um conceito que para entendê-lo é necessário praticar e pertencer ao grupo.

Além de Dogen, temos uma segunda explicação de uma das mais honoráveis autoridades do Zen Budismo, o mestre Shunryu Suzuki (1905-1971), um dos mais importantes

²⁹ O termo “zen” é uma das categorias de codificação afixada para a realização de filtragem do documento, tal qual propõe Kozinets (2014) em sua proposta de análise das informações das redes. Portanto, foi utilizado desta palavra-chave para selecionar algumas das publicações aqui registradas.

³⁰ Disponível em: <https://aguasdacompaixao.files.wordpress.com/2008/01/dogen-eiheishingi-tenzokyokun-instrucoesperaocozinheirochefe.pdf> Acesso: 02/10/2021

representantes do Budismo no Ocidente, fundador do San Francisco Zen Center, que entende que o Zen não precisa ser profundamente compreendido a partir de leituras:

a coisa mais importante é manter sua "mente de principiante". Não há necessidade de ter uma profunda compreensão do Zen. Mesmo que você leia muita literatura Zen, deve ler cada frase com uma mente virgem. Nunca deve dizer: "Eu sei o que é Zen" ou "eu atingi a iluminação". O real segredo das artes também é esse: ser sempre um principiante. Seja muito cuidadoso nesta questão. Se começar a praticar zazen, você começará a valorizar sua mente de principiante. Este é o segredo da prática do Zen (SUZUKI, 2014, p. 20).

A explicação de Shunryu Suzuki é importante, pois foi a partir dele que muitos ocidentais, entre eles se incluem os brasileiros, passaram a conhecer o Zen Budismo, tendo em vista sua conhecida obra, o *best-seller* “Mente Zen, Mente de Principiante”, que foi lida por muitos daqueles que passaram a fazer parte dos convertidos ou entusiastas do Zen. E ao encontro com Dogen, Suzuki atribui à prática o papel fundamental para ser iniciado ao conceito.

Em perspectiva orientalista, temos o filósofo britânico-americano Alan Watts, intelectual que interpretou e difundiu a filosofia Oriental para o Ocidente. Sobre o Zen, Watts dirá:

Talvez o gênero especial do Zen é melhor descrito como direto. Em outras escolas do Budismo, o despertar ou bodhi parece remoto e quase super-humano, algo a ser alcançado apenas depois de muitas vidas de esforço paciente. Mas no Zen há sempre a sensação de que o despertar é alguma coisa totalmente natural, surpreendentemente óbvia, que pode ocorrer a qualquer momento. Se envolve apenas uma dificuldade, é a de ser muito simples. O Zen também é direto em sua forma de ensinar, pois aponta direta e abertamente para a verdade, e não perde tempo com o simbolismo (WATTS, 1989, p. 86).

Assim como Watts, Monja Coen³¹ se apresenta como uma figura importante na tentativa de “tradução” da filosofia oriental. E voltando ao grupo, é recorrente o compartilhamento de postagens da monja ao tratar do assunto. Logo abaixo vemos um exemplo de postagem na figura 2 seguida de comentários que analisaremos logo a seguir.

³¹ “Monja Coen” também foi um termo de codificação afixada para filtragem do grupo, assim como o termo “Zen”. Portanto, o uso da palavra-chave “Monja Coen” contribuiu para a seleção de algumas das postagens aqui registradas.

Figura 2 – Postagem Facebook sobre o Zen

9 de fevereiro de 2020 · 🌐

Nesta singela reflexão a Monja Coen definiu bem o que é o zen!

"Ser zen é ser simples.
É fluir com o fluir da vida.
Sem drama,
sem complicação.
Ser zen é servir, cuidar,
respeitar e compartilhar."

👍❤️ 131 22 comentários

🔴 Ser zen é ser disciplinado, pensar no outro antes de pensar em si mesmo, ver as coisas como elas são, seguir os preceitos e praticar com dedicação. 👍❤️ 8

Curtir · Responder · 1 a

🔴 Gente, ela não definiu o zen nesse post exatamente. Existe algumas postagens falando sobre isso...
Concordo com o Mestre [redacted] na definição exata sobre o que é ser zen mas existe um contexto destes post. 🙏

09:23 📶 🔋

< Comentários 📄

 monjacoen · Ser zen não é ficar numa boa o tempo todo, de papo para o ar, achando tudo lindo sem fazer nada. Ser zen é ser ativo. É estar forte e decidido. É caminhar com leveza, mas com certeza. É auxiliar a quem precisa, no que precisa e não no que se idealiza. 🙏📄

Curtir · Responder · 1 a

Fonte: acervo da pesquisa³²

³² Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/130733933730427> Acesso em: 21 set. 2021

O intuito da postagem foi o de expor uma suposta definição de Zen, como diz a descrição do autor do compartilhamento “Nesta singela reflexão a Monja Coen definiu bem o que é o zen!”. É característica da monja apresentar pensamentos do Zen de maneira simples e compreensíveis a um público mais amplo, entretanto há discordâncias e críticas sobre suas exposições, principalmente quando tiradas do contexto.

Em harmonia com a netnografia de Kozinets (2014), cujo enfoque são justamente as redes sociais como ambiente de pesquisa, Recuero (2014) apresenta sua interpretação do conceito de capital social, baseado principalmente na teoria de Coleman, que me ajuda a pensar estas conexões entre os sujeitos nas redes. Para Recuero (2014) as conversações realizadas nas redes sociais são como um evento que necessita de cooperação entre os envolvidos, ou seja, para que ela possa acontecer é necessária uma negociação das regras da comunicação. No grupo estudado, como apresentei anteriormente, existe uma série de políticas e regras que organizam as comunicações no grupo dentro dos limites da plataforma para que as conexões possam de fato acontecer. Sites de rede social como o Facebook proporcionam formas diferenciadas de conexões, que são capazes de gerar valores. Estes valores são o capital social. Na plataforma, algumas formas mais convencionais de manifestar estes valores incutidos no capital social das conexões são os gestos virtuais, tais como “compartilhar”, “comentar” e “curtir”. E são estes gestos que identifiquei com a finalidade de analisa-los.

No que diz respeito à Netnografia, apenas neste post é possível detectar cada uma das dimensões propostas por Kozinets (2014), no tocante à filtragem de informação. Temos um momento de discussão sobre um conceito/tema muito caro à comunidade, haja vista de que o Zen é a própria vertente do Budismo praticado e estudado pelo grupo. Outras revelações que a postagem nos traz é a da aparente participação de um líder, que interpretamos ser Monge Hantai. Esta constatação só foi possível realizar no momento em que se percebeu um respeito dos membros ao administrador, sendo tratado como “Mestre”. É no comentário destacado que Monge Hantai expõe sua própria versão da definição de Zen.³³ Já no comentário seguinte, temos um membro esclarecendo o equívoco, ainda que tenha considerado a versão de Monge Hantai, a quem se refere como “Mestre”. Segundo o membro, o post em questão foi tirado do contexto, e adiciona uma imagem constando uma definição de Zen feita pela monja, mais próxima daquela manifestada pelo Monge Hantai. Nota-se que tanto Monja Coen, quanto

³³ É importante pontuar que a presença de Monge Hantai é frequente, principalmente quando ocorre uma postagem vinculada a Monja Coen.

Monge Hantai possuem respeitabilidade na comunidade.³⁴ Isto é interpretado segundo a propõem a definição do conceito de capital social e dos valores nele contidos, que aqui se manifesta através dos gestos “comentar” e “compartilhar”.

Para Recuero (2014), o compartilhamento das postagens tem função de visibilidade enquanto o comentário é uma forma de envolvimento que carrega em si um maior engajamento do sujeito em rede, tendo em vista a visibilidade do mesmo para os demais membros que do grupo fazem parte. No caso em questão, vemos uma tentativa de legitimação dos discursos, que para além do compartilhamento e comentários há um agregador de valor, simbolicamente manifestado pelo gesto “curtir”, que segundo Recuero (2014) “são compreendidas como reforços de capital social, reconhecendo a relevância, a importância e o apoio àquilo que foi publicado” (p. 120). Ou seja, é possível identificar em cada um dos gestos virtuais uma tentativa de legitimar discursos de Coen ou Hantai, assim como é possível agregar capital social com a circulação do conteúdo, seja compartilhando, curtindo ou comentando.³⁵

Em outro momento, temos uma postagem em formato de vídeo, como vemos na figura 3, onde Monja Coen explica como descobrir a origem da ansiedade. A ansiedade é um assunto recorrente na atualidade, e para Brito e Rodrigues (2014), sua crescente presença nas discussões midiáticas se dão com o advento definitivo da era digital, com marco no início do século XXI. Mais evidente na vida urbana com os constantes estímulos ao consumo impulsionado pela mídia levaram a sociedade a uma busca desenfreada pela satisfação imediata de suas vontades, incentivadas e afetadas pela lógica de mercado. Além disso, a ameaça de uma pandemia que já vinha sendo comentada pelos veículos de imprensa desde 2019, levaram pessoas do mundo inteiro a um estado de ansiedade, conforme Barros (2020) “o contexto pandêmico e as medidas de controle preconizadas afetam a população em muitas dimensões das condições de vida e de saúde e, entre elas, de forma significativa, o componente de saúde mental” (p. 2). Neste contexto, Monja Coen utiliza de suas aproximações com os ensinamentos budistas para atingir

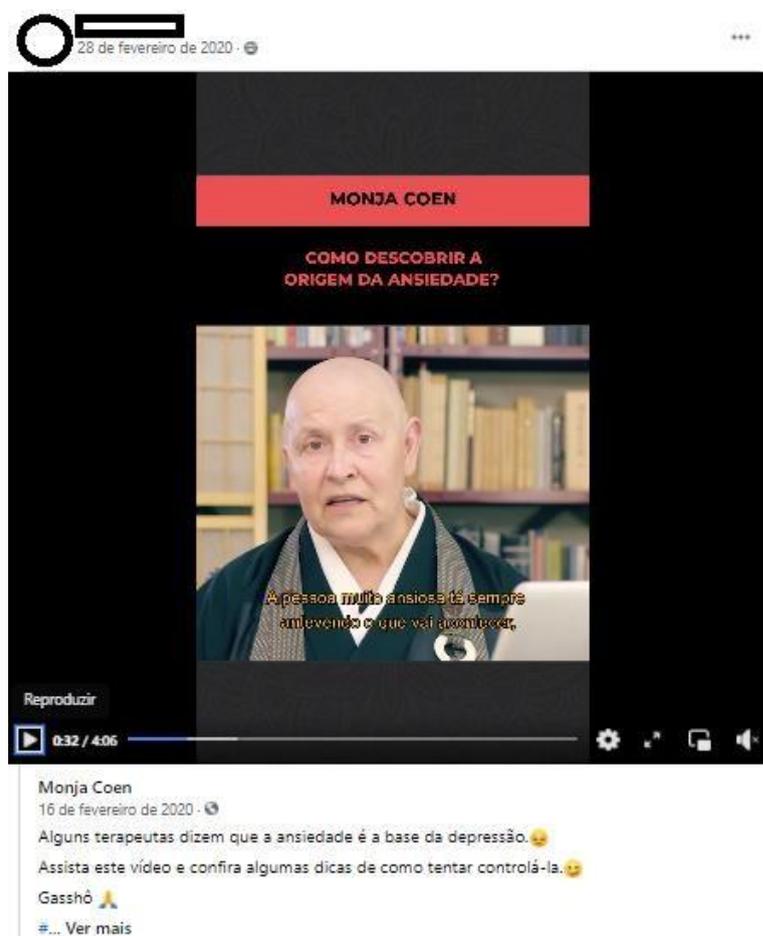
³⁴ Fazendo uma relação com a postura de autoridades históricas do Zen e da cultura oriental, como aquelas anteriormente expostas, percebemos tanto em Coen quanto em Hantai uma tentativa de “simplificação” do conceito de zen, trazendo características que tangenciam sua definição. Compreendemos estes posicionamentos como uma possível ruptura daquilo que antes era uma constante, ou seja, a decisão da não explicação e da valorização da prática passam a ser mais contornadas por uma nova iniciativa de popularização da vertente.

³⁵ Esta análise também pode ser verificada nas demais postagens, tendo em vista que todas as postagens utilizadas neste trabalho possuem os gestos virtuais mencionados anteriormente, bem como se caracterizam pela manifestação dos valores oriundos do capital social. Portanto, pouparemos sua repetição para dar espaço a outras análises.

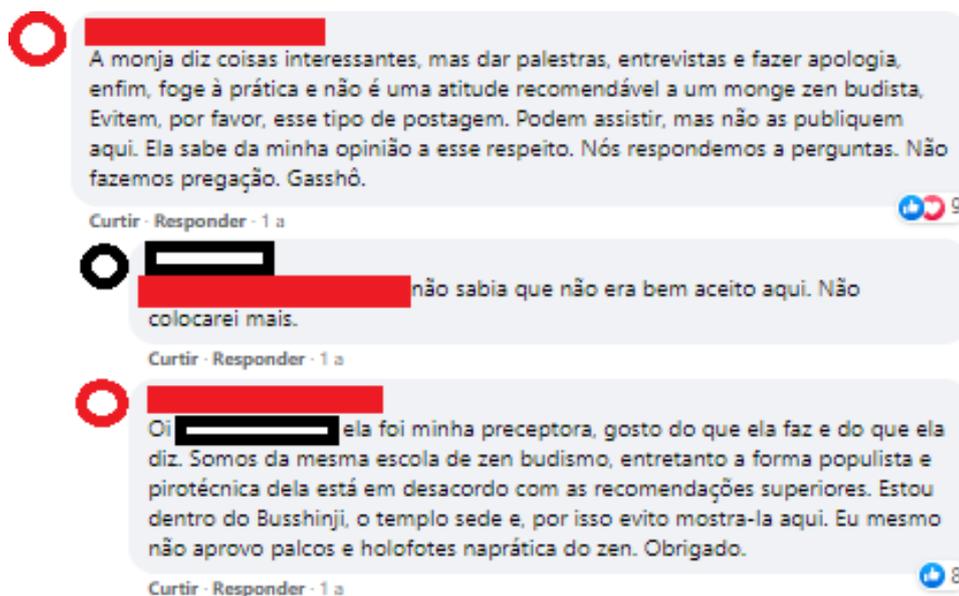
um público mais amplo e afetados por este mal, propondo métodos meditativos próprios do Zen Budismo.

E é neste tópico que temos novamente a participação do Monge Hantai, porém, desta vez advertindo o responsável pela postagem, pois, segundo o Mestre, estaria ferindo as regras do grupo. Em sua fala, Monge Hantai admite ter certa afeição por Monja Coen, porém diverge de algumas práticas, como ministrar palestras e dar entrevistas, dizendo ser incoerente com o que, supostamente, recomendaria a ordem. Logo em seguida, o membro pede desculpas ao monge, o que demonstra reverência à figura do líder. O monge volta a responder e revela mais detalhes da sua advertência. Ele revela ter sido aluno de Monja Coen, mas discorda de sua preceptora quando a acusa de populismo e diz não aprovar “palcos” e “holofotes” na prática do Zen³⁶.

Figura 3 – Postagem Facebook: Como descobrir a origem da ansiedade



³⁶ Entretanto, é curioso notar que a capa do grupo possui, juntamente com a imagem do templo Busshinji, a imagem do próprio Monge Hantai, causando certa inconsistência na argumentação, tendo em vista que o mesmo se coloca como figura em destaque.



Fonte: acervo da pesquisa³⁷

Conforme as publicações avançam, percebe-se um aumento na intensidade das críticas à Monja Coen, tanto de Monge Hantai, quanto de outros membros. Em postagem do mês de junho de 2020 temos uma postagem de um vídeo de Monja Coen, onde é trabalhado os “cinco agregados”³⁸ que diz:

Olá! Gostaria de fazer uma pergunta. Nesse vídeo, Monja Coen diz que podemos escolher os estímulos que damos para moldar nossos agregados (formações mentais, por exemplo). No processo de meditação, entretanto, se observa os pensamentos (e, pelo que bem entendi, pode-se observar a mente em maior profundidade. Num vídeo do monge Gensho³⁹ ele diz que no Zen, a distinção entre “consciente” e “inconsciente” não existe). Minha pergunta é: como passamos de meramente observar os pensamentos para de fato agir sobre os cinco agregados (formações mentais, por exemplo), mudando eles através dos estímulos que escolhemos? É algo feito, na verdade fora do processo meditativo e a meditação nos ajuda apenas entender? Ou possível algo mais ativo durante o processo meditativo?

Em seguida, houve várias iniciativas de resposta, as quais selecionamos três delas para análise. Seguem as postagens na figura 4:

³⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/130733933730427> Acesso em: 21 set. 2021

³⁸ Para o Budismo, os agregados são aspectos que compõem o ser senciente, ou seja, seres capazes de sentir sensações e sentimentos de forma consciente.

³⁹ Monge Genshō é mestre e fundador da Comunidade Zen-Budista Daissen, com sede em Florianópolis e cerca de 30 centros de meditação espalhados pelo Brasil. No terceiro artigo trabalharemos com entrevistas de três monges da comunidade Daissen.

Figura 4 – Postagem Facebook: Comentários sobre Monja Coen



Fonte: acervo da pesquisa⁴⁰

Os três comentários manifestam aspectos distintos. Enquanto Monge Hantai reitera sua crítica à Monja Coen, reforçando sua autoridade como líder, além de destacar sua discordância aos conteúdos pagos da comunidade Zendo Brasil⁴¹, o segundo comentário vem em defesa dos líderes mencionados e de seus discursos simplificados, inclusive associando-os ao próprio Shakyamuni Buda, que utilizou de recursos populares, adaptando sua linguagem para melhor compreensão e adesão de suas audiências, dizendo “eles (Coen e Genshō) conseguem chegar até as pessoas por meio de oratória”. Sobre esta característica retórica, Gamez (2015) diz que

Actualmente la oratória es utilizada en eventos académicos, legales, festivos, científicos, de investigación, noticias, ventas, política, religión, deporte, milicia, entre otros. Y no se puede negar que há evolucionado com ele passar del tempo. Sin embargo, mantiene su esencia. Um discurso bien ejecutado influirá considerablemente em la audiencia (p. 14).

⁴⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/130733933730427> Acesso em: 21 set. 2021

⁴¹ É importante ressaltar que Monja Coen, como frente da comunidade Zendo Brasil, rotineiramente publica e divulga eventos e conteúdos pagos, como é o caso dos retiros, como os Zazenkai e de alguns de seus livros. Entretanto, o vídeo postado está disponível de maneira gratuita no canal de Monja Coen no YouTube.

Por outro lado, existem aqueles que além de discordar veementemente da postura de Monja Coen, carregam também em seus comentários o discurso de ódio, a misoginia e a intolerância religiosa. A exemplo disso, o terceiro comentário revela sua repulsa à Monja Coen, referindo-se a ela como “monja burra”. O indivíduo em questão inicia seu discurso com o insulto, o que revela primariamente sua personalidade machista, para posteriormente exibir indícios da intolerância religiosa, quando o mesmo imputa à monja a denominação “mulher cristã”, na intenção de diminuí-la. Segundo Zanello e Gomes (2018) estes insultos dirigidos à mulher estão intimamente relacionados com o caráter proibitivo que os autores da ofensa deferida direcionam.

Segundo Gomides (2017), o movimento budista, assim como o modelo cristão contemporâneo, provocou reflexões quando o meio religioso passou a adotar tendências ao empoderamento feminino, após permitir que mulheres assumissem postos de liderança, em contraste ao modo tradicional⁴³ que proibia monjas dedicadas à vida sacerdotal ascender como autoridades religiosas. Por outro lado, segundo Gross (2005), ainda que o Budismo não seja considerado “tão patriarcal”, não existe uma oposição real do budismo ao modelo vigentede domínio masculino. Segundo Gross (2005)

Os registros históricos, os quais podem ou não se referir ao Buda propriamente dito, retratam não apenas o Buda concorrendo para o domínio masculino em seu tempo, mas também estabelecendo regras que garantiriam o domínio masculino na sua sangha e tornariam difícil ou impossível para as mulheres atingir o status de uma importante professora de dharma. Regras monásticas de senioridade declaram que todas as monjas são juniores com relação até mesmo ao monge ordenado mais recentemente. Esta é a primeira das oito regras especiais que o Buda exigiu que as mulheres aceitassem antes de ordená-las como monjas. Todas as outras regras também subordinam as monjas aos monges” (GROSS, 2005, p. 417)

Assim, segundo constam os textos sobre o Budismo, especialmente aqueles que possuem alguma relação com “as oito regras especiais”, a ordenação de pessoas do sexo feminino não era tão igualitária, pois apenas os pessoas do sexo masculino teriam o perfil adequado para práticas monásticas. O patriarcalismo era uma realidade no tempo de Buda,

⁴³ Na literatura japonesa podemos compreender um pouco mais esse desprivilegio às mulheres na sociedade. Yoshida (1992) em seus estudos sobre a personagem feminina na obra *Kojaku Monogatari* expõe que “‘Uma mulher submissa e frágil’ parece se constituir ainda a definição mais comum sobre a mulher japonesa. Sabe-se, no entanto, que essa submissão e fragilidade remetem apenas uma tendência comportamental ditada em certas épocas da história japonesa, quando o sistema social cobrava da mulher um determinado padrão de comportamento.

assim como no Ocidente também o é. Segundo França (2020), as mulheres que escolhiam pela participação na sangha ao invés de se casarem representavam um ato revolucionário, pois uma mulher desvinculada da figura de um homem era um perturbação à ordem social. Segundo França (2005) “na Índia, no tempo do Buda, onde a função primordial da mulher era de gerar filhos, preferencialmente que fossem homens, se ocorresse a perda deste ela seria submetida à pressão social de não estar sendo capaz de cumprir seu papel” (p. 42). Este tipo de padrão cultural, onde existe a naturalização da submissão da figura do sexo feminino em relação ao do sexo oposto é perceptível em outros momentos do Budismo, como verifico nas ramificações do Budismo, exemplificadas aqui no Mahayana, onde se encontra o Zen.

Se ha recogido que el Buda se nego a ordenar mujeres en su primera peticion cuando Mahapajapati Gotami pidio la entrada en la orden junto a 600 mujeres. Tambien esta probado que hubo orden femenina en un tiempo y sociedad (la india hace 2.500 anos) en que las mujeres vivian para sus familias, dependian de sus maridos y a veces llegaban a inmolarse con ellos tras su muerte. Las mujeres no tenian posibilidad de escapar de sus destinos, justificados en una concepcion pre- budista del karma que explicaba su situacion en el momento presente ni podian abandonar su casa para estudiar (SEOANE, 2018, p. 142)

Segundo Seoane (2018), no Mahayana, com o desenvolvimento do monaquismo feminino, é possível perceber forte teor discriminatório dos monges com as monjas. Ao mesmo tempo que com o fato de haver relativamente um baixo número de ordenações integrais por parte do grupo de mulheres e de suas limitações nas práticas baseadas em normas adicionais, a permanência de atributos do despertar vinculados ao corpo masculino também aponta para a continuidade do patriarcalismo sobre as versões subsequentes do Budismo original. No Zen este comportamento continua presente, apesar de Eihei Dogen, fundador da ordem Soto Zen no Japão, tenha afirmado em seu Shobogenzo que tais posturas seriam insustentáveis com aquilo que teria compreendido em seus anos de estudos e formação na religião. Assim como afirma Nearman (2007)

Ela envolve a atitude do budismo em geral, e Dōgen em particular, em relação às mulheres na vida espiritual. Embora seja verdade que em algumas culturas durante alguns períodos atitudes sociais negativas em relação às mulheres, infelizmente, colorido a prática do budismo, a visão de Dōgen é inequívoca: os machos e as fêmeas são iguais espirituais e monásticas, para a iluminação não conhece tal distinção de sexo (p. 18).

E, no que se refere a um Budismo mais atual, Monja Coen é um dos exemplos de monjas budistas ordenadas, que conseguiu vencer alguns destes paradigmas estabelecidos, atingindo uma posição de prestígio na condição de mulher perante os demais membros homens de sua comunidade, que continuam sendo maioria. Esta é uma das características advindas do Oriente que encontraram sintonia com os modos de vida ocidentais, tal como dirá

Gross (2005), “Juntamente com o impulso para uma participação igualitária das mulheres no budismo, muitos observadores do budismo ocidental encaram a demanda crescente por democracia nas instituições budistas como a pedra de toque do budismo moderno.” (p. 214). No entanto, um cenário ainda desigual entre os gêneros, bem como a intolerância religiosa, ainda é uma realidade, ainda que muitas coisas tenham se modificado com a extensão do Budismo no mundo.

E no que diz respeito à intolerância religiosa, o segundo comentário se posiciona contrário dizendo “Somos muito diferentes dos orientais, o Budismo só vai crescer no Brasil o dia que deixar de impor aos nativos aspectos culturais de povos da China, Tibete e Japão. Precisamos apenas do Dharma, nada mais que isso”. Porém, segundo Shoji (2002), nesta tentativa de ampliar o Budismo para grupos étnicos não tradicionais Monja Coen teria desgastado sua relação com a comunidade tradicional nipo-brasileira do templo Busshinji, para além das questões de gênero. Nos anos subsequentes de sua saída da liderança do templo Busshinji, ou seja, após o ano de 2001, entendo como uma reinvençãode Monja Coen quanto figura religiosa, pois a figura de influenciadora começa a se destaque na medida em que incorpora meios e linguagens modernos.

Como comunicadora Monja Coen utiliza de vários veículos de mídia para divulgar seus conteúdos. Além do YouTube, há muitos outros agregadores de conteúdo por onde sua mensagem é difundida, desde jornais e revistas até redes sociais (Facebook e Instagram) e plataformas de podcast (Spotify, Apple Podcasts, Google Podcasts, etc.). Uma questão que se abre é: quais os limites de sua exposição quando se combinam seus posicionamentos como influenciadora digital e religiosa?

Em setembro de 2021, foi compartilhado um conteúdo sobre Monja Coen no grupo de Zen Budismo, vinculando-a à publicidade (figura 5). Na postagem, Monge Hantai compartilha um link, cuja capa retirada de um Instagram retrata Monja Coen em peça publicitária para Ambev⁴⁴, seguido de questionamento “Quando uma monja vira embaixadora de uma das maiores empresas de bebida alcoólica do mundo é hora de pensar: a que ponto chegaremos?”.

⁴⁴ A parceria entre Monja Coen e Ambev realmente aconteceu. Em matéria especial, a revista Exame explica esta relação. Disponível em < <https://exame.com/marketing/o-que-diz-a-ambev-apos-repercussao-de-anuncio-com-monja-coen/>> Acesso em: 19 de out. 2021.

Figura 5 – Postagem Facebook: Monja Coen embaixadora da moderação

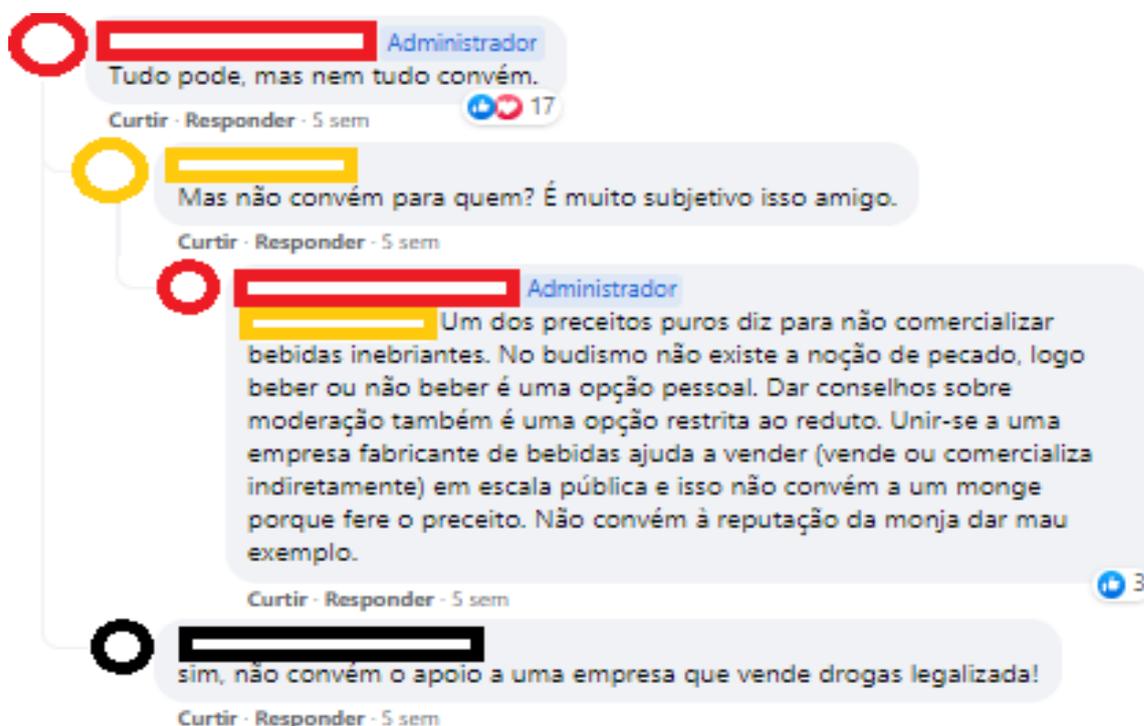


Fonte: acervo da pesquisa⁴⁵

Para esta postagem, também se destacam na figura 6 uma sequência de comentários para análise:

⁴⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/130733933730427> Acesso em: 21 set. 2021

Figura 6 – Postagem Facebook: Comentários sobre Monja Coen e seu vínculo com a Ambev



Fonte: acervo da pesquisa⁴⁶

Mantendo o padrão das manifestações anteriores, há novamente a presença de Monge Hantai em tom de crítica à Monja Coen, junto de outros membros, ora apoiadores, ora discordantes. Entretanto, nota-se que desta vez a postagem partiu do próprio monge. Segundo varredura realizada no grupo do Facebook, esta foi a primeira vez que Monge Hantai publica algo sobre Monja Coen, mesmo solicitando aos demais membros que não o façam. Nesta ocasião, sua postagem aponta para a polêmica associação do Budismo com o consumo de bebidas alcóolicas. Segundo o Monge “Um dos conceitos puros diz para não comercializar bebidas inebriantes”. Para Sung (2014) este fenômeno acontece porque “muitas pessoas de diversas religiões que estão comprometidos com sua fé e, por isso, entram em “choque cultural” com os valores da sociedade de consumo e os desejos dos consumidores diriam algo semelhante (p. 298)

Segundo estudos da revista Lancet, apresentados em matéria da CNN Brasil⁴⁷, o consumo de álcool está relacionado com a diminuição de massa cinzenta no cérebro, e diz ainda que não há evidências que apontem para um consumo mínimo e seguro. Mesmo sabendo disso, por que Monja Coen estaria disposta a contribuir com uma marca de bebidas alcoólicas? Será

⁴⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/130733933730427> Acesso em: 21 set. 2021

⁴⁷ Disponível em < <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/beber-qualquer-quantidade-de-alcool-causa-danos-ao-cerebro-aponta-estudo/>> Acesso em: 18 out. 2021.)

que Monja Coen mudou de ideia sobre o consumo de álcool? Ao apresentar o contexto japonês, não estaria Monja Coen utilizando-se de uma ocasião eventual do consumo de álcool para justificar o consumo em outras ocasiões? São questões que precisam ser investigadas. No que diz respeito ao orientalismo, Said (2007) apresenta alguns questionamentos sobre as experiências humanas relacionadas à cultura dita oriental:

Como representar outra cultura? O que é outra cultura? Será que a noção de uma cultura (ou raça, ou religião, ou civilização) distinta é útil, ou será que ela sempre se envolve em autocongratulação (quando se discute a “outra”)? (...) Como é que as idéias adquirem autoridade, “normalidade” e até mesmo a condição de verdades “naturais”? Qual é o papel do intelectual? Seria validar a cultura e o estado de que faz parte? Que importância ele deve dar a sua consciência crítica independente, uma consciência crítica de oposição? (p. 330).

Não me arrisco em responder tais questionamentos, mas penso que eles contribuem para algumas considerações pessoais baseadas na pesquisa realizada até aqui. Interpreto Monja Coen como uma intérprete e criadora de novas representações da cultura japonesa, seja em seus usos conceituais e ideológicos ou em apropriações dos ensinamentos e crenças budistas, assim como figuras como Hantai também o faz. Quanto a sua figura pública, ao expor sua visão de mundo e fazersuas conexões, existem riscos de autocongratulação quando se propõe a novas leituras de mundo em dissonância com as formas mais tradicionais de representação, que por sua vez pode causar uma série de atritos frente a outras lideranças budistas. Por riscos de autocongratulações me refiro a valorização do individuo nos ambientes virtuais, tal qual o Facebook, que frente ao acúmulo de capital social gera em outros sujeitos, que também socializam neste meio, uma busca por legitimação ou discordância dos conteúdos e conexões geradas na rede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou explorar em ambiente virtual uma dentre muitas comunidades Zen Budistas do Facebook os elementos que apresentem as representações sobre o Zen Budismo e Monja Coen, principalmente, nos indícios da influência da influenciadora no imaginário orientalista dos membros do grupo. Evidentemetne, tal grupo não representa oficialmente o posicionamento de outros grupos sobre o Zen Budismo e, especialmente, sobre Monja Coen. Portanto, são opiniões manifestadas por um nicho da audiência do Zen Budismo. Não foi intenção desta pesquisa fazer julgamento das representações ou posicionamentos, mas sim expor exemplos de manifestações que indiquem apropriações distintas de aspectos do Zen Budismo. Toda a análise esteve ancorada no potencial metodológico dos estudos da História Pública, especificamente, na contribuição das análises dos significados das audiências para o próprio estudo sobre o Orientalismo.

Neste ínterim, analisamos historicamente as fontes virtuais localizadas na rede social Facebook através da netnografia, em que cada gesto virtual estão inseridos dentro de um contexto específico. Este tipo de estudo ajuda a compreender como se manifestam as legitimações dos discursos e posturas dos sujeitos interconectados nas redes. Compreendemos que através do capital social os valores são manifestados por meio de gestos virtuais, tais quais o compartilhamento, o comentário e a curtida. De modo especial, identificamos que a comunidade “Zen Budismo” não é exatamente composta por convertidos, mas são fortemente influenciados pelos membros administradores, que neste trabalho interpretamos como a figura de um líder religioso, que se vê provocado pela postura de outra liderança, a Monja Coen, indiretamente inserida nas discussões internas do grupo.

Concuindo, as disputas por narrativas são realizadas num ambiente muitas vezes hostil e constantemente pouco afeito às normas de regimento do próprio grupo, que ora são lembradas para benefício dos capitais sociais, ora são “esquecidas” para corroborar a valorização de certos posicionamentos. O que vimos é uma tentativa de constante reinvenção do elementos culturais orientais, inserido a religião budista, os quais ganham novas dinâmicas e reverberações no ambiente digital, é o caso da tentativa de definir o que é o “Zen”, ou de se julgar o comportamento religioso de monges e monjas segundo uma perspectiva mais “ortodoxa” em oposição à popularização e “simplificação” do dharma para audiências mais amplas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marilisa Berti de Azevedo et al. **Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19.** Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 29, p. e2020427, 2020.

BHABHA, Homi Komi. **O local da cultura.** Trad. Miriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

BRITO, Sérgio Cronemberger. **O Estresse E A Ansiedade Na Sociedade Do Século XXI: Um Olhar Cognitivo-Comportamental/Stress and anxiety In Century From Xxi Society: A Look Cognitive-Behavioral.** Revista FSA (Centro Universitário Santo Agostinho), v. 5, n. 1, 2014.

CAPRA, Fritjof. **Ponto de Mutação, O.** editora Cultrix, 1998.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online. **Revista História Hoje**, v. 3, n. 5, p. 165-188, 2014.

COEN, Monja. **Ponto de virada.** São Paulo: Planeta, 2020.

CORUJA, Paula. **Público**: a audiência performática em caixas de comentários no YouTube. *RuMoRes*, v. 14, n. 28, p. 309-333, 2020.

DA SILVA, Cristiane Rubim Manzina; TESSAROLO, Felipe Maciel. **Influenciadores digitais e as redes sociais enquanto plataformas de mídia**. XXXIX Intercom, São Paulo–SP, 2016.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A Etnografia Digital e os Fundamentos da Antropologia para Estudos Qualitativos em Mídias Online. *Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política*, v. 12, n. 35, p. 46-69, 2019.

FRANÇA, NIRVANA DE OLIVEIRA MORAES GALVÃO et al. **GURUDHARMAS: Processos de construção e corrupção do cânon referente às obrigações de monjas budistas iniciantes**. 2020.

GAMEZ, Angel. **La oratoria de los líderes**. Lulu. com, 2015.

GIL, Tiago L.; BRESCIANO, Juan Andrés. **La historiografía ante el giro digital**: reflexiones teóricas y prácticas metodológicas. Montevideu: Ediciones Cruz del Sur, 2015. p. 57-112.

GROSS, Rita M. **Mulheres budistas como líderes e professoras**. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, p. 415-423, 2005.

HINE, Christine. **Etnografía virtual**. Editorial uoc, 2011.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Penso Editora, 2014.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Educação ambiental no Brasil**: o que mudou nos vinte anos entre a Rio 92 e a Rio+ 20. *ComCiência*, n. 136, p. 0-0, 2012.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **(Re/des) conectando gênero e religião-peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

NEARMAN, Hubert. **Shobogenzo**: The treasure house of the eye of the true teaching. A trainee's translation of great master Dogen's spiritual masterpiece. 2007.

PATALAGEAN, E. A história do imaginário. In: LE GOFF, J. (Org.). **A história nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 291-316

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V.15, n.29. p. 9-27, 1995.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Apêndice: As Religiões no Brasil. In: GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. Editora Companhia das Letras, 2005.

RECUERO, Raquel. **Curtir, compartilhar, comentar**: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Verso e reverso*, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014.

ROCHA, Cristina. **Rezando Preces Budistas e Católicas**: A Crioulizacao de Rituais Zen no Brasil. *Ponto de Encontro*, n. 1, 2006.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Editora Companhia das Letras, 2007.

SEOANE, María Jesús Alonso. **La discriminación de la mujer en las órdenes budistas**. Éndoxa, n. 42, p. 137-157, 2018.

SHOJI, Rafael. Uma perspectiva analítica para os convertidos ao Budismo japonês no Brasil. **Rever**, v. 2, n. 2, p. 85-111, 2002.

SUNG, Jung Mo. Mercado religioso e mercado como religião. In: Dossiê: **Religião, Mercado e Mídia**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 12, n. 34, p. 290-315, abr./jun. 2014 – ISSN 2175-5841

SUZUKI, Shunryu. **Mente zen, mente de principiante**. Leya, 2014.

USARSKI, Frank. **O Budismo e as outras**. Encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

WATTS, Alan. **The Way of Zen**. New York City: Pantheon Books, 1957.

ZANELLO, Valeska; GOMES, Tatiana. Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade. **Caderno Espaço Feminino**, v. 23, n. 1/2, 2010.

ARTIGO 2

HISTÓRIA PÚBLICA E HISTÓRIA ORAL: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MEMBROS DE SANGHA E “ORIENTALISTAS”

Introdução⁴⁸

Este artigo parte de um estudo sobre memória da identificação de monges com o orientalismo. A produção da escrita se vincula a linha de pesquisa “saberes e linguagens”, do Programa de Pós-Graduação em História Pública, principalmente aos direcionamentos dados às práticas fundamentadas nas oralidades e às representações religiosas. O conteúdo dessas memórias foi possível pela metodologia da História Oral e será analisado a partir de um debate já consagrado nos estudos históricos e sociológicos, que trata da crítica da invenção do Oriente pelo Ocidente, tendo como ancoragem teórica a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2007; WACHELKE, 2007; CAMARGO, 2007). Enquanto uma teoria do senso comum, as Representações Sociais procuram tornar familiar aquilo que em dado momento era estranho. Esses esforços combinados contribuem, assim acredito, para uma melhor discussão sobre a produção de um conhecimento histórico dialogal e atento aos desafios da discussão sobre a relação entre pesquisador e público pesquisado.

No primeiro momento do texto será apresentado uma definição da relação entre memória e História Oral, seguida da descrição dos entrevistados e das circunstâncias das entrevistas. No segundo momento do texto será apresentada uma breve contextualização histórica do Budismo no Brasil, destacando o recorte no qual estão inseridas as falas das entrevistas. Por fim, no terceiro momento, próprio da análise dos trechos dos entrevistados, serão trazidos exemplos para a objetivação e na sequência, para a ancoragem das representações sociais manifestadas por seus autores, categorias tais que compõem a teoria das representações sociais.

Discutir a respeito das representações sociais sobre a sangha justifica-se por haver grande confusão sobre temas que envolvem religiões de origem não-ocidentais, assim como acontece frequentemente com o Budismo e, de modo particular, com a vertente Zen. Deste modo, é

⁴⁸ O texto faz parte de uma pesquisa de História Pública que se inicia na figura de Monja Coen.

possível notar que o entendimento que se dá a partir da noção de construção das representações sociais de sangha podem impactar direta ou indiretamente nas relações que se dão entre religiosos e não-religiosos, quando se trata das apropriações, construções e comunicações de novos saberes em sociedade, através da percepção das relações de poder presentes entre culturas distintas. Assim, se faz necessária a análise histórica destas representações sociais sobre culturas ocidentais e não-ocidentais, ressaltando-se a importância de se conhecer, mais especificamente, as relações que se dão entre as religiões budistas e a cultura ocidental.

Dessa forma, dar atenção à construção dos saberes populares difundidos e perpetuados na memória coletiva é aquilo que permitirá compreender os fenômenos públicos acerca dos acionamentos de conhecimentos históricos, tais como a dicotomia Ocidente/Oriente. Para tanto, o trabalho de conceituar representações sociais, memória e orientalismo, apresentar o contexto histórico do Zen Budismo no Brasil, analisar a sangha e identificar as características culturais brasileiras no Zen Budismo serão atividades essenciais para o seu desenvolvimento.

Especificamente, o presente estudo consiste em pesquisa aplicada de caráter exploratório, que visa analisar aspectos das representações sociais de sangha do Zen Budismo no Brasil. Nesse sentido, os resultados serão apresentados de forma qualitativa, a partir da coleta, análise e problematização de informações de fontes primárias.

A planificação da pesquisa inclui, em primeiro lugar, o levantamento dos dados secundários, para posterior contato com as fontes primárias, a fim de promover a coleta de dados em campo. Serão utilizadas fontes orais, instrumentalizadas por meio das entrevistas. Entende-se o uso de fontes orais como:

resultante de uma situação de entrevista na qual pesquisador e entrevistado vivenciam um processo de construção de memórias mediante uma negociação. Nessa transação, cabem alguns aspectos que devem ser apontados: a competência do pesquisador que se apresenta como detentor de um saber consolidado e específico e a competência do entrevistado que detém o conhecimento da experiência vivida (MAUAD, 2018, p. 36)

Os instrumentos de pesquisa foram aplicados de maneira planejada. No caso das entrevistas, com aporte metodológico da História Oral, elas se constituem no gênero de história temática. Segundo Alberti (2018), “As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (p. 37). Assim, a escolha do gênero de História Oral se dá, por se tratar de história temática, através do mote sobre as representações sociais da sangha.

As entrevistas⁴⁹, realizadas em ambiente virtual e através de videoconferências, ancoram-se em dois questionários semiestruturados, ou seja, foram formulados a partir de perguntas abertas, elaborados previamente para serem aplicados por dois grupos, denominados “membros da sangha” e “orientalistas”. O objetivo de cada questionário foi o de se buscar informações que revelem as apropriações pessoais dos entrevistados sobre o Oriente e sua cultura, assim como as possíveis representações desses indivíduos, imersos na estrutura coletiva de seus grupos. Nesse sentido, Portelli (1997) dirá que as narrativas coletadas assumem camadas de abstrações, na medida em que se conglomeram as dimensões do indivíduo e as dimensões grupais, em que:

O resultado são narrativas nas quais as fronteiras entre o que toma o lugar do narrador e o que acontece dentro, entre o que diz respeito ao individual e o que diz respeito ao grupo, pode se tornar mais enganosa que os gêneros escritos estabelecidos, de modo que a “verdade” pessoal possa coincidir com a “imaginação” compartilhada (p. 30).

Portanto, as entrevistas nos ajudam a compreender não a realidade na qual se manifestam a cultura oriental, mas as representações sociais construídas sobre ela, assumindo uma base compartilhada de “verdades” oriundas do imaginário ocidental compartilhado. E para dar conta do tratamento destas fontes, utilizaremos da História Oral como metodologia.

A oralidade e seus usos no estudo do senso comum

O uso da História Oral se configura nesta pesquisa a partir da necessidade particular das Ciências Humanas em contextualizar pessoas, grupos e práticas de acordo com suas próprias condições culturais e sociais. Assim, o aporte desta metodologia contribui de maneira significativa com as preocupações de compreensão dos significados, motivações, emoções e valores para esclarecer qualitativamente seus comportamentos e práticas sociais (SILVA; BARROS, 2010).

Considerar o uso da História Oral é também considerar o potencial transformador da pesquisa, desde seu planejamento até a participação de colaboradores que contribuam no processo de construção do texto e da análise de certas realidades em seus aspectos mais subjetivos (MEIHY, 2006). Contudo, “O sentido público da história oral não pode ser

⁴⁹ É possível consultar as entrevistas aqui utilizadas, bem como outras tantas que ajudaram na identificação e compreensão das questões que envolvem as representações sociais da cultura oriental e do Budismo, na íntegra nos anexos deste trabalho, a fim de preservar as falas dos entrevistados e evitar a descontextualização das narrativas.

mensurado, de maneira simplificada, apenas na relação entrevistador e entrevistado (...) no momento do encontro para a gravação” (ALMEIDA, 2018, p. 102). Portanto, assume-se o compromisso social em honrar com os atributos dinâmicos deste método/campo transformador.

Não quero aqui utilizar das práticas de pesquisa voltadas para a História Oral apenas como uma ferramenta entre tantas encontradas em uma caixa, assim como teria acontecido nos primórdios da história pública nos Estados Unidos em meados de 1970, mas pretendo fazer desta compatibilidade⁵⁰, inclusive na preocupação com os públicos, em lançar luzes sobre questões sensíveis como aquelas manifestadas nas memórias dos grupos, especialmente sobre as representações sociais das culturas que se remetem às classificações ocidentais e orientais. Talvez esta iniciativa se aproxime daquelas realizadas por John Tchen e Charles, que se esforçaram para compreender alguns exotismos que eram direcionados às comunidades chinesas locais que trabalhavam como lavadores de roupas em Nova York e que a história oral permitiu alcançar suas vozes ocultadas e estereotipadas. Assim, o que antes era apenas um elemento, "ir a público" se torna central neste trabalho (SHOPES, 2016),

As preocupações teóricas e metodológicas que norteiam minha abordagem tratam, ainda, de uma preocupação com uma dimensão pouco explorada da história Oral, qual seja, a da preocupação que não se esgota no rigor heurístico e teórico das fontes orais, naquilo referente a sua construção em forma de arquivo, mas também na forma como elas são “escutadas”, ou, mais pontualmente, nas inúmeras maneiras como são apresentadas e apropriadas pelos públicos (HAMILTON, 2019; CAMPOS, 2021). Mesmo não sendo esta o foco da abordagem deste texto, em outro capítulo apresento essa dimensão da oralidade.⁵¹

Assim, ao tratar de História Oral se faz necessário evocar sua relação com a memória. Segundo Silva e Barros (2010) memória é aquela que tem por definição as faculdades da lembrança e da retenção de impressões e ideias. Mas também, faz parte da memória aqueles momentos não ditos, sejam eles esquecidos ou silenciados, que carregam tanto significado quanto aquilo que é trazido à luz, revelando as relações de poder intrínsecas ao contexto de sua produção, onde se encontram também os grupos desprivilegiados de visibilidade. Neste sentido, para Nora (1993):

⁵⁰ Entre história pública e História Oral.

⁵¹ Ver capítulo três deste trabalho, intitulado “Podsotva: uma tentativa de produção de uma história ‘com’ o público”

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (p. 9).

Assim, compreendendo a memória como uma manifestação da mente humana, caracterizada pelo que é dito e também pelo que não é dito, tal qual ocorre na feitura de uma película em que o diretor de cinema realiza cortes arbitrários e colagens que corroborem a sua versão narrativa, e que esta “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9). É assim que a relaciono com a teoria das representações sociais, desenvolvidas por Serge Moscovici, principalmente em seus conceitos de “ancoragem” e “objetivação”, cuja finalidade aqui é identificar e contextualizar historicamente as representações evidenciadas. Portanto, para a investigação e análise das representações sociais dos membros da sangha zen-budista, bem como de outros perfis de entrevistados, que evidenciem o peso da carga cultural contidas em suas memórias é necessário um reconhecimento prévio, pois:

Temas nunca se revelam com clareza; nem mesmo parte deles é definitivamente atingível, tanto porque eles estão complexamente interligados com certa memória coletiva inscrita na linguagem, como também porque são combinações, iguais às representações que eles sustentam, ao mesmo tempo cognitivas (invariantes ancorados em nosso aparato neurossensor e em nossos esquemas de ação), como culturais (universais consensuais de temas objetivados pelas temporalidades e histórias do longo espaço de tempo [*longue durée*]). (MOSCOVICI, 2007, 244-245)

Isto posto, as análises partem do uso da teoria das representações sociais⁵² fundamentalmente para serem trabalhadas na comunicação do grupo em estudo, com intuito de reduzir aquilo que se apresenta “vago” e em consenso entre seus membros. Portanto, serão analisadas as influências recíprocas, negociadas de maneira implícita no decorrer das conversações e orientadas por modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados. E são nestas “influências recíprocas” que se procuram identificar os repertórios comuns, responsáveis pelas interpretações e explicações sobre determinada representação, do mesmo modo, as possíveis regras, procedimentos aplicados e expressões linguísticas comuns (MOSCOVICI, 2007).

⁵² Apesar do uso da terminologia “teoria”, não a consideramos tal qual o uso clássico estabelecido, mas como uma espécie de paradigma de pesquisa, que nos oferece acesso a conceitos como “ancoragem” e “objetivação” que facilitem a compreensão de fenômenos cognitivos intra-individuais e interpessoais. (WACHELKE; CAMARGO, 2007).

Concluindo este primeiro momento, cabe destacar os perfis dos sete entrevistados. Eles se dividem entre cinco monges, aqui categorizados como “membros da sangha” e dois “orientalistas”, sendo eles uma praticante de dança do ventre e uma professora de Tai Chi Chuan, ambos sobre a categoria de “orientalistas”.

Aos “membros da sangha” me refiro aos religiosos adeptos ao Zen Budismo. Todos os entrevistados são convertidos e ordenados monges. Suas ordenações possuem linhagens distintas. Enquanto os monges Kojun e Yakusan são da linhagem de Coen Roshi⁵³, as monjas Sodo e Jikiho, e monge Taishin são da linhagem de Meihô Genshō Oshō. Tanto Coen, quanto Genshō são ocidentais. Portanto, veremos como a nova linhagem de discípulos manifesta de maneira associativa elementos da cultura ocidental na cultura oriental.

Já as “orientalistas” são as duas entrevistadas que, como as descrevi, possuem alguma proximidade com a cultura oriental. Assim como os monges e monjas, possuem influências ocidentais sobre a interpretação de elementos da cultura oriental, demonstrando relações dialógicas do discurso orientalista.

Uma breve contextualização histórica do Budismo no Brasil

Levando em conta o número relativamente baixo de produções acerca do Budismo no Brasil, utilizaremos para fins de contextualização histórica dois artigos de um dos autores mais respeitados no Brasil no que tange às pesquisas voltadas para os estudos orientais e, de modo especial, aos estudos históricos sobre o Budismo, o professor Ricardo Mario Gonçalves, que além de historiador, também foi monge budista. Os artigos selecionados são “A introdução do Budismo no Japão”, de 1988, que apresenta por quais vias o Budismo teria saído da Índia e chegado no Japão, e “As flores do dharma desabrocham sobre o Cruzeiro do Sul”, publicado em 2005, que aborda a introdução do Budismo no Brasil e suas particularidades de adaptação.

O Budismo nasceu na Índia, por volta do século VI a.C, mas suas origens podem ser ainda mais longínquas, relacionadas à própria expansão do Império do Imperador Açoka (168-236 a. C) e disseminado através da Rota da Seda. Possui fortes influências da religião majoritariamente praticada neste período, o Hinduísmo. O objetivo do Budismo é livrar o ser humano do sofrimento por meio do autoconhecimento. Basicamente, o Budismo se pauta na ética, na meditação\contemplação, e em reflexões metafísicas sobre a Sabedoria. Ele é dividido em setores monásticos e leigos. Além disso, existem dois grupos principais que compõem as

⁵³ Tratamento honorífico dados a mestres anciãos.

escolas Budistas, são eles o Pequeno Veículo, fundamentalmente monástico e predominante no Sudeste Asiático, e o Grande Veículo, voltado para os leigos, preocupa-se com a ordem social, mais praticado no Extremo Oriente (GONÇALVES, 1988).

No Japão o Budismo teria realizado seu primeiro contato através de imagens búdicas trazidas dos reinos coreanos por volta do ano 522. Sua transmissão no Japão, assim como em toda a Ásia Oriental, teria se dado através da diplomacia e da aliança entre Estados, mas seu enfoque foram as grades capitais monárquicas. No Japão sua prática religiosa ficou intimamente vinculada à monarquia divina nipônica, levando em conta as relações estreitas que se estabeleceram entre o Budismo e a corte de Yamato (GONÇALVES, 1988).

No Brasil, o Budismo é introduzido nas reuniões organizadas pela Sociedade Budista Brasileira (SBB) em meados da década de 1920, aumentando sua intensidade em 1955 e finalmente de forma notável a partir da década de 60 (SHOJI, 2002). Um dos grupos que se destacaram no Brasil foi o Mahayana⁵⁴, tem sua origem no norte da Índia, com influências persas e helênicas, cujo modelo adotado era o do Bodhisattva⁵⁵. Ele é representado pelas escolas chinesas, coreanas e japonesas, sendo esta última a mais antiga no país. Dentre as escolas do Mahayana se destaca o ramo Zen⁵⁶, e a escola Soto⁵⁷, esta última considerada uma escola contemplativa (GONÇALVES, 2005). É justamente com o Zen que devemos nos ater, levando em conta a vertente praticada pelos entrevistados monásticos, todos ordenados nas últimas duas décadas, além dos demais participantes, que manifestaram suas memórias no primeiro semestre do ano de 2021, e que se remetem aos anos quando suas experiências com a cultura oriental teriam ocorrido e transformadas nas representações sociais aqui explicitadas.

A Teria das Representações Sociais e o estudo do Orientalismo

A Objetivação

⁵⁴Mahayana vem do sânscrito, que significa “Grande Veículo”. É considerado tanto uma tradição, como um ramo da filosofia budista. Considerado o maior dentre os três caminhos da iluminação, sendo os outros dois o Theravada e o Vajrayana.

⁵⁵ “Adepto que coloca em primeiro lugar sua contribuição para salvação de todos os seres, adiando indefinidamente seu despertar pessoal” (GONÇALVES, 2005, p. 201)

⁵⁶ “Zen” vem do chinês “Ch’an”, uma das tradições do ramo Mahayana.

⁵⁷ Escola do Zen, trazida pelo mestre Eihei Dogen (1200-1253) da China para o Japão.

A fim de compreender, primeiramente, como se organizam os elementos que compõem as representações, identificar como estes mesmos elementos abstratos passam a ser materializados na forma de imagens, é que inicio com a objetificação. Adoto a definição de objetivação como um processo que “une a ideia de não-familiaridade com a de realidade, tornando-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante de nossos olhos, física e acessível” (MOSCOVICI, 2007, p. 71). Deste modo, apresento a seguir alguns trechos de entrevistas em que os entrevistados atribuem um momento significativo de suas vidas para representar o “estopim” que os levou até o Zen Budismo. Este estopim, de acordo com a definição da objetivação, serve para trabalho de materialização – externa- dos fenômenos, no caso o da identificação ao orientalismo, com símbolos e/ou palavras. É o caso da prática da arte do origami, da prática da yoga e discursos de defesa da tolerância. O retorno ao debate seminal de Said (2007) recoloca a questão diante da própria problematização da construção do Oriente pelo Ocidente, demonstrando nas suas margens a necessidade de entendimento e valorização histórica dessas fronteiras entre determinados tipos de conhecimento e suas apropriações no senso comum.

Quero adiantar, diante do intuito do reconhecimento das representações do senso comum, os entrevistados serão estudados a partir das suas falas sobre essa dimensão, aqui pensadas justamente pela forma com os entrevistados lidam com o senso comum. Seguido das exposições dos trechos das entrevistas, apresento breves considerações de contexto histórico, cujo o objetivo é situar minimamente quais seriam as possíveis relações existentes entre o ponto inicial do interesse desperto e o ponto de destino, ou seja, a relação com a religião em questão.

O primeiro trecho diz respeito a uma pergunta feita para Monge Kojun, que além de monge também é professor universitário de Psicologia, no curso de Arquitetura e Urbanismo, e que teria iniciado os estudos Zen-Budistas em 2006, sob a orientação de Coen Roshi. O Monge Kojun também foi responsável pela fundação de uma célula da comunidade Zendo Brasil em

Ribeirão Preto-SP. No trecho a seguir, ao ser questionado a respeito de como teria ocorrido seu interesse pelo Budismo, disse Kojun:

Eu era muito criança quando comecei a me interessar por cultura oriental, mais especificamente, japonesa. Eu era bem pequeno, não sei quantos anos eu tinha e eu ganhei um livro de *origami*. Eu comecei a fazer origami, gostava do origami, e assim foi. E depois comecei a gostar por outras artes, por outras coisas ligadas à cultura de maneira geral. (...) Estão muito ligados ao Budismo e principalmente ao *Zen* Budismo. E isso sempre me interessou como arte, mas depois como conceito, como referência dessas artes, e aí eu comecei a me interessar pelo Budismo. Então eu fui meio que juntando as duas coisas (KOJUN)

Segundo Monge Kojun, o ponto de partida que inaugura sua trajetória até o Zen Budismo se deu através do seu interesse pela “cultura oriental”. Mas, afinal, o que é “cultura oriental”? Segundo Santos (2017), há duas concepções básicas para se entender do que se trata o conceito de cultura. A primeira concepção “(...) diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade” e a segunda “(...) ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social” (p. 24). Assim, partindo da primeira concepção, o adjetivo “oriental” diz respeito a um conjunto de elementos que caracterizam um “povo ou nação”. Kojun dirá que especificamente, a nação caracterizada pela “cultura oriental” que lhe interessou foi a do Japão, e que o origami teria sido o elemento deste “conglomerado cultural”. Para Said (1990) “Urna ampla variedade de representações híbridas do Oriente assola hoje a cultura. Japão, Indochina, China, Índia, Paquistão: as representações destes países tiverarn, e continuam tendo, urna ampla repercussão” (p. 289). Esta repercussão se manifesta em distintas formas de propagação de símbolos da cultura oriental, tal qual o origami, transformando-a numa simples generalização oriunda da supervalorização de elementos simplórios que representem todo um povo ou nação.

No que diz respeito aos fatos históricos sobre as origens do origami, segundo Ueno (2003), “A origem do origami é desconhecida, mas acredita-se que tenha começado na China, assim que o papel foi inventado e tenha sido levado juntamente com ele para o Japão. (...) o origami foi altamente difundido e facilmente incorporado em sua cultura” (p. 16). O Zen, por sua vez, é uma vertente do Budismo, que, assim como o origami, teria se originado na China e transportado para o Japão pelo mestre Eihei Dogen (1200-1253). Para Alan Watts⁵⁸ (1999), no

⁵⁸ Alan Wilson Watts foi um filósofo britânico-americano que interpretou e difundiu a filosofia oriental para um público ocidental.

que diz respeito à relação entre o Zen e a arte, “(...) é possível a nós não apenas ouvir sobre o Zen, mas também vê-lo, (...) a expressão do Zen nas artes nos dá uma das maneiras mais diretas de entendê-lo”⁵⁹. Portanto, poderia haver alguma relação presente no origami que teria levado Kojun a se interessar pelo Zen Budismo⁶⁰ em hipóteses possíveis, relativas a: sua reação estética e artesanal, pois o processo de representação envolve não apenas a codificação, mas também estímulos físicos e percepções materiais da realidade sobre diferentes culturas (MOSCOVICI, 2007); ao fato de ter lhe interessado indiretamente os próprios fundamentos implícitos do Zen; sua vinculação histórica, tendo em vista que o Budismo teria sido trazido para o Brasil também pelos imigrantes japoneses⁶¹, coincidindo com a inserção da arte em questão.

Em uma outra entrevista, temos Monge Taishin, membro ativo da comunidade zen-budista Daissen, de João Pessoa, que na data da entrevista, início de 2021, ainda era noviço, ordenado por Monge Genshō. No trecho, Taishin apresenta um pouco de sua trajetória até o interesse desperto pelo Zen Budismo:

Comecei no yoga com doze anos de idade, mas ainda dentro de uma perspectiva mais física, como exercício. Como religião, praticava o Catolicismo. Quando entrei no mosteiro de Olinda, lá tinha o livro de yoga. Então, todo esse movimento que teve na abertura do Cristianismo a partir do Vaticano Segundo, década de setenta, década de oitenta teve um movimento mais aberto na Igreja Católica. Como já praticava yoga há algum tempo, me senti contemplado de não praticar uma coisa que era mal vista pela Igreja. Com o interesse no yoga desde a adolescência, quando meu amigo me convidou para fazer a sessão de meditação budista já tinha desconstruído

⁵⁹ Disponível em < <https://shakespearebrasileiro.org/wp-content/uploads/2021/09/o-caminho-zen-livro-20215.pdf>> Acesso em: 06 out. 2021.

⁶⁰ Em trecho do jornal da comunidade zen-budista Zendo Brasil, a qual pertence Kojun, na edição de número 64, relativo ao segundo trimestre de 2018, vemos o monge relatando sua própria interpretação da relação que se estabeleceu entre seu interesse infantil pelo origami e sua adesão na fase adulta ao Zen Budismo. No trecho, diz Kojun: “Quando criança, ganhei um livro de origami. Tornei-me um entusiasta dessa arte, bem como de tudo o que se referia ao Japão, seus costumes e cultura. Tudo me intrigava. Cheguei a estudar a língua japonesa algumas vezes, mas impedimentos financeiros se interpunham a esse estudo. Embora afastado disso, ainda não desisti. Na adolescência, questionava-me sobre a vida, os valores e crenças da cultura e da sociedade na qual cresci. Busquei diversas práticas religiosas, dobras com as quais não me identifiquei. Continuo curioso quanto a conhecer as diversas tradições religiosas, no entanto. Estudo-as quando possível. Nessa busca, conheci, em uma das dobras, o budismo. Como teoria, ainda... nada concreto, factível”. Disponível em < <https://www.zendobrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Zendo-Jornal-64-sites.pdf>> Acesso em: 13 Abril. 2022.

⁶¹ Segundo Gonçalves (2005), o Budismo “É representado no Brasil por escolas japonesas, chinesas e coreanas. As escolas japonesas são as mais antigas em nosso país. Ainda que os imigrantes japoneses tenham chegado ao Brasil a partir de 1908, desenvolveram poucas atividades religiosas aqui, pois sua intenção era trabalhar no Brasil alguns anos, amediar um patrimônio e regressar ao Japão. Entretanto, a derrota do Japão tornou esse regresso impossível, e os nipônicos, resolvendo fazer do Brasil sua segunda pátria, trouxeram para cá suas instituições religiosas. As primeiras missões budistas oficiais remontam a 1952. (p. 201)

muitos valores, já não estava mais frequentando a religião católica e quis experimentar, né? (TAISHIN)

O elemento em evidência neste caso é a Yoga. As origens da Yoga no Brasil datam da década de 50, com a instalação de alguns professores da prática no país. Mas Yoga passa a ser mais difundida no Brasil a partir do ano de 1962, quando o tenente do exército José Hemógenes, um dos nomes mais conhecidos entre autores brasileiros na temática da Yoga, funda no estado do Rio de Janeiro a Academia Hermógenes de Yoga. Na década de 80, Cristina de Abreu, aluna de Hemógenes, passa a ensinar em João Pessoa-PB, marcando na mesma década a fundação Associação de Yoga da Paraíba (AYPB) (GNERRE, 2010). Monge Taishin faz parte, em alguma medida, deste contexto, tendo em vista o lugar de onde fala, que é João Pessoa e de seu interesse na prática desde a infância. Apesar do contexto, a relação entre a Yoga e o Zen Budismo ainda não fica clara, a não ser pela característica levantada anteriormente por Monge Kojun, ao se referir à “cultura oriental”, tendo em vista que a Yoga tem sua origem⁶² na Índia, um país também considerado “oriental”.

Sigo com o trecho extraído da entrevista realizada ao Monge Yakusan, ordenado pela Monja Coen Roshi, praticante do Via Zen (Porto Alegre/RS) e do Vila Zen (Viamão/RS). É médico e professor (UFCSPA e PUCRS). Sob o mesmo questionamento, diz o entrevistado:

(...) fiz um curso de meditação *mindfulness*, de meditação de atenção plena na Universidade de São Paulo, na UNIFESP, era um curso de oito semanas, e me tornei facilitador de *mindfulness*, fazendo cursos por aí, enfim... Ensinando para pacientes (...) E o *mindfulness* é mistura da meditação *vipassana* do Budismo *Theravada*, e do *zazen*, que é o que eu faço hoje em dia. (...) Estudei coisas do Ocidente, estudei *Kabbalah* por quinze anos, até chegar no Budismo através do *mindfulness* (YAKUSAN)

Desta vez, o elemento destacado é o *mindfulness*⁶³. Relacionado com práticas meditativas “(...) tende a instrumentalizar a meditação para os fins utilitários e pragmáticos da sociedade de produção e consumo, desprezando ou minorando a sua dimensão ética e sapiencial, ou espiritual, no sentido amplo e não necessariamente religioso atrás referido” (BORGES, 2017, p. 44). Segundo aborda Monge Yakusan, o *mindfulness* é um tipo de prática que utiliza como referência práticas meditativas budistas do Budismo Theravada⁶⁴ e do Budismo Zen, com o

⁶³ Segundo o Cambridge Dictionary, *mindfulness* significa “consciência plena”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/mindfulness> Acesso em: 31 mar. 2022.

⁶⁴ “(...) o Theravada ou Escola dos Anciões, às vezes impropriamente rotulada de Hinayana ou Pequeno Veículo. Dominante nos países do Sudeste Asiático (Tailândia, Sri Lanka, Myanmar), privilegia a vida monástica, a estrita observância de regras e preceitos e a prática da meditação. É representado no Brasil por três grupos principais:

Zazen⁶⁵. O que se percebe é que há uma espécie de secularização de uma prática religiosa proveniente de religiões de origem não-ocidentais⁶⁶. A (re)descoberta⁶⁷ progressiva da meditação pelo Ocidente, que datam do final do século XX e início do XXI, tem por característica o treinamento regular da mente, cujo objetivo é o desenvolvimento das capacidades de atenção, benefícios à saúde, cuidados paliativos, educação e desenvolvimento socio-profissional, desenvolvimentos cognitivo-afetivo, entre outras funcionalidades (BORGES, 2012). Este caráter utilitarista da meditação não se veria presente na meditação *Zen*, como afirmou Monge Taishin “Assim como você exercita seu ouvido para tocar música e tudo o mais, você exercita o comportamento. Mas o Zazen não é para isso. É uma prática religiosa, que tem objetivo religioso de libertar todos os seres. O Zazen não é para utilizar. É até um contrassenso do Budismo”. Em concordância com Taishin, para Merton (1997)

(...) no Ocidente, vivendo numa tradição de duro egoísmo, centrado no que é prático e dirigido inteiramente para a utilização e manipulação e tudo, passamos sempre de uma coisa à outra, da causa ao efeito, do primeiro ao seguinte, e ao último, voltando novamente ao primeiro. (...) O Zen tem a especial finalidade de causar frustração à mente que pensa em tais termos (p. 74)

Entretanto, é possível verificar que historicamente houve várias tentativas de aproximação entre o Budismo Zen e perspectivas ocidentais, assim como teria ocorrido com mestre zen Yamada Kuon Roshi (1907-1989), que promoveu em seu centro zen encontros entre budistas e cristãos, o que acabou por aumentar o número de praticantes ocidentais (USARSKI, 2009) e, conseqüentemente, algumas possíveis apropriações da prática. Em um material

1) Sociedade Budista do Brasil, fundada no Rio de Janeiro em 1955 e reativada em 1967 pelo budista brasileiro dr. Murillo Nunes de Azevedo com a minha colaboração; segue a orientação dos monges Theravadin do Sri Lanka; 2) Centro de Estudos Budistas Nalanda, sediado em Belo Horizonte, foi fundado em 1989 pelo prof. Ricardo Sasaki e segue a tradição thai-birmanesa; 3) Casa do Dharma, instituição sediada em São Paulo e presidida pelo antropólogo dr. Arthur Shaker” (GONÇALVES, 2005, p. 200-201). A (re)descoberta da meditação

⁶⁵ Principal prática meditativa do Zen Budismo. “Za” quer dizer “sentado”, e tenta-se traduzir “zen” do japonês para o português como “meditação”. Portanto, “Zazen” diz respeito a prática da “meditação sentada”.

⁶⁶ Segundo Borges (2017), “(...) aspectos essenciais da contemporânea redescoberta da meditação, bem como da sua natureza e presença na Antiguidade greco-latina, na Cristandade e no ensinamento do Buda, de onde procede a sua laicização sob a forma da *mindfulness*, pela qual está maioritariamente a ser conhecida e divulgado no Ocidente” (p. 15)

⁶⁷ Segundo Borges (2012), “(...) se falamos da (re)descoberta da meditação pelos ocidentais, é porque ela já fez parte da sua cultura, quer na Antiguidade greco-latina, quer na Idade Média cristã, tendo-se a partir daí esbatido mediante a progressiva e predominante orientação da mente humana, não para a observação e o conhecimento de si própria, mas para o conhecimento e o domínio

do mundo exterior”

divulgado pela Associação Internacional do Zen⁶⁸, vemos um forte apelo para atribuir ao Zazen utilidades não atribuídas a ele tradicionalmente. A exemplo disso, são apresentados alguns benefícios do Zazen no organismo, sendo alguns deles relacionados ao cérebro, resistência ao stress, equilíbrio nervoso, sono, além de benefícios psicológicos, como atenção e gestão das emoções, que o aproxima substancialmente do *mindfulness*.

Outros dois trechos que ampliam as possibilidades de relações dos entrevistados com o Zen Budismo são os seguintes, extraídos das entrevistas realizadas com Monja Jikiho e Monja Sodo, que assim como Taishin, são membros da comunidade zen-budista Daissen, de João Pessoa-PA, ordenadas por Monge Genshō:

A minha avó gostava muito de religiões e sobre espiritualidade. Ela me deu um livro pra ler, do Dalai Lama, que era “Ética para o novo milênio”. Ele falava sobre respeito e várias coisas. Eu li esse livro em um dia. Lembro que eu estava na casa dela e na volta da casa dela pegamos um congestionamento grande, e acabei lendo no ônibus metade do livro e terminei a outra de manhã. Gostei muito! Então, a partir daquele momento eu comecei dizer que eu era budista, porque... Sei lá, às vezes a gente diz que é católico só que a gente não pratica. Era como se fosse uma budista não praticante (JIKIHO)

Em 2001 eu vim para o Brasil, tentando achar alguma coisa que me preenchesse, que me desse respostas às minhas inquietações, àquela angustia existencial que tinha. Por acaso, me encontrei com um livro do Dalai Lama e eu li aquele livro (SODO)

Tanto Jikiho quanto Sodo expõem um primeiro contato com o Budismo a partir de obras publicadas sob a autoria de Dalai Lama. Este interesse poderia ter surgido por influência do processo de globalização e pelo interesse por culturas consideradas exóticas e esotéricas, tendo como motivação de parte dos brasileiros pelo Budismo por um aperfeiçoamento espiritual e intelectual absorvido por meio de leituras (Rocha, 2000). Além disso, existe uma particularidade nos textos do Dalai Lama, pois este se preocupou com a linguagem do seu conteúdo, tendo em vista que estamos falando de um líder religioso oriental em comunicação com leitores ao redor do mundo inteiro, especialmente os leitores ocidentais. Para dar conta deste desafio cultural, Dalai Lama utiliza de temas budistas sensíveis a qualquer ser-humano, seja ele religioso ou não. É como acontece quando o mesmo trata de temas como o sofrimento dentro do contexto ocidental. “Este paradoxo - o fato de encontrarmos com tanta frequência sofrimento interior, psicológico ou emocional, em meio à riqueza material - é algo que logo se percebe em grande parte do Ocidente” (DALAI LAMA, 2000,p. 17). Apelando para o

⁶⁸ Disponível em: <https://www.zen-azi.org/sites/default/files/brochure-zen-POR-WEB%20.pdf> Acesso em: 31 mar. 2022.

sofrimento, Dalai Lama amplia sua audiência, levando em conta este sentimento comum a todo ser-humano. Nesse sentido, Usarski (2009) apresenta alguns fatores que poderiam ter permitido terreno para este contato:

Não há dúvida de que, atualmente, o Budismo desfruta uma imagem muito positiva junto ao público e a mídia ocidentais. Além do interesse devido a atribuição de um caráter "exótico" ao Budismo, ele é considerado uma das grandes tradições religiosas mundiais, apreciação que impede sua marginalização no âmbito ocidental. Tudo isso promove um clima propício para o diálogo inter-religioso propriamente dito, também alimentado por visitas de representantes internacionais, sobretudo do Dalai Lama, que ganha seus auditórios com humor inteligente, discursos tolerantes e apelos em nome da paz. (p.147-148)

Estes discursos de tolerância e apelos em nome da paz estão presentes não apenas no Budismo Tibetano, mas também em diversas religiões espalhadas pelo mundo. Nesse seguimento, o Zen Budismo também traz sua contribuição discursiva em nome destes valores. Nas palavras de Usarski (2009)

A perspectiva orientada na experiência caracteriza-se por construir um vínculo com os ramos místicos em outras religiões, especialmente pela prática conjunta do zen. O acesso intelectual-filosófico busca, de forma especulativa, captar o "espírito atrás das letras" e pretende, portanto, alcançar as camadas de significado mais sutis e passíveis de consenso das mensagens religiosas. O princípio sóciopolítico-pragmático apresenta afinidades com o denominado Budismo socialmente engajada, que tem metas como a paz global ou a justiça social (p.185 -186)

Assim, é possível identificar um pequeno número de possibilidades acima relacionais que, supostamente, encaminharam os entrevistados à sua jornada de conversão ao Zen Budismo, seja por meio das artes, práticas ou leituras⁶⁹. Mas qual seria o elemento de ancoragem que transformaram seus interesses em "símbolos" primários em uma transformação religiosa configurada na materialidade da conversão? Será que existe algo em comum que preceda estes tópicos de interesse e que possa ter influenciado o fascínio pelo não-familiar, neste caso, ao Zen Budismo? Para ficar um pouco mais claro qual seria esta suposta singularidade, incluiremos a seguir alguns outros trechos de entrevistas, desta vez reservados ao grupo de "orientalistas", que apresentam outras nuances para além do Zen Budismo.

Nossa primeira entrevistada apresentada no perfil que nomeamos "orientalistas" se chama Marilene, moradora de Curitiba-PR, é professora de Tai Chi Chuan e também é acupunturista. Assim como Monge Kojun, e aos outros entrevistados em alguma medida,

⁶⁹ É claro que seriam necessários outros encontros com os entrevistados para verificar se de fato estas relações históricas levantadas correspondem com a trajetória até suas conversões ao Zen Budismo.

Marilene demonstrou desde cedo um interesse patente pela cultura oriental, como ela mesmo diz

Se a gente considerar o meridiano oriental como Oriente, diria que tenho total interesse por tudo! (risos) Por tudo que está no Oriente, até por esse excesso de cultura ocidental. Quero dizer, a gente cresce assistindo filme dos Estados Unidos, vendo desenho onde o Europeu, no castelo medieval, dá tiro no dragão... Na verdade, meu pai era filho de japoneses, então sem perceber muito, porque meu pai nunca foi uma figura ativa em casa, mas algumas coisas sempre foram despertando. Algumas coisas na alimentação, algumas coisas na forma de se comportar, algumas coisas eu trouxe dessa presença de ancestralidade. (...) Assistio séries coreanas, chinesas, gosto muito de filmes de *Bollywood*, então, só para dizer que desde série, *dorama* até práticas espiritualistas, e alimentação também, né? Tudo que eu posso provar de comida oriental... Até para efeito de curiosidade e para expandir um pouco os horizontes, porque a gente é muito massacrado por essa cultura eurocêntrica, digamos assim. (MARILENE).

Ainda que seu interesse pela cultura oriental a aproxime dos monges entrevistados, um componente que não pode passar despercebido é a ancestralidade. A ancestralidade teria sido um fator que teria contribuído para a sua tendência aos gostos orientais e, posteriormente, por suas representações, como ela mesmo menciona ao se referir à alimentação e ao comportamento, por exemplo. E no que diz respeito ainda à ancestralidade, sua vinculação à ideia de tradição é algo muito forte, pois é nela que a hereditariedade cultural marcam as permanências daquilo que é possível compartilhar de geração a geração, onde se incluem as representações por elas geradas. Para Hobsbawm (2002), uma característica das tradições é a sua continuidade artificial estabelecida com o passado, pois é por meio desta perpetuidade, a qual são efetuadas as repetições dos ritos familiares, que se legitimam os valores incutidos nas representações. E o compartilhamento dessas representações são características quantitativas de sua veiculação, bem como das interações sociais e comunicacionais que dela advém (MOSCOVICI, 2007).

Por outro lado, o consumo variado sobre a cultura oriental, ao se referir a séries e filmes orientais que ela afirma que consumia, também nos serve como demonstração de um gosto generalizado pela cultura oriental, tendo em vista a variedade de temas que estes formatos de conteúdo conseguem abordar, como é o caso das séries, doramas e filmes de *Bollywood*, todas, na acepção teórica das representações sociais, elementos do senso comum.

No Brasil os formatos de conteúdo de origem asiática, como os tokusatus, metal heroes e animes ficaram muito conhecidos a partir da década de 1960, com títulos mundialmente conhecidos como National Kid, Jaspion e Changeman, mas apenas em 1990 sua audiência passou a crescer significativamente na mídia brasileira, perdurando até os dias atuais (MADUREIRA, et al., 2014). Outros aspectos da cultura oriental mencionados são os da alimentação e da espiritualidade. Apesar de não haver especificações sobre quais alimentos ou práticas espirituais seriam estes, vale dizer que a entrevistada convidada após a participação do em um retiro budista, o Zazenkai, que é uma prática zen-budista onde se realizam meditações, palestras, leitura de sutras e ensinamentos, e que costumeiramente há o consumo de chás e doces⁷⁰. O evento em si exemplifica seus interesses por práticas espirituais, bem como o consumo de alimentos aos modos orientais. Todo este conglomerado de elementos da cultura oriental teria amadurecido os gostos de Marilene para práticas específicas, como o Tai Chi Chuan e a acupuntura, levando-a a novas significações ao acurrar seus interesses anteriormente amplos.

Outra entrevistada foi Nina, dançarina de dança do ventre, pesquisadora e fundadora do grupo Hunna Coletivo e mestra em História com ênfase em História Social. Embora acadêmica, Nina é aqui considerada como uma orientalista⁷¹. No trecho a seguir, Nina nos relata sobre seu interesse pela cultura oriental a partir de uma prática artística, que a teria levado a estudar o tema na universidade:

Comecei a me questionar sobre essa relação de nós ocidentais estarmos praticando essa dança. No caso, quando comecei a estudar orientalismo ainda era uma estudante amadora de dança do ventre, ainda não exercia isso enquanto profissional. Fui me profissionalizando na dança do ventre. Hoje eu dou aula também. Continuo estudando, mas também dou aula. **A partir deste lugar que eu entrei em contato com este “mundo oriental (NINA)**

Assim, é na dança do ventre que Nina enxerga o momento fundador das suas indagações sobre o “mundo ocidental”, mais tarde transformadas em pesquisa histórica. É interessante notar como Nina passou a se preocupar com a falta de consciência por parte das dançarinas, posição na qua ela se incluía, e afirma sobre a prática da dança oriental, “acho que falta um

⁷⁰ Este hábito é muito comum na tradicional Cerimônia do Chá, apreciado pelo Zen. Entretanto, devido a pandemia não foi possível realizar esta prática, pois o evento foi organizado de maneira virtual.

⁷¹ Considero seu contato primeiro com a dança do ventre a característica determinante da vinculação que crio entre ela e a categoria “orientalista”.

pouquinho de embasamento para as bailarinas irem procurar um pouco mais de formação mais factual e menos mitológica, que é uma questão que permeia muito a dança do ventre”. Em Nina vemos uma preocupação que nos identifica enquanto pesquisadores da História, levando-nos a um outro tipo de significação, que procura questionar essas autoridades presentes nas representações sociais, de modo especial àquelas que de alguma forma se vinculam a cultura oriental de maneira “ocidentalizante”, assim como é tratado em Said (1990). É por este motivo que uma pesquisa aos moldes acadêmicos se faz necessária, juntamente com a participação de vozes distintas, como a dos “Membros da Sangha” e “Orientalistas”, a fim de compreender por quais vias o processo se dar familiaridade ao não-familiar se constrói e como se reconstrói.

Assim, podemos considerar que até aqui o que se viu foram momentos da vida de cada um dos entrevistados, em que a atenção lhes foi dirigida a um certo objeto de observação e contato. Estas observações e contatos são tidos como um momento intrigante de curiosidade e dúvida, pois o interesse está direcionado aquilo pelo qual não se está habituado ou conhecido. Portanto, estão presentes as três etapas da objetivação propostas por Moscovici (2007). A primeira delas diz respeito a parte da informação disponível que é retida, ou seja, um elemento da cultura oriental é extraído do e no senso comum e balizado por normas e valores ocidentais⁷²; em seguida a esquematização, que estrutura as relações possíveis ao elemento da representação, que aqui se faz a partir de categorias já existentes, como por exemplo fazer do origami um elemento do artesanato, ou da Yoga um exercício físico, etc. na sequência a naturalização, em que a comparação e equivalência são formas de ação para tornar concreta a cultura oriental, que nos aproxima da assimilação do novo ao que já existe, que compreenderemos melhor ao tratar da “ancoragem”.

Ancoragem

A ideia central deste subtítulo está na frase “juntando as coisas” mencionado pelo Monge Kojun. Esse processo de construção e assimilação que os remete ao conceito de ancoragem é muitas vezes inconsciente e conjecturado por influências do imaginário coletivo. Neste caso, a hipótese é que este imaginário esteja vinculado e embasado na ideia de uma “cultura oriental” construída com base nas concepções ocidentais das culturas não-ocidentais.

⁷² Essas influências da cultura estão diretamente ligadas ao conceito de memória, pois é na cultura que a sociedade nos fornece os filtros que afetam os indivíduos que dela fazem parte, e assim fazem a seleção das informações retidas e guardadas em sua memória, evidenciando aquilo que serve, quanto experiência válida para a tomada de decisões futuras (SIMSON, 2003).

Deste modo, se faz necessário o uso do conceito de “orientalismo” para dar luz a esses processos inconscientes.

Entendo por orientalismo tanto um conceito, quanto um campo de estudo. Quanto conceito, baseado em Said (1990), compreendo o orientalismo como um processo representativo e de criação de autoridade sobre o “Outro”. Entendo este outro por uma relação dicotômica, ou seja, divididas entre os termos cultural ocidental e cultura oriental, das quais as representações são construídas socialmente pelo sujeito ocidental sobre o sujeito/objeto oriental, muitas vezes associada a um hibridismo pouco preciso em sua identificação. E enquanto campo de estudo, entendo como um esforço intelectual que busca de maneira mais sensata uma análise destas representações sobre o oriental, carregadas de autoridade, seja pela experiência adquirida em grupo ou pelo repertório herdado ao se aderir a um grupo. Assim como expressa Said (1990), ao se referir tanto no ato de representação, quanto no tratamento e análise de seu produto

O pensamento e a experiência modernos nos ensinaram a ser sensíveis ao que está implicado na representação, no estudo do Outro, na insensata e acrítica aceitação da autoridade e das idéias que carregam autoridade, no papel sócio-político dos intelectuais, no grande valor de uma consciência crítica. (p. 331)

Assim, levando em consideração as representações envolvidas no conceito de orientalismo, aproveitamos para inserir esse segundo elemento das representações sociais propostas por Moscovici: a ancoragem.

Por ancoragem entendo um tratamento das informações que passaram pelo processo de objetivação e que confere valor prático para a interpretação de tal “realidade”. Para Moscovici (2007), ancoragem é um processo que torna particular algo que era intrigante, ou seja, faz com que seja possível a existência de um novo paradigma e categoria que se julgam apropriadas a um elemento anteriormente estranho e perturbador. É aqui que a cultura oriental se evidencia, quanto elemento “intrigante” e que é nomeado e normalizado segundo uma nova ordem representativa criada, ainda que não corresponda com a realidade, para que dê conta dos novos significados atribuídos ao elemento em questão. Portanto, se na abordagem anterior tratei de como os entrevistados buscaram formas para lidar com a cultura oriental a princípio distante, agora tratei de apresentar como eles incorporaram tais elementos culturais nas suas vivências.

Neste sentido, utilizando dos próprios questionamentos de Said (1990) sobre as questões que envolvem a experiência humana, que neste trabalho se mostram através das memórias dos entrevistados, analiso “Como é que as ideias adquirem autoridade, ‘normalidade’ e até mesmo a condição de verdades ‘naturais’?” (p.330). É o que tentaremos ver ao identificar o processo que sucede a objetivação das representações sociais.

Ao avançar sobre questões mais específicas relativas às vivências dos entrevistados na sangha, podemos identificar não só uma familiaridade, como também uma autoridade em seus relatos, pois eles ancoram suas falas na condição de praticantes, e não mais meros entusiastas da cultura oriental. Para esta identificação, iniciemos com Monge Kojun:

Nós temos aqueles que se preocupam com um certo rigor, um certo cuidado para manter a tradição. Clarificando essa questão da filosofia, é que filosofia é uma coisa que surgiu na Grécia e permeia toda a cultura ocidental, porque nossa cultura é helênica. Então, aquilo que você faz no Oriente, você pode chamar de qualquer nome, mas não é filosofia. **Os métodos, o rigor filosófico do ocidente não se aplica ao Oriente ou à sabedoria oriental. Mas você pode fazer aproximações, pode ler um à luz do outro.** (...) Assim como, se a gente parar para pensar, posso pegar a Bíblia e começar a ler sob um ponto de vista filosófico, e vou encontrar muita sabedoria ali também, e muitas formas de interpretar e de estudar filosoficamente falando o conteúdo. Mas não é filosofia, é religião! (KOJUN)

Na mesma direção, Yakusan assim expõe:

Existe uma tentativa daninha de se falar... Youtubers, coachings falando isso, que Budismo é filosofia. Budismo não é filosofia, Budismo tem uma série de elementos filosóficos. (...) o Budismo tem todos os critérios para religião. Então ele é uma religião, ele não é filosofia, é permeado de elementos filosóficos. Se alguém quer utilizar quer usar esses elementos filosóficos na sua vida, ok, mas não chama de filosofia! Não vem dizer que é um modo de vida, porque Budismo é religião! Ele tem uma estrutura própria, tem um conjunto de ritos, de crenças, de elementos que remetem à religião.

Tanto em Kojun quanto em Yakusan é possível notar uma certa preocupação em classificar corretamente o Budismo, segundo suas próprias perspectivas, como religião e não filosofia. Em Kojun poderia se identificar que a comparação é um ato de compreensão do diferente, como uma maneira de se aproximar daquilo que nos é estranho utilizando-se de estruturas aparentemente comuns, assim como aspectos distintos entre os elementos comparados, como ocorre, por exemplo, nos estudos comparados de religiões. Entretanto, parece ser sedutora a ideia de se delimitar um aspecto alienígena aos moldes e categorias prontas e familiares, tais quais as categorias ocidentais “religião” e “filosofia”. Para Moscovici (2007), o ato de classificar algo significa um confinamento de um conjunto de tópicos comportamentais e de regulamentos que estipulem o que é e também o que não é permitido em relação aos indivíduos ou coisas pertencentes a esta “classe” de categoria. Nesse caso, as regras e comportamentos dizem respeito aos modos ocidentais, que enquadra o que era inclassificável e força a uma classificação existente, a fim de selecionar um paradigma em estoque e estabelecer relações com o objeto em questão, que no caso é o Budismo.

O Budismo é originário da Índia e historicamente praticado por grande parte dos países asiáticos, e muito possivelmente as categorias “religião” e “filosofia” surgiram para dar conta da disseminação da prática aos países ocidentais. Portanto, o fator de adaptação passa a ser necessário para se adequar à cultura ocidental, tendo em vista que o Budismo procurou historicamente sua expansão no globo. Neste seguimento, Monja Sodô nos frisa as origens do Budismo, acrescentando um novo elemento, o Budismo Zen brasileiro em paralelo ao Budismo Zen japonês.

O Budismo nasce na Índia com Shakiamuni Buda e a medida que ele vai se espalhando vai existindo o sincretismo com as religiões locais, então tem um sincretismo com o Taoísmo, com o Confucionismo na China, depois chega no Japão, que tem sincretismo com o Xintoísmo. Quando fui para o Japão, é muito interessante todo aquele misticismo, aquele esoterismo que não é próprio do Zen, mas sim essa mistura. E aqui nós estamos retornando para um Budismo mais tradicional, mais original de Shakiamuni Buda, sem tanto misticismo. Porque as pessoas daqui, diferente da China e do Japão, que buscam o Budismo, não buscam esse misticismo. Eles buscam algo mais ascético, então se deu a possibilidade de existir esse Budismo do tempo de Buda, sem tantos coloridos e sem tantos artifícios. Um Budismo mais puro de Buda e de Dogen (SODO)

Segundo Sodô, o Budismo japonês estaria intimamente ligado à uma religião tradicional do Japão, o Xintoísmo. Esta relação fez da vertente Zen uma das muitas outras vertentes do Budismo no Japão que de alguma forma compartilhasssem elementos do Xintoísmo, atribuindo a esta comunhão um sincretismo religioso. Segundo Usarski (2009), este fenômeno se manifesta devido à transplantação do Budismo para diversas regiões para além da sua terra de origem, assim foi preciso que houvessem negociações culturais para que sua adaptação pudesse ser possível tanto linguística, doutrinária quanto simbolicamente à culturas anfitriãs, sem levam em conta outros fatores de exposição como os fatores geográficos, sócioecoômicos, políticos e interesses religiosos multilaterais, aumentando a complexidade de sua disseminação. Enquanto ao Brasil, Monja Sodô nos dirá que sua disseminação resultou num Budismo “mais puro” do “tempo de Buda e de Dogen⁷³”. Em concordância a esse entendimento, Monja Jikiho assim também afirma:

Penso que o Budismo que nós temos no Brasil, em termos de prática, é muito rico. As pessoas pensam que vindo para cá é que elas vão praticar. Na verdade, a gente tem bastante qualidade nos retiros no Brasil (...) Só que aqui existe essa questão de que o que foi para o Ocidente foi o ideal, a base da prática. A

⁷³ Respectivamente, figura central do Budismo e o fundador da ordem Soto-Shu do Zen Budismo no Japão.

prática mais básica e mais pura que é o zazen. O zazen, os ensinamentos e todos os retiros que envolvem (JIKIHO)

Em Jikiho se reforça a ideia de uma prática “mais pura” do Budismo, apontando para o “Zazen”, a prática central do Zen Budismo de sua escola, um elemento de permanência em relação as suas origens históricas e mitológicas do tempo de Buda, que, segundo a entrevistada, no Brasil se demonstram tão fieis quanto àquelas praticadas no Japão. Mas, assim como nos fala Sodô, conforme o Budismo foi se expandindo nos países asiáticos, tal qual China, Coréia, Tibet, etc., a carga cultural de cada um desses países teria dado novas roupagens à religião. Estaria mesmo o Brasil imune a este sincretismo? Para Rocha (2006), no que diz respeito aos descendentes de japoneses no Brasil “Pertencer a duas religiões não é privilégio de nikkeis. No Japão é comum ser budista e xintoísta. Da mesma maneira, para os nikkeis, ser católico não exclui manter suas tradições culturais, que incluem o budismo” (p. 5).

Segundo Usarski (2004), não haveria dúvidas sobre as adaptações do Budismo no decorrer da sua história, assim como teria acontecido nos veículos clássicos como Theravada, Mahayana e Vajrayana, as condições culturais de cada país molda um novo Budismo, e para alguns autores já se nota a existência de um quarto veículo, relacionado aos países ocidentais “O termo "Budismo Ocidental"; ele diz respeito a correntes que se têm manifestado desde o último terço XIX sobretudo na Europa e nos Estados unidos, e posteriormente também em outros países / regiões como Austrália e América Latina” (USARSKI, 2009, p. 54). Portanto, no Brasil, onde temos majoritariamente uma sociedade que culturalmente pratica e é influenciada pelas religiões cristãs, seu peso cultural também recai sobre a religiões minoritárias, tais quais as religiões matrizes africanas, como a Umbanda e o Candomblé, que possuem elementos cristãos em seu repertório ritualístico. Curiosamente, Monge Taishin assim também se apercebe desta influência cultural no Brasil, mas para ele esta influência não interferiria no conteúdo original do Zen Budismo de sua escola.

A adaptação vai vir porque a gente é diferente. Então há uma diferença grande em como se pratica efetivamente pelos japoneses e pelos brasileiros, mas boa parte disso não está no conteúdo budista. Está na coisa mais superficial, na aparência das coisas, uma coisa mais superficial. (...) Mas o núcleo do Zen, da meditação Zen é o mesmo. Então, a meditação que a gente faz, o zazen que a gente faz, é o mesmo que o dos japoneses. A gente tem a diferença cultural! Os templos japoneses, por causa da adaptação que foi feita no Japão durante séculos, tem uma maneira de fabricar o Budismo japonês. Cheia dessas superstições, dos costumes japoneses, que não tem nada haver com o Budismo (...) Eu vejo que a adaptação é muito mais de aparência, do que de conteúdo.

Onde a gente parecer diferente, é isso. Parece diferente! Porque é só a casca, é só a cultura (TAISHIN)

Para Moscovici (2007), as conclusões formadas por este processo de ancoragem podem se manifestar de duas formas: particularização e generalização. Segundo o autor, para que se torne familiar o não familiar é preciso se embasar em protótipos ou paradigmas prontos, assim é possível realizar aproximações de elementos supostamente comuns para torna-los significativos na mente de cada indivíduo. No caso de Taishin, podemos verificar a generalização dos elementos culturais que constituem os países anfitriões do Budismo, ao se referir a eles como uma “casca”, ou seja, fazendo uma metáfora às nomenclaturas biológicas que se dão as partes de uma fruta, o epicarpo é a cultura e o endocarpo, núcleo duro do fruto, é o budismo em sua “pureza”, como colocou Jikiho. Portanto, o que nos parece é que se generaliza a questão cultural como uma roupagem, mas talvez não se perceba o quão expressivas e decisivas são as influências das culturas mundo afora no redesenho de um Budismo cada vez mais diverso e distanciado das origens “puras” como aquelas praticadas por Shakiamuni Buda e seus seguidores.

Deste modo, podemos perceber que todos os monges em alguma medida tomam liberdade para interpretar e lançar mão de suas autoridades como convertidos e ordenados sobre questões que envolvem elementos da cultura oriental, principalmente àquelas relacionadas ao Budismo, criando assim representações sociais através de uma nova significação, ou, mais do que isto, refletindo sobre uma realidade imersa nesse processo de apropriação do Ocidente da cultura oriental, que aqui compreendemos como o processo de ancoragem. Mas agora façamos novamente um paralelo com o segundo grupo, o grupo dos orientalistas.

No fragmento a seguir Marilene volta a falar das representações sociais sobre a cultura oriental, mas apresenta uma nova postura frente àquilo que antes era fascínio e curiosidade:

A Yoga você faz sentado, você faz posturas, o Tai Chi você faz de pé, zazen você faz sentado, mas, na verdade, a essência é a mesma. A essência é você despertar o espírito, a essência é você sair desse estado mental barulhento e agitado. Acredito que o cerne bem profundo, quando a gente tira todas essas cascas de material, do plano físico... Ah, não! Mas aquele ali está de pé, aquele ali está sentado assim”, mas quando você tira tudo isso e olha profundamente o que está sendo feito, todas as práticas trabalham a mesma coisa. Então, para mim, hoje eu não consigo separar. Não vejo meu Tai Chi sem meditação e não vejo a meditação sem o Tai Chi (MARILENE)

Nesse trecho Marilene fala sobre as características que permeiam determinadas práticas orientais, com enfoque na meditação. Entretanto, agora ela fala sob a autoridade de uma professora de Tai Chi Chuan, falando não apenas da sua prática, mas também as comparando e

diferindo de outras práticas como a Yoga e o Zazen. Assim como Kojun, esse paralelo comparativo, “um à luz do outro”, demonstra certa liberdade para tratar de assuntos pelos quais já se tem certo domínio, o que nos leva um segundo elemento participe deste juízo, a “essência”. Segundo Marilene, existe uma “essência” que atravessa todas essas práticas, uma suposta singularidade que faz de cada um desses objetos se munirem de uma mesma aura.

Levando em conta a hipótese de que esta “aura” se trata justamente da “cultura oriental”, podemos verificar os dois processos nos quais as representações sociais se manifestam, ou seja na objetivação e ancoragem. Enquanto anteriormente na objetivação o indivíduo se esbarrava em um aspecto da cultura oriental, causando uma série de sentimentos primários, como curiosidade, fascínio e estranheza, em sua trajetória estes mesmos objetos passam a pertencer socialmente em cada um dos indivíduos, capturando o desconhecido e o tornando reconhecível através de experiências compartilhadas em grupo, revestidas de verdades. Essas verdades, por sua vez se reforçam através senso comum e em seus símbolos, causando a sensação de materialidade daquilo que era imaterial ou vazio em significados. Para Simson (2003), estes significados manifestados através das representações mnemônicas estão diretamente ligados às experiências vividas ou daquelas que tomamos consciência no dia-a-dia. É como se com o tempo da experiência permitisse a totalidade do fragmento, atingida por meio da autoridade do pertencimento dos sujeitos a determinados círculos sociais, ainda que seu conteúdo permaneça especulativo.

Para Wachelke e Camargo (2007), a relação entre representações sociais e as representações individuais nos ajudam a compreender tanto os contextos pelos quais certas representações são construídas, quanto as variabilidades que estas representações podem ser manifestadas e influenciadas por suas crenças⁷⁴. Neste sentido, ainda que os indivíduos possuam crenças que colocam em questionamento as representações do grupo aos quais pertencem, os mesmos sabem que a base para tal comportamento está atrelada às representações sociais, como referência para a existência dela própria.

Talvez um caminho para evitar a especulação seja aquele adotado por Nina, ao se preocupar com a diferenciação daquilo que é derivado do senso comum e daquilo que é historicamente verificável. Assim afirma Nina:

A gente procura referências, principalmente egípcias, mas do mundo árabe como um todo. (...) minhas necessidades maiores eram de entender a questão folclórica, que é uma coisa que permeia as danças. Então entender o que é

⁷⁴ Segundo Wachelke e Camargo (2007), o processo que leva ao acionamento das representações individuais são particulares, e fazem parte de “constructos psicológicos associados”, ainda que este esteja englobado a uma modalidade das representações sociais, cabe enfatizar que dar importância a estes fenômenos mais individualizados são essenciais para compreender as interações entre o ator e o objeto social, que neste caso está atrelado às experiências particulares dos entrevistados e da sua vinculação aos símbolos do grupo ao qual fazem parte e que dizem respeito à “cultura oriental”.

folclore, o que não é folclore, o que a gente chama de folclore do mundo oriental... Para entender melhor esses contextos, essas sociedades, essas populações, essas localizações geográficas (NINA)

No trecho, Nina nos fala de sua preocupação com os elementos que permeiam a dança, como por exemplo, aquilo que marca o folclórico na dança e os contextos sociais que a inserem neste “mundo oriental”. Embora no exemplo de Nina temos as representações sociais seguindo um novo rumo, mais voltado para uma interpretação acadêmica com critérios de análise e metodologias de tratamento das fontes, entendo que ainda se trate de representações sociais, não de um olhar teórico e/ou científico, cabe ressaltar. Sua visão acadêmica do orientalismo está de acordo com a interpretação de uma terceira via do orientalismo, voltada para a academia, explicada por André Bueno, que dirá que “podemos perfeitamente nos utilizar de nossos métodos, contanto que seja para compreender – e não provar uma concepção *a priori* – o que se apresenta no decurso de nossos estudos sobre outra civilização” (p. 51). Portanto, compreendendo que não somos orientais e por isso devemos ter cautela com tais representações, ao mesmo passo que devemos dar importância à problematização do senso comum e aos instrumentos científicos para construção de novos saberes, não como um fim, mas como um meio de não encerrar as representações com novas representações, mas sim com um estudo conduzido cientificamente e que nos gere novas questões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta a memória não apenas como um repositório de lembranças, mas como uma tomada de decisão dos grupos e indivíduos que dele fazem parte, frente a um passado em comum, cada entrevistado performa os processos de significação das experiências vividas ou herdadas através das representações sociais. Estes processos podem ser verificados em etapas, aqui analisadas através dos conceitos de objetivação e ancoragem.

Cada entrevistado demonstra por quais vias suas representações sociais se legitimam e criam autoridade. Pelos monges vemos uma forte tendência em ancorar suas significações a partir de suas vivências como membros de um grupo, ou seja, da sangha. Mas parecem desconsiderar com frequência as memórias herdadas pela cultura da qual fazem parte, ou seja, a cultura ocidental. Portanto, apesar de estarem praticando uma religião de origem oriental, suas representações sobre a mesma são afetadas pelos filtros de seus próprios contextos históricos e culturais. Neste sentido, as representações por ele manifestadas, tanto em fase de reconhecimento e familiarização (objetivação), quanto na fase final de categorização, significação e apresentação (ancoragem), estão embebidas de discursos orientalistas.

Talvez em Nina possamos perceber uma exceção no que tange às representações sociais

com apelo orientalista, pois como pesquisadora e praticante de dança do ventre, conseguiu chegar a algumas conclusões que dialogam com o senso comum. Ela nos ajuda compreender a sistematização da ideia de como aspectos da cultura oriental levam a uma compreensão totalizante e limitada da própria cultura oriental. É pela experiência que as representações sociais carregadas de autoridade são geradas, em um primeiro momento como esforço de compreensão do diferente baseado na concepção coletiva que se tem sobre a cultura oriental e em seguida uma significação baseado na autoridade de uma experiência vivida ou herdada, que no caso de Nina, vai para a via dos estudos acadêmicos.

Outra característica a se ressaltar seriam as relações que se estabelecem entre os grupos “membros da sangha” e “orientalistas”. Segundo, Wachekhe e Camargo (2007), relacionar as representações sociais, que aqui se manifestam através de memórias, aos fenômenos intergrupais e sociais enriquecem as análises que podem ser feitas através de atitudes, causalidades, estereótipos, etc., E, ainda que procuremos “admitir que o pensamento do indivíduo é uma modalidade de pensamento social, seguramente há alguns aspectos que lhe são mais particulares” (p. 389). Concluo destacando que o conceito de Orientalismo (SaidXX) segue sendo norteador para os estudos sobre o Oriente no Ocidente, contudo, análises pautadas nas bases das Representações Sociais, bem como na metodologia da História Oral podem, conforme defendi até aqui, contribuir para um entendimento mais processual e menos estanque desses fenômenos culturais e sociais.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Editora FGV, 2018.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. **O que a história oral ensina à história pública**. Que história pública queremos. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 101-120.

BORGES, Paulo. A meditação entre Oriente e Ocidente ou a atual e urgente redescoberta de um antigo paradigma. **Humanística e Teologia**, v. 33, n. 2, p. 617-634, 2012.

BORGES, Paulo. **Meditação, a Liberdade Silenciosa**. Edições Mahatma: 2017.

CAMPOS, Laiza Suelen Barroso. **Benedita e Manoel**: memórias do fenômeno migratório (Nordeste e Sul). (Dissertação de Mestrado) Unespar. Paraná, 2021.

DALAI LAMA, **Uma ética para o novo milênio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DE MORAES SIMSON, Olga Rodrigues. Memória, cultura e poder na sociedade do

esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, n. 6, p. 14-18, 2003.

DOS SANTOS, Jose Luiz. **O que é cultura**. Brasiliense, 2017.

GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Identidades e paradoxos do yoga no brasil: caminho espiritual, prática de relaxamento ou atividade física?. **Fronteiras**, v. 12, n. 21, p. 247-270, 2010.

GONÇALVES, R. M. As flores do dharma desabrocham sob o Cruzeiro do Sul. **Revista USP**, p. 198-207, 2005.

GONÇALVES, Ricardo Mário. A introdução do Budismo no Japão. **Estudos japoneses**, v. 8, p. 53-60, 1988.

HAMILTON, Paula. 'Speak, Memory': Current issues in Oral and Public History. In: ASHTON, Paul;TRAPEZNIK,Alex. (Editores). **What Is Public History Globally? Working with the Past in the Present**. London, Bloomsbury, 2019. p. 213-224.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MADUREIRA, Alessandra Vinco A. Calixto; MONTEIRO, Daniela de Souza Mazur Monteiro; URBANO, Krystal Cortez Luz. **Fãs, mediação e cultura midiática: dramas asiáticos no Brasil**. Jornada Internacional GEMInIS. São Carlos-São Paulo-13 a, v. 15, 2014.

MAUAD, Ana Maria. **Usos do passado e história pública no Brasil: a trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982-2017)**. História Crítica, n. 68, p. 27-45, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro**. Revista de história, n. 155, p. 191-203, 2006.

MERTON, Thomas. **Zen e as aves de rapina**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

PORTELLI, Alessandro et al. O que faz a história oral diferente. Projeto História: **Revista do Programa de estudos pós-graduados de História**, v. 14, 1997.

ROCHA, Cristina. Rezando Preces Budistas e Católicas: A Crioulizacao de Rituais Zen no Brasil. **Ponto de Encontro**, n. 1, 2006.

SAID, Edward W. **O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das

Letras,1990.

SHOJI, Rafael. Uma perspectiva analítica para os convertidos ao Budismo japonês no Brasil. **Rever**, v. 2, n. 2, p. 85-111, 2002.

SHOPES, Linda. **A evolução do relacionamento entre história oral e história pública.** História pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, p. 71-84, 2016.

SILVA, Valdir Pierote; BARROS, Denise Dias. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 68-73, 2010.

UENO, Thaís Regina. **Do origami tradicional ao origami arquitetônico:** uma trajetória histórica e técnica do artesanato oriental em papel e suas aplicações no design contemporâneo. Bauru, Brasil, 2003.

USARSKI, Frank. **O budismo e as outras:** encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais. Idéias & letras, 2009.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações sociais, representações individuais e comportamento. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, v. 41, n. 3, p. 379-390, 2007.

WATTS, Alan. **The way of Zen.** Vintage, 1999.

ARTIGO 3

PODSATVA: UMA TENTATIVA DE PRODUÇÃO DE UMA HISTÓRIA “COM” O PÚBLICO

INTRODUÇÃO⁷⁴

Quanto mais prestamos atenção ao som, seja rádio, na internet, em trilhas sonoras ou mesmo no nosso cotidiano, mais criamos. Se a arte de contar a história é importante no documentário, descobrir novas formas de veiculação também passa a ser uma arte (MIGLORANCIA; FONTEERRADA, 2011, p. 133)

Este artigo tem como objetivo principal relatar sobre a experiência adquirida na construção do material propositivo em formato de podcast. Além disso, serão trabalhadas as aproximações entre a História Pública e História Oral em seus usos direcionados à produção deste material em áudio. A produção da escrita se vincula a linha de pesquisa “saberes e linguagens” do Programa de Pós-Graduação em História Pública História principalmente aos direcionamentos dados às práticas fundamentadas nas oralidades e às representações religiosas, além da sua ligação com as combinações de linguagens estruturadas segundo os usos de recursos tecnológicos selecionados para a produção do material propositivo.

Primeiramente, uma breve explanação sobre o podcast. Segundo Assis (2011), o termo podcast deriva da expressão *podcasting*, que surgiu a partir da junção do prefixo “pod”, que faz referência aos aparelhos de reprodução de mídias da Apple, o iPod, com o sufixo “casting”, derivado do termo “broadcasting”, cujo significado tem relação com a ideia de ampla transmissão. As características atribuídas ao podcast, segundo Assis (2011):

(...) é uma mídia relativamente nova – comparada com o rádio e até mesmo com a internet – (...) Ele permite que conteúdo digital em praticamente qualquer formato seja transmitido para o usuário com relativa facilidade. Ao mesmo tempo, essa mídia pode ser consumida em diferentes meios, desde o computador até aparelhos móveis como o iPod, MP3 players e celulares (p. 56)

No Brasil, o podcast teria surgido em 2004 (NASCIMENTO, 2021)⁷⁵, no mesmo ano em que Adam Cury utilizou o termo para caracterizar conteúdo em formato de áudio

⁷⁴ O texto faz parte de uma pesquisa de História Pública que se inicia na figura de Monja Coen.

⁷⁵ Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/65964240/Analise_Aud-ioestrutural_do_Podcast_uma_proposta_metodologica_para_chamar_de_nossa-with-cover-page-

distribuídos na rede (SOARES; MIRANDA, 2018). Desde o seu surgimento, alguns podcasts tornaram-se referência neste formato de publicação de conteúdo, onde se destacam, entre outros de notável relevância no país, os premiados pelo Prêmio IBest⁷⁶: “Flow podcast”, “Nerdcast” e “O Assunto”.

A escolha do podcast neste trabalho surge da preocupação na História Pública com o papel do historiador no processo de divulgação dos conteúdos históricos. Segundo Carvalho (2019),

o “triunfo da história” não apenas persiste como também se desdobrou em outros tantos objetos que são vorazmente consumidos no meio social: biografias, *blogs*, documentários, *podcasts*, filmes palestras, jogos de tabuleiro, jogos eletrônicos, jogos de cartas, eventos comemorativos, aplicativos, vídeos, um canal de televisão totalmente dedicado à História e toda sorte de “produtos históricos” (p. 9, *grifo do autor*)

Entretanto, ainda é diminuta a preocupação de historiadores no empenho da divulgação de seus próprios trabalhos a um público mais amplo (CARVALHO, 2019). Talvez este hábito se perpetue pois “Os meios de comunicação tradicionais mais influentes têm o poder de definir a notoriedade pública, bem como proporcionar aos “notórios” uma série de vantagens anexadas a essa autoridade conferida” (RODRIGUES, 2019, p. 75). Deste modo, escolheu-se trabalhar com forma alternativa de divulgação histórica para que os esforços desta pesquisa não se direcionem apenas a uma parcela seleta da comunidade acadêmica.

Desta forma, o trabalho carrega em si o potencial para o diálogo, no momento em que se opta pela diversificação da linguagem, principalmente no que se refere aos recursos tecnológicos de divulgação. Ao se referir às fontes orais, por exemplo, Mauad (2018) diz que

o uso de fontes orais e visuais na produção do texto histórico impõe ao historiador outro desafio que, aos poucos, vai sendo enfrentado: o uso de outras linguagens para compor uma nova narrativa histórica que dê conta da dimensão intertextual estabelecida entre palavras e imagens (p. 36)

Então, ao assumir usos variados da linguagem adotando o uso do podcast, consideramos que sua estrutura deve levar em conta a identificação dos seguintes elementos, inspirado em Nascimento (2021): linguagem; gênero; plataforma; origem; apresentação; interatividade;

v2.pdf?Expires=1666926680&Signature=ecZU0BONliuYWYaKjzXiO8IqO45kYd11R3IBFExV8VNPfugmX-Jyqn2kmeIm85NqkkqcX1o88AiF7fUF7763P--uz5qxJnJ1DOoBB2fbMTy579UhUh5bCPo5TojXHUV-uCBeEZt5eNs2UcPErEjlkF7DauJYyRD2JjPArPCIKfHzFdHKpm~DIrANclU9W1WviDtHytoYO39d3oQOr3BYg1F7rHvg lcMkFYaFOwuZHkTx-F7Zyltc2Rf0IKDc1vODChC4eLzmU4UeaI9mQoGE6bHg0uvfiCkEqxKTYrWugIOcxPPkbodOKkC4ZQZ~j~031S5E4TcLA9sTUIj1VQLEmA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA Acesso em:

⁷⁶ Prêmio anual oferecido aos melhores produtores do mercado digital.

participação; expansão; duração; design sonoro; estrutura do episódio; tema/título; palavra destaque; minutagem; repetição; identificação do episódio; fonte.

No que diz respeito à produção do podcast, segundo Assis (2012), é necessário “poder gravar e editar um arquivo de áudio ou vídeo, armazená-lo na internet em algum servidor, produzir um feed e divulgá-lo. Para todas essas ações existem tanto iniciativas gratuitas quanto pagas” (p. 52). Portanto, foi escolhido o software *Audacity*⁷⁷ para a realização da gravação e edição do conteúdo.

Vale salientar que o podcast desenvolvido teve como temática as discussões que envolvem, primeiramente, a cultura oriental, seguida da especificação deste campo maior, recortado no contexto do Zen Budismo, tanto a nível internacional, quanto a nível nacional, além de trazer casos particulares de sua vivência a partir de falas de entusiastas da cultura oriental e de religiosos, com destaque à figura de Monja Coen.

Agora que vimos um pouco sobre como teria surgido e disseminado o formato do podcast, características fundamentais e temática, a seguir faremos uma descrição do processo de desenvolvimento do material em formato de podcast, destacando a pretensão de uma construção conjunta e colaborativa, onde procuramos fazer referência à produção de uma história pública *com* o público. Deste modo, apresentaremos quem foram os envolvidos neste intento, como foram realizados os contatos, quais suas motivações para a participação deste projeto e contribuições no processo. Além disso, faremos uma breve análise do conteúdo, dando atenção à estrutura do podcast (escolha da trilha, blocos, edições, etc.) e do teor das conversas, seus levantamentos e problemas. Por fim, faremos as considerações finais, destacando os potenciais e limites de uma história produzida *com* o público. Mas, antes façamos algumas considerações sobre a relação entre as metodologias utilizadas neste trabalho.

1.0 PODCAST E HISTÓRIA ORAL

A escolha do podcast como formato de construção e divulgação do conhecimento histórico se deu pelo ímpeto da história pública, que procura nesta relação de cooperação a construção de narrativas que vão de encontro com as necessidades de indivíduos e grupos de se colocarem quanto agentes de construção do conhecimento histórico a partir de ambientes não

⁷⁷ 47 “O Audacity é um programa gratuito para gravação e edição de áudio, ideal para quem quer registrar faixas de música ou realizar modificações nelas. Com suas ferramentas, é possível acessar funções profissionais de um programa de edição, como criação de diferentes trilhas, adição de efeitos, renderização e mixagem” CÂMARA, Marlon. Tech Tudo. Como usar o Audacity? Disponível em <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2012/02/como-usar-o-audacity.ghtml>> Acesso em: 25 out. 2021.

necessariamente convencionais, como aqueles que há muito vem ocorrendo tradicionalmente no espaço acadêmico. Assim o podcast torna-se um veículo favorável, tanto no acesso a públicos distintos, tendo em vista a sua amplitude e veiculação facilitada. É como descreve De Medeiros (2005):

A principal característica do Podcasting é a produção descentralizada típica dos fenômenos produzidos no ciberespaço. Em tal fenômeno, o produtor do conteúdo tem a opção de não inserir seu produto numa programação ou fluxo predeterminado de transmissão sonora, como acontece com as transmissões radiofônicas. O produto é disponibilizado na Internet ficando a cargo do ouvinte decidir o momento em que deverá ouvi-lo (p. 1)

Assim, podemos atribuir às características do podcast, um meio de comunicação ampliado que facilita o acesso as audiências e potencializa a comunicação com públicos e nichos diversos. Ou seja, estamos falando da participação e interação com público nas mais variadas dimensões oferecidas pela dinâmica virtual, tal qual afirma De Medeiros (2005):

Os usuários agem na rede de forma diferenciada assumindo papéis que vão desde receptores de conteúdo até emissores ou produtores de conteúdo. Não são apenas leitores, são também consumidores, redatores, ouvintes, espectadores. O “poder de emissão”, que emanava centralizado nas mídias convencionais, hoje, está nas mãos dos usuários da rede. Eles determinam o que vão ler, ouvir, ver e, ao mesmo tempo, podem interagir enviando críticas, sugestões, opiniões, não mais em tempo diferido, como eram as cartas enviadas para as redações dos jornais algumas décadas atrás (p. 4)

Entretanto, vale salientar que a categoria “história pública” neste trabalho está muito mais relacionada a um laboratório do que necessariamente rotular este trabalho como um produto de “história pública”, muito menos atribuir aos envolvidos desta iniciativa o rótulo de “historiadores públicos”. Esta consideração pode ser compreendida com base na reflexão de Ricardo Santhiago em entrevista realizada no ano de 2019 para a Revista Epígrafe:

Alguém que não é um profissional, um escritor que escreve um romance histórico, é um historiador público? Não sei. Alguém que está em casa, que é simplesmente um leitor voraz e está fazendo um podcast bem informado, está escrevendo um texto de divulgação bem informado, é um historiador público? Não sei. O que eu acho é que a prática da história pública é maior que o historiador. E prefiro pensar menos no historiador e mais na história pública, menos em quem é que está fazendo e mais no que é que está sendo feito. Acho que isso é mais interessante de fato: pensar a história pública como uma prática e como um acontecimento social, que é alimentado por muita gente: dos historiadores às pessoas que estão em suas casas e acessando a hemeroteca digital da Biblioteca Nacional por seu próprio prazer, pela sua própria fruição (FERNANDES, SILVA, NETO, 2020, p.313)

Assim, afirmamos neste tópico nosso enfoque na história pública enquanto prática e acontecimento social, que reuni direta ou indiretamente tanto historiadores e acadêmicos de

várias áreas, quanto representantes de grupos distintos, tal qual ocorreu neste intento, para tratar de um mesmo assunto, que aqui se dirige à cultura oriental e suas relações com o orientalismo discutidas nesta ambientação fonográfica.

Além disso, a escolha do podcast como formato para este “acontecimento social”, como bem colocou Santhiago, se deu para além de uma predileção estética que o formato proporciona, mas também pela viabilidade material que a produção do mesmo necessita:

A “facilidade de adicionar informações” e conteúdos na rede é um dado que endossa o fenômeno do Podcasting. Qualquer usuário munido de um microfone e um software de áudio pode produzir seu programa de rádio (ou de qualquer outro tipo de arquivo sonoro) personalizado e emití-lo sem qualquer intermediação diretamente para um ouvinte na rede, o qual poderá ouvir o conteúdo no momento em que bem entender (DE MEDEIROS, 2005, p. 5)

E para dar conta desta iniciativa, escolhemos mesclar a metodologia do podcast com elementos da História Oral, tendo em vista a invocação de trechos de entrevistas durante os episódios, que continham memórias sobre a temática selecionada. Para tanto, se faz necessário o entendimento dos usos que este trabalho faz da história oral.

A história oral, enquanto pesquisa de caráter qualitativo, visa neste trabalho uma abordagem pluridisciplinar, atribuindo a ela “a capacidade de reconstruir mapas sociais que representem uma realidade coerente da sociedade” (CASSAB, 2004, p. 7). Deste modo, seus usos se configuram através dos fragmentos, que registram emoções, paixões, olhares, perspectivas diversas, bem como suas sutilezas. Por meio dela foi possível “captar as vozes ocultas pelo saber oficializado, construído por meio de documentos convencionais, principalmente escritos” (MEIHY, 2006, p.197). E por este motivo particular que a história oral se vincula à história pública de maneira tão intimista, pois sua corporificação aos meios distintos de veiculação, tal qual o podcast, favorecem a ampliação de um público não necessariamente acadêmico, através de um conjunto de ações conscientes do profissional da história na evocação da memória (SANTHIAGO, 2011). Portanto, seus usos vão além da convencionalidade à ferramenta que também é apresentada através de recursos auditivos, mas de uma tentativa de enriquecer e expressar aspectos da narrativa que não seriam percebidas se fossem apenas transcritas, como a intencionalidade das pausas, das variações de ritmo que cada sentença ou palavra é proferida, das respirações, da altura, etc. Este tipo de efeito narrativo está diretamente relacionado à linguagem escolhida na comunicação. Por sua vez, a escolha da linguagem é um aspecto fundamental neste processo, tendo em vista sua capacidade de transitar e complementar outros formatos. E de encontro a este ponto de vista, Mauad (2018) apresenta algumas características fundamentais do seu uso:

As linguagens e formas de comunicação humanas devem ser analisadas do

ponto de vista de uma intertextualidade que as perpassa, associando-as entre si, como base da experiência humana. Ressalta-se que a noção de intertextualidade não é uma mera associação formal, mas a condição básica que atribui sentido a tais textos, o que resulta do fato de estarem todos eles referidos a grupos sociais específicos que interagem na dinâmica histórica (p. 35)

Aqui, por intertextualidade compreende-se a superposição e influência dos textos, assim como ocorre nesta iniciativa de se associar entrevistas com os diálogos ofertados no podcast, ambos acionando memórias e evidenciando relações históricas. Além disso, o diálogo intertextual também se vê presente na contínua relação entre as narrativas construídas nesta dissertação e dos confrontamentos e vinculações aportadas junto as transcrições integrais das entrevistas⁷⁹.

Deste modo, cada participante apresenta sua versão narrativa embasadas em suas vivências e identificações com seu local de fala. Neste seguimento nos dirá Mauad que

os sujeitos individuais organizados coletivamente em comunidades de sentido realizam esse exercício de identificação por meio de uma experiência comum de passado -- nesse contexto o conceito de memória e seus desdobramentos filosóficos ganham espaço nos estudos históricos (MAUAD, 2018, p.30)

Estas comunidades de sentido, por sua vez, podem ser constituídas e criadas a partir de certo grau de envolvimento com os pontos de interesse de um determinado número de indivíduos, tendo em vista as intersecções que determinados assuntos proporcionam. Essas intersecções vão ocorrer entre os hosts e os envolvidos com os trechos de entrevistas justamente na relação que estes têm com a cultura oriental. Estas aproximações se manifestam a partir do momento em que são acionadas suas memórias, o que coloca em jogo as dimensões individuais, coletivas e também suas naturezas subjetivas. Entretanto, o fenômeno por trás da memória é historicamente debatido, e não há consenso sobre sua manifestação. Neste sentido, há um jogo de forças interpretativo, principalmente sobre sua natureza e proveniência da memória e que pode ser introduzido, em algumas de suas vertentes, em Rios (2013), que procura apresentar e conciliar tais perspectivas, partindo de Halbwachs (2006), que atribui à memória um fenômeno essencialmente coletivo, Pollak (1992), que ressalta a importância da formação da memória em

⁷⁹ As transcrições integrais das entrevistas, tanto aquelas utilizadas no podcast, quanto outras tantas da mesma temática, se encontram em anexo.

seu cerne individual, e em Sarlo (2007), com uma perspectiva mais subjetiva da construção mnemônica quanto discurso. Assim, sintetiza Rios (2013)

a memória apresenta de fato um caráter coletivo que não pode ser negado. No entanto, isso não significa que o indivíduo se encontre totalmente alijado do processo de formação de lembranças. O sujeito tem suas próprias recordações, assim como também desfruta de certo nível de liberdade, consciência e poder de ação em todos os níveis da vida social. A memória não é totalmente coletiva, nem tampouco totalmente individual. A consideração do poder de agência dos indivíduos nos permite observar a articulação entre indivíduo e sociedade, ação e estrutura, numa dialética que evidencia que os planos micro e macro-sociológicos são complementares e não podem ser entendidos de modo isolado (p. 19).

Ainda sobre esta discussão, em contraponto, o filósofo Paul Ricoeur se utilizará da fenomenologia da memória, ponderando a relação entre memória pessoal e coletiva. Baseado essencialmente em problemas levantados por Halbwachs, Ricoeur (2007) apresenta a “denúncia de uma atribuição ilusória da lembrança a nós mesmos, quando pretendemos ser seus possuidores originários” (p. 132). Segundo o autor, são compreendidos os atores sociais como aqueles que se “apoiam” nas lembranças dos grupos aos quais pertencem. Entretanto, Ricoeur adverte que a dimensão individual não se anula em Halbwachs, pois seus “pontos de vistas” são gerados espontaneamente no próprio ato de “se recolcar” de grupo em grupo. Portanto, esta aporia coloca em cheque a natureza da memória, sendo ela supostamente constituída pelos grupos e pelos indivíduos que deles participam, transitam ou se desvinculam.

E levando em conta os perfis de entrevistados, podemos concluir que esta ilusão é de certa forma identificável, pois é no momento em que o depoente inicia o processo de lembrança, ao expor a memória se flagram os posicionamentos e vieses do grupo ao qual pertence. Para Ricoeur (2007), baseado nos ideários leibnizianos, “o sentimento da unidade do eu deriva desse pensamento coletivo” (p. 133) e que estes “são indivíduos que se lembram enquanto membros do grupo” (p.133). Ao mesmo tempo em que são flagradas nas memórias as influências pessoais dos indivíduos, quando estes passam a aderir ao grupo ao qual fazem parte, carregando repertórios e experiências particulares.

2.0. CONTATOS, ENVOLVIDOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES

O podcast *Podsatva* foi uma iniciativa que procurou ser executada de maneira colaborativa, baseado na ideia de uma “autoridade compartilhada”⁸⁰. Esta ideia é inspirada na

⁸⁰ A autoridade compartilhada, ou *shared authority*, sugere que é da natureza da história pública não colocar o historiador como uma única autoridade, pois o processo de interpretação e de construção e significados são, por definição, compartilhados. Um diálogo entre a “expertise” e “experiência” (FRISCH, 2016)

metáfora de Michael Frisch onde em uma “cozinha” com seus variados “cozinheiros” na posse de uma diversidade de “ingredientes” se propõem “cozinhar” juntos para a produção de um cardápio que expressem a participação de cada integrante, e que na produção do conhecimento histórico se apresentaria no diálogo entre a “expertise” do historiador e a “experiência” de indivíduos dos mais variados perfis presentes em nossa sociedade. Portanto, foram realizadas algumas pesquisas para potenciais colaboradores. A pesquisa se dividiu em dois grupos, “membros da sangha”, que seriam os monges ordenados pela ordem Soto Shu do Zen Budismo no Brasil, e o segundo grupo denominados “orientalistas”, que dizem respeito a sujeitos ocidentais que possuem algum contato com a cultura oriental. Entretanto, vale ressaltar que o primeiro grupo contatado se mostrou relutante em participar desta iniciativa, pois justificavam ser noviços e demonstraram se sentirem desconfortáveis em falarem dos seus mestres para um público, tendo em vista que Monja Coen seria um dos assuntos tratados no podcast. Já o segundo grupo se apresentou mais disposto para participar da construção do material.

Assim, foram contatados dois participantes⁸¹ que colaboraram com o conteúdo do podcast, quanto representantes de um nicho de audiência da cultura oriental no Brasil, pautando assuntos que julgassem pertinentes à temática juntamente às colocações e comentários do pesquisador, que representa a figura do historiador nesta iniciativa. Portanto, o primeiro contatado foi Samuel Sifu, professor de Kung Fu, e o segundo foi Frater Goya, estudioso de magia e professor de Tai Chi Chuan. As conversas foram realizadas em sua pré-produção via Whatsapp, como veremos à seguir.

⁸¹ Além do pesquisador que vos fala e que foi responsável pela contatação dos demais participantes.

Figura 7 - Criação do grupo no WhatsApp



Fonte: Autoria Própria

Figura 8 - Envio do Roteiro



Fonte: Autoria Própria

Figura 9 - Pareceres



Fonte: Autoria Própria

Na Figura 7 temos a criação do grupo, seguido do primeiro contato com os três membros. Além do conteúdo, podemos verificar alguns elementos interessantes que já nos servem de análise.

Na Figura 8 vemos o administrador do grupo agradecendo pela participação dos demais participantes. A anuência de Frater Goya e Samuel Sifu foram manifestadas em forma de imagens. Estas imagens já podem trazer alguns indícios dos usos de elementos da cultura oriental sob a influência do imaginário ocidental e que exemplificam o perfil “orientalista”, que na perspectiva de Said (1990), são fruto de operação mental advindas da domesticação do exótico, dizendo que

“elas acontecem entre todas as culturas, certamente, e entre todos os homens. O que pretendo, contudo, é enfatizar a verdade de que o orientalista, como qualquer pessoa no Ocidente que pense ou experimente o Oriente, desempenhou esse tipo de operação mental. Mas o que é ainda mais importante são os vocábulos e imagens limitados que se impuseram em consequência” (p. 70).

Assim, nas imagens podemos ver na ordem de publicação a figura de um desenho que se parece muito com um elemento da etiqueta chinesa de cumprimento Bàoquán Lǐ (抱拳禮), uma saudação marcial utilizada por praticantes de artes marciais. Frater Goya é professor de Tai Chi Chuan, uma arte marcial chinesa. Portanto, o uso do cumprimento é parte naturalizada de sua comunicação. Enquanto, Sifu Samuel publica uma figura desenhada do Doutor Estranho,

um personagem da Marvel Comics, criado pelo roteirista Stan Lee e pelo desenhista Steve Ditko, tendo sua primeira aparição nas histórias em quadrinhos em *Strange Tales #110*, numa edição de julho de 1963. Esta personagem possui em seu *background* a alcunha de “Mestre Supremos das Artes Místicas”, que é embebido de referências orientais caricaturescas temos a alusão à mística tibetana dentre as muitas origens de suas habilidades mágicas, o que torna a personagem parte desta mesma “aura oriental”. Assim, tanto Sifu Samuel, quanto Frater Goya apresentam indícios de um imaginário que os influencia, consciente ou inconscientemente.

No que diz respeito aos indícios, segundo Ginzburg (1990), o método indiciário morelliano, que também teria influenciado a psicanálise de Freud, reserva atenção aos detalhes aparentemente frívolos, cuja proposta é “(...) um método interpretativo centrado sobre resíduos, sobre dados marginais, considerados reveladores” (p. 149). Assim, no caso das imagens anteriores apresentam rastros que apontam o imaginário ocidental sobre a “cultura oriental”, que por sua vez se referem à combinação do conceito de imaginário, onde selecionamos a explicação de Laplatine (2017), com base em Freud, que diz “Qualquer manifestação da imagem representa uma espécie de intermediário entre um inconsciente não manifesto e uma tomada de consciência ativa. Daí ela possuir um pensamento indireto no qual um significante ativo remete a um significado obscuro” (p. 36). Ou seja, o pensamento indireto manifestado pelo significante ativo, ainda que inconsciente, da imagem da “cultura oriental” que se tem age sobre a linguagem, manifestando “significados obscuros” trazidos à luz por meio da detecção dos indícios fúteis, tais como apresentados nas figuras. Enquanto o atributo ocidental deste imaginário está voltado para uma identificação particular do Oriente, que segundo Said (1990)

Tomando o final do século XVIII como um ponto de partida muito grosseiramente definido, orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com elefazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (p.15)

Assim, podemos verificar em ambas as imagens algumas possíveis referências indiciárias a este imaginário ocidental, cujo conceito de orientalismo contribui para sua melhor sua compreensão, como veremos um pouco mais a frente quando tratarmos de analisar o conteúdo do Podsatva.

Na Figura 10 vemos os pareceres dos integrantes do grupo sobre o roteiro. Mas como consta na imagem, não temos uma participação efetiva do grupo, pois somente Sifu Samuel

decidiu fazer uma simples modificação no que diz respeito à sua própria apresentação no roteiro. Portanto, a construção do roteiro ficou praticamente sob a responsabilidade de Renan.

Sobre a gravação da conversa, ela ocorreu na residência do Frater Goya, pois o mesmo disponibilizou equipamentos para a captação do áudio. Os áudios foram captados através de um aparelho, o gravador estéreo modelo Taskam DR-22WL. Foram captados mais de 4 horas de áudio, divididos em dois dias de gravação.

3.0. DESENVOLVIMENTO DO PODSATVA

Inicialmente, seria gravado apenas um único episódio do podsatva, pois aproveitaríamos para gravar todo o material em um único dia. Esta decisão havia sido tomada em respeito a agenda dos participantes. Entretanto, devido maior disponibilidade a gravação⁸² ocorreu em dois dias, 2 e 9 de junho de 2022, totalizando mais de 4 horas de material bruto. Em virtude do tamanho, por orientação do Frater Goya, que, por experiência própria⁸³, sugeriu que o material fosse dividido em cinco episódios.

⁸² Para Migloracia e Fonterrada (2011), o pesquisador pode considerar três formas básicas para se considerar uma gravação, que neste intento também consideramos. Assim dizem os autores: “na primeira, o microfone, uma extensão do ouvido do pesquisador, segue o som que lhe interessa, produzindo um recorte ou uma ‘lupa’; na segunda forma de gravação, o microfone procura um ponto fixo onde se desenrola todo o acontecimento; por fim, o microfone é o ponto focal da sessão de gravação, organizada de acordo com as indicações do pesquisador” (p. 131).

⁸³ Frater Goya faz parte de duas iniciativas de podcast, que são o “No Bico do Corvo”, que é gravado com outros colaboradores, e seu podcast particular, o “Frater Goya”. Ambos podem ser acessados em agregadores de podcast, como o Google Podcast e Spotify (<https://podcasts.google.com/>).

Figura 10 - Dia de gravação na residência do Frater Goya



Fonte: Autoria Própria

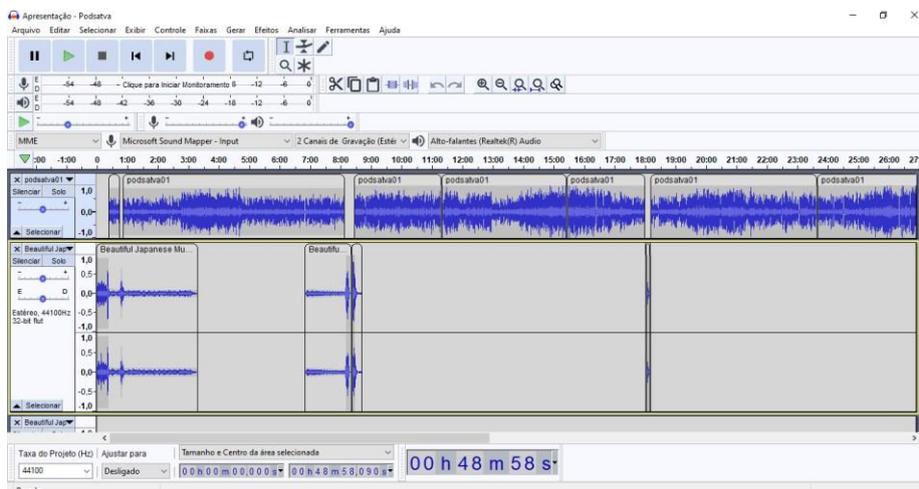
No que diz respeito a edição, a compreendemos como uma etapa que marca a identidade do material, pois é nela que se organizam as narrativas e componentes auditivos para compor tanto a aparência, quanto a intencionalidade por traz de cada corte e transposição de falas e sons. Em um artigo voltado para a escrita videográfica, de Mauad e Dumas (2011), podemos notar algumas relações muito próximas da edição também realizadas na confecção do podcast. Elas vão dizer que “na ilha da edição que vamos definir o tipo de corte e da passagem entre as imagens (sonoras) selecionadas; o tempo que cada uma delas permanecerá na tela; a relação, dada pela mixagem dos sons, entre os níveis de narração, áudio e trilha sonora” (p. 94). Portanto, é na edição que estão direcionados os aspectos da estética, forma e ritmo do produto em sua apresentação final.

Vale dizer que esta etapa em questão também foi colaborativa, levando em conta a participação de Frater Goya, que ficou responsável pela equalização e carregamento do material em áudio na nuvem, além de Renan Lourenço da Fonseca, ficou responsável pela edição, onde se incluem os cortes, trilha sonora e vinhetas. O software de edição escolhido foi o Audacity. A escolha deste programa ocorreu com a familiaridade que o editor possuía devido a uma oficina sobre de podcast ofertada pelo próprio PPGHP (Programa de Pós-graduação em História Pública) da Unespar, no ano de 2020, ministrada por Talita de Kássia da Silva Ferraz⁸⁴, além

⁸⁴ Formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Assis Gurgacz (FAG). Pós Graduada em Mídias Sociais pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (CENTRO FAG). Mestranda em História Pública pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Atualmente é professora dos cursos de graduação: Jornalismo, Design Gráfico e Publicidade e Propaganda do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. Possui experiência profissional em: planejamento estratégico, redação publicitária, educomunicação, mídias sociais e jornalismo comunitário. Foi sócia proprietária do Estúdio Merengue, um estúdio de planejamento estratégico e Branding em Cascavel-PR (2018 - 2020). Atuou como bolsista da Universidade Sem

de possuir certificação no curso de produção de podcast, ministrado pelo professor Evandro Paixão e disponibilizado pela plataforma Sympla⁸⁵, finalizado no ano de 2022.

Figura 11 - Edição do episódio piloto utilizando o software Audacity



Fonte: Autoria Própria

A trilha sonora foi pensada para se criar um ambiente de personalidade para o Podsatva Inspirado na descrição de Mauad e Dumas (2011) na produção videográfica, nos apropriamos para compreender da mesma forma o podcast, em que

o nível da trilha sonora visa valorizar a dramaticidade do enredo e dos materiais sonoros e imagéticos incluídos no documentário. (...) conduz a atenção do espectador para sequências consideradas importantes para a compreensão do argumento. A trilha sonora terá, ainda, a missão de dar cunho subjetivante ao trabalho, verbalizando opções estéticas do realizador (p. 94)

Estes elementos podem ser observados nas trilhas de abertura, som de fundo, vírgulas sonoras e vinhetas do Podsatva, que foram selecionadas segundo inspiração da própria temática, fortemente marcada pela “cultura oriental”⁸⁶.

A narração foi um elemento introduzido à edição do podcast afim de atingir basicamente um único objetivo específico, que seria o de apresentar cada um dos episódios. Devido a fragmentação do Podsatva em cinco episódios, foi necessária a introdução de cada um deles, pois apenas o episódio piloto foi apresentado por Renan Lourenço da Fonseca quando ainda se

Fronteiras no projeto: Memória e Identidade do Povo Kaingang na T.I de Rio das Cobras, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

⁸⁵ <https://www.symppla.com.br/>

⁸⁶ Vale dizer que a trilha sonora é um elemento passível de crítica, tendo em vista a caricatura sonora de uma ambientação “oriental” denunciada pelo conceito de Orientalismo contido em Said.

pensava a gravação de um único episódio. Com a mudança, foram necessárias novas aberturas para os episódios de dois a cinco. Estas aberturas consistiram basicamente na apresentação ao ouvinte às temáticas de cada um dos episódios.

Para a realização da hospedagem dos episódios escolhemos o Anchor. O Anchor é uma plataforma gratuita que permite gravar, editar e organizar podcasts com relativa facilidade, pois possui interface amigável e de simples manipulação. Apesar de suas múltiplas funcionalidades, escolhemos utilizar apenas as funções de importação e distribuição do podcast para plataformas, tal qual Spotify e outros.

Um outro elemento utilizado foram os trechos das entrevistas aproveitadas de uma pesquisa voltada para a metodologia da História Oral. A escolha dos trechos de entrevistas ocorreu pois havia a necessidade de se pautar não apenas os temas propostos, como cultura oriental, Zen Budismo, etc., mas de se introduzir outras vozes no diálogo e que tratassem do assunto de modo mais representativo e autêntico, tendo em vista as vivências e opiniões manifestadas através de suas memórias. Esta escolha se deu com intuito de se preservar a “substância” da fonte, tal qual defendeu Mauad e Dumas (2011):

para que as fontes orais, visuais e sonoras sejam objeto de reflexão histórica e acompanham o texto historiográfico, elas devem ter sua *substância preservada*. Assim, a sonoridade e a visualidade, que definem sua natureza de fonte histórica, devem fazer parte da análise do objeto. Para tanto, devemos observar com precisão como essas fontes se inscrevem na pesquisa histórica (p. 83)

Deste modo, levando em conta a entrevista como um momento de ruptura do cotidiano, ou seja, momento no qual é possível se refletir e falar sobre o cotidiano como uma espécie de condicionamento de suspensão no tempo, há qualidades e riquezas nelas contidas. É o que Schmidt e Mahfoud (1993) vão chamar de "situação de entrevista"

Esta elaboração tem uma qualidade, uma especificidade e uma riqueza próprias da situação de entrevista. Isto permite rebater a crítica de que a entrevista é um instrumento limitado por promover uma situação artificial, uma vez que a ruptura de uma situação corriqueira promove uma certa percepção e uma certa elaboração da experiência cotidiana, dificilmente captáveis apenas através de observações etnográfica (p. 296)

Esta iniciativa nos ajuda a tornar a polifonia uma possibilidade interessante, pois a história pública tem procurado, em sua essência, o desafio de se trabalhar com públicos, tendo como um de seus muitos objetivos o de se alcançar novas e mais amplas audiências para além da comunidade acadêmica.

4.0. UMA BREVE ANÁLISE DOS EPISÓDIOS

4.1. PODSATVA #001 (PILOTO!)

Neste episódio de lançamento, temos a introdução do Podsatva como um podcast de iniciativa da história pública, cuja proposta é trabalhar assuntos voltados para a cultura oriental. Nele temos a participação inicial de Renan Lourenço da Fonseca como host, e ficou responsável pela explicação dos primeiros direcionamentos. Dentre os direcionamentos estão a apresentação dos “co-hosts”, Frater Goya, mago e professor de Tai Chi Chuan, e Sifu Samuel, professor de Kung Fu. Na abertura do diálogo foram levantadas algumas perguntas. A primeira delas foi voltada para o interesse dos participantes na cultura oriental em suas origens particulares. Enquanto Sifu Samuel fala do bombardeamento de filmes de Kung Fu na televisão, “Cresci com Bruce Lee gritando na televisão”, também levanta uma questão familiar voltada à tradição e que pode representar peculiaridades do orientalismo.

“Descobri que meu pai queria muito ter um menino para seguir a linhagem. Fazer mesmo como é pregado que os orientais fazem! E eu ouvi isso pré-adolescente e falei ‘Nossa! Preciso levar isso a sério!’”. Treino desde criança de forma lúdica, mas pensei que deveria levar mais a sério” (SAMUEL, Sifu)

Ao se referir aos povos não ocidentais, Sifu fala de algo “pregado que os orientais fazem”. Esta referência aos modos orientais é uma questão discutida em Said, ao se tratar do “Outro” como uma abstração extraída de textos que representam civilizações inteiras do dito Oriente clássico. Estes textos podem ser compreendidos não apenas em materiais escritos, mas também em filmes como aqueles consumidos por Sifu Samuel, e provavelmente por seu pai, de quem herdou seu interesse por Kung Fu. Por outro lado, Frater Goya, quanto mago, praticante da medicina chinesa e instrutor de Tai Chi Chuan, atribui seu interesse pelo orientalismo dizendo que “vai por essa via do esotérico e depois ela descamba na medicina tradicional chinesa, na prática do Tai Chi Chuan (...). E principalmente para *compreender o ser humano como um todo*”. Assim, seu interesse pela temática se manifesta através dos estudos holísticos voltados para um conhecimento mais institucionalizado.

A minha formação vem principalmente pelo estudo do esotérico. Esotérico com “s”, que é aquilo que é mais interno às instituições. Então quando você pensa a própria religiosidade, ela tem um meio exotérico e um meio esotérico. Exotérico é quando a pessoa vai na igreja, na missa, no culto, coisas assim. E o lado esotérico é o estudo da teologia, da formação do próprio sacerdote, etc. (GOYA, Frater)

Segundo Eduardo da Silva Bueno, é possível atribuir aos estudos orientalistas duas visões, a academicista e a esotérica. A visão academicista do orientalismo está vinculada às universidades, contendo duas fases deste orientalismo acadêmico. Uma delas iniciada no século

XIX até a metade do século XX, em que se procurava justificar o colonialismo e imperialismo ocidental (BUENO, 2012). Por volta do século XIX, o orientalismo era visto com grande entusiasmo por eruditos, principalmente sinólogos, islamistas e indo-europeístas, tendo como exemplo a produção de Raymond Shwab, em sua enciclopédia *La Renaissance orientale*, que descreve um Oriente sinônimo de exotismo e mistério (SAID, 1990). Enquanto a segunda fase ao longo do século XX forçou a mudança desta linha de pensamento carregada de preconceitos, com forte influência do socialismo e da globalização. Já a visão esotérica teria surgido como uma espécie de alternativa à suposta malfadada tentativa da ciência da religião ocidental em dar explicações sobre o Oriente, pois elas haveriam apelado para uma perspectiva salvacionista do mundo, seja na cura dos males fisiológicos da humanidade ou da melhora essencialmente espiritual, assim como nos dirá Bueno (2012) ao se referir às pautas caras à visão esotérica, que seriam os

Fenômenos de controle do corpo e da mente, demonstrados pela ioga, a sabedoria simples e eficaz dos ditos e a medicina dos chineses, tudo isso compunha um cenário bucólico de uma insuspeita evolução sagrada que havia abandonado a tecnologia em prol do bem-estar humano. Tratava-se de um paraíso perdido, a Shangri-lá que muitos exploradores ainda procuravam no século +19 em plena Ásia (p. 45)

No depoimento do Frater Goya vemos uma mescla entre as duas visões apresentadas em Bueno (2012), tendo em vista a menção ao “esotérico” e à “teologia”, ainda que seu perfil pese mais para um dos lados.

4.2. PODSATVA #002

O segundo episódio procurou abordar as dificuldades de ser monge zen budista no Brasil. Para isso, foram trazidos trechos de entrevistas com os monges zen budistas Kojun e Taishin, e os hosts teceram opiniões e manifestaram memórias para discutir o que havia sido ouvido. Uma questão levantada foi a fragmentação do ocidental em desassociar os afazeres cotidianos, como se houvesse alguma incoerência em exercer várias funções. Em trecho monge Kojun diz que “eu tenho trabalho o dia inteiro para ser só monge, só que não tenho remuneração”, ao apontar as dificuldades em ser professor universitário enquanto continua na vida monástica. Por sua vez, Frater Goya se identifica com tal dilema dizendo “Eu também tenho essa dupla jornada e entendo como as vezes você se vê esticado entre duas realidades” (GOYA, Frater). Em consonância a esta colocação, Sifu Samuel apresenta uma memória sobre a fragmentação dos indivíduos em função de suas várias tarefas:

Eu morei com uma família japonesa e a matriarca fazia yakisoba e sushi para vender. Então ela fazia isso de manhã e vendia na hora do almoço, ficava na

rua para trabalhar de Uber até quatro horas mais ou menos, voltava pra casa, limpava a casa, produzia juzu, que eram as contas dos “terços” do Budismo que ela praticava e na parte da noite ela trabalhava no salão que ela tinha no fundo da casa dela. (...) O primeiro impacto que eu tive foi: você é Uber, cozinheira, produz artesanato ou cabelereira? (SAMUEL, Sifu).

Para Capra (1982), esta divisão pode ser percebida na hierarquização das espécies trabalho presente na cultura ocidental, em que o reconhecimento ou status do trabalho está diretamente ligado ao impacto e durabilidade que ele proporciona, como por exemplo o preparo de refeições, varrer o chão, cortar a grama e que ela está em contraste com o que propõe

Essa hierarquia de trabalho é exatamente a inversa à das tradições espirituais. Aí, o trabalho de elevada entropia é altamente apreciado e desempenha um papel significativo no ritual cotidiano da prática espiritual. Os monges budistas consideram a culinária, a jardinagem ou o asseio da casa parte de suas atividades meditativas, e os frades e freiras cristãos têm uma longa tradição na agricultura, na enfermagem e em outros serviços (CAPRA, 1982)

4.3. PODSATVA #003

O terceiro episódio vai tratar das peculiaridades da cultura japonesa, trazendo aspectos interessantes da vivência de alguns entrevistados, como por exemplo no caso de Marilene, que trará um pouco da sua vivência na década de 1980 sobre seu contato com a cultura japonesa. Ela vai dizer que “a minha infância, por exemplo, foi regada de Cavaleiros do Zodíaco, de Dragon Ball Z, de Jaspion, de Jiraya, de Changeman... (...) Nos anos oitenta e até o final de setenta, oitenta era uma forma que o Oriente chegava até nós”. Esta abertura as produções estrangeiras, particularmente os mangás e animes japoneses, foram acontecendo no mesmo período em que as “diretas já” tomavam força no Brasil, que diminuí significativamente a censura a esses conteúdos com o enfraquecimento do poder dos militares. Soares (2019) trata de falar como foram recebidos estas novas publicações e transmissões no Brasil na década de 80:

As publicações nacionais inspiradas na cultura pop japonesas principalmente nos tokusatus, fez com que cada vez mais uma parcela grande do público brasileiro começasse a olhar com outros olhos para aquele estranho jeito de contar histórias, pouco a pouco as pessoas (jovens e adultos) que eram entusiastas das obras nacionais de mangas, começavam a procurar meios de consumir esse material diretamente do Japão, as editoras da época vendo o mercado que cada vez se abria mais para esse meio, a partir da metade da década de 1980 começou a trazer mangas com historias originais do Japão (p. 59)

Este momento do episódio vai de encontro com o que foi falado no episódio piloto, sobre o impacto dos conteúdos japoneses na televisão brasileira, forçando a audiência à “fabricação” de uma caricatura da cultura japonesa e reduzindo-a a um imaginário filtrado pelas artes marciais coreografadas propositadamente para chamar a atenção através do exagero estético, desde o período em que se tornou abundante o consumo televisivo de cultura pop japonesa.

4.4. PODSATVA #004

O terceiro episódio procurou discutir o Budismo em um exercício comparativo a religião em suas particularidades originais e das suas adaptações em países estrangeiros, principalmente em sua disseminação no Ocidente e no Brasil. Ao lançar a reprodução da entrevista realizada com o Monge Taishin, um termo colocado por ele chamou a atenção, o “Budismo de pé-grande”. Segundo esta expressão, os pé-grandes representariam os países estrangeiros e não originários do Budismo, e que procuram reproduzir seus dogmas e rituais, porém acabaram por “destruir” as estruturas importantes da religião.

Um ponto levantado por Sifu Samuel em sua experiência como praticante budista da vertente Nichiren Daishonin seria o dos possíveis reducionismo e simplificações da prática, assim como a influência supostamente indevida das religiões ocidentais. Para tratar desse tópico, nos dirá Sifu “vivencia meia dúzia de coisas e acha que aquilo ali é praticar Budismo. Acha que Budismo é raspar a cabeça, acha que é ter uma estátua do Buda em casa... Umas coisas bem superficiais! Isso quando a gente não acaba mesclando com as religiões ocidentais” (SAMUEL, Sifu). Segundo Usarski (2009), a lógica ocidental acaba por criar imposições simbólicas sobre religiões estrangeiras, especialmente as não-cristãs

Aqui, o Cristianismo tem desfrutado o papel de protagonista capaz de impor suas regras sobre o jogo, algo mais difícil ou até mesmo impossível para uma religião que sofre de escassez de capital simbólico público e de poder político. Além disso, muitos budistas que se relacionam sob essas condições com o Cristianismo são conversos, ou seja, internalizaram, no decorrer de sua socialização primária, ideias e valores relacionados a convicções, atitudes e posturas em realizadas na lógica ocidental, que, por sua vez, é impensável sem levar em consideração o papel constitutivo da tradição judaico-cristã. (USARSKI,, 2009, p. 147)

Neste sentido, para Frater Goya, seria importante tomar um posicionamento ético em relação à compreensão de elementos da cultura alheia, ele dirá que “Você precisa entender um povo pela ótica daquele povo e não pela ótica do estrangeiro!” (GOYA, Frater). Neste sentido,

Bueno (2012) propõe uma nova perspectiva dos estudos orientalistas que corroborem com a construção de um conhecimento ocidental sobre o Oriente

não somos orientais nem podemos pretender sê-lo (como os esotéricos anseiam), por uma série de questões que englobam a estrutura de nosso processo de formação cultural. No entanto, devemos asseverar a importância do senso crítico e da capacidade que temos de utilizar as ciências como instrumento (e não como fim) do conhecimento (BUENO, 2012, p. 50)

Este posicionamento intelectual vai de encontro com o que Said (1990) tratou de chamar de “consequências éticas” sobre os estudos do ser humano na sociedade utilizando do pensamento e experiência modernos

O pensamento e a experiência modernos nos ensinaram a ser sensíveis ao que está implicado na representação, no estudo do Outro, na insensata e acrítica aceitação da autoridade e das idéias que carregam autoridade, no papel sócio-político dos intelectuais, no grande valor de uma consciência crítica. Talvez, se lembrarmos que o estudo da experiência humana tem uma consequência ética, para não dizer política, no pior ou no melhor sentido, não ficaremos indiferentes ao que fazemos como estudiosos. E que melhor norma pode haver para o estudioso que a liberdade e o conhecimento humanos? Talvez devêssemos lembrar também que o estudo do homem na sociedade está baseado na história e na experiência humanas concretas, e não em abstrações solenes, ou em leis obscuras ou sistemas arbitrários. O problema, então, é fazer com que o estudo se ajuste de certo modo seja moldado pela experiência, que seria iluminada talvez mudada pelo estudo (SAID, 1990, p. 331)

Portanto, em concordância com Bueno (2012), acreditamos que o melhor seria “terceira visão” dos estudos orientalistas, que revise a visão acadêmica para que não se minimizem as diferenças do objeto de estudo a nossa própria experiência para que não se reforce a insensata “autoridade”, mencionada por Said (1990). Assim, o intuito da pesquisa passa a ser o de “compreender” e não “provar” algo sobre um aspecto cultural de outra civilização.

4.5. PODSATVA #005

Este episódio é o último de uma série de episódios realizados em conjunto com Frater Goya e Sifu Samuel. Desta vez, o tema girou em torno de Monja Coen, quanto figura religiosa e também influenciadora digital. Sifu Samuel compreende o trabalho de Monja Coen na internet como algo positivo, dizendo “Eu acredito que o que ela faz no YouTube é muito bom! Independente se ela está sendo superficial ou não. É óbvio! (...) Ela traz de forma diluída porque não é fácil a prática! Não é simples! Não é ficar só sentado e fazer o mudra com a mão”. Para André (2018), as mudanças proporcionadas pelas novas mídias permitiram aumentar a

variabilidade das audiências, tendo em vista as motivações distintas que muitas delas tem ao consumir conteúdos da Monja Coen

A migração de mídia permite alcançar um número maior de interessados em assuntos relacionados ao Zen, adeptos ou não do Budismo, e que o procuram com múltiplos fins, desde conhecer a visão da religião oriental sobre a mediunidade até obter respostas para lidar com problemas de natureza terapêutica (ANDRÉ, 2018, p. 1264)

Frater Goya levanta ainda as vantagens de se utilizar plataformas como o YouTube para pessoas que não tem condições de comparecer presencialmente em espaços tradicionalmente budistas, como os templos.

Às vezes você tem uma pessoa que está numa cidade com mil, duas mil pessoas e ele nunca vai ter acesso a uma Monja Coen, porque mora numa comunidade agrícola e nunca teve... Vamos pegar aqui em Roncador! Por exemplo o Palmital do 43, tem um colégio ali que o telefone mais perto acaba onze quadras antes do colégio, quase um quilometro e tanto antes do colégio, o último telefone. A comunidade que mora ali, a maior parte delas nunca foi para Roncador! É zona rural de Roncador e as pessoas nunca foram para a cidade ao qual pertence o distrito deles. Então qual a chance de uma pessoa dessas conhecer ou estudar o Budismo? Agora se essa pessoa consegue de alguma forma o acesso à internet aí isso muda de figura (GOYA)

Esta menção à internet como um fator de mudança nas estruturas de relações sociais é uma realidade na medida em que a tecnologia é introduzida aos grupos, especialmente aqueles isolados geograficamente, proporcionando uma alternativa de comunicação e trocas. Assim como afirma Recuero (2009)

“Outra diferença importante gerada pela Internet é o advento dos laços sociais *mantidos a distância*. O desenvolvimento tecnológico proporcionou uma certa flexibilidade na manutenção e criação de laços sociais, uma vez que permitiu que eles fossem dispersos espacialmente” (p.44)

No que diz respeito à Monja Coen, seus discursos religiosos extrapolam a necessidade tradicional da “presença física” do adepto a um templo, pois seus vídeos se dirigem tanto aqueles já convertidos, como também às audiências cujo interesse pelo Budismo Zen também implicitamente desperta, tal qual menciona André (2018)

Os vídeos da Monja Coen postados no canal MOVA inserem-se no movimento de constituição de uma cyber sangha, (...) Isso implica não apenas numa modificação dos meios de comunicação com os potenciais praticantes, saindo dos espaços físicos e adentrando nos meios virtuais (p. 1264)

Assim, o fenômeno da cyber-sangha, quanto manifestação religiosa budista nas redes, se evidencia através de conteúdos catalisadores, tal qual ocorre com as publicações de Monja Coen no YouTube, uma figura pública que amplia as audiências de um tema tão nichado no Brasil através de linguagens e saberes menos ortodoxos, o que pode ocasionar eventualmente

críticas ao pequeno núcleo duro de convertidos aos Zen Budismo. Mas isto já seria assunto para outro artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “casamento” metodológico realizado para tratar de dois formatos distintos não se demonstrou um grande desafio, tendo em vista as aproximações que ambos têm com as oralidades. Entretanto, é preciso de um certo cuidado ao se vincular com tanta naturalidade podcast e história oral, pois existem propósitos não necessariamente concernentes. Enquanto o podcast é um conteúdo em áudio geralmente descompromissado com um rigor de exposição das narrativas, considerando sua estrutura em formato de conversa, a história oral, por sua vez, possui atributos analíticos e críticos preocupados com o tratamento de sua fonte oral, assim como nos critérios de organização dos trechos expostos bem como de sua análise, que levam em conta os compromissos éticos e as negociações realizadas entre pesquisador e entrevistado ao se trabalhar com memórias. Santhiago (2020), vai chamar atenção a essas propostas que procuram dinamizar os usos da história oral:

Essas iniciativas – valiosas como reações rápidas da história oral, em sua vertente pública – consistem em sua maioria em sugestões procedimentais pontuais e de pouca envergadura reflexiva, estando, todavia, em conformidade com o próprio entendimento de história oral e de **história pública**, como métodos de distribuição social da interpretação das experiências humanas, que perseguem. Devem, por isso, ser observadas com cautela (p. 13)

Santhiago (2020) aponta ainda para a conscientização dos objetivos vinculados à história oral na realização de iniciativas com “reações rápidas”, como vemos na citação anterior, assim como ocorre no podcast quando este possibilita a manifestação da memória de maneira tão espontânea. Além disso, o autor nos lembra da envergadura reflexiva da história pública, que acaba servir de elo entre as metodologias.

“A história oral é provavelmente o ramo do conhecimento histórico que mais e melhor se associou à história pública. Corporificada em programas de rádio e TV, em áudio e vídeo-documentários, em arquivos públicos, em web sites e museus virtuais, e em uma miríade de formas” (SATHIAGO, 2011, p. 97)

Portanto, a corporificação da história oral em formas distintas, aqui inseridas no podcast, se associa à história pública em seus propósitos de difusão do conhecimento histórico, assim como à sua vertente de produção de uma história feita “com o público”.

A esta característica da construção colaborativa de um material experiencial de inspiração a história pública, podemos refletir sobre suas aproximações e distanciamentos, no

que diz respeito às reais participações e compartilhamentos dos envolvidos na produção do Podsatva.

Levando em consideração as fases de construção de roteiro, gravação, edição e hospedagem do conteúdo, podemos concluir que houve maior co-participação na fase de gravação, onde todos os participantes se envolveram e manifestaram autoridades compartilhadas ao emitirem suas colocações quanto representantes de grupos específicos e unificados na proposta dos estudos orientalistas. Também houve participação colaborativa na fase técnica, ou seja, na edição. Frater Goya se responsabilizou pela equalização do material em áudio e Renan Fonseca pela edição através do software Audacity. As fases de construção de roteiro⁸⁷ e hospedagem do conteúdo ficaram mais restritas, sendo praticamente responsáveis por estas etapas o pesquisador que vos fala, Renan Fonseca.

É claro que o fazer “com” não diz respeito apenas à delegação de funções, mas no sentido próprio de um trabalho que só faria sentido se construído por várias mãos, ou melhor, por várias vozes. O elemento oral deste trabalho foi o que melhor se relacionou com esta produção colaborativa, pois a natureza da conversa exige um trabalho dialógico⁸⁸. Porém, sua condução foi exclusivamente feita por apenas uma pessoa, tendo em vista a falta de interesse ou por motivos particulares que impedissem a contribuição dos demais participantes, o que colocaria em cheque os objetivos finais desta iniciativa colaborativa, que não se originou da motivação coletiva, ainda que sua produção impacte outros grupos relacionados à temática e que alguns ganchos tenham sido inseridos improvisadamente por Frater Goya e Sifu Samuel no decorrer da conversa. Portanto, pode-se dizer que há elementos que apontam para uma construção de uma história “com o público”, assim como há posturas evidentes da produção de um material de divulgação histórica, de uma história “para o público”. E se mantém a interpretação de que a história pública permeia a produção, por assumir que não há a necessidade de se classificar o trabalho típico da história pública, mas de procurar uma tentativa da “prática” da história pública. Afinal, o objetivo final desta proposta é o da promoção da

⁸⁷ Nesta fase de construção do roteiro, apesar da conversa pretérita no grupo criado no WhatsApp, não houve interesse ou disponibilidade por parte de Frater Goya e Sifu Samuel em colaborar com as pautas a serem trabalhadas a gravação. Portanto, seus contatos com este documento se restringiu apenas na autorização e concordância da pauta.

⁸⁸ “uma possibilidade de conciliação entre a comunicação social, íntima, que a entrevista da história oral possibilita, e a comunicação social, facultada pelas mídias que difundem conhecimento histórico para um público mais amplo” (SANTHIAGO, 2018, p. 296)

relação entre as pessoas com o passado, assim como na relação entre o historiador e seu ofício (SANTHIAGO, 2018).

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Richard Gonçalves. O dharma na impermanência da web: difusão e transformações do zen-budismo na internet (2015-2017). **HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 1240-1240, 2018.

BUENO, André da Silva. **O extremo oriente na antiguidade**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2012.

CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. **Indivíduo e ambiente**: a metodologia de pesquisa da história oral. *Biblos*, v. 16, p. 7-24, 2004.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (Ed.). **História pública e divulgação de história**. *Letra e Voz*, 2019.

Assis P. **O Imaginário do Áudio e o Podcast**: re-imaginando o potencial da produção e distribuição de áudio na internet [Dissertação]. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/6965921/O_Imagin%C3%A1rio_do_%C3%81udio_e_o_Podcast_re_imaginando_o_potencial_da_produ%C3%A7%C3%A3o_e_distribui%C3%A7%C3%A3o_de_%C3%A1udio_na_internet >

DE CARVALHO NETO, Pedro José; DE PAULA SILVA, Matheus; FERNANDES, Letícia Oliver. A História Pública que queremos: entrevista com Ricardo Santhiago. **Epígrafe**, v. 8, n. 8, p. 283-331, 2020.

DE MEDEIROS, Macello Santos. **Podcasting**: produção descentralizada de conteúdo sonoro. In: Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da. 2005.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. SP, Cia das Letras, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. Brasiliense, 2017.

MAUAD, Ana Maria. **Usos do passado e história pública no Brasil:** a trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982-2017). *História Crítica*, n. 68, p. 27-45, 2018.

MAUAD, Ana Maria; DUMAS, Fernando. **Fontes orais e visuais na pesquisa histórica:** novos métodos e possibilidades narrativas. Introdução à história pública, v. 1, p. 81-95, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de história**, n. 155, p. 191-203, 2006.

MIGLORANCIA, Cecília; FONTERRADA, Marta. **Radio, Memória da História.** In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo & ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs). Introdução à História Pública. São Paulo: Editora Letra e Voz, 2011.

NASCIMENTO, Gessiela; ARCANJO, Roseane. **Análise Audioestrutural do Podcast:** uma proposta metodológica para chamar de nossa. In: IV Jornada Discente de Pesquisa em Comunicação – Dissonâncias do contemporâneo: espaços e (des)construção de saberes, Brasília/DF: Online, 2021. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/jdpc/JD-4/paper/viewFile/34922/2637>. Acesso em: 25 de out 2021

RECUERO, Raquel, **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009. 191p.

RICÉUR, P. **A Memória, a História e o Esquecimento.** Campinas: Unicamp, 2007.

RIOS, Fábio Daniel. **Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo.** *Revista Intratextos*, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2013.

SAID Edward W. **o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTHIAGO, Ricardo. **Palavras no tempo e no espaço:** a gravação e o texto de história oral. Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, p. 97-108, 2011.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado:** cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.

SOARES, Aline Bairros; MIRANDA, Pauline Vielmo; SMANIOTTO, Cláudia Barin. Potencial pedagógico do podcast no ensino superior. **Redin-Revista Educacional Interdisciplinar**, v. 7, n. 1, 2018.

SOARES, Diego Francisco Vieira. **O processo histórico dos animes e mangás no Brasil**. 2019.

USARSKI, Frank. **O budismo e as outras**: encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais. Idéias & letras, 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado ao longo dos artigos, é possível reforçar a importância do assunto abordado, ou seja, às narrativas que envolvem apropriações e significações da cultura oriental e do Zen Budismo, visto que as mesmas podem impactar fortemente nas novas concepções e entendimentos sobre as construções históricas da cultura oriental no Brasil. Utilizando da análise de figuras públicas como Monja Coen, das audiências do Zen Budismo, da sangha e de “orientalistas”, sob a ótica denunciadora do orientalismo de Said (2007), seja através de documentos virtuais ou orais, nos ajudam a compreender as vias pelas quais certas representações são construídas.

Cada artigo precisou utilizar de metodologias e repertórios teóricos próprios, tendo em vista as propostas distintas de cada trabalho. Porém os vejo como uma continuidade, pois cada capítulo serviu para dar aprofundamento na temática escolhida.

Vejo no primeiro capítulo uma fase de reconhecimento da temática, pois a partir da pesquisa realizada em ambiente virtual, foi possível dar direcionamentos para especificar certos problemas que surgiram no próprio processo de escrita.

No primeiro capítulo a investigação se pautou no grupo do Facebook, que selecionei segundo critério de quantidade de membros ativos, e balizadas pela filtragem de postagens que de alguma forma se vinculam a figura pública de Monja Coen, seja pela simpatia ou discordância de seu posicionamento nas redes. Por sua vez, a escolha de Monja Coen como um fator de filtragem no grupo intitulado “Zen Budismo”, me ajudou a compreender algumas percepções de perfis distintos, que não necessariamente se tratassem de adeptos da religião, mas de uma audiência do Zen Budismo aproximada dos conteúdos desta figura pública/influenciadora. Desta forma, foi possível perceber algumas apropriações sobre aspectos do Zen Budismo que muito dizem respeito a uma postura de recriação de elementos da cultura oriental, tendo em vista as apropriações realizadas por cada sujeito destacado. A partir daí abri a possibilidade de compreender como essas ressignificações e apropriações são originadas e por quais bases históricas elas se constituem. É claro que algumas lacunas ficaram em aberto, devido a amplitude possibilitada pelas fontes, tais como um aprofundamento biográfico de Monja Coen, ou da possibilidade de um contato direto com os membros do grupo para esclarecimento de seus posicionamentos, mas foi preciso realizar delimitações para dar conta da continuidade da pesquisa.

No segundo capítulo escolhi trabalhar de maneira mais aproximada com a minha

temática, portanto utilizei de elementos metodológicos da História Oral para atingir tal objetivo. Através das entrevistas realizei em contato com as apropriações e ressignificações as quais estava a procura. Para dar conta de uma discussão teórica, utilizei do conceito de representações sociais para compreender os processos que levam os sujeitos ocidentais a familiarizarem-se com elementos da cultura oriental. A partir daí notei que o uso de categorias ocidentais foi fundamental para realizar aproximações com aquilo que não se conhecia, ou seja, aos elementos da cultura oriental. A influência do senso comum foi um dos elementos perceptíveis em todos os entrevistados, tendo em vista os usos de repertórios populares sobre a cultura oriental. Além disso, ao decidir trabalhar com dois perfis de entrevistados, os “membros da sangha” e os “orientalistas”, consegui localizar as intersecções entre as representações sociais aos adeptos da religião zen budista e as representações sociais dos “orientalistas”, que por meio dos processos de objetivação e ancoragem demonstram uma manifestação ocidentalizante da cultura oriental nas memórias baseadas nos repertórios dos grupos aos quais pertencem.

E por último, escolhi elaborar um material propositivo, relatando a experiência de sua produção. Neste último capítulo procurei relatar e analisar a produção de um material, cuja tentativa era a de se realizar uma construção conjunta dos saberes históricos através do mote de uma história feita “com o público”. Entretanto, não considero que este material tenha sido um sucesso para com a sua intenção primordial, pois muito se dependeu da disponibilidade e ação dos sujeitos envolvidos em sua produção, que acabou sendo limitada a gravação e, em alguma medida, edição do material. Talvez fosse necessária uma avaliação do produto final desta iniciativa por parte de todos os envolvidos, sejam eles diretos ou indiretos. Aos diretos me refiro aos integrantes do Podsatva, Frater Goya, Sifu Samuel e Renan Lourenço da Fonseca, que vos dirige a palavra. E aos indiretos aqueles indivíduos cujas falas foram inseridas no decorrer da conversação. Assim como propõem algumas vertentes da História Oral, uma recepção seria interessante, tendo em vista a responsabilidade e a ética por trás de uma produção que se utilizou da fala de terceiros para a sua feitura. Porém, não houve tempo para que a mesma fosse realizada, tendo em vista o tempo curto que se tinha entre a finalização do material propositivo e a defesa deste trabalho. Mas, vale dizer que o material está disponível para apreciação nas plataformas do Spotify e Anchor, e que todos os envolvidos, inclusive os indiretos, tem conhecimento da produção do Podsatva⁸⁹.

Devido ao espaço limitado que o formato de artigo possibilita, foi necessário realizar

⁸⁹ Com exceção de Monja Coen.

uma seleção entre as fontes coletadas. Estas fontes que não fizeram parte do corpo principal podem ser consultadas nos anexos de fonte. Entretanto, trago algumas considerações sobre as mesmas, tendo em vista a possibilidade de expansão e extensão das discussões que se encerraram no primeiro e segundo artigos.

Sobre as fontes em anexo que fazem relação ao primeiro artigo, as considero fundamentais para a compreensão ampliada da página oficial de Monja Coen. Estas fontes dizem respeito aos prints realizados no segundo semestre de 2021, datadas no ano de 2020⁹⁰. Nestas postagens é possível verificar alguns padrões de postagem, que possuem estrutura e finalidades particulares. Dentre elas estão os posts direcionados a divulgação de palestras, eventos, cursos e livros, ensinamentos do dharma, links de acesso a conteúdos hospedados em outras plataformas⁹¹, assim como participações especiais da Monja em programas de TV, além de convites para participar de outras redes sociais⁹². Estas postagens ajudam a compreender tanto algumas nuances da figura representada no Facebook quanto a linguagem utilizada por Monja Coen no Facebook e a quais públicos ela se direciona, pois se tratando de dados é necessário, para além do seu arquivamento, um esforço

Mesmo que os dados sejam de interações arquivais, durante a coleta de dados cabe ao netnógrafo se esforçar para compreender as pessoas representadas nessas interações a partir do contexto comunal e cultural online em que elas se inscrevem, em vez de coletar essas informações de um modo que destituísse o contexto e apresentasse os membros da cultura ou suas práticas de uma maneira geral, indefinida, universalizada (KOZINETS, p. 93, 2014)

Por sua vez, estes mesmos conteúdos são compartilhados no grupo selecionado para a pesquisa netnográfica e entram em contato com as audiências do Zen Budismo. Ou seja, temos um choque de audiências, ainda que elas compartilhem do mesmo tema, criam novas interações em rede, sejam elas carregadas de um capital social positivo ou negativo.

Já no segundo artigo, a natureza das fontes são outras. Se tratando de entrevistas orais foi necessária uma seleção do material para análise de alguns trechos pertinentes à proposta

⁹⁰ Importante avisar para a característica assíncrona dos dados virtuais coletados em redes sociais, pois apesar da postagem carregar uma data, seus comentários não necessariamente serão do mesmo contexto. Assim como lembra Recuero (2014) “Essa assincronia é que permite que pessoas temporalmente distantes tomem o turno e recuperem as conversações, espalhando-as e fazendo com que migrem entre os grupos e entre os *sites* de rede social” (p. 116). Portanto, os gestos virtuais estão diretamente ligados a datas próprias e que podem levar a novos significados com o tempo.

⁹¹ Tais como YouTube e Spotify.

⁹² Tais como Telegram e WhatsApp.

do capítulo. Entretanto, as entrevistas transcritas na íntegra ajudam o leitor a compreender o contexto da fala. Por isso, sugiro que em caso de dúvidas sobre determinadas falas recortadas, consultar a entrevista completa disponível ao final do trabalho. Além disso, trechos das entrevistas orais gravadas em formato de áudio também foram utilizadas no material propositivo, relatado e analisado no terceiro e último artigo. Vale a menção da entrevista realizada com Paulo Barbeka, que é um praticante leigo e representante da sangha zen budista de Curitiba. Esta entrevista não foi analisada no texto escrito, mas foi inserida nos diálogos do Podsatva. Portanto, reforço a importância de deixar disponível as fontes orais íntegra para diminuir a possibilidade de uma possível descontextualização das falas.

As informações e dados apresentados neste trabalho contribuem de forma significativa o campo de estudo orientalista, pois o que procurei fazer foi alinhar minha escrita com o que propõe a terceira via dos estudos orientalistas com enfoque numa pesquisa acadêmica que respeite a tradição e a cultura oriental (BUENO, 2012). Ainda que muito das informações contidas em minhas fontes estejam vinculadas a figuras ocidentais e que os mesmo herdem as memórias cujas representações permaneçam ocidentalizantes, ainda assim estão um pouco mais próximos de uma representação um pouco mais fiel à realidade asiática, tendo em vista que suas memórias se baseem dos grupos de contato direto com o Oriente, tal qual as sanghas zen budista que representam a escola Soto Shu do Japão. Sendo assim, seria extremamente importante dar continuidade a esta pesquisa sob a temática da cultura oriental e o Zen Budismo com sujeitos orientais. Para tanto, julgo necessário compreender seus idiomas, pois muitas traduções acabam por reforçar discursos orientalistas na medida em que se utilizam de termos ocidentais, tal qual religião e filosofia, para se referir a elementos da cultura oriental cujo significado são diferentes.

FONTES

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM SIFU (JANEIRO DE 2021)

Meu nome é Samuel Henrique de Figueiredo. Mas ninguém me chama pelo segundo nome. Sou de Campo Mourão. Morei fora algum tempo. Cascavel, Maringá e voltei para Campo Mourão. Nasci aqui e permaneci boa parte da minha vida aqui.

Desde os 15 anos de idade eu faço profissionalmente, ensino e pratico artes marciais chinesas. Por um tempo pratiquei outras artes marciais. Ensinei uma arte Filipina também, chamada *Kali*. Alguns conhecem por *Kali Eskrima*. É uma arte Filipina com armamento branco. Mas hoje ministro aulas de *Wing Chung*, é uma arte marcial chinesa. Sou professor desde 2008, mas mexo com isso desde a infância, na verdade. Nasci no meio marcial. Meu pai, faixa preta de *Kung Fu* também. Cresci no meio disso, sou envolvido com isso desde criança. Hoje com 30 anos de idade, então, basicamente, uns 25 anos de arte marcial no currículo.

Você é adepto de alguma religião? Se a resposta for afirmativa, qual e como é praticá-la?

Posso falar sobre todos estes aspectos que você colocou na questão. Primeiro, hoje, vamos dizer assim, oficialmente sou um budista convertido. Sou convertido a uma vertente budista do Japão, chamado de Budismo de *Nichiren Daishonin*, e disseminado por uma organização chamada *Soka Gakkai*. Isso oficialmente! Extraoficial, eu não sigo exatamente a doutrina, vamos dizer assim, desta instituição. Não tenho nada contra eles, não é uma coisa... Às vezes as pessoas ficam chateadas com determinadas questões que acontecem dentro das instituições. Eu entendo que a instituição é uma coisa gerada por seres humanos. Seres humanos tendem a falhar em vários aspectos. Então eu procuro extrair desta vertente budista o que mais fica favorável para a minha vida. Procuro fazer isso com um certo cuidado, porque a maioria das pessoas tendem a transformar religião numa coisa que facilite e que valide o modo de vida delas. E eu acho que isso é um tanto quanto perigoso, né? Porque aí a gente cai numa espiritualidade *pop*, numa espiritualidade capitalista, na qual você descobre num livrinho de autoajuda e acha que é budista. Então isso é um pouco complicado falando do budismo, mas acho que isso vale para todas as religiões.

Sobre as religiões de forma geral, que eu já acabei entrando nisso, eu penso que, parte delas, hoje, estão muito deturpadas. Inclusive, o próprio Budismo. Pessoas, lideranças, etc., ao longo

do tempo foram percebendo o poder de controle que elas proporcionam, e foram se utilizando disso para que possam favorecer interesses egoísticos, vamos dizer assim. Eu sou um tanto quanto receoso com todas elas, inclusive com o Budismo.

(bebe algo em uma caneca branca, personalizada com kanjis)

Você reconhece alguma relação da cultura oriental com a sua prática profissional e/ou estudiosa? Caso a resposta seja afirmativa, quais seriam essas relações?

Falando especificamente da arte marcial, hoje a minha vida orbita entorno do *Wing Chun*. E falando de uma forma bem budista, vamos dizer assim, com entendimento que eu me encontro hoje, busco eliminar cada vez mais a figura ilusória do Samuel e me tornar somente um canal no qual a arte possa se expressar nesse mundo sensível que nós vivemos. Então eu penso o seguinte: falando de forma geral da cultura oriental, ela está presente cem por cento da minha vida, na forma de pensar, na forma de agir, a maneira da qual eu construo meu conhecimento, sempre tem como orientação a cultura oriental, de forma geral.

Quais seriam os meios de disseminação da cultura oriental na cultura ocidental?

Primeiro, a Internet, né? A Internet aproximou continentes tão distantes quanto o nosso e o asiático. Ela permite que uma pessoa no interior do Paraná possa ter acesso aos conteúdos. Por muito tempo, as pessoas se mataram por esses ensinamentos. Hoje a gente tem acesso a milhões de textos escritos, ensinamentos... Coisas que eram secretas, hoje está a um clique. Esse é o lado positivo. O lado negativo, na minha opinião, é que acontece aquilo que eu mencionei. Eu pego qualquer coisa e acredito que aquilo é a essência daquela filosofia, daquela religião. Hoje tem muita gente falando muita coisa. Então aquilo que o outro fala e vai de encontro com o que eu penso, eu valido, pego para mim. Uso aquilo como um amuleto, valido meu pensamento, adapto aquela filosofia, aquela arte, aquela... E faço um compilado, faço um jeito do Samuel, vamos dizer assim. E eu penso que isso é o lado negativo, porque a ideia é que você se transforme e não transforme a coisa em você. E daí o contato também, hoje eu procuro por livros. Procuro pesquisar e comprar, sempre que possível, livros. Até porque não sou muito fã do PDF. Procuro comprar e ler livros para me instruir cada vez mais. E o mais importante, no meu entender, colocar na prática, porque eu posso conhecer sobre as origens do Budismo, e sobre entender como o Taoismo funciona, o Confucionismo, entre outras, e tudo isso ficar na teoria, não vai valer nada, né? Então tentar colocar na prática a coisa, até porque você tem no

Budismo, falando mais como filosofia, você tem uma interiorização muito grande. Primeiramente, entender como você funciona e entender o que realmente é você e a influência externa, e desapegar dessas duas coisas. Entendê-las e desapegar, porque nenhuma delas constitui, vamos dizer assim, o que é a realidade dentro do Budismo.

Você percebe alguma influência do budismo na cultura ocidental atual? Se a resposta for afirmativa, como se manifesta a influência?

Eu vejo que o Budismo está presente em muitas questões, em muitas coisas que o pessoal ocidental, e aqui no Paraná, pratica e faz, que é o Cristianismo. Levando em consideração que você tem, historicamente falando, o nascimento do Buda quinhentos anos antes do nascimento de Jesus Cristo, o Jesus Cristo histórico, você... Então, pensa o seguinte: parábolas como a parábola do filho pródigo; situações da qual você tem figuras andando pela água, por cima das águas; céu e inferno, paraíso e inferno como locais físicos. Vem tudo de histórias da Índia! Algumas anteriores até ao próprio Sidarta Gautama, que é o Buda histórico. Então eu vejo que existe essa influência. Boa parte das pessoas acreditam em céu e inferno, paraíso e inferno como locais físicos e quando você vai ver a origem disso, vai te levar até as origens do Budismo. Esse é um dos detalhes. Existem algumas pessoas, alguns historiadores que defendem, inclusive, que o próprio Jesus estudou e se instruiu na Índia, aquele período que ele desaparece, digamos assim, da Bíblia, dos doze aos trinta anos que é quando ele começa o ministério. Esse tempo de sumiço dele, parte ele se educou no Egito, e parte ele se educou na Índia com aqueles iogues, sabe aqueles praticantes de austeridade, ideias como *chakras* e energias do corpo, também fez parte da instrução do próprio Jesus. São coisas que você tem aí. Alguns defendem que sim, outros defendem que não. Mas, de forma geral, vejo essa influência dessa maneira. Parte da nossa cultura... Ah, um detalhe importante! Existem alguns achados, alguns documentos e relatos de excursões do Budismo tibetano, de monges tibetanos para o Egito. E na época, para que existisse na cidade de Alexandria templosbudistas tibetanos para instruir o pessoal. Então, parte do pensamento da época naquela região era influenciado, inclusive, pelo Budismo tibetano. Reencarnação, parte da sua alma permanecer eternamente... As pessoas não percebem que você tem uma ideia cristã, por exemplo, de que você vai morrer e renascer numa terra, num paraíso, elas não fazem ideia de que isso é muito mais antigo que o próprio Cristianismo e que está pautado no Budismo da Terra Pura. Existem vertentes budistas que acreditam que você vive uma vida aqui, o melhor possível para que você possa nascer na terra dos budas. Entende? Eu vejo dessa forma. Vejo que essa influência existe, mas é velada. Em parte, por ignorância. Em parte, por não querer dar o crédito ao outro.

Você sabe o que é meditação? A meditação pode influenciar no dia a dia do(a) brasileiro(a)? Se a resposta for afirmativa, como?

A questão da meditação, procuro pratica-la sempre que possível. Não vou ser hipócrita e dizer que faço todos os dias, vários minutos por dia, porque seria mentira. Tem épocas que é corrido e fica difícil para um tempo e meditar. Mas eu tenho uma vantagem em cima disso, que é: dentro da arte marcial que pratico nós temos as “formas”, e essas formas são meditações em movimento. Então por mais que eu não pare, que não faça aquela meditação tradicional que as pessoas conhecem, mas ainda assim eu medito. Nesse aspecto poderia dizer que medito todos os dias.

Como que eu vejo a meditação? Uma visão particular. Primeiro eu vejo a meditação, entendo ela como o momento que você tenta sincronizar espaço, tempo e ser. Se for possível fazer um paralelo com a filosofia ocidental, são três entes: o espaço, o tempo e o ser. O espaço é o seu espaço micro, que é o seu corpo, e o espaço macro que é o ambiente ao seu redor. O tempo, pode ser esse tempo cronológico que nós seres humanos entendemos, ou pode ser um tempo diferente que a gente sabe que existe. E aqui estou falando de Física, tá? Não estou falando de nada sobrenatural. A gente sabe... você tem uma gravidade mais densa, o tempo passa diferente, enfim... A gente sabe que o tempo, como o próprio Einstein trouxe a cento e tantos anos atrás, é relativo. E o ser, aqui já fica um pouco mais filosófico. O que é esse ser? O que é ser? Será que somos realmente ou só estamos? Então acredito que no momento em que medito, procuro sincronizar tudo isso.

Como a meditação pode auxiliar o ocidental de forma geral? Na minha opinião, não vou nem tentar ser metafísico ou filosófico. Eu vou mais numa questão prática. Eu penso que dois pontos. Primeiro, aprender a respirar. Porque eu tenho essa experiência na academia. A maioria dos alunos que chegam lá e eu posso dizer que 99,9% dos alunos que chegam lá não sabe respirar. Então, aprender a respirar. Isso vai trazer inúmeros benefícios para o corpo. E o segundo é o autoconhecimento. Quando você medita você pode observar os seus pensamentos e observar as sensações corpóreas. Você pode fazer uma ou outra, ou as duas coisas. E isso trás um autoconhecimento muito grande, muito grande! Porque observar os pensamentos, observar aquilo que está se passando na minha mente sem julgamento. Sem dizer se isso é errado ou se é certo. Simplesmente observar! Como se fosse uma terceira pessoa. Ajuda a entender, ajuda a compreender, ajuda a resolver algumas questões que estão na cabeça. E no quesito físico, tem gente... De novo, na minha experiência como professor em artes marciais. Tem gente que chega para mim e fala “Professor, eu estou com uma dor aqui na perna”. “É? Mas como que é essa

dor? Ela é aguda? É contínua? É intermitente?”. “Ah, não sei!”. “Tá, mas que parte está doendo?”. “Ah, por aqui”. Sabe? “Ah, tô com uma dor aqui”. “Aonde?”. “Ah, por aqui”. Como assim “por aqui”, entende? Você não sente seu próprio corpo. Você não sente qual parte do seu corpo realmente está doendo. Quando essa dor surge? Em qual momento que essa dor aparece? Quando você faz um movimento? Quando você está estressado? “Ah, não sei. Não percebi”. Sabe? Então, esse tipo de coisa... Estou tentando ser prático. Sentir o próprio corpo, perceber o próprio corpo e os pensamentos. Seriam essas duas ajudas mais práticas que eu posso pensar agora, de forma resumida.

Você já ouviu falar da Monja Coen? Se a resposta for afirmativa, onde teria ouvido e o que você acha dessa figura?

Bom, primeiro: Conheço, acredito que da forma como a maioria das pessoas conheço a figura midiática, como você mencionou. A figura que aparece ali nas nossas redes sociais, que aparece palestrando. Já assisti várias palestras dela. E eu acho que é importante, como você mencionou, uma figura budista na mídia. Eu acho muito importante, porque, primeiro desmistifica, né? Como você mencionou, o místico por trás do que é budista e tudo o mais. Desmistifica, tira da ignorância várias pessoas que às vezes até tem interesse, tem ali vontade de saber mais, mas tem medo, né? Porque a gente aprende que tudo que não é de Deus é do Diabo, e aí quando a gente cresce num ambiente ocidental a figura do cristianismo é muito forte. E a Monja Coen faz esse trabalho de tirar mesmo, vou usar aqui uma expressão, tirar das “trevas” mesmo várias pessoas e trazer uma luz sobre o que é budismo. Por mais que ela seja de uma vertente específica e o budismo ser amplo demais, essa questão de filosofias, vertentes, doutrinas, etc. Agora, desmistifica muita coisa e isso é muito importante no mundo ocidental.

ENTREVISTA COM MONGE TAISHIN (JANEIRO DE 2021)

Como você se interessou pelo budismo?

Eu vim de uma tradição católica. Fui monge beneditino católico, né? Noviço durante um tempo. Então, caminhada religiosa na igreja católica. Depois que eu resolvi encerrar isso, fiz um curso de Filosofia na Universidade Federal de Paraíba. Tive um processo de desconstrução através do curso e através de algumas vivências. Há uns três ou quatro anos atrás um amigo me convidou para experimentar uma sessão, um momento de meditação budista num centro de Budismo tibetano, o CEBB. CEBB é Centro de Estudos Budistas Bodsatva, que é guiado pelo Lama Samten. Antes disso, se eu não me engano, desde 2006, 2007... 2011! Eu ensino yoga, sou instrutor de yoga. Comecei no yoga com doze anos de idade, mas ainda dentro de uma perspectiva mais física, como exercício. Como religião, praticava o Catolicismo. Quando entrei no mosteiro de Olinda, lá tinha o livro de yoga. Então, todo esse movimento que teve na abertura do Cristianismo a partir do Vaticano Segundo, década de setenta, década de oitenta teve um movimento mais aberto na Igreja Católica. Como já praticava yoga há algum tempo, me senti contemplado de não praticar uma coisa que era mal vista pela Igreja. Com o interesse no yoga desde a adolescência, quando meu amigo me convidou para fazer a sessão de meditação budista já tinha desconstruído muitos valores, já não estava mais frequentando a religião católica e quis experimentar, né? Quis fazer uma experiência de uma meditação budista que eu não conhecia. A meditação que eu conhecia era apenas a proveniente do yoga. Bom, eu fui uma vez na experiência num sábado para iniciantes e aí gostei das reflexões, um pouco do estudo que eles faziam lá, e foi assim que eu comecei. Através de um convite eu gostei da prática. Mais a prática da meditação do que o aprofundamento da doutrina budista. Aí, logo depois, um grupo desse centro resolver fazer um grupo *Zen*. Eu aceitei o convite de participar da fundação deste grupo *Zen*, que foi fundado em 2018, eu acho. A partir de então eu entrei de cabeça no *Zen* Budismo.

Quem são suas principais referências budistas?

Monja Coen eu acompanho a muitos anos. Acho que você nem era nascido ainda. A Globo mantinha um programa bem cedinho. Não me recordo do nome do programa, mas cada dia da semana um religioso das principais religiões falava uma palavra, tipo um Bom Dia lá da Ana Maria Braga. Então, era um programa curtinho, acho que tinha uns cinco minutos. Foi assim que conheci Monja Coen, nesse contexto há muitos anos atrás. Ela não era conhecida, nem famosa. E acho que do Budismo era a única que aceitava falar, porque os mestres budistas são muito reservados e poucos falavam português. Então, Monja Coen era uma dessas exceções

que falava português e ficava a vontade de usar veículos de mídia. Então eu a conheço desde essa época. Não me lembro quantos anos faz isso, mas era adolescente. Então a conheço daí, mas não tinha interesse nenhum pelo Budismo nessa época. Mas já a acompanhava muito. Era minha referência budista. Se fosse pensar em alguma coisa budista no Brasil, pensaria nela, porque era a única que aparecia, até então. Depois disso, quando realmente comecei a entender o Budismo, foi o Lama Samten. Então, os livros do Lama Samten, através do CEEB. Diria também um tutor daqui de João Pessoa, chamado Ravi. Não sei o sobrenome dele. Esse Ravi fundou essa comunidade budista em João Pessoa, há vinte anos atrás, então ele foi um pioneiro ali. É uma pessoa muito habilitada. Então, o Lama Samten, e dos alunos do Lama Samten a Márcia Baja. Agora não sei qual que é o nome dela. Acho que é Marcia Baja mesmo. Vi palestras dela e gostei muito, muito mesmo! Depois, logo em seguida, passo para o Budismo Zen e aí fico muito afeiçoado ao meu professor, ao meu mestre, o monge Genshō, Meihu Genshō. Então, ele me aceita como aluno e desde então minha referência acaba sendo ele. Vou conhecer também o mestre do meu mestre, Doshō Saikawa Rōshi, que era superintendente daqui da América Latina. Quando o conheço pessoalmente... O meu mestre, na verdade, me pediu que o conhecesse pessoalmente. Fiz uma viagem até São Paulo para conhecer esse mestre japonês, que é mestre do meu mestre, e me impressionou muito! Eu fiquei muito impactado com a presença dele. Ele é um senhorzinho de 72... 72 anos, eu acho. E que não fala muito. Não só porque não fala o português, mas porque é uma figura muito silenciosa e ele ensina Budismo com a vida dele. Ele é uma pessoa a se espelhar. Se fosse dizer que queria me espelhar numa pessoa, eu me espelharia, primeiro no meu professor, que dá para chegar nele ainda, eu acho. E colocando uma meta um pouco acima, Saikawa Rōshi. Ele é um mestre muito... Acho que até não dá para ver, mas estou um pouco ruborizado, porque realmente é uma figura que conheci e que usaria como exemplo, seguiria como exemplo de mestre de Budismo. Então, essas são minhas referências atuais. Eu não conheço muito os outros mestres budistas, porque eu cheguei meio assim, de surpresa e sem investigar muito. E aí a correnteza foi me levando. Conheço muito pouco. Não li nada do Dalai Lama, apesar de ser como se fosse uma celebridade. Um mestre famoso que é o Thich Nhat Hanh, que é um vietnamita. Também não li nada dele. Então, assim... Eu sou um monge meio fajuto, né? Não conheço muito, não. Conheço mais dos meus mestres, só.

Você considera o budismo no Ocidente equivalente ao do Oriente? Pode justificar sua resposta?

É uma pergunta difícil, mas vou falar das minhas impressões também. A primeira coisa, uma coisa que percebo aqui, as minhas dificuldades na minha comunidade, é que muito da adaptação do Budismo aqui no Ocidente... Vejo duas coisas. A primeira, de corrigir conceitos equivocados. Então, a gente faz um esforço para tentar corrigir parte da doutrina que foi compreendida de maneira equivocada. As vezes a gente usa mecanismos e recursos que acabam sendo mal interpretados. A segunda parte é que a gente não tem a parte material. A gente tem que adaptar a parte material. Vou dar um exemplo material mesmo. Os sininhos que a gente deveria usar, eles só são feitos no Japão. Só são feitos lá, não tem outro lugar para fazer de fato. Aqui no Brasil, não faz. Vou lhe dar um exemplo. A gente está tentando reformar nossa comunidade, nosso espaço, e aí eu pedi, fui com um desenhinho para os marceneiros daqui de João Pessoa fazerem o altar. É uma mesa, não tem muito mistério! Se tivesse o maquinário de carpinteiro, eu faria, mas não tenho. Se recusaram a fazer! Eu disse que não precisa ter os detalhes, deixe o mais simples possível. Ninguém quis fazer! O monge de Campina Grande me pediu para fazer duas estátuas dos fundadores, porque ninguém... Lá tem vários artesãos que fazem artesanato, bonequinhos de barro, e ninguém quis fazer. Eram muito fáceis de fazer. Tive que fazer de biscuit, pintar e presenteá-los, porque nenhum artesão quis fazer. Então, a primeira... A segunda coisa, na verdade, da adaptação é que a gente adapta porque não tem. Adapta por que não tem! A gente não tem um templo de setecentos anos construída de maneira tradicional, a gente não tem um sino. Os sinos da minha comunidade são feitos de extintor de incêndio, que a gente serra no meio e alguns deles tem um som bonito. Mas não são sinos, são extintores de incêndio. E a gente colocar sino católico, não tem o mesmo som. Então a adaptação da doutrina é para corrigir alguns equívocos. Por exemplo, as pessoas perguntam se a gente acredita em reencarnação. O Budismo não acredita em reencarnação. Primeiro porque não tem alma, então não tem eu. Como é que esse “eu” vai subir para algum lugar se não tem, está entendendo? E aí a gente tem que adaptar para poder explicar algumas coisas. Isso na parte da doutrina. Na outra parte da adaptação é a parte material. A gente faz, porque não tem. A gente adapta porque não tem. O monge de Campina Grande resolveu, porque a comunidade dele é mais antiga do que a nossa... A gente fez um sino que a gente toca em pé com campainha de hotel, a gente parafusou ela, botou um cabo. Só que ele é mais antigo do que a gente, então o que ele fez, ele pegou um triângulo de tocar forró para fazer isso. Mas se ele pudesse ele teria um sino japonês bonito para tocar, mas não tem e também não tem quem faça. Acabamos adaptando. E com relação à adaptação, até esqueci de citar um mestre, mas é porque eu não li. Vi alguns vídeos da internet de um mestre do Butão que fala inglês. Perguntaram a ele dessa adaptação, então vou dar a resposta dele que é melhor do que a minha. Ele fala uma historinha

que é a historinha dos Pés-grandes lá do Butão, lá dos Himalaia. E lá eles têm a lenda do Pé-grande. Acho que é bem conhecido pelos desenhos animados que a gente teve. Pelo menos aqui no Nordeste, antigamente tinha esses desenhos do Pé-grande, aquele bicho alto, peludo, do pé grande. Diz a lenda lá dos Himalaia que os Pé-grandes viam os monges construindo os templos, os mosteiros. E aí eles viam que aquilo era uma coisa boa, e aí eles queriam ajudar os monges a construir os mosteiros. Só que os Pé-grandes não constroem casas, eles não sabem usar ferramentas de pedreiro, de carpintaria, de nada. Aí quando os monges iam dormir, eles pegavam as ferramentas a noite e começava a brincar de construir. Aí eles não sabiam que iam acabar destruindo tudo o que os monges tinham feito durante o dia, mas a intenção era boa. Eles queriam ajudar os monges a construir o mosteiro. Aí o mestre disse assim que a gente tem que tomar cuidado para não fazer o acidente do Budismo de Pé-grande, que não entende bem quais são as ferramentas do Budismo direito. A gente não tem mestres assim, por vários anos que sejam budistas. Lá eles têm mestres há setecentos anos, há oitocentos anos, há mil anos, há dois mil anos. Aqui a gente está começando agora. Nem sabe direito nossa cultura, porque nossas universidades estão começando a estudar nossa cultura agora. A gente nem sabe direito o Budismo, e aí corre o risco de a gente adaptar, de querer fazer um Budismo de Pé-grande. A gente achar que está ajudando a construir, e a gente acabar destruindo o que foi feito. Meu mestre disse que a gente não tem que ter pressa para adaptar. A adaptação vai vir porque a gente é diferente. Então há uma diferença grande em como se pratica efetivamente pelos japoneses e pelos brasileiros, mas boa parte disso não está no conteúdo budista. Está na coisa mais superficial, na aparência das coisas, uma coisa mais superficial. Ou em conceitos muito superficiais, como reencarnação ou alguma coisa assim. Ou por curiosidade, “Ah, por que que o Buda tem cabelo e os monges não tem?”. Mas o núcleo do Zen, da meditação Zen é o mesmo. Então, a meditação que a gente faz, o zazen que a gente faz, é o mesmo que o dos japoneses. A gente tem a diferença cultural! Os templos japoneses, por causa da adaptação que foi feita no Japão durante séculos, tem uma maneira de fabricar o Budismo japonês. Cheia dessas superstições, dos costumes japoneses, que não tem nada haver com o Budismo. Então, às vezes a pessoa olha e fala “Olha! Eles estão fazendo um Budismo diferente!”, não é que a gente não está fazendo um Budismo diferente, é que a gente não está fazendo estas superstições que são uma coisa cultural dos japoneses. O Budismo em si não está alterado, não está adaptado. A gente adapta, por exemplo, quando a gente faz um retiro e está fazendo calor, e lá é frio, e a gente tem que diminuir um pouco as roupas. Mas não é porque a gente quer deixar de usar aquelas roupas, é porque não dá para usar aquelas roupas. Eu vejo que a adaptação é muito mais de aparência, do que de conteúdo. Onde a gente parecer diferente, é isso. Parece diferente!

Porque é só a casca, é só a cultura. Ou a cultura japonesa, eles fazendo uma superstição, alguma... Que é da cultura deles, que não é só do Budismo, então vai estar presente no Xintoísmo, vai estar presente nas outras escolas japonesas de Budismo e que a gente não faz aqui. Que a gente não tem essas histórias, a gente não tem esses costumes. Então, da adaptação do Budismo, eu vejo assim. E da comunidade, nosso professor não tem pressa. Ele gostaria que o brasileiro se sentisse mais à vontade numa prática budista, mas ele não tem pressa. Acho que é o mesmo sentimento de alguns budistas aqui, né?

Quais as dificuldades de ser um budista no Brasil?

O Brasil é um... Eu falo Brasil, mas vamos dizer a Paraíba, né? O local que a gente vive tem umas contradições. A gente diz que o Brasil é um país muito tolerantes, mas os preconceitos estão muito disfarçados. Então dizer que no Brasil não tem racismo, que não tem homofobia, que não se tem, mas eles estão lá, e às vezes de maneira muito cruel, e no Budismo é parecido. A gente não tem problemas violentos como em algumas religiões de intolerância violenta. As pessoas nos associam geralmente a uma imagem mais pacífica e que são um dos mais toleráveis. Acho que até numa questão cultural, no sentido de que boa parte dos nossos praticantes, aqueles que são atraídos pelo Budismo, tem uma característica um pouco mais privilegiada, vamos dizer assim. Mas também não tão privilegiada, pelo menos aqui na Paraíba. Inclusive quando a gente foi escolher o local que a gente iria fixar nossa sede, algumas pessoas sugeriram que a gente focasse nos bairros mais privilegiados porque teoricamente é uma religião que atrai pessoas no sentido intelectual. São pessoas que se abrem a uma outra forma de pensar. Geralmente são grupos de estudantes universitários, são pessoas que tem nível superior, mas isso não quer dizer que são pessoas ricas, nem pessoas de classe média alta, nem coisas assim. Então são pessoas que tem uma mente aberta. E essas pessoas também não vivem em comunidades carentes, é muito difícil, assim... Então a gente não tem um público muito carente, e também não tem um público... Não tem pessoas muito carentes e não tem pessoas muito privilegiada. Mas só por não ter pessoas de um nível mais carente já demonstra ser um público de pessoas mais privilegiadas. Então, por esse motivo eu acredito que determinadas maneiras como as pessoas falam, se comportam e tudo o mais. A própria origem das pessoas, a gente não sofre preconceitos diretos, ou preconceitos agressivos. Tem pessoas que dizem “Ah, é budista! Ah, que bom!”, acham estranho, acham diferente, vem com um monte de preconceito. Dizem “Ah, vocês adoram o Buda”, e coisas do tipo. A gente vai ser satanizado, de certa forma, porque o olhar da maioria cristã é que a gente tem uma espécie de idolatria que eles não concordam, e por isso a gente está no mesmo saco das outras religiões, mas nos veem com um pouco mais de

respeito e atribuem isso à condição social. Mas a gente também não atrai pessoas ricas, pessoas de classe média alta, essas pessoas não vêm para o Budismo, porque o Budismo não prega prosperidade, *coaching*... Essas coisas assim não funcionam no Budismo. Então algumas pessoas que tentam otimizar suas posses, não encontram no Budismo algum apoio teórico. Para o leigo não é fácil se assumir budista. Então em nota que mesmo quando era leigo tinha uma certa dificuldade de dizer que era budista, porque já sabia que ia sofrer uma série de questionamentos, por parte da família, por parte dos amigos... Isso é o que normalmente o que um praticante leigo sofre. “Como assim você adora Buda?”, “Por que é que você foi atrás disso? Por que é que você foi atrás de uma religião japonesa?”. Questionamentos escondem preconceitos, no fundo, no fundo. Então às vezes as pessoas disfarçam seus preconceitos com coisas que parecem ser gentis, mas que no fundo não são. Então, o leigo tem dificuldade de se assumir budista. Eu vejo muitos, muitos mesmos! Muitos, digo assim, não somos muitos praticantes. Dentre esses, poucos se assumem budistas. Se vier um censo do IBGE contando quantos são da religião, pouquíssimas pessoas vão dizer que são budistas. As pessoas que vão se declarar budistas lá no IBGE, para sair numa estatística, são pessoas altamente comprometidas, ou são monges, são pessoas muito comprometidas com a comunidade. Ou são pessoas imigrantes, ou descendentes de imigrantes. Fora isso, as pessoas que praticam não costumam se assumir budistas, por esses motivos sociais que acabei de falar. Uma coisa que é bem preconceito, é um preconceito estrutural. Estrutural não no sentido de como é o racismo, mas a gente pesquisou até alvará e essas coisas do poder público, e o poder público não prevê. Não é só budista, mas outros tipos de religião também. Por exemplo, a gente teve dificuldades porque para instituição religiosa eles só veem igreja. Então eles exigiam da gente coisas que a gente não tem, porque a gente não é igreja. Por exemplo, a gente não tem banco. A gente não tem espaço para mais de cinquenta pessoas com porta de emergência, porque normalmente tem dez pessoas numa sala e elas estão sentadas no chão, numa sala, não tem tumulto. Não é assim que a gente funciona! O poder público não vê uma *sangha* budista. O Budismo é jovem, mas muitos locais no Brasil têm salas de Yoga, e as regras de uma sala de Yoga não é de uma academia de ginástica, não é uma regra de igreja. Tem suas próprias necessidades. Pra que uma sala de Yoga precisa ter isolamento acústico? Um sininho que vai tocar na aula... Não é igreja, de pessoas tocando numa banda, ou coisas assim. Então, para o leigo, além do próprio preconceito de assumir uma religião diferente, que vem de um lugar diferente, que as pessoas não conhecem. É porque o leigo budista não precisa se vestir diferente. Não é como uma mulher mulçumana que vai ter um véu. Mas as pessoas tem resistência e falar que são budistas porque alguns que a gente sofre, eles são um pouco agressivos. E por trás desses questionamentos estão

supostas verdades. “Como assim você não acredita em Deus? Como assim você não acredita em Jesus?”. Então nossos praticantes, eles têm... Não é negar sua religião, mas é fazer concepções. Dizer “Ah, a gente não acredita que Jesus é deus, mas ele deve ter sido uma pessoa iluminada”. A gente não tem em canto nenhum dos sutras budistas. Eu não tenho obrigação nenhuma de emitir qualquer opinião sobre Jesus. É como você chegar para um cristão e perguntar o que é que a Bíblia diz sobre Buda? Mas aí o budista tem que dizer! Ele é ameaçado praticamente! “Não, mas e Deus?!”. É muito frequente me palestras da Monja Coen ou do mestre Geshô, tem umas pessoas que chega assim e diz “Mas e deus?” (risos). Deus nesse sentido cristão, da trindade. E aí q gente tem que responder uma coisa que não é da nossa religião. Não tem nada lá! Não tem Jesus lá! E aí os nossos leigos evitam se assumir budistas e não vão ter muita segurança para responder a esses questionamentos. Mas eles não precisam ter essa segurança, não precisam ler nos sutras ou responder isso. A nossa sociedade obriga e faz esses questionamentos. Tive uma professora de espanhol que achava muito esquisito que as pessoas perguntassem a religião de um professor. Porque isso na Europa é tão íntimo, já tiveram tantas mortes por causa de religião que é meio tabu hoje me dia. E ela se sentia muito constrangida, porque era uma professora de espanhol, dando aula de espanhol e que jamais falou de deus, porque a aula não é sobre isso. Os alunos sempre perguntavam “Professora, qual a sua religião?” e ela às vezes era forçada a dizer “Não, minha religião não interessa. Estou dando aula de espanhol”. Então as pessoas começavam a dizer “Ah, ela deve ser atea”, “Ah, deve ser satanista”. Tinha essa polêmica. Quando era professor de filosofia em uma universidade particular também a mesma coisa. Eu não estava ali para ensinar religião, estava ali para estudar Sócrates, Platão. Por que essa pergunta? Vai ter uma inquisição?! E também essa pergunta, por que é que eu tenho que responder sobre uma outra religião, né? “E os anjos?”, mas não tem anjo na minha religião! Por que é que tenho que dar alguma opinião sobre isso?! Esse contexto religioso do Brasil, muito centrado no cristianismo e sem tolerância para outras religiões, demonizando outras religiões, fazem nossos leigos terem medo de se assumirem budistas, porque vão ter que responder perguntas que não estão preparados para responder e que não tem nenhuma obrigação para responder. Até a prática deles também! A gente tem praticantes leigos... Nenhum budista tem a obrigação de ter um altazinho em sua casa, mas é bom ter, porque também é uma prática. A gente já teve problemas de duas pessoas que com culpa vieram me falar “O que é que eu faço? Eu não posso ter uma imagem de Buda na minha casa, minha mãe é evangélica. Vai dizer que é de sataná!””. Se você não pode ter o símbolo mínimo da religião na sua casa, daí você vê como é que um leigo sofre. Ele não pode ter um incenso lá. “Ah, incenso é coisa de maconha. Acendeu um incenso para esconder a fumaça da maconha!””.

Outra coisa, envolvendo drogas. A gente acabou sendo associado ao movimento hippie. Algumas pessoas perguntam se a gente consome drogas, mas é um preceito budista não gerir, comercializar ou incentivar qualquer intoxicante. A gente não pode usar qualquer droga! As pessoas “Ah, eles estão de boa lá. Fumam maconha”. É contra nossa religião! Mas é como te disse sobre a adaptação. A gente tem que desconstruir mentiras e mal-entendidos.

O que é meditação?

A meditação... Vou colocar no geral. Meditação é uma palavra um pouco inadequada para nomear essa prática budista. Primeiro, porque ela é muito ampla, polissêmica. Em português e nas línguas ocidentais a gente medita sobre alguma coisa. Aí há um problema, porque na nossa meditação se medita sobre nada. Não é que a gente medita sobre o nada, mas não tem um objeto específico para ficar pensando sobre. E também pensar sobre não é o que a gente faz. E depois que houve essa entrada da meditação oriental aqui, fora do contexto asiático, ela também é meio problemática. Porque a meditação, essa palavra ou coisa parecida, já existia no contexto cristão. Então, como ex-monge católico, existem escritos de quase mil e quinhentos anos sobre meditação cristã. E faz um relacionamento, uma ação entre o que os budistas estariam fazendo ou o que as pessoas estariam fazendo nas religiões da Ásia e aquilo que os cristãos do mediterrâneo, das religiões mediterrâneas estariam fazendo. Isso é um problema, né? Fora que aquela coisa que a gente... De meditação dos países asiáticos também tinham uma riqueza inesgotável. Vários tipos de meditação, vários tipos de práticas, vários tipos de estilo, com mantras, sem mantras, com contagem, sem contagem, com exercícios físicos, sem exercícios físicos, usando recursos de temperatura, lugares quentes, lugares frios... E toda essa riqueza de práticas a gente chama aqui de meditação e isso fica muito confuso. E isso ainda é mais confuso quando começaram a usar um tipo de meditação para desempenho que é o mindfulness e outras técnicas de concentração, e chamam isso de meditação também. Então, a gente tem aí uma riqueza de significados usando a mesma palavra, meditação. Isso ajuda e isso atrapalha. Isso ajuda porque aproxima a empatia para pessoas que tem uma outra prática, uma outra vivência. Por exemplo, cristãos em uma prática um pouco mais interiorizada e simpatizam com a nossa meditação. Tem Thomas Merton que um autor católico muito conhecido que fala sobre meditação. Os místicos católicos, os monges católicos lá do século V que falava alguma coisa sobre meditação. A técnica e o relato disso se parece muito com o que a gente chama de meditação hoje. Mas não é bem assim. Dentro do Budismo existem alguns tipos de meditação que eu não saberia explicar porque são típicos de cada escola, então eu gosto de respeitar aquele princípio de dar a voz a quem é adequada a voz, o lugar de fala. Eu não daquela tradição e não

tenho propriedade para falar sobre isso. Então são várias! Não existe uma só, existem várias, e dentro do Budismo. Dentro do Zen existem cinco escola Zen só no Japão. As principais são a nossa, a Soto e a Rinzai, que é conhecida por ser lá dos samurais, por usar koans, frases truncadas para quebrar o pensamento. Então assim, para nós do Zen Budismo, a palavra Zen vem da palavra meditação. Em sânscrito eu não vou saber falar direito é Dhyana, tem um “dh” e um “y”. Essa Dhyana vai virar Chán, e em japonês Chán vai virar Zen. Então, quando a gente fala do Zen Budismo estamos falando Budismo da meditação. O nosso Budismo é o Budismo da meditação. A nossa prática gira em torno da meditação. Nosso fundador no Japão, Dogen Zenji, ele quer o Budismo, o Zen, do nosso modelo, seja centrado na respiração, que a nossa prática seja uma meditação sentada. E aí a gente chama de Zazen. “Za” sentada, e o “Zen” meditação. Então, meditação sentada. A nossa meditação é a meditação Zazen. E tem algumas características a nossa meditação. Ela é silenciosa, ela é estática. A gente evita se mexer durante a meditação. Ela é de olhos abertos, ou semicerrados e é feita sentada, com a coluna ereta. As pernas podem variar um pouquinho. Então novamente... Porque eu estou falando isso? Porque essas características diferem de outras meditações. Então a gente não vai usar mantras, é silenciosa. A gente vai ficar de olhos abertos, diferente de uma meditação de olhos fechados. Ela não é guiada, você para e faz sozinho. Ninguém vai lhe guiar e dizer “Ah, faça isso agora”, não é guiada. Ela é estável, então a gente não vai ficar fazendo movimento. E ela é sentada. Não se faz ela deitada a não ser em casos muito especiais. Tem uma meditação que a gente fazem pé, mas a gente continua com a mente da meditação, mas a gente se movimenta um pouco para não dar problema na circulação das pernas. Essa meditação, a meditação Zazen é o centro da nossa prática. Quando Dogen foi querido, perguntaram a ele se ele tinha trazido algo da China, um sutra secreto ou algo especial. Ele disse “Olha, eu trouxe coluna ereta, sentado, olhos abertos, nariz alinhado com o umbigo. São as coisas que eu trouxe da China”, ou seja, meditação Zazen. Segundo o Zen Budismo foi isso que o Buda fundador, Shakyamuni Buda, o príncipe Sidarta, fez e praticou durante muito tempo e conseguiu despertar através dessa técnica, e através dessa técnica a gente busca isso. A gente busca tornar Buda. Busca se tornar budas para que todos despertem. Então através da minha prática todos os seres também despertam junto comigo. Então a gente tem essa prática da meditação. Não é uma prática egoística. A gente não está fazendo para só a gente despertar, mas a gente está fazendo para que todos despertem junto conosco. E esse é o centro da nossa prática. É o Zazen, a meditação silenciosa. Traz para a gente essa prática que traz o despertar, a iluminação. Toda nossa prática, todo o nosso Budismo gira em torno da meditação, o que nos torna um pouquinho diferente das outras escolas budistas, porque algumas enfatizam que se deve estudar os sutras, algumas enfatizam que se devem fazer

certas práticas devocionais... Mas para a gente o principal é a meditação. A gente vai ter cerimônias, a gente vai ter prostração, a gente vai ter alguns mantras. Mas isso não vai ser importante para a gente, o importante vai ser a meditação sentada, o zazen.

A meditação pode influenciar no dia a dia do(a) brasileiro(a)? Se a resposta for afirmativa, como?

Desde que eu ensinava Yoga, as pessoas me perguntavam isso. Não sobre o Yoga! Um iniciante, e aí ele sentava lá e antes de fazer dizia “Olha, queria saber quais são os benefícios do Yoga”. Fica parecendo assim que, só vou fazer se tiver benefícios, se eu concordar com esses benefícios, que só estou aqui como observador. Bom para a garganta, bom para não sei o que... Eu sempre respondi assim, “Não é bom para nada! Não tem benefício nenhum! Nenhum! Se quiser sair, pode sair”. Só que aí eu dizia assim... Ninguém chega numa aula de vôlei, para o professor de vôlei – estou falando em relação ao Yoga –, “Olha eu só vou fazer isso se você medisser quais são os benefícios do vôlei”. Ou chegar no professor de patins e dizer “olha me diga aí uma lista de benefícios dos patins na vida das pessoas para ver se calço um negócio desse”. Ninguém diz isso, né? (...) Então, eu dizia isso na aula de Yoga. Dizia “Olha, é o seguinte: você chega nas aulas de natação e pergunta quais são os benefícios?”. Tem benefícios, mas isso não pode ser como uma venda de uma casa. Ninguém chega numa igreja e pergunta “Ah, padre, me diga os benefícios de rezar. Me diga quais são os benefícios de tomar a comunhão”. Ninguém faz isso! Eu fico muito triste quando... Não estou desfazendo da sua pergunta, eu sei que é uma pergunta recorrente. Mas fico muito triste quando uma pessoa trata uma prática budista dessa forma. Ninguém diz assim para um padre “Quais são os benefícios de rezar”. Ninguém diz isso! Ou chega para um... para um... Deixa eu pensar uma prática religiosa. Tenho que evitar colocar estereótipos. Mas ninguém fala para uma pessoa que cultua uma religião que usa ayahuasca “Quais são os benefícios?”. Não! Você vai lá porque você tem interesse e acha que aquilo lhe toca. Então, existem benefícios como qualquer coisa tem seus benefícios e tem seus problemas. Então, se você me perguntar quais são os benefícios de tomar sorvete, tem benefícios de tomar sorvete, mas tem contraindicações. Então, quando alguém me pergunta quais são os benefícios da meditação budista, acho isso pejorativo. Acho que deveria ter um trabalho conscientização disso. Assim como há um benefício, há um movimento de conscientização das pessoas dizerem assim “Ah, a sua religião afro é do mal. Por que vocês fazem coisas erradas contra as pessoas?”. Isso é um monte de preconceitos nesse tipo de pergunta. A mesma coisa é ofensiva quando você me diz assim “Me venda sua religião. Me venda a prática principal da sua religião. Por que é que eu deveria fazer isso?”. Aí entra uma outra coisa no Budismo que se vincula com

a sua pergunta lá de trás. O Budismo não está interessado em converter ninguém. Ele não está interessado em convencer ninguém. As pessoas chegam no Zen, elas me ligam e me falam assim “Quando é o dia da pregação?”, daí eu digo “Não tem!”. “Deixa eu lhe dizer uma coisa”, eu digo para a pessoa no telefone, “A gente senta em silêncio. Toca o sino. Toca o sino de novo e a gente levanta. Toca o sino de novo a gente senta. Toca o sino de novo a gente se cumprimenta, toma chá e vai embora. Só isso!”. (Risos). Daí pergunta “Quando é que vou aprender sobre Budismo?”. Daí eu digo “Como assim?”. Aí ela “Como é que vou aprender sobre Budismo? Mas e as outras coisas?”. Daí eu digo “Você quer uma procissão? Não tem!”. Alguns amigos meus que não vejo há muito tempo pergunta assim “Me convença a ser budista!”. Não quero convencer ninguém a ser budista! Não quero dar um argumento que você não consiga escapar e você vá ser budista amanhã. Não tem isso no Budismo! Nossos leigos não precisam disso. Não precisam converter ninguém. E aí acontece com a meditação. Não preciso dar vantagem da meditação para que convença você a fazer meditação. E, principalmente, convencer a fazer uma meditação que não esteja dentro de uma prática budista. Aí você fala “Me dê uma dica para eu fazer uma meditação em casa que não seja budista, porque não quero largar minha religião. Não quero deixar de ser católico”. Então não seja! Então não faça! Tem um monte de meditação católica! Procure lá Santa Teresa d’Àvila, Antônio da Cruz... Tem um monte de autor católico! Tem um monte de autor protestante! Não precisa fazer uma prática budista. Se você tem simpatia, venha e faça! Daí você que veja alguns benefícios. Agora vou falar do que seria os benefícios, respondendo sua pergunta na prática. A própria prática da meditação, como meu professor diz, é revolucionária. Porque você faz tudo o contrário do que o mundo pede. O mundo pede que você não pare um segundo. Se você parar, você está perdendo tempo. Daí você para! Você não se mexe. Você não se ilude, então você não fecha os olhos para ficar divagando ou sonhando. O mundo diz que você deve planejar. Você senta e não planeja. Você deixa os pensamentos virem, chegam e irem embora. Você não se concentra. Você não aumenta o poder de concentração. Nada disso! Amanhã vou conseguir estudar para o concurso mais concentrado. Talvez se você faça meditação por muito tempo, você até desista do concurso. Como é que vou dizer que isso faz bem do jeito que as pessoas imaginam que é fazer bem? Desistir do concurso? “Ah, isso é uma loucura! Vou viver minha vida e aí desiste do concurso”. Então alguém vai olhar isso e vai dizer “Ah, o monge é o culpado!”. É um concurso, por que fazer meditação? Quando você faz essas coisas a própria meditação já é uma prática revolucionária. Já é uma prática de meditação, já é uma prática do despertar. Porque você faz silêncio, por isso é uma prática silenciosa... Não é por isso! Mas nossa prática é silenciosa. Você não precisa falar. Só de você estar calado. Vamos dizer que você faça vinte minutos de

meditação. É vinte minutos sem agredir ninguém, é vinte minutos sem fazer fofoca, é vinte minutos sem falar mal da vida dos outros, é vinte minutos sem... Veja que coisa maravilhosa! E você está praticando do silêncio, num mundo que você tem que estudar ouvindo uma música. Botar um fone. Você tem que lavar os pratos ouvindo música. Você está num ambiente e você se incomoda com o silêncio. Chega ao absurdo que se duas pessoas que se amam, dois namorados, sentados e se fazem silêncio por algumas horas... Tem até uns vídeos falando “Ah, se você ficar mais de vinte minutos sem falar com a pessoa que você ama, dê um beijo nela para não ficar uma lacuna. Que absurdo! Qual o problema de duas pessoas comungarem o silêncio?! Faltou assunto, tá bom! Vamos curtir a presença um do outro. Não! Já que a gente não pode falar, a gente tem que se mexer! Vamos beijar e fazer coisas! Só de falar dessas coisas não estou falando de nada em particular. Não estou falando de um efeito na mente, criar neurônios... Estou falando disso! Falando do ato de sentar e ficar com você mesmo. Cinco minutos, vinte minutos... Só você. Só você! Nem rádio, nem televisão, nem livro. Você não precisa produzir nada. Você não precisa deixar de ser quem você é. Na meditação tem uma coisa que é fantástica, de que você não é nada daquilo que você acha que é, e continua sendo você mesmo. Vamos dizer, Renan. Renan é um mestrando, Renan é um filho, não sei se é pai... Renan é um filho, Renan tem seu relacionamento, Renan... Vamos ver outro papel para Renan... Renan é um estudante, Renan é um professor... E se você perguntar para alguém “Quem é Renan?”, aí você diz um monte de coisas dessas aí. Eu sou Renan, daí você diz seu sobrenome, filho de Fulano e Sicrano, neto de não sei quem, vizinho de não sei quem... E quando você está em meditação, sentado por vinte minutos, você não é nada disso. Porque essas coisas você só é quando está exercendo. Quando você está sentado, você não é Renan mestrando. Você não é Renan filho, porque você não está servindo como filho. Você não é Renan estudante, porque não está estudando História Pública. Você não deixou de ser Renan, você é Renan e continua Renan! É isso que a gente diz, você está só com você mesmo, porque ali está você. Então é você mais puro, porque não é você vinculado a um papel que é temporário. Você é mestrando temporariamente. Quando você defender sua dissertação, se você entrar num doutorado, você vai ser doutorando, você não vai ser mais mestrando. Você vai deixar de ser Renan? Isso a meditação ensina. Mas ensina na meditação que você pratica. Ela vai ensinando essa prática de silêncio. Essa prática de estar ali, de dedicar esse tempo, há esse momento, o momento presente, porque a prática do Zazen você tenta trazer a mente para o momento presente. Para o aqui e o agora. Você não tem dimensão do aqui e agora se você não pratica. O que você lê nos livros, por isso não é importante o que está nos livros. Não chega perto! Mas não é porque não é algo importante, o conhecimento. Não! É porque você tem que se abrir para isso. Gosto de dar um

exemplo muito simples que é assim, “Ah, eu queria saber quais são os livros que você recomenda para aprender Budismo?”. É como esse negócio do convencimento cristão. “Me dê um livro aí para ler!”, daí você diz “A Bíblia!”. Não tem isso! Aí eu digo assim... Dou um exemplo bem chifrim, porque sou noviço. Gosto de dizer assim, que é como andar de bicicleta! Não adianta você ler um romance sobre andar de bicicleta, as leis físicas do andar na bicicleta, um manual de como construir uma bicicleta... Você vai saber tudo sobre a bicicleta, mas não vai saber o principal, andar numa bicicleta! Enquanto você não se sentar ali, alguém te segurar e você cair várias vezes, você não vai saber andar de bicicleta. Você não vai entender a “mágica”, e aí um monte de aspas, de você andar num negócio que não tem sustentação nenhuma! Duas rodas assim, e você consegue ficar ali em cima sem cair! O vento no seu rosto e o frio nas pernas... Nada disso está nos livros! Os livros não vão fazer você andar de bicicleta! O Zazen é isso! Você não vai entender essas coisas se você não sentar e fizer. E sentar várias vezes! Não adianta uma vez! Ninguém aprende a andar de bicicleta numa batida só, sentou e andou. Ninguém! E quanto mais você anda de bicicleta, mais você não sabe andar de bicicleta. Em qualquer coisa! Tocar violino, tocar piano, tocar violão, que é difícil que só. Não adianta um monte de vídeos de como tocar violão, você vê os dedinhos lá... Vai! Bota seus dedos lá! Dóis que só! Não vai! Tem um livro muito bom, se você quiser colocar como referência, que é “Por que não sou budista”. O autor não vou lembrar agora, mas posso mandar depois. Tem dois livros assim, mas esse é de um cientista, que os pais deles eram budistas e ele desmistifica toda essa história do cientificismo budista. A Ciência diz que a meditação dá tal e tal efeito... Ele acaba com isso! Dizer que a meditação, cientificamente, Reiki... Tudo isso! Rezar faz a mesma coisa, fumar cigarro faz a mesma coisa... Falo a mesma coisa, mas estou exagerando. Mas, é... Relaxa a pessoa. A gente não tem instrumentos capazes de medir os efeitos da mente da pessoa. Hoje em dia a gente não tem instrumentos capazes de fazer essa avaliação científica adequada. Então, é meio lorota ficar defendendo uma coisa, efeitos fantásticos da meditação... Não se faz mais isso! Tem esse livro aí, como referência para as pessoas desmistificarem isso. Não existe isso! Esse cientista faz parte do grupo que estudou o Dalai Lama e o Matthieu Ricard. Ele estava lá, é o cientista por traz disso. Ele vai explicar porque é que ele não era budista, porque é que ele não compra essa ideia, ele explica. Agora, os efeitos que o Zazen pode trazer na sua vida, e várias pessoas que praticam vão contar coisas parecidas. Mais calma, ficou mais concentrado... o Zazen é um exercício também. Quando você está, por alguns minutos, exercitando e se controlando para não falar, isso acaba refletindo na sua vida. Você diz “Eu consigo não falar nesse momento. Eu consigo não dar vazão para minha raiva”. Nem sempre... “Eu consigo abrir para uma percepção melhor. Deve ter uma outra solução”. Mas é porque você está exercitando

isso! Assim como você exercita seu ouvido para tocar música e tudo o mais, você exercita o comportamento. Mas o Zazen não é para isso. É uma prática religiosa que tem objetivo religioso de libertar todos os seres. O Zazen não é para utilizar. É até um contrassenso do Budismo. Eu estou dizendo para desapegar das coisas? Como é que eu vou usar uma meditação para melhorar minha concentração para ganhar dinheiro? Para oprimir as pessoas? Para inventar um produto que faça as pessoas ficarem mais tempo fora do presente? Isso é um contrassenso do Budismo! Ele não quer isso! Como é que usaria uma coisa para dar um tiro no pé do Budismo. Não é isso! A própria prática já é o benefício! Só para terminar, eu falo demais.

Fique à vontade!

Meu professor conta duas histórias de um grande mestre que conheceu há muitos anos atrás. Ele veio visitar o Rio Grande do Sul, eu acho. Foi visitar o Sul! Meu mestre era leigo na época e tinha filho criança. E aí perguntou para o grande mestre, que tinha bem um estereótipo de mestre. Tinha aquela barbinha, aquela cara de japonês que lembrava o senhor Miyagi na década de 80. (Risos). A cara, né? Esse aí é um mestre! Esse aí parece o Yoda! E aí o filho dele, o filho do sensei, perguntou. “Olha, quantas horas por dia o senhor faz meditação?”, para o grande mestre. E daí o grande mestre virou para ele e disse “Só vinte e quatro horas”. (Risos). Então, ele está presente em todos os momentos, e isso é a prática budista! Não assim, sentar só. A outra historinha, é que perguntaram para um mestre do Zen se dez minutos de Zazen por dia estava bom. Não sei se já ouviu essas histórias? Ele disse, “Ah, tá bom. Dez minutos por dia”. Daí ele disse assim, “Mas se a pessoa for muito atarefada, muito ocupada mesmo!”. Daí ele disse “Ah, uma hora no mínimo!”. Daí ele perguntou “Ué, mas dez minutos servia e se tiver ocupado, uma hora?!”. Daí ele disse “Meu filho, se você não tem dez minutos do seu dia para você mesmo, alguma coisa está muito errada na sua vida. Então, é melhor ter uma hora para isso”. É isso, né? Se você não tem dez minutinhos para você, alguma coisa está errada na sua vida. De repente... No Budismo tem muito isso, vida e morte. Se você morre agora, como que naquelas religiões que é como se um filme passasse. Como seria esse filme da sua vida? Essa coisa, né? O presente é muito importante. Um outro mestre, que também foi um dos mestres que meu mestre conheceu, Moryama Roshi, perguntaram numa entrevista aquelas perguntas pingue-pongue, perguntaram assim “Qual foi o momento mais importante da sua vida?”, daí ele respondeu “Agora”. “Qual a pessoa mais importante da sua vida?”, ele se virou para a repórter e disse “Você”. (Risos). Tem uma outra pergunta que esqueci agora. Mas o que quero dizer é que, realmente, o momento mais importante para a gente é o agora. É o único que importa! Porque é o único que faz a diferença. O passado já foi. O futuro... E a pessoa mais importante da sua

vida é essa que está na sua frente. Imagine com a repórter, se ele passasse mal, quem é que vai ligar para o SAMU? É a repórter! (Risos). Então a pessoa mais importante, né? Eu estou brincando, mas você consegue ter essa presença que é treinada pelo Zazen, como eu disse, não é o objetivo do Zazen. O Zazen pode ensinar o ouvir as pessoas. Então, você treina ouvir os sons do momento presente e você treina a escuta compassiva, né? Um amigo seu, que está precisando ser ouvido daí você ouve ele. Escuta compassiva! Aí se você tem a oportunidade de ouvir um mestre falar e você ouve o mestre falar. Você aprendeu a fazer silêncio. Então, se fosse falar dos benefícios da meditação, eu faria isso. Da própria meditação. De sentar e de continuar sendo você mesmo, mesmo não fazendo nada. Que é aquela coisa do que lhe dar também. As pessoas vincularam muito o valor das pessoas ao que lhe dar delas. Tem até uma coisa do Padre Fábio muito bonita em um texto, “Deus me livre de ser inútil”. Ele diz assim, é muito bonito. Estou até arrepiado! Não sei se está no Instagram dele. É que o Instagram dele mudou um pouquinho. Ele diz assim “Tomara que quando eu deixar de ser útil, alguém ainda lembre de mim. E quando estiver bem velhinho em uma cadeira de rodas, a enfermeira juvenzinha não me esqueça no sol torrando e me tire do sol”. Então assim, quando a pessoa deixa de ser útil na sociedade, a gente parece que perde o valor e fica correndo atrás de ser útil. Eu tenho que correr atrás de ser útil, porque se eu não for útil eu não vou valer. Se não for bonito as pessoas não vão me amar. Se não fizer algo para minha mãe ela não vai me amar... Que bobagem! Quem ama a gente, ama a gente independente do que a gente faz! Se a gente não fizer nada, a gente continua sendo amado. Essa do ser útil, é tão forte que quando fui para um mosteiro chamado Cartuxa, não sei se o senhor já ouviu falar, aí perto do Paraná. Fui em todos os mosteiros aí perto. Tem um no Rio Grande do Sul, chamado Cartuxa. A Cartuxa dos monges eremitas. E o superior, uma pessoa que admiro muito, acho que é falecido... Eu era eremita e ele fez um horário para mim. No horário que ele fez para mim, colocou umas duas horas para que eu não fizesse nada, no meio do dia. Botou duas horas lá, sem fazer nada! Sem rezar, sem trabalhar, duas horas lá! Aí olhei para aquelas duas horas... O quartinho da gente, o eremitério, a gente chama de cela. É como se fosse uma casinha isolada, ninguém vê ninguém. Daí tinha um jardim, eu olhava aquelas duas horas e pensei vou ajeitar esse jardim. E toda a vez esse padre ia me visitar nesse horário. Via minha mão suja de terra e se sentou para conversar. Não me lembro o dia, faz muitos anos. Aí ele fez assim “Olha, deixa eu ver seu horário, por favor”. Aí ele olhou meu horário e disse “Ah! Pensei que tinha errado”. Aí eu disse “O que foi, padre?”. “É que aqui no seu horário essas duas horas não era para você fazer nada. Toda vez que chego aqui você está trabalhando nesse jardim”. Daí eu disse “Não, mas é porque queria fazer algo de útil”. Aí ele fez (balançou a cabeça negativamente) “Na Cartuxa a gente

não precisa servir para alguma coisa. Basta a gente ser Cartuxa”. Basta a gente ser monge, ele quis dizer. Então, não precisa você ter alguma utilidade, não se preocupe com isso! Nossa, isso foi para mim... Pirou a minha cabeça! Porque estava fazendo as coisas porque tinha que mostrar que sou um trabalhador e que não me mandassem embora, mas ele disse que se eu fosse um bom monge estava bom, não precisa fazer nada. Todo monge católico, deve ser a mesma coisa no Zen, quer ser o monge velho, que é outra coisa que vai contra a sociedade. Na sociedade ninguém quer ser velho! Mas os monges querem ser o monge velho. Aquele monge velhinho, sábio. Eu também queria ser o monge velho. Só que o monge velho não serve para nada, porque ele não consegue trabalhar, a voz não dá para cantar, não dá para fazer muita coisa. Geralmente precisa de ajuda de alguém, de algum noviço. Então, não é muito útil, né? A utilidade não pode ser o critério para que as pessoas sejam amadas, sejam importantes. Importante no sentido de que elas tenham algum valor. Não se pode colocar o valor nas pessoas por aquilo que elas fazem. Tem essa mensagem do padre Fábio de Melo que diz isso, que Deus tenha pena de mim quando for mais útil. Então, quando você está fazendo Zazen, você não é útil para nada. E isso que é o maravilhoso! Quando o zazen não serve para nada, é isso que estou querendo dizer para você. Quando ele não serve para nada, aí é que é legal! Quando digo assim, quais são as vantagens de fazer zazen? Quando uma pessoa que faz zazen disse que o zazen não serve para nada, aí está bom! (risos). Ai está bom, entendeu? E você continua sendo importante, porque quando você está lá, praticando o zazen e sua mãe estiver “Esse menino é um vagabundo, não está fazendo nada!”, aí é que é legal! Você está sendo altamente revolucionário! Você é Renan sem mais nada! Você é Renan que está ouvindo o canto dos passarinhos, você é Renan que está ouvindo o cachorro do vizinho latir, como estou ouvindo agora e achar isso massa! E achar isso maravilhoso! Não porque isso vai lhe dar poderes sobrenaturais e um cérebro super poderoso para fazer uns cálculos da Física. Não! É porque você consegue ver o seu presente, sem nada disso aí. Sem nenhuma pressão de ser famoso, sem nenhuma pressão de ser alegre. Outra coisa, você não pode ser triste. Só que você não está sorrindo no zazen, mas está bom! Acontece muito quando você estiver fazendo zazen. Aí você está doendo tudo! Está doendo a coluna, está doendo as pernas e daí de repente você sente o ventinho assim e pensa “Aí que gostoso esse ventinho”. Pronto, é isso! Se você conseguir isso, está bom!

Você acha que a mídia (televisão, rádio e internet) são meios interessantes para o ensino do *dharma*? Se a resposta for “sim”, como você vê isso? Se a resposta for “não”, você proporia algum meio disseminação do conhecimento?

Nós, aqui de João Pessoa, somos fruto dessa possibilidade de tecnologia. Aqui na cidade vizinha, de Campina Grande, tem três monges, alunos da monja Coen, que receberam ensinamentos da forma tradicional. Foram à São Paulo e palestras da Monja Coen, e trouxeram para cá, em Campina Grande. Mas aqui em João Pessoa não tinha o Zen. O professor que aceitou conduzir o nosso grupo, que era um grupo de estudos, foi o Monge Genshō, virtualmente. Então, por meio do contato dos e-mails e depois por WhatsApp fez o acompanhamento do nosso grupo até se tornar uma comunidade. Tudo pela internet! Nosso contato com eles é pela internet, então a gente falou com ele, falar mesmo, foi pelo Facebook. E a gente tinha acesso aos ensinamentos dele via YouTube. Então, a gente é o fruto, especificamente nossa comunidade e as outras comunidades do nordeste que foram surgindo, dessa linhagem do Daissen, são frutos dessas tecnologias. Sem elas a gente não existiria. Então essa ousadia de poder fazer o acompanhamento e poder disseminar o Dharma através dessas tecnologias é o que possibilita que a gente exista. Então, nossa experiência particular é resultado da abertura dessas tecnologias. Então, nossa comunidade Daissen nacional, por iniciativa da Monja Sodō, em Brasília, criou a primeira sangha virtual da nossa linhagem. Ela teve essa visão há três ou quatro anos atrás, se não for mais. Mas há quatro anos atrás, que eu me recorde, ela criou essa sangha virtual, que o objetivo era oferecer um espaço de meditação, de zazen para pessoas onde não tinham possibilidade de ter um grupo. O grupo quero dizer de pessoas que possam estar juntas. Então, uma pessoa de uma cidade do interior da Bahia... Esqueci o nome da cidade. É uma cidade bem isolada. Acho que, pode-se dizer, aquele negócio do leigo. Então essa pessoa faz meditação trancada no quarto, na internet. Imagino aquelas pessoas que se trancam nos quartos para ver outras coisas na internet, principalmente os adolescentes. Mas ela se trancava para fazer meditação budista, porque lá no interior dela, muito cristão... Como é que ela ia praticar o budismo? Aí ela praticava na sangha virtual. A monja abriu uma sala do Zoom. A gente já usava o Zoom naquela época. A monja fazia todo o ritual para zazen, como se estivesse acontecendo ali na sala. Ela ensinava fazer meditação, tocava o sininho, girava. Tudo o que a gente faz no zendo, ela fazia na sala virtual. E aí essas pessoas de lugares longínquos... Você imagine os Estados do norte, Estados grandes e desenvolvidos como o Amazonas, o Pará não tem Zen Budismo. Imagine! Então, a gente tem praticante lá, através da sangha virtual. Pessoas do interior aí do Paraná, cidades que o nome é bem... Francisco Beltrão, que é bem longe, bem frio, tem uma sangha nossa aí. Tem outras cidades bem longínquas que tem brasileiros no exterior. Brasileiros em Portugal, brasileiros na Alemanha, brasileiros em cidades na Europa que não tem o Zen Budismo, que não tem Budismo estão participando de uma sangha budista. Eles sentam em zazen, porque a sensação quando abro a câmera é parecida

com a sensação que a gente tem no zendo. Em que a gente está sentado um do lado do outro, porque o outro do lado observa que a gente se mexeu. A gente fica mais tempo porque tem alguém olhando. Se a gente estiver em casa e não tem ninguém olhando, a cama quentinha. A mesma coisa quando a gente está estudando. Quando a gente está com a câmera ligada e se eu me mexer, alguém vai ver que eu me mexi. A sensação é parecida! Essas pessoas de longe podiam fazer zazen durante o tempo que a gente faz. Tem instruções, tiram dúvidas com a Monja Sodô. Era só a Monja Sodô fazendo esse trabalho. A gente precisou muito de alguém em João Pessoa, porque chegava alguém aqui na Paraíba... Se dizia assim “Ah, a gente entra pelo lado esquerdo, com o pé esquerdo”. Só que a nossa sala não tinha o lado esquerdo da porta. E agora, o que a gente faz? (Risos). A gente entrava na sala da Monja Sodô e dizia “Monja Sodô, nossa sala não tem lado esquerdo. Como é que a gente faz?” O nosso altar não é do lado central, é uma prateleira que a gente tem do lado esquerdo. Aí a gente dá três passos e reverência o Buda, mas não tinha espaço para dar três passos. A gente faz o que? A gente tirava dúvida com ela. Quando a pandemia chegou, esse espaço foi ampliado. Os mosteiros budistas do Brasil, as sanghas, tiveram a orientação de não por... Porque um dos princípios budistas é que a vida humana é extremamente preciosa. Nada justificava por uma vida humana em risco. Nada! Nem a meditação. Então, a gente fechou. Quando fechou, fechou... Até agora está fechado. Tinha que fazer de algum jeito, a gente sentiu falta. Então a gente decidiu que todo mundo ia para a sangha virtual. Mas já existia! Então o mestre está conosco praticamente todos os dias. De manhã e de noite. Até tenho pena dele porque eu fico cansado, imagine ele. Então é de manhã e de noite. De manhã e quase todos os dias. Tem palestras, tem perguntas e respostas. Então o mestre ficou muito próximo. A gente via o mestre uma vez no ano. A gente vê ele no mínimo três vezes por semana, agora. A gente conversa com ele, a gente criou um mecanismo. Tem um como se fosse um acompanhamento chamado “dokusan”. É como se fosse uma entrevista que a gente conta para o mestre... Então está disponível, né? Ele deixou disponível pelo WhatsApp. A gente faz uma videoconferência com ele, como se fosse uma confissão com o padre, online. A confissão tem um negócio... Tem a bênção, mas a gente não tem isso. E a gente conversa com o mestre. Qualquer leigo tem a oportunidade de conversar com o mestre. A gente só tinha uma vez no ano, agora se a gente tem necessidade a gente vai lá e fala. A gente teve a oportunidade de ter palestra com um mestre, amigo do nosso professor, lá da Argentina! Do Peru, do Chile! A gente teve uma reunião com o mestre, que vem agora para a América Latina, diretamente do Japão! E falou lá do Japão para a gente! Isso é maravilhoso! Meu professor disse que isso é irreversível, isso não volta atrás. Foi um passo que foi dado. Não tira a importância da prática presencial. A gente entende que é um momento de exceção. A gente entende que isso

abriu as portas para a gente ter contato com o ensinamento, com mestres de outros lugares e possibilita que o dharma chegue a regiões longínquas. Isso beneficia muita gente. A gente mesmo que tem local de prática presencial, porque a gente está fechado para preservar as vidas, mas a gente continua nossa prática e mais intensa. Porque nossos grupos são muito pequenos. Minha sangha tem cinco pessoas nessa cidade. Aqui é uma vez por semana, porque não é comum. A gente não recebe doação de terreno, a gente não recebe. Então tem que pagar aluguel, tem que pagar energia e é muito pesado para cinco pessoas. Agora tem quase todo o dia. E tem a nossa, que se ela quiser a pessoa tem todos os dias e quase todas as horas. Vai ter em São Paulo, que é da Monja Coen, vai ter do monge de Itapeverica da Serra, vai ter o do pessoal de Minas Gerais, vai ter cerimônia online todo o dia do templo de São Paulo. Tem japonês, tem espanhol, tem português... Se ela quiser ela vive o dia todinho em retiro, porque qualquer horário que ela pesquisar, vai achar algum horário de meditação. Tem pessoas qualificadas para fazer isso. Com monges, com mestres... Coisas fantásticas, um benefício enorme para as pessoas! Então, acho que o uso da tecnologia é essencial. Talvez, a gente não tinha percebido o potencial disso antes. A gente não estava vendo potencial disso e a gente foi obrigado a ver. A gente levou um tapa na cara.

Você conhece a Monja Coen? Como você interpreta a ação da Monja Coen sobre o budismo no Brasil?

Não sei se o senhor a conhece pessoalmente. Ela é uma pessoa magnética! Você está li com ela e você já quer ouvir, dar um abraço, né? Ela tem essa coisa que é própria dela. A maneira de falar, até a voz dela é gostosa. É uma coisa dela! E assim, num tempo em que a mulher não era muito... Você não vê histórias de mestras Zen. As historinhas que você escuta são de mestres Zen. Então é uma mulher, é uma mulher! Não é um professor Zen, um monge Zen. É uma monja, é uma mulher! Ela vence isso da barreira. Porque aqui no Brasil tem muito isso que as lideranças religiosas estavam muito centralizadas na masculinidade. É o bispo, é o pastor, é o padre... As freiras não falam, né?! Você já viu uma freira conversando por aí?! Aí você fala, uma freira famosa... Daí conversando você fala “Irmã Dulce!”. Daí eu falo assim “Dá uma reportagem da irmã Dulce falando do catolicismo”. Não tem! Tem uma filmagem da irmã Dulce trabalhando, limpando, com os doentes no hospital. Deram voz à irmã Dulce? Não, né? Até porque o trabalho dela era outro, é uma comparação meio injusta. No geral, não é porque ela era católica. Não dava projeção religiosa para as mulheres. Não tem mães de santo. Aí tem Mãe Menininha do Gatois, mas foi porque foi um francês que disse “Olha, Mãe Menininha do Gatois é uma pessoa importante na religião afro”. Porque o brasileiro sabia que Mãe Menininha do

Gatois estava lá, mas a Globo não ia lá ver Mãe Menininha do Gatois. Acho que era até censurado. Mas assim, a Monja Coen já era já, nesse programa que tinha, ela era a única mulher. Então tinha o bispo, que era Dom Eugenio Sales, que eu gostava muito na época, o Rabino... Esqueci o nome... Muito famoso em São Paulo, era o pastor muito famoso e Monja Coen. Então assim, um monte de homem e Monja Coen (risos). Então noventa e nome por cento, se não for cem por cento das pessoas que chegam ao Zen Budismo aqui em João Pessoa e nas outras cidades que eu sou responsável vieram por causa da Monja Coen. Porque ouviu a Monja Coen, porque viu a Monja Coen no YouTube, viu uma fala compartilhada no Whatsapp da Monja Coen, leu o livro da Monja Coen. 99,9% das pessoas que tem interesse pelo Zen, vieram por conta da Monja Coen. Ela é uma grande mestra! Só de você fazer uma pessoa lá do interior remoto da Bahia, as vezes não tem nem internet de fibra ótica ainda, e essa pessoa está ouvindo uma palestra da Monja Coen, está vendo uma mulher careca, porque ela quis ser careca, porque ela se dedica a uma vida religiosa diferente do que ela conhece, do que ela jamais imaginou, e o que ela diz faz sentido para ela, e o que ela diz reduz o sofrimento dessa pessoa. Imaginar isso é uma coisa fantástica!

ENTREVISTA COM MONGE YAKUSAN (JANEIRO DE 2021)

Como você se interessou pelo budismo?

A minha jornada no budismo foi interessante, porque ela começou da minha profissão laica. Sou médico de família, sou professor universitário. Uma das coisas que a gente aprende na medicina de família são as práticas integrativas e complementares. Eu estudei algumas práticas espirituais, por muitos anos. Estudei *Kabbalah* judaica, fui a Israel duas vezes e estudava bastante. Só que era algo que tinha muita informação para mim. Então tinha um determinado momento que eu não conseguia dar conta, porque o calendário judaico... por eu ter uma descendência judaica meio torta, muito longínqua... Enfim, não fui atrás de fazer conversão. Não batia com meu calendário civil, digamos assim. Então ficou difícil.

Nesse meio tempo, fiz um curso de meditação *mindfulness*, de meditação de atenção plena na Universidade de São Paulo, na UNIFESP, era um curso de oito semanas, e me tornei facilitador de *mindfulness*, fazendo cursos por aí, enfim... Ensinando para pacientes. Aquela coisa tranquila como médico assistente. Só que aí eu senti falta de alguma coisa no *mindfulness*, porque o *mindfulness* é uma técnica, uma decodificação de técnicas milenares. E o *mindfulness* é mistura da meditação *vipassana* do Budismo *Theravada*, e do *zazen*, que é o que eu faço hoje em dia. Como eu sou de Porto Alegre, eu fui procurar centros que tenham essas técnicas, porque eu quero ir na origem do *mindfulness*. O *mindfulness* não me dava conta daquilo que eu precisava na perspectiva espiritual, e também na perspectiva ética.

(...)

Eu realmente não queria seguir uma prática ocidental, até por uma questão de criação em casa. Minha mãe é católica praticante e meu pai era pastor evangélico, e eu disse para os dois “Não vou seguir nem um, nem outro”. E aí fui fazer minha própria jornada. E aí fui me aproximando mais e mais do Oriente. Estudei coisas do Ocidente, estudei *Kabbalah* por quinze anos, até chegar no Budismo através do *mindfulness*. Foi assim que eu cheguei!

Quem são suas principais referências budistas?

A gente acaba copiando os mais velhos. Então o que eu tive de referência primeiro foram as pessoas a minha volta. Quem me ensinou o *zazen* foi um praticante leigo, que hoje é professor do *dharma*, chamado Muni-sensei. O sensei Munique, é um dos professores do *dharma* da comunidade da qual eu pratico. Já conhecia Monja Coen muito antes de todo o fenômeno do *YouTube*, porque Monja Coen era uma das referências de Budismo, de uma religião minoritária

no Brasil, você deve saber. Nós somos menos de um por cento da população. Então já conhecia a sensei de movimentos inter-religiosos. Claro que, obviamente, quando a gente se encontrou foi... A relação de mestre/discípulo é uma relação interessante, porque ela é uma relação que vai além das palavras. A gente se olhou e teve uma “liga”. Eu praticava com pessoas aqui. Tinham dois monges, um casal de monges, na verdade, um monge e uma monja que cuidavam da comunidade. Eu pedi autorização, eu falei “Olha, eu vou treinar com a Monja Coen! Vou fazer o treinamento”. Quando eu me tornei um leigo budista, porque a gente pode tomar os preceitos, que é quando a gente se torna parte da comunidade e assume os ensinamentos de Buda como algo para sua vida, algo como caminho ético, já entrei na perspectiva de ser monge. Quando sentei em *zazen* falei “Gente, é isso!”. E eu acho que a jornada vai ser para a vida monástica.

Minha relação com a Monja Coen é muito forte. A gente meio que se olhou e falou “Bah! É isso!” E seguimos praticando. A relação dela com os discípulos... Tem discípulos de vinte e tantos anos... de vinte e cinco anos, então muito dessa coisa toda mais globalizada e online já se tinha a pessoa dela como referência, como uma das pessoas que foi treinada no Japão e trouxe os ensinamentos para cá, de maneira mais palatável, e fazia os treinamentos nos mosteiros, enfim, ensinando. Foi mais ou menos isso, tive como molde primeiro as pessoas que estava à minha volta, principalmente Muni-Sensei, pessoa muito serena, um excelente professor do Dharma. Depois, obviamente, Monja Coen, porque é a minha mestra, foi minha mestra de ordenação, minha mestra de treinamento. E estou concluindo minha formação, porque a jornada do monge é muito longa, são muitos anos e ela está me acompanhando nesse processo.

Você considera o budismo no Ocidente equivalente ao do Oriente? Pode justificar sua resposta?

Uma das grandes referências do Budismo no Brasil, inclusive é um professor de História, não sei se é alguém que você vai entrevistar, é o professor Ricardo Mario Gonçalves. Ele está bem velhinho, mas acho que é uma das pessoas que você deveria entrevistar, é uma das grandes referências. É um querido, tenho um apresso muito grande por ele, a gente tem uma relação muito próxima, de irmão do Dharma. É uma pessoa que a gente tem um profundo respeito pelo nível de conhecimento que ele tem. Ele fez um vídeo muito interessante, ele discorre... A gente brinca que não existe Budismo, existem “Budismos”, porque o Budismo, quando a gente olha historicamente, ele foi sendo desenhado conforme as localizações geográficas. Eu sou de uma escola que é da ordem Soto Zen, mas existe o Budismo Tibetano, olha o nome. Quer dizer, já está remetendo ao local de onde veio e com toda a carga cultural do Tibet, porque à medida que

os ensinamentos de Buda saíram da Índia, ali do noroeste da Índia, ganhou Nepal, ganhou China, Sudeste Asiático, Coréia, Filipinas e aí Japão, com as ramificações das escolas budistas japonesas teve muitos elementos culturais. Na chegada do Brasil de certo modo tem, e vou falar até uma coisa para além do Brasil, porque a história do Budismo no Brasil ainda está sendo desenhada, porque essa adaptação ainda não aconteceu de fato. Nos Estados Unidos já aconteceu de maneira muito forte, porque nos Estados Unidos o movimento do Zen Budismo foi nos anos 60, de quando os primeiros missionários chegaram no Havaí, depois para o continente, nos Estados Unidos bem naquela época do alto-conhecimento e as pessoas começaram a procurar práticas meditativas. Nos anos 60 se falava muito da meditação transcendental e, por sua vez, o zazen se aproximando disso. Então, lá essa adaptação já ocorreu. Aqui no Brasil vou te falar que esse movimento vem começando a se fazer, mas a nível de ensinamentos é uma discussão grande. Até com alguns monges... Tem brasileiro... Três brasileiros que moram no Japão, um deles está treinando no mosteiro sede, é muito meu amigo, a gente se fala quase todo o dia e a gente vem conversando muito sobre isso, essa questão da adaptação. Ele fala que existe realmente uma dificuldade dos ensinamentos, porque até pela questão linguística mesmo, quando a gente vai traduzir um texto, até pensando na questão do purismo. Existe uma adaptação. Claro que a gente tem uma defesa de que, acima de tudo, Budismo é religião. Existe uma tentativa daninha de se falar. Youtubers, coachings falando isso, que Budismo é filosofia. Budismo não é filosofia, Budismo tem uma série de elementos filosóficos. Tu estas fazendo mestrado, ligado a ciência das religiões, quando você vê o conceito acadêmico de religião, o Budismo tem todos os critérios para religião. Então ele é uma religião, ele não é filosofia, é permeado de elementos filosóficos. Se alguém quer utilizar quer usar esses elementos filosóficos na sua vida, ok, mas não chama de filosofia! Não vem dizer que é um modo de vida, porque Budismo é religião! Ele tem uma estrutura própria, tem um conjunto de ritos, de crenças, de elementos que remetem à religião. Então a gente vem fazendo esse movimento no Brasil, porque no Brasil isso vem acontecendo, sabe Renan, de falar muito que “Ah! Budismo é filosofia!”, e aí fica aquela coisa só de frases fofinhas e um entendimento um tanto quanto errôneo, inclusive do que é o Zen. Se for para falar de conceitos equivocados, nós vamos ficar horas aqui, porque desde conceitos essenciais como compaixão, sabedoria, a própria iluminação de Buda que é um termo ocidental, porque, na verdade, o que Buda teve foi despertar, que é o Kenshō, não foi iluminação. Iluminação foi uma adaptação da Europa para tentar interpretar e aí fica uma coisa esquisita, quando a gente traduz, digamos assim. E vem acontecendo isso inclusive em relação ao nosso papel, como estou te falando. Primeiro essa questão de filosofia e religião e mais ainda em relação a vários conceitos chaves que o Ocidente

ainda interpreta de maneira muito errônea, inclusive nosso papel como monge. De achar que monge não pode ter posicionamentos engajados, políticos, sociais. Tem uma coisa do Zen que é assim, um monge indiferente, no alto da montanha, as pessoas tem uma ideia um tanto quanto errônea.

O que é meditação?

A primeira coisa que gosto de falar é que Zazen não é meditação. Fica mais fácil para o Ocidente chamá-la de prática meditativa, mas prefiro chamar ela de prática contemplativa. Meditação, como está dizendo, vem do verbo meditar e é um verbo transitivo, ou seja, eu medito sobre alguma coisa. Quando medito, eu medito sobre uma ideia, sobre um ensinamento, sobre um texto... No Zazen, aí estou trazendo para ordem do Zen especificamente, nós não temos um foco específico na nossa prática. Porque, por exemplo, no Budismo Tibetano vão ter algumas práticas que vão ter foco, algumas vão ter mantras, visualizações da Tara Verde, e algumas por som, e assim por diante. No Zazen o nosso foco é a mente, a gente brinca que é uma mente observando a mente. A gente faz uma coisa que eu chamo de metacognição, a gente pensa sobre os pensamentos, observa os pensamentos, inclusive os silêncios entre esses pensamentos. E aí de cara cai um dos mitos sobre o Zazen, porque aí você diz “Ah, eu não consigo meditar, não consigo parar de pensar”, mas nenhuma técnica te faz para de pensar, mas é um mito que muitos colocam por aí e as pessoas já colocam como barreira. Então a nossa observação é de todo um conjunto de elementos que permeiam esse conjunto de conexões neurais dentro do cérebro, esses trilhões de conexões neurais que acontecem e a gente só observa isso. Então no Zazen o nosso foco é esse entorno, o que está acontecendo nesse momento. Eu sento e observo, eu não me apego nenhum pensamento específico e não rejeito nenhum pensamento específico, isso é importante sinalizar. Na meditação, normalmente, tem um foco. Por exemplo, mindfulness vão ter técnicas que se usam foco, para um som, até contato, fechar o olho... Tem uma técnica da uva passa que se fecha o olho e fica ali sentindo a textura da uva passa na ponta dos dedos. Isso é uma meditação, mas ela é focada. No Zazen a gente senta e observa a mente. Parece simples, mas é um tantinho complexo quando a gente passa a se observar, porque não deixa de ser uma forma de autoconhecimento, e às vezes se autoconhecer dá medo. A soterra de várias coisas e tem medo de se conhecer.

Você acha que a mídia (televisão, rádio e internet) são meios interessantes para o ensino do *dharma*? Se a resposta for “sim”, como você vê isso? Se a resposta for “não”, você proporia algum meio disseminação do conhecimento?

A questão do online não ficou só para o Budismo, ela ficou para todas as religiões possíveis e imagináveis que a gente puder conceber, porque a gente ficou em uma outra realidade. A gente teve que usar essa realidade paralela para poder acessar fiéis, praticantes seja lá de que religiões forem. Para ter uma ideia, parece que esse fenômeno da Monja Coen é algo novo, né? Mas se a gente for olhar para o mundo, vou pegar o exemplo da Aoyama Roshi que é professora da Monja Coen, que agora está com mais de noventa anos, fez o que a Monja Coen fez aqui, que foi fazer programa de rádio, ela era colunista de jornal, dava entrevista para os programas de TV... O que a Monja Coen está fazendo, na verdade, é replicando, no melhor sentido da palavra, o que a mestra dela fez que foi levar o Dharma. Claro que no Japão é mais fácil porque é cultural, então fica mais fácil se você ter algo tão cultural de uma monja. No Japão tem uma questão de gênero muito forte, porque tem poucos mosteiros femininos em relação a masculinos, de ter uma professora do Dharma falando. Isso é bárbaro! Trazendo para a nossa realidade ocidental, claro que foi maravilhoso. Tem ônus e bônus se a gente for pensar. Tem um lado bom, sim, que é levar... As pessoas as vezes interpretam, por exemplo, o que a sensei fala, o que a Monja Coen fala “Ah, que bonito o que a senhora fala” e ela diz “Não! O que eu estou falando é o que os mestres antigos falaram”. E, realmente, para quem é praticante quando vê a sensei falando não tem nada de mirabolante, não tem nada de coaching, não tem nada de motivacional, por assim dizer. O que ela fala é o Dharma só que ela está trazendo uma linguagem para 2021, na nossa linguagem, em bom português para acessar o maior número de pessoas. Ela está adaptando para o nosso contexto, hoje, 2021, em tempos de pandemia, em tempos de internet, então o que ela faz é maravilhoso. E as pessoas, as vezes, entendem errado. Mas aí a interpretação é as pessoas, não é da sensei. O que a sensei e outros professores vem fazendo é trazer o Dharma de Buda de maneira simplificada. Nossa religião, né Renan, ela é não doutrinária, a gente dá o ensinamento. Como a sensei fala, se servir use, se não servir jogue fora. E é isso que ela quer que a gente faça. A ideia da Monja Coen não é converter todo mundo para o Budismo. É que se faz bem ouvir os ensinamentos dela, que maravilha. Aplique isso na sua vida para se tornar uma pessoa mais ética, mais sábia, mais compassiva e é um pouco do que eu como aluno dela também faço. O pouco que eu falo, que vou lá, que me manifesto, os ensinamentos que escrevo e que gravo é isso! Que as pessoas tenham uma vida mais desperta, que sejam mais sábias e compassivas, é apenas isso, independente da religião. Sua Santidade, o Dalai Lama faz a mesma coisa, ela já escreveu. Tem um livro dele maravilhoso chamado “Além da Religião”, onde ele fala que a ideia não é exatamente ter uma religião, se tiver algo que faça sentido para você, que maravilha, se é algo que é herança dos pais, use isso, mas o mais importante é seja ético, é o grande pedido que ele faz. E é um pouco do que a Monja Coen

também sinaliza, porque é claro, ela trazendo o Dharma de Buda para muitas pessoas e é o que a gente, como aluno dela, também vem fazendo. Eu, dentro do meu movimento de profissão laica e da Medicina, como médico faço isso de uma outra forma também, fazendo isso em uma linguagem bem tranquila, simples, mas igualmente o Dharma de Buda. Pode ter um pouquinho das minhas lentes, mas é Dharma de Buda. Não é nada que eu estou mesclando com outras coisas, porque tem disso no Brasil, né Renan, essa coisa do sincretismo e isso no Budismo nos causa estranheza. Historicamente o Budismo teve que ter essas questões sincréticas, mas falando da Soto-Zen ela tem uma estrutura. Então é dela que a gente tem que cuidar e zelar.

A questão de gênero é um fator determinante quando se trata de Budismo?

Tem uma questão interessante porque o Budismo é como falei antes, é uma religião, e é uma religião, obviamente, feita por seres humanos, então as distorções ou entendimentos corretos são dos seres humanos. A gente teve a sorte de uma mulher ter ido para um mosteiro em treinamento. Inclusive, esse mosteiro recebeu o reconhecimento da Soto Zen tempos depois. Ayoama Rôshi é professora da Monja Coen também. A Monja Coen, inclusive, foi a primeira Shuso. Shuso é uma etapa de treinamento de monge noviço ou monja noviça. Ela foi a primeira shuso de Nagoya. Nunca tinha tido monge noviço líder no mosteiro feminino, geralmente acabavam em mosteiros masculinos. Só que a grande questão quando a gente olha para trás, o próprio Shakiamuni Buda quando olha... A primeira monja que ele ordenou foi a própria tia, Mahaprajapati, e ele ficou relutante no início. Ananda joga a pergunta para ele, “Mas mestre, o senhor falou que todos os seres tem a oportunidade de ser o caminho. Mulheres também são o caminho?”. “Sim”, ele falou. “Então, por que não ordenar Mahaprajapati?”. E assim ele volta atrás. Estou falando de forma bem resumida, essa historinha é bem interessante de olhar. Então, já começa com o próprio Buda revendo as próprias questões, e vai ordenar mulher. Dogên-sama deixa muito claro que o feminino não é diferente do masculino e, portanto, homens e mulheres podem obter o dharma sem distinção entre os dois. Ele fala exatamente isso no Shobogenzô, que é a obra magna, um compilado de escritos orais que Dogen-sama deu. Ela fala, inclusive, que quando tiver uma mulher que sejam um exemplo do Dharma, sigam ela. Gente, isso está do Shobogenzô! Então, o que falta para a gente ter isso de maneira mais incisiva. A Soto Zen, nossa ordem, vem fazendo movimentos. Ainda é majoritariamente masculina, mas é pela questão histórica da própria sociedade. A gente está inserido em um contexto cultural em que temos diferenças de gênero do Japão e no Brasil também. É que no Brasil nós tivemos a sorte de ter tido a primeira brasileira ido fazer treinamento fora e trazer esses ensinamentos depois, mas a sensei passou dificuldades na sua volta. Tinha no Brasil, na volta dela, uma estrutura

masculina voltada para a comunidade japonesa. O que acontece no Brasil com as questões de gênero com o Budismo acaba não sendo diferente do que acontece na sociedade.

Qual o impacto de Monja Coen na sociedade?

Monja Coen é uma discipula de Buda, assim como eu. Ela é uma seguidora dos ensinamentos de Buda, ela segue esse corpo de ensinamentos muito antigos. A grande questão é, como ela mesma diz, levar os ensinamentos para mais pessoas. Se servir, maravilha! Porque esses ensinamentos são permeados de ética. Então pessoas que seguem esses ensinamentos, de maneira geral, acabam exercitando mais a autocrítica, acabam tendo contato com valores como compaixão, equanimidade, equidade. Então acaba tendo contato com esses elementos. O impacto dela é exatamente por isso, porque ela leva, acima de tudo, palavras de sabedoria. Ela é uma pessoa extremamente desperta e ela leva dharma de Buda, independente de quem quer seguir o Zen ou não, encontra nas palavras dela muito conforto. Encontra palavras de sabedoria e lucidez, acima de tudo, onde a gente tem uma sociedade tão desigual, com tantos problemas, falando de pandemia... Então, obviamente, ouvir o dharma de Buda é um alento. E ouvir de uma pessoa como a Monja Coen, mais maravilhoso ainda, de alguém que é um ser humano muito precioso que as pessoas simpatizam logo de cara e o que ela traz de ensinamentos da maneira e da linguagem como ela traz, atualizada e mais próxima da nossa realidade. Isso toca as pessoas! É maravilhoso observar esse impacto! Acho que a questão do impacto da sensei é muito nisso e, obviamente, dos movimentos que a sensei faz. Por muito tempo a Monja Coen se envolvia em diálogo interreligioso, é um movimento que faço aqui em Porto Alegre, representante do Budismo aqui. A gente faz esse contato do Budismo com as outras religiões, de visitar as comunidades entre si, de ter esse movimento harmônico. Na associação de psiquiatria do Rio Grande do Sul tem o departamento de estudos da espiritualidade, onde tem pessoas de diversas religiões conversando de maneira muito tranquila, muito serena como irmãos, como seres humanos. A grande questão que a pandemia, inclusive ela não sinalizou isso, é “pan”. Ainda que com suas peculiaridades ela envolveu todo mundo, ela impactou o mundo inteiro. Tem as suas diferenças aí, de cada ser humano, mas o grande impacto é esse, que a Monja Coen tem, que os ensinamentos tem, que é o Dharma de Buda que ela consegue transmitir de maneira maravilhosa, atingindo muitas pessoas e as pessoas se tocam.

Existe uma relação entre Budismo e Medicina?

Tem! Essa pergunta já me foi feita em uma palestra. Já dei uma palestra só sobre isso. O que eu fui percebendo é que fui encontrando semelhanças. Mais do que procurar diferenças... A

gente sempre procura diferenças. Qual a diferença do Budismo Tibetano e do Zen? Qual a diferença do Catolicismo Romano e Ortodoxo? Interessante é encontrar as semelhanças, e é o que eu fiz, encontrar esses caminhos convergindo. Você tinha falado antes de pessoas que me influenciaram e uma das pessoas que me influenciou, que eu nem conheço pessoalmente, a Monja Coen conhece, que é uma monja que é médica pediatra. Se ela conseguiu eu pensei que isso era maravilhoso, uma médica atuante que é monja Zen. Então, o livro dela que é maravilhoso que não tem tradução para o português ainda, é algo como “Vivendo para o voto”, muitas pessoas fazem votos no Budismo e ela faz um livro inteiro sobre votos. É uma coisa que a Monja Coen já me falou por muito tempo, ela dizia “Olha só, você já tomou votos da Medicina, vai tomar mais votos?”, e eu disse que sim. Eu consegui mostrar, inclusive, não para minha mestra, mas também para as pessoas da comunidade que esses caminhos convergem. Por exemplo, tem similaridades entre preceitos de Buda e ensinamentos de Hipócrates, que é o pai da Medicina. Quando Hipócrates fala que o primeiro lugar é não causar dano, vem de encontro de cara com o primeiro preceito puro, que é não fazer o mal. Tem tudo haver com o “Primum non nocere” do Hipócrates, tem muitas similaridades! Ficou fácil fazer os dois caminhos convergirem. O pessoal fala que o voto de atender tem muito haver com o voto de bodisatva, de seres inumeráveis, faço votos de salvá-los e a gente salva com aquilo que tem. Salva com o Dharma, que é aquilo que a sensei faz dando suas palestras, ensinando e eu faço isso numa outra proporção, mas também atendendo as pessoas dentro daquilo que eu entendo que é aquilo que o ser humano merece e precisa. E como um ser humano que vive o caminho do Budas ancestrais e não doutrinando, mas cuidando dessas pessoas com aquilo que eu entendo e que aprendi e possa conduzir essa pessoa para uma jornada de emancipação, de compaixão e de sabedoria. Só consegui ver convergências e isso ficou fácil para mim, tornou o caminho menos difícil.

ENTREVISTA COM MONGE KOJUN (FEVEREIRO DE 2021)

Como você se interessou pelo budismo?

São duas situações. Eu era muito criança quando comecei a me interessar por cultura oriental, mais especificamente, japonesa. Eu era bem pequeno, não sei quantos anos eu tinha e eu ganhei um livro de *origami*. Eu comecei a fazer origami, gostava do origami, e assim foi. E depois comecei a gostar por outras artes, por outras coisas ligadas à cultura de maneira geral. E paralelo a isso, uma parte da minha família nunca foi muito religiosa, embora a gente seja por formação de origem católica, a gente não frequentava igreja, essas coisas em casa. Embora um outro lado da minha família, tia, primos, que eram e ainda são bastante ligados à igreja católica. Então eu tenho esses dois cenários. Um de busca religiosa, de encontrar alguma tradição religiosa, e num determinado momento, inclusive, cessa e eu parto por um momento de um certo ateísmo e um ceticismo de maneira geral. E uma retomada pelo interesse da cultura oriental e as artes, sobretudo japonesas. Estão muito ligados ao Budismo e principalmente ao *Zen* Budismo. E isso sempre me interessou como arte, mas depois como conceito, como referência dessas artes, e aí eu comecei a me interessar pelo Budismo. Então eu fui meio que juntando as duas coisas. Comecei a ler algumas coisas a respeito. Eu pratico o budismo há mais de vinte anos, então isso fala um o pouco desse momento de busca, que, como eu falei, chega num dado momento em que cessa. E depois quando eu retomo, já retomo buscando o budismo. Isso por volta dos vinte e poucos anos.

E aí, então dali eu praticava num templo que a gente tem aqui em Ribeirão Preto, de uma outra linhagem. Não existia *Zen* Budismo aqui em Ribeirão Preto. Fiquei um tempo praticando nessa linhagem, mas sempre lendo textos, materiais do *Zen*. Fui me aproximando, me interessando pelo *Zen*, propriamente dito, por leituras. Mas o *Zen* é, essencialmente, prática. *Zazen*, que é a prática meditativa. Até que então eu fui atrás, efetivamente, saí da zona de conforto, e resolvi ir atrás da Monja Coen. Na época, não era famosa. Procurando pelo *Zen* eu encontrei ela. Não fazia, acho, que nem dez anos... bem menos que isso, que ela tinha voltado do Japão, mas ela já tinha a comunidade dela num outro lugar. E aí eu fui conversar com ela, a conheci. Nesse processo de transição dessa fase cética para ir conhecendo, tateando a prática. Inicialmente como praticante interessado na prática meditativa, no *zazen*. Depois, querendo conhecer, me aprofundar um pouco mais. Mas eu não tinha nenhuma pretensão de me tornar monge. A ideia era só praticar. Acontece que eu queria me aprofundar mais nos estudos, no entendimento. Na medida que eu fui me aprofundando, fui me apaixonando, vamos dizer assim. E aí, aqui estou! Monge *Zen* Budista. (Risos)

Quem são suas principais referências budistas?

Quando eu comecei foi lendo, como falei, o que me aparecia. Eu lembro que o primeiro livro que falava do *Zen* que eu li, era um livro chamado “A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen” e que obviamente, na época, não entendi absolutamente nada do que eu estava lendo. Mas me intrigou! É um livro de autor alemão e a tradução é meio pesada. É meio difícil... E, pra quem não pratica, fica bem incompreensível mesmo. Porque ele está falando de uma experiência que a gente só vai conhecer se tiver a experiência. E porque eu estava envolvido com artes marciais, eu praticava... Foi nesse período de me aproximar das artes, e da cultura, e, claro, também da religiosidade. Um livro posterior a este, menos hermético, mais claro, um pouco mais acessível. Não completamente para aquele nível de compreensão que eu tinha, foi um do Shunryu Suzuki, que é o “Mente Zen, Mente de Principiante”. É um clássico para quem... todo mundo esbarra nesse livro quando está começando. E aí, assim... Não vou lembrar, obviamente, de todos os livros que eu li. Tinha também um personagem conhecido que era o Daisetsu Suzuki, que tem um livro chamado “Introdução ao Zen Budismo”. Livro com uma capinhah azul. Tinha outros livros, também... Acho que era “Doutrina Zen da não-mente”. Isso eram livros que eu lia de vez em quando, me intrigava aquilo tudo. Não sei dizer se teria uma referência para me espelhar, ou para me inspirar. A não ser minha própria mestra, por praticar e aprender com ela. Porque a prática Zen Budista não é uma prática de repetição no sentido de modelos, de padrões. Na verdade, nosso trabalho é justamente romper padrões. Eu acho que faço muito daquilo que eu, pela convivência, aprendi com a minha mestra. Tal maneira de conduzir algumas coisas, de enxergar algumas coisas. Tem haver com a formação que eu tive. Não saberia dizer modelos, mas à medida que vou me aprofundando e vou estudando tem alguns autores que começam a me chamar atenção. Especificamente dentro da minha escola que é a Soto Shu, o fundador da escola dessa linha no Japão é sem dúvida minha maior inspiração hoje em dia, que é mestre Dogen-sama. Mestre Dogen vai para a China no século XIII, pratica lá e vai tentar restaurar o Budismo. Vai encontrar aquilo que ele entende que é o verdadeiro Budismo, porque segundo ele, o Budismo no Japão estava degenerado. Muita corrupção, envolvimento com política, essas coisas. Ele achava que não podia ser assim. Então ele vai para China para recuperar o que seria a linhagem, dos ensinamentos primordiais desde Shakyamuni Buda. Ele de fato traz uma prática que difere bastante daquilo que tem no Japão. Tanto que a Shoto Shu vai se desenvolver. Muito monges de diversas escolas vai acabar se aproximando da Shoto Shu, por conta desse método, dessa maneira de ensinar, de praticar, que ele traz da China. Acho que ele é antes de tudo um... Poderia dizer um filósofo, um grande sábio, né? Filosofia é uma coisa ocidental, mas seria um

grande sábio. E a maneira como ele interpreta, como ele elucida o Dharma, me chama bastante atenção. Tenho interesse por filosofia de maneira geral, então esses sistemas de saberes, de sabedoria, também me encantam bastante. Ele, sem dúvida, diria que é minha maior inspiração, talvez. Influência, não sei dizer, mas inspiração, sem dúvida. E claro, isso do ponto de vista teórico. A prática, liturgia, todos esses outros aspectos herdei da minha mestra.

Achei interessante que o senhor mencionou “A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen”, porque foi o meu primeiro lembro também.

Foi o meu primeiro livro! E é claro, depois voltei a reler, já praticante e as fichas começaram a cair, mas naquele momento que eu comecei a ler e foi o primeiro que eu li, ainda que eu praticasse uma outra linhagem Budista, que é Budismo *Shin*, que é Budismo Terra Pura, muito daquilo que estava escrito lá, não sabia do que estava falando. O que que é isso que ele quis dizer?

Inclusive, na versão que li o prefácio foi escrito pela Monja Coen.

É, eles relançaram alguns clássicos desses antigos e ela faz esse prefácio. Eu até tenho essas edições. Acho que são uns quatro livros dele, tem da esposa dele... Heringel, que é o autor. Mas quando li era o antigo.

E é realmente uma leitura muito difícil aos olhos ocidentais. Ele quanto ocidental já demonstra essa barreira, né? E a arte do Kyudo, que é o arco e flecha japonês, demonstra um pouco dessa sutileza do Zen e quanto é necessário para quem se interessa pelo assunto, e nisso me incluo, de romper com alguns véus que impedem a compreensão e até a simpatia pelo que é diferente, pelo que pensa diferente.

O senhor havia mencionado algo que também achei interessante que foi dizer que a filosofia é algo muito ocidental, inclusive o Budismo muitas vezes é colocado dentro da “caixinha” religião/filosofia. “Eu pratico Budismo quanto filosofia. Não quanto religião”, a gente ouve muito isso. Nesse sentido, queria entender um pouco na perspectiva do senhor. Você considera o budismo no Ocidente equivalente ao do Oriente? Pode justificar sua resposta?

É uma resposta complexa. Quer dizer, a pergunta é complexa e a resposta também. Diria sim e não. Nós temos aqueles que se preocupam com um certo rigor, um certo cuidado para manter a tradição. Clarificando essa questão da filosofia, é que filosofia é uma coisa que surgiu na Grécia e permeia toda a cultura ocidental, porque nossa cultura é helênica. Então, aquilo que você faz

no Oriente, você pode chamar de qualquer nome, mas não é filosofia. Os métodos, o rigor filosófico do ocidente não se aplica ao Oriente ou à sabedoria oriental. Mas você pode fazer aproximações, pode ler um à luz do outro. Então esse é um aspecto. Outra clarificação, embora... Vou usar o termo filosofia para facilitar. O Zen é o mais filosófico. Acho que... Não é o mais, mas ele é muito filosófico. É um dos mais filosóficos de todos os budismos. E ao mesmo tempo as pessoas falam “Ah, o Budismo é uma filosofia”, “filosofia budista”, eu digo assim, “Não! Ele não é uma filosofia. É uma religião!”, só que é uma religião da ação. É uma religião de uma ética, de uma moral muito importante, que a sua conduta e sua prática são a religião. Então a religião do olhar-se e do cuidar para que sua postura, sua atitude diante da vida, dos outros, das relações seja ética e moral. Mas é uma religião. Tem ritos, tem credos, tem práticas religiosas. Qualquer coisa que a gente faça, a gente está fazendo religião. Então, não é uma filosofia. Assim como, se a gente parar para pensar, posso pegar a Bíblia e começar a ler sob um ponto de vista filosófico, e vou encontrar muita sabedoria ali também, e muitas formas de interpretar e de estudar filosoficamente falando o conteúdo. Mas não é filosofia, é religião! Da mesma maneira que o Budismo então vai ser. Com relação aquilo que eu estava falando, será que esse Budismo é o mesmo? Há aqueles que são mais sincréticos, há aqueles que são menos treinados, também temos isso. A gente tem muita dificuldade de treinamento. Nós não estamos no Japão e no Brasil não tem. Os meus estudos e as minhas práticas foram muito difíceis, porque eu tive que aprender aqui. O grosso do meu treinamento foi feito aqui no Brasil com a minha mestra. Mas a condição ideal seria eu ir para o Japão, passar um tempo, uns anos lá e voltar. Eu não tive condições de fazer isso porque na época eram vários fatores. Eu tinha um problema de saúde, não podia sair. Meu pai estava muito doente. Foi antes dele falecer. Eu ajudava a cuidar dele. Depois fui ficando velho, arrumei trabalho, e tal... Isso, inclusive, é uma questão para a gente. Não dá para ser só monge no Brasil. A gente não tem uma penetração na sociedade. Nós somos muito poucos e o interesse pelo Budismo, de maneira geral, é muito pequeno. A não ser por estes budismos que se aproximam mais das tradições ocidentais, que lembram muito os neopentecostais e etc. Esses têm de montes. Em toda cidade, toda esquina você acha. Mas é um outro Budismo, é um Budismo sincrético. Tem uma postura completamente diferente do Zen, por exemplo. Que tem uma rigidez, ou deveria ter uma rigidez maior. Mas é como eu disse, há praticantes e praticantes. Há professores e professores. Porque mesmo a gente não tendo uma formação, como a formação que nós deveríamos ter como as demosteiros, alguns se empenharam em fazer o melhor disso. Não são todos, infelizmente não são. Tenho que dizer que, assim como em qualquer tradição religiosa, a gente tem bons exemplos e outros não tão bons. Aqui a gente também tem isso. Era o que você queria?

Sim! Na verdade, o interessante na História Oral é que você vai pegando vestígios, né? São pistas. E aos poucos você vai criando um argumento, uma narrativa que seja compreensível. Mas, é claro, tudo dentro da minha ótica. A História Pública quer “desencastelar” um pouco esse ambiente acadêmico, em que o veredito da história se dá pelos historiadores. A gente não quer isso. A gente quer ouvir pessoas que fazem parte de grupos, locais de fala específicos... Então, muito mais do que pegar um livro sobre o Zen Budismo e discorrer sobre ele dentro de um olhar totalmente distorcido, acho que o mínimo que a gente pode fazer é isso que estou fazendo com o senhor. Chegar e conversar com quem vive a realidade. (...) Então, é dentro dessa escala pequena que estou tentando compreender e a narrativa do senhor e que me esclarece algumas questões. E mais importante ainda, me cria dúvidas.

Pergunte! Se tiver alguma dúvida, alguma curiosidade daquilo que falei, fique à vontade.

Acho que pelo tempo, a gente precisa se conter. Porque não quero ocupar o tempo do senhor.

Não, tudo bem. É... Disso que te falei, a gente tem que ver que nós temos, como em qualquer tradição religiosa, a gente enfrenta problemas. Digo, dentro da ordem. Por exemplo, a questão das dissidências, dos problemas, das rupturas, as cizânias que acontecem. Porque justamente por falta de entendimento, inclusive da cultura, da própria escola, da própria linhagem que é muito fortemente marcada pela cultura japonesa. Então, a gente vai ter aqui no Brasil alguns monges, até famosos inclusive, que acabam seguindo por um caminho... Embora continuem sendo considerados monges da Soto Zen, que são questionáveis. Infelizmente a gente tem isso também. Faz parte da nossa experiência. E daí acaba sendo até um pouco difícil de a gente... Como é as pessoas que não entendem nada de Budismo e que não vivem em um país budista um ensinamento correto de um que não seja correto? Ou que não seja muito adequado mesmo? A gente tem que confiar um pouco no Dharma, que ele se manifeste da melhor maneira. Mas a gente vê muita gente aí, triunfando mesmo sem a adequação para tal.

Quais as dificuldades de ser um budista no Brasil?

Como falei, nós não vivemos em um país budista e nem perto disso. O interesse pelo Budismo as vezes é muito superficial. Em dizer “Ah, são dizeres bonitos”, e fica nisso. Isso faz com que as comunidades budistas sejam pequenas. E sendo muito pequenas, a arrecadação de dinheiro é muito pequena. Paga contas, essas coisas, mas não mais que isso. Aí posso falar da minha, claro. Tem comunidades ou pessoas, mais especificamente, pessoas mais públicas que

conseguem viver só como monges e inclusive algumas arrecadam muito dinheiro. Não é o caso aqui, da minha comunidade. Minha comunidade é pequena. O que a gente arrecada dá para pagar contas para manter o espaço do templo, mas isso implica que tenho que trabalhar em uma outra coisa, então sou professor universitário. Isso toma bastante do meu tempo. Um tempo que a própria prática e atividade monásticas também demanda. Então vivo um conflito grande, porque durmo pouco, porque tenho que dar conta de duas vidas, que não seria adequado. Como você viu na fala da Monja Coen, o adequado seria que eu fosse só monge. E eu tenho trabalho o dia inteiro para ser só monge, só que não tenho remuneração. As determinações da nossa ordem, para mandar um monge para algum lugar quando solicitado, é que alguns critérios precisam ser atendidos. O monge precisa ter lugar para dormir, precisa ter casa, comida, remédio, médico e alguma coisa para se manter, pagar as contas. Ou seja, é salário, moradia, alimentação e seguro de saúde, seriam basicamente esses aspectos. Nós não temos essa realidade. Eu moro no templo, então a gente consegui bancar com o que a gente arrecada as despesas do templo. Então, em certo sentido, seria uma parte dessa minha remuneração pelo meu trabalho. Mas, para por aí. O restante é pelo meu trabalho como professor universitário. Então isso acaba sendo muito difícil. Principalmente, no caso do Zen, que também tem muito da cultura japonesa. E a cultura brasileira difere bastante da cultura japonesa, nesses aspectos. A maneira de conduzir, de orientar, as posturas diante das pessoas e situações, e isso acaba assustando um pouco as pessoas. Então fica meio, né... Você tinha me perguntado antes sobre o Zen brasileiro e o Zen japonês, o Budismo brasileiro e o Budismo japonês, enfim... Em alguns pontos você tem uma certa flexibilização, porque se não, você não tem aluno nenhum. Se a gente fosse atuar com a mesma rigidez como a que eu fui treinado ou com a que se dá no Japão, que foi aquilo que minha mestra aprendeu e foi como ela nos treinou, vai seria muito difícil continuar tendo alunos. Então não dá, isso a gente adapta, mas é o possível. Ainda assim, as comunidades ficam pequenas. A gente fica restrito a algumas coisas e isso faz com que a gente tenha essas duas vidas. Essa vida dupla.

Como você acha que o budismo pode contribuir na vida de pessoas não-budistas?

Ela se conecta com uma coisa que acabai não respondendo, que você me perguntou e agora lembrei. Era a respeito de se essa vida de professor universitário e de monge, como é que era isso... Eu sou monge vinte e quatro horas, mesmo na universidade eu sou monge. Eu me visto como monge, vou dar aula vestido como monge. Agora não porque a gente está na pandemia., a gente está fazendo tudo online. Meus alunos me chamam de monge. Volto nisso para responder essa pergunta também. Eu acho que... Aí posso falar por mim, das minhas relações,

desse primeiro momento. Eu acho que a maneira, minha conduta, aquilo que eu digo, como ajo, esses aspectos do meu comportamento de alguma forma mostram alguma coisa. Por exemplo, para os meus alunos da universidade, que talvez não seja muito comum para eles, e que são posturas budistas, da minha formação como budista, do meu lugar de monge. De alguma forma acho que isso... Até a própria maneira de ensinar. Vamos dizer assim, uma pedagogia, se a gente pudesse dizer que existisse uma pedagogia Zen budista. É que não está na pedagogia em si, mas na relação. Na maneira como a gente se relaciona. Então no microcosmo da minha existência como monge, já vejo essas pequenas influências. Meus alunos e meus colegas não praticam, mas gostam de ouvir minha opinião sobre determinados assuntos, levam em consideração alguma coisa que eu fale, levam em consideração alguma coisa que eu fale sob esse olhar do Budismo. As vezes perguntam, enfim... Então, de alguma forma, e acho que é o grande feito de algum praticante, é justamente que ele pode se transformando, praticando em si mesmo, transformar a sua volta, as pessoas, fica diferente, enfim... E aí, pensando em uma forma mais ampla, acho que, em alguma medida, o Budismo aparece sobretudo socialmente falando e até politicamente falando em um certo engajamento ligado a quaisquer posturas de não violência, a questão da cultura de paz. Isso sempre aparece, do lugar de evitar o conflito, de criar relações entre diferentes, minimizar essas diferenças, fazer com que as pessoas se aproximem de um aspecto de justiça, de equidade. Mas, ao mesmo tempo isso é circunscrito aqueles que convivem. Do ponto de vista religioso, propriamente dito, acho mais difícil. A não ser, por essa postura que é muito própria do brasileiro, de misturar, de sincretizar as práticas. Então vem os espíritas, que as vezes vem conhecer, praticar, mas vão seguir sendo espíritas. Mesmo alguns católicos, a gente faz encontro interreligiosos e conversa sobre determinados temas e as vezes se aproxima dessa via. Mas, de maneira geral, não sei... Embora haja uma certa preocupação, pelo menos da nossa escola, da nossa linhagem, com os aspectos ambientais, sociais, acho que a influência é sutil. Sutil no sentido de não por ser pequena. Embora, sobre certos aspectos, a gente poderia avaliar como pequena pela quantidade de budistas que a gente tem. Mas, sutil no sentido de mais... mais... Não consigo achar outra palavra diferente do sutil para dizer que ela não é evidente, que ela não está gritando... Parece que o ideário popular já pensa do Budismo como uma cultura e uma prática de paz, de tranquilidade, de não-violência, e tudo como a gente realmente já prega. Então, nesse aspecto, isso atrai as pessoas e interfere de alguma forma na vida delas, pensando socialmente falando. Quantas pessoas eu procuro aqui procurando meditação, porque estão ansiosas, deprimidas e coisas do gênero. Então tem também esse lado da penetração do Budismo. E tem vários outros! Acho até que deve ter algum que nem me ocorre aqui agora, mas...

O que é meditação?

A prática meditativa zen-budista chama *zazen*. E prática meditativa não é meditação. A gente tem duas questões. Do ponto de vista linguístico, no português, meditar é um verbo transitivo, meditamos sobre alguma coisa, que equivaleria a pensar sobre alguma coisa e não é o que a gente faz no *zazen*. A prática do *zazen* é essencialmente uma prática de não dar atenção aos pensamentos, olhar além deles, de se aprofundar num processo de concentração cada vez mais profundo, a ponto de nem perceber mais os pensamentos. Os pensamentos, não é que eles cessam. A mente é incessante. E além de toda essa produção de silenciar para que ela acesse esses estágios mais profundos de concentração. Essa é basicamente a prática do *zazen*. A gente não coloca nada! Não vai ter música, não vai ter mantra, não vai ter a chama da vela, a pedra ou... Nada! É você, em silêncio, só prestando atenção no que você está fazendo naquele momento. Respirando, sentindo dor, incômodos, coceira... E sem se mexer! Então, essa atitude imóvel, essa postura imóvel, tem como objetivo, como foco, trazer sua mente em estado de concentração profunda. E isso, então, é completamente avesso de pensar em alguma coisa, visualizar alguma coisa, recitar alguma coisa... Então, por isso que a gente não chama *zazen* de meditação. E qual é o papel no zen-budismo? É o papel principal! É a coisa mais importante de toda a tradição zen-budista, é o *zazen*. Porque essa foi a prática que levou Shakiamuni Buda, o Sidharta Gautama, o príncipe a se tornar o Shakiamuni Buda, o Sábio dos Shakia, que era o clã ao qual ele pertencia. A partir dessa prática ele desperta para a sabedoria plena, pura, completa e perfeita. Ele compreende, ele se percebe, não separado. Sem dualidade alguma. Tudo conectado a tudo! Ele percebe os aspectos fundamentais de onde vai sair todo os ensinamentos dele. Eu, a grande Terra, todos os seres simultaneamente nos tornamos o caminho. Não é ele que se desperta sozinho. Quando ele se desperta, ele se percebe, o todo manifesto nele, tudo desperta. E é por isso que a gente pratica. Porque a gente segue as pegadas, a prática dele para realizar a mesma sabedoria. Então esse é o sentido, por isso é fundamental. Alguém que se diz zen-budista e que não faz *zazen*, que não gosta do *zazen*, ou que não encoraja as pessoas a fazer *zazen*, não é zen-budista. Simples assim!

Você acha que a mídia (televisão, rádio e internet) são meios interessantes para o ensino do *dharma*? Se a resposta for “sim”, como você vê isso? Se a resposta for “não”, você proporia algum meio disseminação do conhecimento?

Primeiramente, em relação às mídias em si. Acho que elas servem, como a gente diz no Budismo, de meios hábeis. Uma forma de fazer chegar o *dharma*, os ensinamentos às pessoas. Como a gente não tem grande penetração... Nós não somos como o Japão, que as pessoas

crecem budistas. Geralmente a família é de gerações e gerações, pertencem e frequentam ao mesmo templo e fazem todas as cerimônias. Cerimônias memoriais, para os falecidos, enfim... Fazem tudo naqueles templos. Como a gente não tem isso, acho que sem as redes sociais a gente não tem grande penetração. Aqui mesmo em Ribeirão Preto, por exemplo. Eu não sou uma pessoa conhecida, não sou um monge conhecido. Não tenho muitos seguidores, essas coisas... Tem gente que não conhece. Estou aqui a dez anos com esse templo. Tem gente que não sabe até hoje que estou aqui. Isso porque a gente sempre publica coisas e convida as pessoas para atividades. Eu entendo como uma ferramenta para a gente poder chegar até as pessoas. No contexto da pandemia isso fica mais forte, porque as pessoas que já frequentavam, não puderam mais frequentar. E aí tivemos que criar condições para que houvesse minimamente algum tipo de prática. A gente começou a transmitir as nossas práticas e as pessoas que já participavam com a gente começaram a praticar, cada um em suas casas. Alguns se afastaram, porque gosta da coisa do presencial. Outros seguiram dessa maneira. Outros tantos começaram a se aproximar. Impensável, antes da pandemia, que tivesse alunos de qualquer outro lugar. Como é que essa pessoa vai vir aqui praticar se ela está em outra cidade? Se for uma cidade aqui perto, tudo bem. Mas se você quisesse ser meu aluno, meu discípulo seria mais complicado. Como é que ia ser? Você está no Paraná e eu estou em Ribeirão Preto - SP. Só que, a medida que fomos experimentando também, a gente foi criando meios possíveis de reforçar essa aproximação já existia antes, pela divulgação, mas as condições também para que a prática fosse o mais próximo do presencial possível por meio dessas ferramentas que nós temos. Então a gente usa o Zoom, e aí todo mundo entra no Zoom, faz retiro e tudo o mais. A gente fez dessa forma. Com isso, comecei a ter alunos de vários lugares. Então, não tenho mais alunos de Ribeirão Preto e região. Eu tenho uma aluna na Alemanha, tenho dois alunos na França, tenho um aluno na Inglaterra, tenho alunos em Portugal, em Cabo Verde, na África, no Canadá... Eu tenho um aluno do Japão! Um brasileiro, descendente de japonês que mora e trabalha lá e quando faço os retiros ele faz os retiros. De madrugada nosso retiro! Ele passa a madrugada inteira com a gente. Imagino, ele está no outro lado do mundo, doze horas adiante. Começo seis horas da manhã meu retiro aqui e é seis horas da tarde para ele. E segue fazendo! Então, assim... Quem diria, né? Fora, é claro, os de vários lugares, de vários Estados e cidades do Brasil. Tanto que chegamos num ponto em que eu digo "Olha, não dá mais para abandonar meus alunos!" Depois que eu voltar para o presencial, não dá para ser só presencial. Tem gente que quer continuar meu aluno, meu discípulo. Mas estão longe, estão fora. Como é que a gente vai fazer? Então o que a gente vai ter que fazer é um sistema híbrido. Então, nesse sentido, as mídias, de alguma forma, acabam sendo o que nos levam e o que nos conecta aos nossos alunos. Não só

por causa da pandemia, mas até depois dela é o que vai continuar levando. Antes dessa história da pandemia, alguém me perguntava, eu dizia “Olha, procura uma *sangha* perto de você. Você precisa procurar uma *sangha*”. Eu tive que rever esse meu conceito. Está dando certo! Estou conseguindo orientar pessoas por fora.

Como você interpreta a ação da Monja Coen sobre o budismo no Brasil?

A gente brinca quando conversa que o trabalho que a Monja Coen faz, mesmo sem querer, beira a autoajuda. Noções do Dharma, algumas ideias, de uma maneira muito genérica, muito geral. Não é com grande profundidade, embora a sabedoria que está por trás daquilo que ela fala de uma maneira muito clara e leve seja de uma profundidade do *dharma* incrível. Mas ela tem essa capacidade de fazer a tradução para uma coisa leve e que faz sentido para as pessoas. A imensa maioria dos seguidores dela não é budista ou pratica outras tantas tradições religiosas, ou não pratica nenhuma. Se todos aqueles que seguem ela fosse da comunidade dela ela ia ter que construir um mosteiro para fazer um retiro com todo esse povo e ainda não ia caber todo mundo. Eu acho que tem um problema, vamos dizer assim, dessa superexposição, acho que isso sempre cria... Ninguém sai ileso, vamos dizer assim. Mas ao mesmo tempo, eu vejo como um meio expediente, como uma maneira de aproximar as pessoas. Se elas vão ser budistas ou não, não é uma preocupação nossa. A nossa preocupação é difundir o *dharma*. Se de repente uma palavra, uma frase, um ensinamento de Buda, faz bem para uma pessoa, independente da tradição religiosa dela, a gente já ganhou o dia, já está ótimo!

ENTREVISTA COM PAULO (FEVEREIRO DE 2021)

Como você se interessou pelo budismo?

Praticamente todo mundo que chega no Budismo, chega, indiretamente ou diretamente, pelo mesmo motivo. Doença, velhice e morte! São as três questões que levaram Buda à prática dele lá nos primórdios. No meu caso, enfaticamente, foi a questão da morte. Eu tinha perdido minha avó e meu avô num período muito curto e fui atrás de algumas respostas para tentar me acalmar. Vaguei um pouco pelo espiritismo e tal... Só que eu encontrei o Budismo. Uma vez eu estava andando por uma livraria e olhei um livro sobre Buda. Eu pensei “Eu não sei nada sobre esse assunto, vou pesquisar um pouco”. Comprei o livro, li e daí só segui o caminho naturalmente. Fui lendo um pouco sobre o *Zen*, sobre o Budismo tibetano, um pouco sobre linhagem chinesas, japonesas, coreanas, vietnamitas... Mas o *Zen*, meio que, me conquistou de primeira. Principalmente porque ele é muito pragmático, ele é direto ao ponto, ele vê um problema e tenta apresentar a solução. O Budismo, de modo geral tem essa característica, só que o *Zen* enfatiza um pouco mais isso. Então, foi isso que me amarrou bastante na questão. Comecei a praticar em 2014, lá pela metade do ano. Desde lá, sigo praticamente sem interrupção. Faz quase 7 anos de prática, já. Então, se fosse para responder o que me levou ao Budismo, eu diria que foi sofrimento. Foi a questão da morte. Essa questão de significado, digamos assim. Porque muitas vezes a gente procura, hoje em dia, e não acha uma resposta muito direito.

Só por curiosidade, você encontrou?

Então, o Budismo, principalmente o *Zen*, ele te dá uma resposta muito engraçada. Direta e até um pouco grosseira dependendo do contexto. Ele fala que não precisa fazer sentido. As pessoas vivem, as pessoas nascem, envelhecem e morrem. Assim são as coisas, né? A gente fica triste. Não tem problema nenhum em ficar triste, mas ficar procurando uma questão de justiça, injustiça, merecimento... Isso é algo que precisa ser abandonado. Vida e morte fazem parte de um ciclo. Coisas morrem para dar vida a outras coisas, e assim por diante. Isso me afetou, me satisfez bastante na primeira vez, principalmente.

E você ouviu isso de quem?

Sabe que eu não lembro! Eu não sei se li isso em um livro, ou se descobri isso sozinho ou algum monge me falou certa vez, sabe? Às vezes você lê várias vezes a mesma coisa, só que elas atribuem significados diferentes.

Ela fica diluída, né?

Aham. Tem uma expressão do mestre Shunryu Suzuki que é “Praticar o Zen é como se molhar com neblina”. Você às vezes não sente, mas a umidade penetra em você de maneira mais profunda, entende? Mais ou menos nesse sentido.

Quem são suas principais referências budistas?

Pelo Budismo em geral, recomendo “A essência dos ensinamentos de Buda”, que por uma sorte enorme do destino, foi esse livro que eu encontrei quando em falei da estante e peguei por primeiro. Ele foi escrito por um mestre vietnamita chamado Thich Nhat Hanh, que está vivo até hoje. Ele tem 94 anos. Ele foi indicado para o Nobel da Paz por Martin Luther King, para você ter uma ideia. O homem é viajado, tem bastante história pra contar. E o jeito como ele explica as coisas é muito direto ao ponto. Ele é muito claro, sabe? E ele cita exemplo, ele escreve de um jeito muito gostoso de se ler. Você sente vontade de ler aquilo e é muito simples. Então ele consegue fazer algo teoricamente complexo parecer fácil. Esse livro eu recomendo para quem está começando no Budismo de forma geral. Mais enfaticamente no Zen, eu recomendaria o livro “Mente Zen, mente de principiante”, é do mestre Shunryu Suzuki, que eu citei agora a pouco. É um compilado de palestras que esse mestre deu, e os alunos transformaram em um livro. Ele foi o mestre responsável por disseminar o Zen nos Estados Unidos, o mestre Shunryu Suzuki. Também já é falecido. Mas se você ler os livros dele, é um negócio que vai além do trivial, do ordinário. É um mestre Zen falando mesmo. Você sente que tem alguma coisa diferente falando ali, mas você não sabe nem explicar. Mas você sente!

Você considera o budismo no Ocidente equivalente ao do Oriente? Pode justificar sua resposta?

Atualmente, não. Mudou muita coisa. E não tem nada de errado nisso, é bom deixar isso claro! A questão é que algumas coisas devem ser mantidas. O Budismo Zen, de modo geral, tem que manter uma disciplina muito rígida, sabe? Isso não pode ser tirado! O zazen médio dura quarenta minutos, a meditação caminhando, dez, e o outro zazen quarenta. É isso! Às vezes, para a prática de iniciantes a gente bota vinte minutos e trinta minutos porque o pessoal está começando, para acostumar. Mas tem que seguir os vinte minutos, trinta minutos, entende? Essa disciplina, de modo geral, aqui no Brasil foi mantida. Os monges aqui, treinados aqui por mestres japoneses e até por mestres brasileiros, em geral, são muitos sérios. Pelo menos todos os que eu conheci seguem a risca o que é passado para eles e tentam transmitir da maneira mais sincera possível. Aqui no Brasil, principalmente, a meditação é muito difundida. No Zen, a

prática principal é o zazen, a meditação sentada. Curiosamente, no Japão, leigos não gostam de sentar em meditação. Eles gostam de ouvir palestras, ouvir discursos. Aqui no Brasil a gente já vai justamente para praticar o zazen. Essa é uma diferença bem radical e bem curiosa, tanto que muitos mestres que vieram aqui, no começo, ficaram surpresos com essa curiosidade, com essa vontade sincera das pessoas. Então, bastante coisa mudou e bastante coisa ainda vai mudar, dentro do Zen. Desde que mantenha uma disciplina, não tem problema nenhum. Desde que a essência da prática seja conservada.

Agora, partindo um pouco para a realidade de Curitiba, que é de onde você fala. O que você diria para mim sobre o funcionamento da comunidade Zen budista em Curitiba? Quais as peculiaridades? Você conhece outras comunidades Zen além da que você frequenta? Que tipo de público vocês atendem? Qual o cronograma da comunidade?

Agora, no momento, com a pandemia essas práticas presenciais estão suspensas por causa do corona. O lugar que eu pratico é na praça do Japão, ali em Água Verde, perto do quartel. A nossa prática sempre foi ali, pelo menos desde que eu entrei. Acho que fazem uns vinte anos, quase, que é por ali. A gente é tutoriado pelo monge Leonardo. Praticamente todas as escolas do Zen, daqui de Curitiba, ou passaram pela mão dele ou começaram com ele. Um aluno que começou com ele foi para outro monge e abriu uma outra sangha. Algum monge que começou a praticar em outro lugar, veio para cá, teve aula com ele e depois mudou para outra sangha, e assim por diante. Então a gente conhece bastante grupo. Praticamente todos os grupos de Zen de Curitiba a gente já teve algum contato. Não estou me lembrando dos nomes, porque os nomes às vezes me confundem, porque é bastante.

Quais as dificuldades de ser um budista no Brasil?

Eu acho que a principal dificuldade é que como é minoria da minoria, bem difícil você encontrar outros budistas. Às vezes as discussões, as conversas sobre o assunto ficam um pouco limitadas. Embora ainda existam bastantes livros, bastante coisa na internet... Às vezes é mais difícil encontrar algo mais “limpo”. Por exemplo, se você entra no Facebook, em qualquer grupo de budistas e você perguntar alguma coisa, vão te dar mil e duas repostas e trinta e seis brigas vão acontecer nos comentários. Então, isso daí é meio difícil. Às vezes falta alguém para você chegar e perguntar “Preciso saber tal coisa, tal coisa e tal coisa”. Você fica meio à deriva e tem que descobrir por conta. Isso é meio complicado. Em geral, os mestres respondem sem problema, eles tentam te ajudar. Às vezes olhar por mais de um ponto é interessante, te mostra outros caminhos. Essa é a maior dificuldade, mesmo. Esse quase isolamento que a gente fica.

Há algum tipo de intolerância? Você já sofreu por ser budista?

Não. Até que eu lembre, não. Principalmente, porque no Zen, embora o nome não sugira aqui no Brasil, a prática é feita por pessoas muito bravas (risos). Então, qualquer desvio, qualquer grosseira, qualquer coisa que soe desrespeitosa ela é rejeitada com veemência. Não a ponto de uma expulsão, mas a pessoa vai ficar sabendo que ela fez alguma coisa que ela não devia na hora. Então isso afasta alguns problemas, essa energia, essa maneira como é conduzido. Então, por causa disso eu nunca tive problemas muito sérios, por questão do Budismo. Fora que se alguém reclamar, você só vira e vai embora. Não tem que ficar provando para ninguém, sabe? Se a pessoa quiser saber alguma coisa, ela vem atrás. Não tem que ficar pregando para ninguém as coisas.

O que é meditação?

Essa é uma pergunta que a gente pode ficar umas três horas falando. Vamos começar por partes. A palavra “Zen” significa “meditação”, “Za” é sentar. Como eu te falei, a nossa prática principal é o zazen, “meditação sentada”. Só que Zen, a palavra “Zen”, refere-se a uma meditação que não exige um complemento. Em português, meditação exige um complemento. Você medita “sobre” algo. No Zen não! Você senta, mantém a concentração e simplesmente observa toda e qualquer formação que venha na sua mente. Som, cheiro, dor, calor, frio, raiva, alegria... qualquer coisa que venha à sua mente. Você só senta e observa, como se você estivesse num teatro ou num cinema. Você não chega a interagir diretamente com aquilo que passa na sua frente, na sua mente. Você simplesmente observa atentamente. É como se você estivesse vendo um filme. Esse é o objetivo da nossa prática, é a essência da meditação no Zen.

A meditação pode influenciar no dia a dia do(a) brasileiro(a)? Se a resposta for afirmativa, como?

A maioria esmagadora dos que vem praticar com a gente, não são budistas. Acho que se eu fosse dizer qual a contribuição seria maior, eu diria “alívio”. Às vezes a pessoa vem desesperada com algum problema, às vezes perdeu algum ente, às vezes está doente, às vezes tem alguma doença psiquiátrica e precisa de auxílio. A gente tenta conduzir, a gente tenta falar que são coisas que acontecem. Às vezes a gente recomenda médicos, porque a meditação não foi feita para curar essas coisas. Eu diria que é isso. Às vezes trazer um alívio de um ponto de vista diferente e oriental.

Você acha que a mídia (televisão, rádio e internet) são meios interessantes para o ensino do *dharma*? Se a resposta for “sim”, como você vê isso? Se a resposta for “não”, você proporia algum meio disseminação do conhecimento?

Se não fossem as redes sociais, a internet, a prática estaria parada hoje, né? Então elas realmente têm quebrado um galho muito grande, muito bom. Muita coisa que eu aprendi veio por meio dessas redes sociais, por meio da internet, principalmente. Então não tenho nada contra isso. A questão é: onde tem muita gente, tem muita opinião, é muito fácil você encontrar coisa errada. Às vezes, não necessariamente por má intenção, falta de conhecimento ou por uma confusão de interpretação. Acontece! Todo mundo que leu, já se enganou alguma vez. Então, não vejo nenhum malefício. O Budismo Zen, principalmente, cresceu muito devido a Monja Coen. Por causa dos vídeos, das palestras dela que foram disseminadas de forma geral pelo YouTube, trouxeram muita gente nova para a prática. Então, não vejo problema nenhum, mas também acho interessante deixar claro que tudo tem limite. Você pode aprender muita coisa, principalmente no básico, mas tem algumas coisas que você só vai adquirir se você sentar com pessoas sérias, uma prática séria, e você realmente se aprofundar nisso, sabe? Não dá para atingir a iluminação via *wireless*. Você precisa se entregar um pouco nesse sentido. É bom para quem está começando, mas de maneira mais aprofundada vale a pena ir um pouco mais além. Não dá pra ficar refém só do que você vê pela internet.

Você conhece a Monja Coen?

Ela é uma mestra muito respeitada, aqui do Brasil principalmente. Ela passou doze anos no Japão, ela tem uma vasta experiência monástica. Ela é uma comunicadora incrível, ela tem formação em jornalismo, ela consegue levar de uma forma bem pragmática bastantes ensinamentos do Zen. Eu acho isso sensacional! Eu não tenho nenhum vínculo direto com ela. Nós somos de professores diferentes, de linhagens diferentes só que dentro da mesma religião. De qualquer maneira o que ela faz é muito interessante! Muitas das dúvidas que eu recebo partem de um contato que tiveram com ela. Então é legal isso que ela está fazendo, porque ela consegue em vídeos de maneira bem simples explicar questões que as pessoas tem em mente, ela consegue transmitir isso de uma maneira bem direta, bem pragmática. E o pessoal fica bem contente. Como eu respondi na outra pergunta, ela consegue abordar bem essas questões das perguntas mais básicas. Então para quem está começando é sensacional.

ENTREVISTA COM NINA (FEVEREIRO DE 2021)

Você é adepto de alguma religião? Se a resposta for afirmativa, qual e como é praticá-la?

Eu não professo nenhuma religião, não pratico nenhuma religião. Fui criada num ambiente bem misto, assim, bem esotérico. Então acho que até é um lugar mais “fácil” de ser criado para questionar um pouco, porque não é uma criação tão padrão aqui no Brasil. Pelo menos entendo que o Brasil ainda é muito cristão, mesmo o Estado sendo laico. (risos). Mas eu acredito que o Cristianismo em suas vertentes várias está muito dentro do costume do brasileiro e mesmo da moral do brasileiro, até para aqueles que não professam de religião. Não e identifico quanto religiosa com nenhuma linha.

Você reconhece alguma relação da cultura oriental com a sua prática profissional e/ou estudiosa? Caso a resposta seja afirmativa, quais seriam essas relações?

Eu entrei em contato com essa temática do orientalismo justamente através de uma questão cultural, através da dança, que entendo como uma manifestação cultural, um processo artístico no sentido mais amplo. Comecei a me questionar sobre essa relação de nós ocidentais estarmos praticando essa dança. No caso, quando comecei a estudar orientalismo ainda era uma estudante amadora de dança do ventre, ainda não exercia isso enquanto profissional. Fui me profissionalizando na dança do ventre. Hoje eu dou aula também. Continuo estudando, mas também dou aula. A partir deste lugar que eu entrei em contato com este mundo “oriental”. Foi uma prática em consonância com a minha vida acadêmica. Minha prática profissional com a dança foi andando casada com a minha pesquisa, porque foi justamente no processo de me profissionalizar, enquanto professora de dança do ventre, que eu passei no mestrado e que eu comecei de fato a pesquisar isso de uma forma acadêmica. Então a minha pesquisa se debruçou na pintura orientalista. Eu escolhi esse tema porque eu já venho de uma linguagem da museologia também. Então eu sou formada em museologia e sempre trabalhei como educadora em museus, em espaços culturais, exposições itinerantes... O meu repertório dentro da História da Arte já me era uma coisa conhecida, então eu achei que essa era uma via de juntar um pouco essas temáticas. Eu fui direto pesquisar o orientalismo, que eu entendo que é mais uma pesquisa, talvez, mais sobre o Ocidente do que sobre o Oriente necessariamente, porque ela é uma prática discursiva do ocidental, não do oriental. Mas, enquanto professora de dança do ventre, enquanto pesquisadora, enquanto pessoa curiosa no mundo, muitas vezes eu tentei entrar em contato direto com a fala do oriental também. Na minha pesquisa eu acabo não trazendo muito isso por uma limitação bibliográfica, mas dentro da dança do ventre já é uma coisa bem comum. A gente

procura referências, principalmente egípcias, mas do mundo árabe como um todo. A gente procura ter um entendimento, não por uma via acadêmica. Inclusive, acho que falta um pouquinho de embasamento para as bailarinas irem procurar um pouco mais de formação mais factual e menos mitológica, que é uma questão que permeia muito a dança do ventre. Mas, de toda forma, foi a partir daí que eu comecei a ter contato com essa perspectiva oriental e com essa cultura. Então nisso, minhas necessidades maiores eram de entender a questão folclórica, que é uma coisa que permeia as danças. Então entender o que é folclore, o que não é folclore, o que a gente chama de folclore do mundo oriental... Para entender melhor esses contextos, essas sociedades, essas populações, essas localizações geográficas. Fui atrás de entender um pouquinho, muito, muito, muito minimamente da religião. Não me sinto muito apropriada da questão do Islã, mas já fiz algumas palestras, já li algumas coisas. Então, são questões que também procuro ir atrás. Mas, principalmente, pela via da cultura. De entender as particularidades regionais e, principalmente, a dança.

Quais seriam os meios de disseminação da cultura oriental na cultura ocidental?

Acho que eu colocaria em duas partes. Uma que eu acho que está bem ligada a essa minha prática da dança, que é um mundinho à parte. Então, o que eu percebo dentro da dança tem algumas características diferentes daquilo que eu percebo fora da dança. Então, no meio da dança é muito respeitada, ainda que nem sempre só a única palavra, mas é muito respeitada a palavra de professores de dança que sejam egípcios. Eu falo egípcios porque é de onde vem a maioria dos bailarinos que a gente chamaria de árabe. Porque a dança do ventre está muito atrelada ao Egito. É lógico que ela não é uma prática só no Egito. Inclusive, os países árabes de modo geral ela é muito mais praticada por estrangeiras de forma comercial, do que necessariamente pelas próprias egípcias ou pelas próprias mulheres orientais ou homens orientais. Mas dentro da dança, então a gente tem uma certa via de acesso a esses professores. Alguns mais jovens, outros mais velhos que já tem uma carreira extensa no meio da dança do ventre. Mas é muito a questão do “lugar de fala” da dança, apesar de não ser tratada com esse termo, percebo que é muito forte. Então quando tem alguma pessoa que dança e que fala alguma coisa sobre a dança ou sobre o Oriente, essa palavra tem mais força do que um ocidental fala. Entretanto, o meio da dança é um meio extremamente comercial, né? Então para quem está de fora da dança do ventre, mal imagina o quanto de dinheiro circula no meio da dança do ventre, o quanto de viagem fazem acontecer por causa de dança do ventre. Então é um meio extremamente comercial e como todo meio comercial a gente sabe que tem questões da indústria cultural permeando ali também. Então nem sempre todas as informações que a gente

tem vem a partir desses mestres, a gente até tem costume de chamar de mestres no meio da dança, desses mestres egípcios. Mas eles têm uma palavra mais forte. Percebo que se existe uma demanda pela informação vinda de lá, mas como acadêmica já falando agora (risos), não como bailarina. As vezes detecto alguns problemas inclusive na própria fala desses professores, desses mestres orientais. Porque até mesmo o Said diz que o orientalismo se retroalimenta. Porque o Oriente já está numa posição tão subjugada em relação ao Ocidente, que muitas vezes ele precisa do Ocidente para se manter mesmo, economicamente até. Então fora da dança, vejo que o mercado oriental também se pauta muito pela demanda do Ocidente. Então o que os ocidentais, o que aqui no Brasil, no Estados Unidos é muito forte também, na Rússia está totalmente bombando a dança do ventre. Então nesse mercado ocidental é o que pauta muitas vezes a fala dos mestres egípcios. É um pouco de dizer aquilo que os outros querem ouvir. E nesse sentido eu as vezes crítico um pouco, mesmo não tendo esse lugar de fala, de uma pessoa oriental, de uma vivência oriental, mas crítico um pouco porque nisso eu detecto o próprio orientalismo acontecendo. Nessa necessidade de você... o Ocidente inventa o que o Oriente tem para a dança, e o Oriente dá para o Ocidente aquilo para fazer a rodinha girar. Então, enquanto acadêmica, acho curiosa essa ambivalência da valorização ou não do discurso oriental por meio da dança. Fora do meio da dança, hoje procuro consumir outros produtos orientais que não só essas aulas de mestre egípcios. Então, hoje faço mais esforços para acessar um conteúdo vindo diretamente dos países orientais, seja através de notícias da internet, seja por alguns portais de notícias do mundo árabe que eu procuro acompanhar, seja através de literatura, lendo outras pesquisas de pessoas orientais que infelizmente tem uma barreira da língua, porque não falo árabe, nem nenhuma outra das línguas que são utilizadas no Oriente. Então, sempre com um pouco de barreira da língua, mas procuro acessar essas informações. Então uma coisa que permeia a dança, mas não só, é a questão da música. Eu adoro música árabe para além da dança. Escuto muita musica árabe no meu dia a dia, dançando ou não dançando. Hoje acho que talvez mais do que música ocidental. Então gosto muito de música, mas a música árabe toma um espaço muito grande. Então procuro até entender esses campos, do que está na mídia do Oriente, em questão de música do que não está na mídia, de cantores, bandas mais tradicionais, outros que não são nada tradicionais. Então, procuro acessar por várias vias. Acho que isso tudo complementa a pesquisa acadêmica, né? Uma coisa curiosa que você falou no começo é que o artigo é meio engessado, o meio acadêmico engessa um pouco as possibilidades de material que a gente pode usar para poder falar de alguma coisa. Então todas essas coisas me alimentam quanto pessoa, e enquanto pessoa recebe tudo isso, sou eu que escrevo minha pesquisa, mas muita coisa fica de fora do oficial da pesquisa porque a gente ainda não... a academia ainda não

absorveu muito esses outros repertórios. Porque eu acho até um pouco ocidental. Padrões ocidentais de conhecimento.

Você conhece algo sobre o budismo? Se a resposta for afirmativa, pode nos contar um pouco?

Eu tenho pouquíssimo contato e pouquíssimo conhecimento sobre o Budismo especificamente. Eu vejo até, como a gente estava falando, apropriações que partiriam do Budismo mas que viram outras coisas. Inclusive, para o meio da dança, pelo menos aqui no Brasil, ele tem uma característica mitológica, uma característica espiritual. As vezes da pessoa se sentir fazendo terapia, da pessoa se encontrar... Inclusive, algumas aulas são vendidas com essa proposta. Então eu vejo que alguns elementos... Não sei se necessariamente de forma específica do Budismo, mas de religiões orientais no geral, são apropriados pelo mercado da dança também. Mas não tenho um contato próprio com o Budismo. Para dizer que eu nunca vi nada, em um dos museus que eu trabalhei tinha algumas peças de iconografia budista, então tive um contato curto. Mas no campo da arte, e ali era um objeto de um museu/casa, com os quais tive o contato e já percebi essa questão do orientalismo, porque os donos desses objetos não eram pessoas que professavam o Budismo, mas tinham aquela meia dúzia de imagens como esse fetiche oriental, por esse gosto por uma coisa diferente, exótica, que você não conhece tão bem. Então, o pouco do contato que tive foi mais nesse sentido de apropriação religiosa.

Você já ouviu falar da Monja Coen? Se a resposta for afirmativa, onde teria ouvido e o que você acha dessa figura?

Eu sei que a Monja Coen fez parceria com uma profissional de marketing para lançar cursos e por coincidência na pandemia eu vim estudar um pouco de marketing e tive contato com esse método pra lançar os cursos. Inclusive, tive uma aula com a pessoa que lançou ela para cursos na internet. Não sei se toda a estratégia foi da mesma pessoa, mas eu sei que o primeiro lançamento de cursos foi junto dessa profissional que é de marketing. E aí eu fiquei com uma pulga atrás da orelha dessa questão da retroalimentação. O sucesso que fez é muito porque existia uma demanda. Eu sei que tem muita gente que acha ruim o fato dela se expor na internet, de colocar algumas opiniões, dar curso para um público super leigo que não tem nem nada a ver com a profissão da religião em si, mas era uma demanda, né? Ela olhou para esse buraco e falou “vamos lá!”. Eu acho que isso não é condenável a partir do momento em que todo mundo está inserido numa lógica capitalista. Querendo ou não querendo, gostando ou não gostando a gente tem boleto para pagar e eu acho muito difícil você julgar uma atitude sem levar em conta

o sistema. Julgar uma atitude individual dela sem levar em conta o sistema. Então a minha percepção do trabalho dela é esse. Não a conheço em profundidade, mas do que eu conheço dela, do que eu posso falar é isso.

ENTREVISTA COM MARILENE (MAIO DE 2021)

Meu nome é Marilene. Eu sou professora de *Tai Chi Chuan*, sou acupunturista e pratico o zazen há cerca de uns três a quatro anos. Mas aí com o advento da pandemia ficou mais fácil me aproximar das várias comunidades. Comecei a praticar com a Monja Zentchu-sensei, porque meu professor de *Tai Chi* a conhecia, tinha visitado ela em São Paulo. Comecei a fazer com ela e, depois disso, comecei a fazer alguns *zazenkais* de várias comunidades, e por alguns fatores acabei ficando mais próxima da Comunidade Zen de Ribeirão Preto.

Você é adepto de alguma religião? Se a resposta for afirmativa, qual e como é praticá-la?

Minha Formação familiar é católica. Posteriormente minha mãe virou evangélica, então dentro do cristianismo ainda, e como uma boa adolescente (risos) passei ao ateísmo de forma contundente. Acho que até para transgredir um pouquinho a relação materna. Depois disso fui cursar Ciências Sociais que agudizou meu processo, então entendo todas as suas questões com a entrevista. Para mim é um prazer contribuir com a sua pesquisa. Entendo a dificuldade que é para o acadêmico, para a acadêmica conseguir os interlocutores, ainda mais gravado, porque as pessoas pensam “Ai, meu deus!”, né? (risos), então... e aí essa relação com a religião ficou bastante conturbada... me perdoe, eu divago bastante, tá? Qualquer coisa o senhor me corta. Tendo a falar muito, por incrível que pareça.

(...)

Então, passei muito tempo confundindo a espiritualidade com a religião. Negando toda espécie de religião, de crença religiosa ou com aproximação com espiritualidade. Com o passar dos anos, acho que relacionado com a minha maturidade pessoal, percebi que uma coisa não tem nada a ver, absolutamente nada, com a outra. Então hoje eu não me professo de nenhuma religião, mas não nego nenhuma. Até porque dentro das Ciências Sociais tive a oportunidade de entrar em contato com a Antropologia, e hoje todas essas manifestações tem o mesmo sentido, o mesmo valor e os mesmo significados. Portanto, todas elas têm sua validade dentro do seu campo, dentro dos seus sujeitos, dentro da sua pertinência, dentro da sua lógica. Então até costumo usar um termo bem chulo pra dizer que eu “flerto”, né? Flerto com várias religiões! Flerto com o budismo, com o budismo tibetano, com o candomblé, com... enfim, algumas questões do *Hare Krishna*, de algumas questões de religiões indianas, que são muitas! Mas não me considero uma pessoa dogmática e com fé em nenhuma religião específica.

Qual o grau de envolvimento da cultura oriental no seu cotidiano? Se a resposta for afirmativa, como se dá o envolvimento?

Se a gente considerar o meridiano oriental como Oriente, diria que tenho total interesse por tudo! (risos) Por tudo que está no Oriente, até por esse excesso de cultura Ocidental. Quero dizer, a gente cresce assistindo filme dos Estados Unidos, vendo desenho onde o Europeu, no castelo medieval, dá tiro no dragão... Na verdade, meu pai era filho de japoneses, então sem perceber muito, porque meu pai nunca foi uma figura ativa em casa, mas algumas coisas sempre foram despertando. Algumas coisas na alimentação, algumas coisas na forma de se comportar, algumas coisas eu trouxe dessa presença de ancestralidade. Hoje eu dou aula de *Tai Chi Chuan*, que é chinês, pratico o *Zen*, que é japonês, faço também uma meditação de budismo tibetano e dou aula numa escola de *yoga*. Também tive bastante tempo envolvida com a cultura *Hare Krishna*, fui voluntária numa fazenda *Hare Krishna* para ter o processo de imersão mesmo, para conhecer um pouco. Assisto séries coreanas, chinesas, gosto muito de filmes de *Bollywood*, então, só para dizer que desde série, *dorama* até práticas espiritualistas, e alimentação também, né? Tudo que eu posso provar de comida oriental... Até para efeito de curiosidade e para expandir um pouco os horizontes, porque a gente é muito massacrado por essa cultura eurocêntrica, digamos assim.

(...)

Meu trajeto é do fundo do poço, você já não tem para onde ir, só pode ir para cima! Meu processo de graduação foi bastante conturbado. Meu curso era diurno, que dificulta bastante para você conseguir emprego, para conseguir se manter. Num curso em que você tem aulas pela manhã, às vezes à tarde, às vezes, se você tem disponibilidade, à noite. Eu comecei a trabalhar em bar, então comecei a trabalhar de noite. Comecei a trabalhar a madrugada inteira e ia para a aula pela manhã. E, esse processo, já era uma pessoa desde os quinze anos extremamente aficionada por tudo que envolvia alcoólicos e etc. Esse processo só agudizou a minha tendência. Eu bebia muito. Eu era muito doidona, ficava dias sem dormir. Enfim, na fase ali dos trinta anos, para encurtar a história, eu estava no fundo do poço pessoal. Eu tinha voltado a morar com a minha mãe, tinha um namoro super abusivo emocionalmente. Meu corpo inteiro era quebrado, doído, pulso aberto, coluna travada, torcicolo... E garçõete, carregando bandeja, tinha muita dor. Minha cervical era fora do lugar! Não tinha ideia nenhuma de nada! Me arrastava e fazia o que dava. E aí, nesse lugar onde eu trabalhava, tinha acabado de voltar para Curitiba... Fiz uma viagem, comprei uma *kombi* com alguns amigos. Fui viajar achado que ia encontrar paz, achava que a paz estava em algum lugar e não entendia que precisava encontra-

la aqui dentro. Tinham roubado essa *kombi*, daí eu voltei para esse contexto. Morar com a minha mãe e trabalhar num bar.

Tinha acabado de retornar, bastante chateada com esses processos. E o meu professor tomava café nesse lugar que eu trabalhava. A gente se estressava muito! Passava a noite inteira brigando com cliente. Era uma rua muito movimentada, e as pessoas queriam usar o banheiro, e a política da casa dizia que só clientes podia usar banheiro. Então a gente passava a noite inteira brigando com as pessoas. E um dia conversei com ele, e ele falou assim “Ah, não! Isso aí a gente resolve. Venham fazer uma aula de *Tai Chi*”. Eu não fazia ideia do que era *Tai Chi*. Ele marcou um horário para que todos os funcionários dessa empresa pudessem ir juntos fazer a prática. E a sensação que eu tive, pós-treino foi que eu tinha usado o entorpecente mais incrível do mundo, feito uso todas as misturas alucinógenas possíveis. Me sentia num estado de paz, de serenidade que nunca tinha sentido antes. E eu disse “É isso que eu quero para a minha vida! Eu quero isso!”. Desde então eu nunca mais parei de treinar. O começo era isso. Eu tinha dor! Tinha muita dor! Dor no corpo inteirinho! E eu fui fazer a prática porque eu queria parar de sentir dor.

E o Yoga também veio por consequência?

É... A casa de Yoga, na verdade, é um... Como é que eu posso dizer... Mais uma vez, é uma dessas coisas da vida. Esse casal que tem a casa de Yoga são amigos do meu professor há vinte, trinta anos. Eram amigos de adolescência. Aí eles se separaram, cada um foi viver sua vida e em algum momento da vida se reencontraram, cada um fazendo sua prática. Práticas que se diferem, mas que se tocam. E aí meu professor atende lá, dá aula lá e me levou para dar aula nessa casa de Yoga.

Entendi. Quer dizer, existem conexões entre essas práticas, né?

Sim.

A senhora consegue enxergar quais seriam essas possíveis conexões entre Tai Chi, Yoga e Budismo?

Sem dúvida nenhuma! O Tai Chi é chamado de meditação em movimento. Tai Chi é considerado uma espécie de meditação e a ideia é que a gente alcance, com anos de prática, o mesmo estado que você desenvolve na meditação Zen. Só que, na minha opinião, é mais difícil. Porque ao estar em movimento você fica muito apegado aos padrões mentais. Meu braço precisa levantar, meu pulso precisa dobrar, meu cotovelo precisa relaxar. Então, até que isso setorne natural, a ponto de você relaxar a mente, que a gente fala no Tai Chi que descer o olhar

interno. Você sai daqui (faz um gesto que aponta para a testa e desce em direção ao chão) e traz um ponto abaixo do umbigo que a gente chama de “Tan Tien”. Então, até que você alcance esse estado demoram-se muitos anos. É óbvio que também a meditação Zen exige um outro tipo de trabalho, apesar de você estar numa postura parada tem uma postura interna que também silencia a mente, mas acho que... É porque, na verdade é diferente. Porque, por exemplo, sem o trabalho no Tai Chi eu não conseguiria fazer a meditação Zen, porque meu corpo não teria estrutura necessária para ficar parada, durante trinta minutos, sentada e com as pernas dobradas. Acho que tudo isso se relaciona e, na minha opinião, nada disso se afasta ou é diferente. Então, a partir do momento que as práticas foram migrando de países, de uma cultura de um grupo humano para outro alguma coisa com certeza vai mudando. Porque, por exemplo, se passo um exercício para você e você passa esse exercício para outra pessoa, vai ter um pouquinho de mim, vai ter um pouquinho de você. Quando chegar nessa terceira pessoa, esse exercício vai ser uma outra coisa. Então, a partir disso acho natural que essas práticas tenham diferenças, mas no final das contas quando você observa a essência, a essência é a mesma. Então, quer dizer, entre a Yoga, o Tai Chi e a meditação Zen você olha e parecem coisas completamente diferentes. A Yoga você faz sentado, você faz posturas, o Tai Chi você faz de pé, zazen você faz sentado, mas, na verdade, a essência é a mesma. A essência é você despertar o espírito, a essência é você sair desse estado mental barulhento e agitado. Acredito que o cerne bem profundo, quando a gente tira todas essas cascas de material, do plano físico... Ah, não! Mas aquele ali está de pé, aquele ali está sentado assim”, mas quando você tira tudo isso e olha profundamente o que está sendo feito, todas as práticas trabalham a mesma coisa. Então, para mim, hoje eu não consigo separar. Não vejo meu Tai Chi sem meditação e não vejo a meditação sem o Tai Chi.

Você enxerga contribuições da cultura oriental na cultura ocidental? Se a resposta for afirmativa, quais seriam elas?

Essa eu vou pirar! (risos). Acho que desde que o ser humano é nômade as trocas culturais ocorrem. Então se a gente for pensar na forma como a gente estudou na escola história, o que para a gente seria esse marco, seriam talvez as grandes navegações. Então, a partir do momento que saem os europeus com seus barquinhos para chegar no Oriente e buscar especiarias essa troca e essa influência vai acontecendo de forma... de forma até, um pouco... Foi buscada essa influência. Só que aí acho que o que muda é a forma como a gente conta, como foi contada a história para nós, na qual portugueses incríveis, com seus barcos incríveis, incríveis feitos históricos e navegam oceanos para chegar a lugares desconhecidos e tribais. Acho que ai

começa um grande enviesamento da história no qual parece que o Ocidente é o produtor da história e o Oriente é passivo, sendo que, não quero entrar em detalhes, porque não tenho fontes confiáveis, mas chineses já navegavam “x” anos, milhões de anos antes dos portugueses, dos noruegueses. Então, a gente tem um sério problema de acreditar que a nossa história e a forma como a gente construiu a história escrita ela é superior aos demais povos. Acho que desde que houve os contatos, independentemente de quem chegou até quem, a influência acontece e ela é mútua. Então, acho que a mesma forma como o Oriente nos influencia, nós influenciemos o Oriente, e essa troca acontece o tempo todo. Assim como a nossa entrevista hoje o senhor vai me contribuir com muitas coisas e eu vou contribuir com o senhor com muitas coisas. É dessa forma como eu olho o ensino. O ensino não é de cima para baixo. Na verdade, ele é horizontal. Ele tem uma troca de um lado para o outro, desde que as partes se permitam. Acho que separar essas influências é a parte mais difícil para mim, porque acho que isso talvez diminua um pouco o caráter que acredito amplo da experiência e das trocas. Uma coisa que talvez acho que seja mais fácil, talvez seja a palavra, de discriminar, de separar, seja a forma como o oriental, de um modo geral, percebe o seu lugar no mundo. Acho que no Ocidente a gente tem uma tendência muito grande ao individualismo, a uma cultura de eu, Marilene sou a pessoa que é capaz de fazer, que vai chegar, que vai alcançar, eu, eu, eu, eu. O Oriente tem, de algo geral porque o Oriente é muita coisa, mas dentro dessas filosofias específicas que a gente está falando e das que eu trabalho a ideia do coletivo é muito mais importante do que a ideia do indivíduo. Acho que isso muda diametralmente o conceito de mundo. A forma como se observa o seu lugar nessa coisa toda, digamos assim. Um exemplo bobo que acho bastante pertinente é, sei lá, na Copa do Mundo e as pessoas ficarem chocadas porque os japoneses juntaram o lixo do estádio depois que terminavam os jogos. É exatamente quando você termina o zazen e afoga o zafu, deixa preparado para um próximo zazen, para uma próxima pessoa que vai vir. Você não faz isso porque você é incrível, bonzinho, gentil. Você faz isso por causa do coletivo, porque o coletivo está acima de você. Porque aí eu também não gosto de pensar em termo de Oriente e Ocidente porque sei que culturas indígenas tem... Porque estão aqui, né? Do lado de cá do meridiano. Eles têm uma cultura no qual o papel social da pessoa não é tão arraigado dentro dessa ideia individual de eu, eu, eu, eu. Então, essa pessoa é uma pessoa do coletivo, porque ocupa um espaço de todos e de todas. Mas mesmo assim, para deixar um pouco mais dentro disso que a gente está falando, acho que isso, para mim é a forma que é mais gritante de diferenciação, de forma de observar, de construir o mundo a partir de um olhar. O olhar do ocidental é muito focado em si mesmo. Muito focado no indivíduo, muito focado em ações realizadas por mim. Logo, se essas ações beneficiam é porque eu sou incrível, é porque sou legal. Não é um

pensamento coletivo. Encontro muito isso no zazen, no Zen Budismo. Inclusive, uma das coisas mais fantásticas do Zen Budismos são preceitos, ideias de que você não deve exaltar demais a si mesmo, nem diminuir. Você não deve exaltar demais a outra pessoa, nem diminuir a outra pessoa. Quer dizer, você não tem que erguer muito, nem abaixar, porque todo mundo tem que estar em um conceito de equidade muito mais pragmático para que a gente não se veja como especial, mas também não se veja como menor do que ninguém.

Quais seriam os meios de disseminação da cultura oriental na cultura ocidental?

Hoje é o Netflix. (Risos). Mas, enfim... Acho que esse sentido o Japão é os Estados Unidos do Oriente. O Japão tem a incrível capacidade de dizer que tudo o que ele faz é melhor do que os outros. Essa é uma piadinha com bastante fundo de verdade. Quer dizer, o Japão é um país que gosta bastante de se promover para o Ocidente. Inclusive considerado um dos países mais ocidentalizados do Oriente. Então, a minha infância, por exemplo, foi regada de Cavaleiros do Zodíaco, de Dragon Ball Z, de Jaspion, de Jiraya, de Changeman... Enfim, todos aqueles grupos de cinco de roupas coloridas que lutava contra monstros bizarros que pareciam o Godzilla. Nos anos oitenta e até o final de setenta, oitenta era uma forma que o Oriente chegava até nós. Os orientais que lutam contra monstros gigantes que destroem a cidade toda, e tem um sentido de justiça, de amizade, de colaboração, de cooperativismo, de honra, de coletividade, que vou me sacrificar pelo todo, mas era um sacrifício diferente do sacrifício cristão, por exemplo. Acho que a forma midiática do anime era o mais divulgado nessa época. Hoje acho que desde mangá, anime, dorâmas, o que eles chamam de música pop dos grupos coreanos, principalmente, que tem feito bastante sucesso entre os adolescentes. Com a internet o mundo não tem fronteiras. Então, a gente pode ter acesso a uma novela vietnamita falada em língua morta e passou somente num canal em 1950. Então acho que a internet é um meio que permite que você tenha... Esses dias estava assistindo o Dalai Lama falando ao vivo lá no palácio dele, na Índia, no local onde ele fica, e fiquei pensando “Gente, como é possível estar com o Dalai Lama dentro da minha casa?!”. Então, acho que essas fronteiras todas se dissolveram. Não tenho nem como te falar qual é a forma. Tem a forma que a gente quiser, entendeu? Desde Facebook, YouTube, página pessoal, transmissão, Google Meet, enfim, tudo o que você imagina hoje você pode ter acesso. Esses dias, por exemplo, eu estava... Eu sou bem limitada na internet, nessa coisa dos meios tecnológicos e aí esses dias estava muito frio aqui, estava naqueles dias que você só fica com essa parte do corpo fora (região dos olhos é destacada com as mãos), eu falei “Cara, vou procurar alguma coisa. Vou procurar um desses tal de dorâmas”. Meu sobrinho assiste essas coisas de dorâmas. E tem esses doramas que fale de Tai Chi. Fui procurar no Google “dorâma

de Tai Chi” (gesticula, como se estivesse digitando em um teclado imaginário), não é que encontrei! É uma Malhação, tenho que confessar para você. É uma novelinha adolescente que fala de Tai Chi Chuan. Quer dizer, eu consigo ver online, com legenda em português, falado em chinês, sei lá... Quer dizer, hoje é só você ter a vontade de querer aprender, de querer ver uma novela sobre Krishna na batalha contra não sei quem... A mídia já não é mais assim, como há 15 anos atrás que você só tem o canal aberto e você só assiste a Globo, o SBT, dependendo se sua antena pega ou não você vai assistir a Band, você fica um pouco limitado a isso. Então, acho que hoje essa mídia é assim... Não estou dizendo que você tem acesso a tudo, porque tem coisas que, na minha opinião, acaba sendo ainda um pouco... Com o que vou dizer isso? Por exemplo, os corpos. Mesmo eu assistindo uma série chinesa, sobre Tai Chi Chuan, de adolescentes, na China e blá blá blá... Os corpos continuam sendo padronizados. Ainda se beneficia muito a etnia branca da China, ainda se beneficia muito os corpos magros, o estereótipo do rapaz assim, da menina “assado”, ainda se beneficia muito o padrão romântico heterossexual. Ainda há padrões! Não dá para achar que só porque a gente tem acesso a muita coisa é que essa muita coisa vai transcender e ser de muita qualidade. Acho que para isso você precisa pesquisar um pouquinho mais e refinar um pouquinho mais. Mas, acho que, de qualquer forma, esse acesso à mídia nos permite... Mesmo que seja pequena ainda essa expansão. É uma expansão de realmente encontrar, lá no fundinho você ainda encontra, porque antes nem que você procurasse. Mesmo se fosse na locadora mais incrível da sua cidade, você não ia encontrar uma variedade grande. Por exemplo, sempre procurei filmes de Bollywood e não encontrava. Você só conseguia ver filmes no máximo do alternativo seria europeu. O mais alternativo que você ia encontrar era o japonês. Hoje com as plataformas digitais vi um filme esses dias de Burquina Fasso. Não é como se não fosse produzido, mas é que o acesso era muito difícil, né? Então, isso faz com que a gente consiga ter acesso a isso. Agora, para te dizer como os agentes, os indivíduos, os sujeitos vão atrás dessas questões ou não, aí eu não tenho uma ideia.

Você conhece algo sobre o budismo? Se a resposta for afirmativa, pode nos contar um pouco?

Acho que Budismo, acima de tudo e refinando meu processo mental, é você seguir os passos de alguém denominado Buda, na figura de Shakiamuni. Uma pessoa que existiu e que realizou através de uma prática específica um processo que a gente chama no taoísmo de retorno à essência. Então, quer dizer, a prática que faço de Tai Chi, que é um Taí Chi taoísta, nosso mestre era taoísta, busca que você se reintegre com os processos naturais. Você vai buscar sincronizar novamente com as estações do ano, com as fases da lua, com o nascer, com o pôr do sol, com

o fluxo do movimento do planeta. Acho que o Budismo, de uma forma bastante semelhante ao taoísmo, busca esse retorno a um estado natural. Um estado natural de essência, de centralidade e de sensação de conexão. Eu uso muito isso nas minhas aulas, porque acho bastante didático, porque acho bem bonito, um desenho chamado “Avatar: A Lenda de Aang”, o último dobrador de ar. Esse desenho é maravilhoso! Isso devia passar nas escolas! No meu mundo ideal, né? Tem um episódio que o Aang vai para o pântano, e esse pântano está ligado... Através do toque na árvore ele consegue sentir o pântano inteiro e acho que a experiência do Budismo e do Taoísmo, esse encontro, essa essência é exatamente a experiência do pântano. Você está dentro de uma sala e você consegue sentir a respiração da planta, consegue sentir o bater da asa do pombo que não tem uma perna e que está todo estropiado lá na praça, você consegue sentir o asfalto vibrando lá embaixo e você se desliga dessa ideia boba de que o centro de uma grande capital, ou a montanha isolada são diferentes, porque no final das contas tudo é exatamente a mesma coisa. Então, acho que o Budismo é esse processo de buscar essa experiência e que alguns vão trabalhar de uma forma mais mística e outros de uma forma mais racional, mas é buscar essa experiência de reconexão da vida.

O que é meditação?

Escutei esses dias um conceito de meditação o que me chamou bastante atenção, que é “medir a ação”. Quer dizer, a meditação é muita coisa, porque cada grupo que pratica a meditação vai dar ênfase num determinado aspecto da meditação. A meditação o faço, a do Tai Chi, que é uma meditação taoísta, o intuito é serenar o coração. A gente trabalha com a ideia chinesa de que pensamentos vem do coração. Pensamentos não vem daqui (aponta para a cabeça), pensamento vem do coração (gesticula em direção ao tórax). O coração puro trás pensamentos puros, o coração que está intoxicado, o Budismo chamaria de venenos, traz esses pensamentos inadequados, esses pensamentos turvos. Então, a ideia da meditação taoísta é trazer o coração aqui para o centro e serenar o coração, diminuir a agitação mental. A meditação zen-budista tem esse caráter de observar, numa primeira fase, é claro. Observar os pensamentos vai fazer aquela ideia do observador. Você vai dar o passo para trás e ficar olhando aquilo que vem sem tentar interagir e interferir. Costumo pensar sempre no Scooby-Doo, todos aqueles episódios que eles estão na sala secreta, atrás do quadro, espionando o que está na sala pelos olhinhos do quadro, mas eles não podem participar, então é quase isso. Acho que esse conceito de medir a ação engloba tudo isso de uma certa forma, desde que a gente não tente imaginar medir como uma classificação no sentido de consciência. Essa medição como um despertar a consciência para, como muitos desses grupos falam, você não ser arrastada ou arrastado pelas emoções, não

agir por impulso. E isso tudo, como considero que eles todos dialogam, serenar o coração, serenar a mente é o mais importante, porque se sua mente está agitada você não percebe onde você está. Acho que a meditação é uma capacidade de... Bom, como explicava para os meus alunos, a meditação... Usava sempre o exemplo do computador. Antigamente você tinha que desfragmentar o computador, que era um processo no qual a CPU ia reorganizar os arquivos para que no momento que precisasse usar o arquivo ela tivesse mais agilidade para acessar esses arquivos, para que eles não estivessem bagunçados. Eu considerava a meditação exatamente esse processo de desfragmentação. Você vai pegar a mente e vai começar a limpar o quarto da bagunça. Você vai começar a limpar, organizar, colocar as coisas em determinadas caixas, vai começar a liberar espaço. Vai começar a tirar poeira, vai começar a jogar fora coisas que não precisa mais. Então, não gote muito de usar esses conceitos porque as pessoas acabam usando aquela questão de mindfulness, para ser mais produtivo no sentido capitalista. Então tenho bastante cuidado para usar isso. Porque a ideia não é ter a mente mais nítida, mais limpa para poder fazer mais coisas. Muito pelo contrário! A ideia é ter a mente mais serena para saber que você não precisa fazer um monte de coisas, e que você pode num momento você estar tomando seu café da manhã e disfrutar da paisagem da sua janela cinza. Curitiba é uma cidade considerada cinza, muito nublada, o avesso da paisagem ideal da contemplação. Uma cidade cinza, moro no centro, só tem prédio. Tem uma meia dúzia de árvores ali, mas você consegue encontrar nessa paisagem o mesmo olhar, a mesma contemplação de estar sentado na beira de um riacho transparente, com peixes, e árvores, e raios de sol penetrando nas folhas, porque você consegue através dessa mente serena observar a beleza em tudo que existe e disfrutar do momento, porque você está ali, porque eu não estou num riacho, estou num centro. Então, nesse momento presente, nesse aqui consigo encontrar esse contentamento, essa satisfação. Então acho que a meditação é basicamente isso. É uma capacidade de estar serena, de estar tranquila e de estar ligada, reconectada. A meditação para mim é uma ferramenta para esse processo de reconexão com a vida, de reconexão com a espiritualidade, com esse cosmos... não há nada que me separe da poeira das estrelas ou do pombo que foi atropelado na frente da praça. Então, acho que a cima de tudo ela é uma ferramenta de retorno, de retornar o espírito para casa.

Você já ouviu falar da Monja Coen? Se a resposta for afirmativa, onde teria ouvido e o que você acha dessa figura?

Para mim o Zen Budismo hoje só é o que é no Brasil por conta dela. Essa é minha análise mais antropológica do que qualquer outra coisa. Para mim ela faz um diálogo de uma cultura de 2600 anos remodelada por um japonês no século “x”. Até por ser filha de japonês eu compreendo

que é muito difícil para uma pessoa com a nossa cultura conseguir acompanhar o estilo, o ritmo e as determinações de um japonês, de uma japonesa quando eles se colocam com a rigidez, com a disciplina e com a forma como eles costumam lidar com as coisas. A seriedade para a gente é inimaginável, essa conduta do japonês. Eu acho que a Monja Coen faz um processo de tradução, de ressignificação e de acolhimento. Então ela consegue pegar toda essa tradição e trazer para uma pessoa que está sofrendo porque está fechada dentro de casa, por exemplo. Porque os filhos não obedecem, porque o marido é ausente, porque a esposa não reage da forma como espera, porque não encontra aceitação social naquilo que pensa, na sua opção sexual, na sua forma de colocar os cabelos, na sua forma de expressar, sobre “n” elementos que afligem os seres humanos hoje. E ela tem a bondade, a compaixão, o amor e a doação de acolher cada um desses sofrimentos e transformar em palestras maravilhosas que fazem você pensar desde “Por que é que eu estou aqui?” até “Por que eu não amo meu vizinho que é barulhento e que me incomoda?”. Ela sempre fala nas palestras que o trabalho é do pessoal do Mova, que faz vídeos lindos, que transforma ela numa pessoa super bonita nos vídeos... Claro! Com certeza absoluta o papel do Mova é fundamental para ela ter se tornado uma pessoa tão conhecida, porque a gente sabe que se o vídeo dela estivesse sendo feito em casa, com um celular ruim, com um enquadramento esquisito ela talvez não alcançasse tantas pessoas como ela alcança, tendo que os vídeos são bem produzidos. Mas não é isso que faz com que ela seja um fenômeno. Mas na minha opinião é algo que é dela, que é misturado com esse trabalho que ela realizou durante tantos anos no budismo, que transformam ela numa pessoa ao mesmo tempo acolhedora e carinhosa, mas firme, incisiva, uma pessoa que coloca as questões de forma direta, e nos momentos em que ela tem que fazer os puxões de orelha ela faz. Mas, acima de tudo, ela não vem com esse conhecimento de cima para baixo. Eu acho que essa é a característica fundamental dela. Ela é uma pessoa extremamente dialógica, ela é uma antropóloga, ela transformou o Zen Budismo em algo completamente compreensível para qualquer pessoa. Uma pessoa que tem sua própria religião, que professa em outras coisas, que acredita em outras coisas, mas que se sente tocado e tocada ao assistir uma palestra dela. Eu acho que ela é exatamente o que a gente precisava nesse momento. Ela tem um nível de amor, de compaixão e ao mesmo tempo de firmeza necessários para conduzir a gente, como cultura brasileira, para uma mudança de perspectiva. Independentemente do budismo, eu digo dos conhecimentos que ela traz para que a gente observe e perceba a vida de uma forma diferente.

ENTREVISTA COM MONJA JIKIHO (JUNHO DE 2021)

Eu me chamo Jikiho. Meu nome do dharma é Jikiho. Fui ordenada em 2013, por Saikawa Roshi a pedido de Sensei Genshō. Sou de Florianópolis. Acho que estou no meu décimo terceiro... décimo segundo ano de prática. Comecei a praticar na comunidade Daissen, em Florianópolis. E depois com a prática, queria muito praticar e aprofundar minha prática, então participei de bastante Sesshin desde o começo. Eu queria fazer todas as práticas e todos os encontros porque eu realmente achei muito importante. E depois, por causa disso, pedi para ser monja. Então eu vim treinar no Japão. Treinei três meses num monastério em Fukui, Gotanjoji. E depois voltei para o Brasil, no templo Busshinji, em São Paulo, 9 meses. Três meses morando no templo Busshinji e depois perto, né. Voltei para o Japão, fiquei cerca de um ano e oito meses em um outro monastério, em Kasuisai, que é o mesmo monastério que a Monja Sodo ficou. Nós ficamos juntas durante nove meses aqui, no mesmo treinamento, no mesmo monastério. Foi bem divertido (risos), foi bem interessante. E daí voltei para o Brasil. Fiz amizade com um monge aqui do Japão, que trabalhava nesse monastério. A gente começou conversar por mensagem e decidimos nos casar. Então eu voltei para me casar com ele, vai fazer quatro anos em novembro. A gente logo quis ter um filho, quis ter um bebê. Então agora ele vai fazer três anos em novembro. A gente vive aqui, num pequeno templo, que ele é abade, onde fica nossa casa. Ele trabalha ainda nesse monastério, onde a gente treinou e de vez em quando eu vou lá. É bem legal (risos). O meu bebê gosta bastante de ir lá. É bem bom.

1. Como você se interessou pelo budismo?

A minha avó é bem católica e ela é... era bem ativa na igreja. Participava da pastoral da criança, dava cursos na igreja. Era professora dentro da igreja. Era orientadora de vários cursos e de vários grupos. Então, eu gostava muito de acompanhar minha avó na espiritualidade dela. Gostava muito de ir em novena... essas coisas mais profundas do catolicismo. Não de caminho monástico, mas estas práticas de novenas me pareciam bem profundas. Eu gostava muito desse ambiente. Depois eu acabei me afastando. Eu fiz primeira comunhão também, mas eu não... Assim, pra mim significava bastante essa questão mais profunda de... Eu acho que através da oração, aquele estado de serenidade, de paz que surgia. Mas assim, algumas palavras, alguns ensinamentos para mim não fechava. A minha mãe não acredita em Deus, nunca acreditou. E o meu pai não tinha muito contato... Ele se dizia espirita mas não ensinava muito isso para a gente, não falava muito. Então não foi nada forçado... Tipo, eu gostava de acompanhar a minha avó, fiz primeira comunhão para conhecer, mas eu acho que fiz para agradá-la. Casaria na igreja para vê-la feliz. Mas para mim não fechava, até porque minha mãe já não acreditava e ela falava

isso. Não me forçava, não me incentivava em não acreditar, mas ela não acreditava. Deixava isso claro. Daí depois, quando eu tinha uns vinte anos o meu ex-marido tinha um café e teve um show de uma banda budista. Não sei se tu conhece, lá de Três Coroas, Os The Darma Lovers. Era um casal, não sei se ainda existe. Mas era um casal que ficaram três anos naquele retiro longo dos tibetanos e eles formaram uma banda e aí cantavam música budista. Faziam as letras de acordo com o Budismo, né. Teve o show da banda lá. A gente acompanhou eles nas entrevistas na televisão sobre isso, para divulgar a banda. Eu achei muito interessante as ideias do Budismo. Cheguei a ir junto com esse casal... A gente foi leva-los para a gente conhecer um pouco do templo ali no Canto da Lagoa, ali em Florianópolis, dos tibetanos. A minha avó gostava muito de religiões e sobre espiritualidade. Ela me deu um livro pra ler, do Dalai Lama, que era “Ética para o novo milênio”. Ele falava sobre respeito e várias coisas. Eu li esse livro em um dia. Lembro que eu estava na casa dela e na volta da casa dela pegamos um congestionamento grande, e acabei lendo no ônibus metade do livro e terminei a outra de manhã. Gostei muito! Então, a partir daquele momento eu comecei dizer que eu era budista, porque... Sei lá, às vezes a gente diz que é católico só que a gente não pratica. Era como se fosse uma budista não praticante. (...) Depois daquela separação e da morte do meu pai, me deu um “clique” de que eu precisava compreender esse meu sofrimento, essas minhas questões: Por que eu desamava? Porque eu ficava triste? Então eu queria entender isso. Sei lá, eu já falo que sou budista, já fiz meditação, curti na yoga e tal... “Acho que eu vou procurar uma meditação budista”. Daí procurei pela internet e encontrei o Daissen. Fui um dia e já comecei a ir todos os dias e a me envolver com a comunidade. A Monja Sodô era bem presente em Florianópolis nessa época. Ela tinha morado um tempo na sanhga antes disso e era bem presente. Daí, vendo ela eu falei “Nossa! Dá para ser monja!”. Comecei a ficar enamorada pela ideia de ser monja. (...) Acho que um ano, dois anos... Não me lembro agora. Foi rápido o meu caminho. Mas, claro, sensei Genshō perguntou para mim e tal... Eu tenho uma filha também. Na época ela tinha uns doze ou treze anos e daí ele é bem cuidadoso na hora de ordenar. Enfim, teve o treinamento depois. Mais ou menos isso.

Quem são suas principais referências budistas?

Então, eu passei um tempo, vamos dizer assim... Eu não estudei, sabe? Eu tinha um pouco de receio de estudar muito quando comecei a praticar e ficar uma pessoa muito intelectualizada. Eu preferi fazer prática. Sentar em zazen... Na verdade, minha principal prática foi servir. Meu pai já era muito assim, minha avó era muito assim. De comandar, de ser útil. Acho que minha

principal prática foi essa. Eu não estudei muito, assim... Mas acabei lendo somente este livro do Dalai Lama. Foi importante para mim e me despertou. Depois, acho que o Dhammapada, porque são versos curtos, mas bem tocantes. Em dúvida nenhuma acho que minha principal referência é Saikawa Roshi e Sensei Genshō. Gosto de várias mestras também... (...) Eu queria experimentar antes de saber mais! Tinha receio de ficar intelectualizada, achar que sabia e querer ensinar. (...) Outro mestre também que me influenciou muito foi o mestre Itabashi Zenji, que foi abade de Sojiji e era abade de Gotanjoji que passei três meses. Foi muito importante para mim, apesar de não entender o japonês, mas é como se entendesse, As poucas palavras que entendi dele era como se entendesse tudo o que ele queria passar. Acho que ele é muito referência, assim... Gosto da Charlotte Joko Beck, que é uma mestra americana. E tem uma... Ai, não me lembro o nome dela agora. Uma mestra tibetana lá de... Uma vez fui numa palestra dela lá em... Como é que é aquela cidade... Cotia! Cotia, em São Paulo. Tem aquele templo, né? Fui lá na palestra dela e fiquei bem tocada. Acho que umas coisas do Lama Padma Samten também foram bem legais. Resumindo, acho que Saikawa Roshi e Gensho-Sensei, porque tenho um contato com eles muito forte. Cheguei a trabalhar com Sensei Gensho num restaurante que ele tinha durante dois ou três anos. Saikawa Roshi tenho um contato muito forte aqui no Japão. Ele está aqui em Kasuisai agora. Mas acho que é isso! Só não sou essa pessoa que consumiu muita coisa. Eu realmente preferi ficar praticando mais... Acabei de me lembrar de outro, que é Shunryu Suzuki! Acho que é livro de cabeceira, assim...

Você considera o budismo no Ocidente equivalente ao do Oriente? Pode justificar sua resposta?

Penso que o Budismo que nós temos no Brasil, em termos de prática, é muito rico. As pessoas pensam que vindo para cá é que elas vão praticar. Na verdade, a gente tem bastante qualidade nos retiros no Brasil. Acho que a prática é... Como vou falar... Por exemplo, para mim foi importante ter vindo para cá e morar num monastério. Porque viver reclusa dentro desse sistema, por mais que a gente não goste de algumas coisas, digamos... Que quando eu vim, acho que vim com uma mente muito crítica. Então, se hoje entrasse num monastério ia ser outra coisa. Assim como hoje consigo viver em harmonia, consigo viver recebendo, as coisas que acontecem aqui de uma maneira muito diferente do que eu viveria há um tempo atrás. Eu não teria cabeça para viver aqui, sabe? Eu não teria estrutura para viver aqui. A cultura é muito diferente! Eu ainda não sei falar bem da cultura porque ainda não sei falar... Acho que ainda me falta vivência para conseguir dizer o que é certo e o que é errado. Mas vejo que aqui a vida é do coletivo e isso é muito diferente. Então, algumas questões... Por exemplo, teve um dia que

a porta do meu carro encostou na porta do carro de outra pessoa. E daí estava cansada, tinha acabado de sair da clínica, porque meu bebê estava com tosse e meu marido estava viajando. E daí eu... Nossa fiquei assim, sabe? Daí fechei a porta e tentei escrever um bilhete. Fiquei esperando a pessoa voltar e a pessoa não voltou. E daí decidi ver direito se tinha estragado realmente. Daí passei a mão e não tinha feito nada, só tinha feito uma ranhura na cêra. Tinha saído, descascado o polimento. Era um farelinho! Não tinha nada mesmo! Daí disse “Ah! Tudo bem! Não vou nem incomodar a pessoa e deixar o meu telefone aqui”. Daí fui embora. Quando estava dormindo... Dormindo não! Fazendo o bebê dormir, era oito e meia. Daí ligou meu marido e disse que a polícia tinha ido atrás dele, porque eu tinha batido o carro na porta da outra pessoa. Daí eu disse “Mas não foi nada!” e ele disse “Não! Você tem que ir lá e falar do local onde você bateu e pedir desculpas”. Eu não sabia, né? Tive que sair e ligar para a polícia, e a moça disse “Você pode ir lá?”, são super educados. Daí cheguei lá e disse “Ai, me desculpa! Me desculpa”. Daí ele disse “Não precisa pedir desculpas, mas da próxima vez que acontecer você avisa”. E no final das contas não tinha sido nada e ainda falei para o policial. Daí ela falou “Eu vou ver, porque arranhou” e eu disse “Não, esse arranhado da sua porta deve ter sido da chave, porque está na porta dianteira. A porta traseira é que bateu, porque foi o bebê que chutou a porta e bateu aqui”. Daí o policial foi lá, mediu e não sei o que e disse “É, realmente a porta não tinha como ter batido aqui”. Daí eu falei “Então pegue meu telefone. Qualquer coisa...”. Não tinha dado nada. Daí ele pegou e falou assim “Não, realmente não deu nada aqui”. Daí ela falou “Ah, vou ligar para o meu latoeiro e qualquer coisa te ligo”. Eu “Tá, tudo bem!”. Eu vim para a casa chateada com a situação, mas eu vim para casa. Daí ela não ligou, porque realmente não tinha dado nada. Tá, mas por que eu estava falando isso? Por causa dessas coisas assim, sabe? Porque uma pessoa viu, ao invés de ir lá e perguntar o que tinha acontecido, porque eu estava com o bebê. Só foi lá e denunciou porque eu tinha batido e não tinha ido atrás, sabe? Então tem muito isso do coletivo e hoje eu penso que se acontecer alguma coisa as outras pessoas vão falar, e por isso também é seguro, porque tem esse olhar do coletivo. Tem que ficar mais ligado de não fazer coisas erradas aqui. A cabeça que eu tenho hoje é diferente da cabeça de quando eu vim. Mas o Budismo aqui... Como eu vou falar... Ele é... Ele é... Claro que tem o Budismo como a gente pratica, sabe? Mas tem o Budismo que é como a gente não pratica também, que é o Budismo das pessoas comuns. Então, todo o sistema aqui está voltado para isso. Então, o que eu acho interessante é que a gente não deve ficar comparando porque são realidades muito diferentes, sabe? Valorizar que a gente tem uma boa prática no Brasil e valorizar que a gente tenha condições de vir para cá e ter uma experiência totalmente diferente, e tentar vir com uma mente não crítica. Tentar vir com uma abertura. Porque talvez se a gente

vir com uma mente crítica a gente não vai aprender tanto. Quer dizer, a gente não vai ter a experiência se a gente não vir com um mente não crítica. Então essa questão de comparação é meio difícil, porque ela tem uma realidade no Brasil. O Brasil propicia que a gente tenha uma prática mais cética, uma prática de zazen, só. Aqui não temos essa realidade. E porque não temos essa realidade, porque temos um coletivo e porque temos esse Budismo mais popular é que cria a possibilidade para que se tenha experiências no Ocidente. Porque se não fosse o Budismo ser tão disseminado aqui e essa prática budista não ser tão popular, que é que as pessoas vão até os monges nos templos e recitem sutras e façam os rituais que existe, que visitem os templos, que comprem os amuletos... Se não tiver essa troca da comunidade com o templo, aqui não teria essa estrutura e não teria ido para o Brasil, para a América, para outros lugares, para a Europa. Não existia, sabe? Então eu acho que a prática mais popular que atende a população é que faz com que se sustente os mosteiros e os templos, e que a gente possa ter a prática guardada. Mas como no Brasil existem poucas pessoas praticando, existem poucas pessoas que vão para uma prática um pouco mais profunda, aqui também. Aqui tem um monte de gente que são budistas popular, existem poucas pessoas que realmente estejam praticando o zazen e existem poucas pessoas que vão atingir estado mais profundos na prática. É a mesma coisa, na verdade. Só que aqui existe essa questão de que o que foi para o Ocidente foi o ideal, a base da prática. A prática mais básica e mais pura que é o zazen. O zazen, os ensinamentos e todos os retiros que envolvem.

Como você acha que o budismo pode contribuir na vida de pessoas não-budistas?

Acho que não é nem o Budismo em si. Não é o Budismo em si. O Budismo em si, o Zen Budismo em si está muito bem guardado aqui. Tem mestres excelentes aqui, tanto é que foram os mestres daqui que saíram e ensinaram Sensei Genshō, que ensinaram Monja Coen, que ensinaram Monja Isshin, que ensinaram todas as pessoas. Até mesmo a gente, quando veio para cá. E outros também, mesmo pela literatura como Shunryu Suzuki. Fora os mestres daqui, né? E esses mestres ainda existem, e esses mestres vão continuar existindo. (...) Eu acho que é assim. Não é que o Budismo é diferente aqui. É que a estrutura onde o Budismo está, onde os mestres estão, onde o ensinamento é dado é diferente da estrutura do Brasil. No Brasil a gente tem poucos templos e a gente tem templos que servem as comunidades japonesas também. Por exemplo, o Busshinji serve a comunidade japonesa, a comunidade nipônica, a de descendentes que gostam de prestar homenagens aos seus antepassados. Então, nós monjas que estamos lá no Busshinji a gente também participa dessas cerimônias e ajuda. Se alguém chega lá e pede “Gostaria de fazer uma cerimônia para abençoar o lugar onde vão construir sua casa”, os monges

do Busshinji vão fazer isso. Em tudo que é lugar onde o Budismo está, provavelmente, o Budismo faz isso. E mesmo dentro do... E aqui a estrutura dos templos do Brasil que servem a comunidade nipônica, de descendentes. E tem os centros de dharma, né? Tem os centros que são casas, que não são templos e não estão formalizados oficialmente, de documentação daqui da sede da Shoto Shu. E aqui, que no caso esses centros de Dharma, eles tem professores do Dharma, tem monges que praticam zazen e cada um tem uma estrutura. Tem o centro de dharma, tem a comunidade da Monja Coen, tem a comunidade do Monge Gensho, tem a comunidade da Monja Isshin e cada uma dessas é uma instituição e se administra, se move, se movimenta da maneira característica de cada uma dessas pessoas. E aqui no Japão. Tem uma estrutura que tem os dois templos sede que é Eiheiji e Sojiji e tem alguns outros monastérios onde os monges podem treinar, tem Kasuisai, tem Sojiji-soin, tem Gotanjoji, tem o Koji, tem vários outros lugares onde os monges vem treinar. E essa estrutura toda serve para organizar a Soto Shu no mundo inteiro. Então, Genshō Sensei, Monja Coen, Monja Isshin são missionários da Shoto Shu. Eles tem um cargo na Soto Shu, então eles respondem à Soto Shu, eles são orientados pela Soto Shu. E tem essa estrutura aqui, que aqui no Japão também serve... Como que é organizado aqui os templos... Tem um monge, um abade, tem um corpo de mestres, tem os monges que vivem no templo ou que estão um tempo no templo, eles tem. Muitas vezes funcionários, e tem o corpo de diretores leigos, que também tem uma diretoria. Se forma uma comunidade em cada templo e tem os líderes dessa comunidade de leigos, tem uma hierarquia. E essa instituição serve as necessidades dessa comunidade, nesse sentido. Por exemplo, aqui eles acham muito importante homenagear os antepassados, então os monges daqui fazem cerimônias, eles atendem a população com cerimônias de funeral, tipo extrema unção no catolicismo. Não é uma extrema unção, não é a mesma coisa, mas é quando o monge vai na casa da pessoa que acabou de falecer. É a primeira cerimônia que se faz. Depois tem uma cerimônia que é quando fica velando em casa, mais ou menos um velório, onde o corpo do falecido sai da casa, vai até o local onde vai ocorrer a cremação e depois tem a cerimônia de cremação e de homenagem àquela pessoa. Então, tem várias cerimônias, tem essas necessidades. As pessoas querem fazer essas homenagens, as pessoas querem pedir para os monges para... A gente já foi abençoar o terreno das pessoas, sabe? Uma vizinha aqui queria construir placas de luz solar e antes de fazer a obra veio pedir para fazer cerimônia. A gente atende as necessidades da população, da comunidade que está vinculada ao templo. A gente também faz Zazenkai, Zazen, depois tem uma cerimônia que é mais curto do que o Zazenkai, mas tem, sabe? E tem a revistinha que vem da Soto Shu todo o mês... De alguma maneira as pessoas estão em contato com o Dharma. Talvez não agora, mas na próxima existência ou nessa

mesma existência, mais tarde... A gente não sabe o porquê de a pessoa fazer zazen, se ela faz zazen só porque ela vai atingir... que ela vai ser uma pessoa desperta, que ela vai ter uma compreensão... A gente não sabe! Uma pessoa que só lê uma revistinha de repente ela tem, porque ela já tem méritos, ela já tem karma para aquilo ali, eles estão em contato com o Dharma. Acho que é um jeito do Budismo acha de espalhar o Dharma, nem que sejam gotículas. Ele está sendo espalhado de alguma maneira. Assim como também o Monge Genshō, a Monja Coen, as pessoas no Ocidente vão fazer casamentos, vão fazer batismo, porque as pessoas querem. As pessoas querem que exista um significado naquele momento deles e acham importantes que hajam palavras budistas, que existam figuras budistas, que tenha aquele clima budista... Mesmo pessoas que não são budistas as vezes pedem para fazer o casamento budista, sabe? Então são oportunidades de propagar o Dharma. O Monge Genshō fala na sede sobre isso, que oportunidade... As vezes o casamento tem trezentas pessoas, ele vai falar algumas palavras, as pessoas vão achar isso interessante, as pessoas vão atrás, vai ficar marcado aquela... Quando ele tinha o restaurante, em cima ficava a comunidade Zen. Tinha um zendo grande de uns vinte lugares. Grandinho, né? E a gente tinha o plantão do meio dia e se revezava. Ficava das onze até uma hora da tarde para que a clientela do restaurante pudesse praticar meditação. E várias pessoas passaram a praticar meditação por causa disso. Então a gente, na verdade, acha que o que tiver de oportunidade para disseminar a prática, acho que muito... O Budismo é assim, e é assim aqui também.

Aproveitando a comparação que a senhora fez do momento fúnebre com a extrema unção, poderia se dizer que no Japão o Budismo é marcado muito pela presença do Xintoísmo, assim como no Brasil o Cristianismo marca muito presença no Budismo?

Em tudo quanto é lugar que tu andas você vai encontrar um templo xintoísta e um templo budista. No mesmo lugar e as vezes estão do lado. E até dentro dos templos mesmo, dos mosteiros tem coisas do Xintoísmo. É muito, como vou falar... Não é mesclado, mas eles convivem bem. Então, basicamente quando alguém quer casar vai para o Xintoísmo. Quando fala o tipo de coisa do tipo felicidade, vai para o Xintoísmo. Quando é algo relacionado com doença ou morte é mais para o Budismo. A cerimônia de casamento é feita no Xintoísmo, geralmente. E a cerimônia fúnebres são feitas no Budismo. Mas acho que deve ter, assim... Não conheço muito bem. Eu sou curiosa, mas não é um assunto que me gere muita curiosidade, essa questão de saber mais sobre Xintoísmo. Por que é que não casam nos templos? Porque a cerimônia de casamento é feita tradicionalmente nos templos xintoístas e as cerimônias de falecimento são feitas nos templos budistas. Mas deve ter cerimônia de falecimento no templo

xintoísta. Eles convivem, sabe? E geralmente tem alguma coisinha. Tu vai num templo e você vai ver alguma coisinha que é meio xintoísta. Tem templos como Kasuisai, que tem muita ligação com o Budismo Shingon adaptada que eles fazem ainda. Todo o dia de manhã tem a cerimônia zen budistas e tem essa cerimônia mais xintoísta, que é mais esotérica. Convivem super bem, é isso! Harmoniosamente. Não tem comparação, cada um tem o seu espaço dentro da vida das pessoas. Não tem conflito do tipo evangélico e católicos. Não existe isso aqui. (...) Acho que eles nem se colocam rótulos. É da cultura. As vezes escolhem, assim... Vamos supor, quando uma pessoa se torna congregado do templo? Quando alguém falece, vamos supor um pai de família, e eles estão morando em uma nova localidade que não é a localidade da família. É como um novo ramo da família. Eles vão lá e escolhem aquele templo da comunidade para fazer o memorial da família deles. E também, as vezes, vem pessoas de longe que vem fazer cerimônias aqui, porque eram daqui. Tem monge que começou um templo que tinha três congregado há cinquenta anos, ou quarenta anos e agora tem cinquenta congregados. É meio que assim, as pessoas do Budismo mais popular ela se forma em comunidade por causa disso, de achar um lugar para colocar o memorial da sua família. Tem uma pessoa que está vindo aqui agora que está querendo estudar o Budismo e de repente a gente vai começar uma comunidade de prática do zazen. Por exemplo, lá em Gotanjoji tem zazenkai todo o sábado e são leigos. São pessoas que não são congregados, são leigos que vem de todo o lugar do Japão para ir lá aprender o Zen Budismo, estudar o Zen Budismo. Esta mesma forma que existe aí no Brasil, existe aqui também.

Você acha que a mídia (televisão, rádio e internet) são meios interessantes para o ensino do *dharma*? Se a resposta for “sim”, como você vê isso? Se a resposta for “não”, você proporia algum meio disseminação do conhecimento?

Acho que o meio digital é um meio hábil maravilhoso, assim como foi a tecnologia na época de Buda. Na época de Buda qual é a tecnologia que se tinha? De haver tecido, vamos supor, para se fazer mantos. De fazer poder fazer construções, por causa de retiros que eles se abrigavam na época das chuvas. Sempre existiu tecnologia, sempre existiu modos de se fazer as coisas para se facilitar a prática. E hoje em dia a gente está vivendo a era do digital e isso é muito interessante. Claro, a gente pode olhar o lado negativo porque tem muita gente falando besteira, mas tem gente falando coisas muito boas e muito úteis. Esse projeto do Budismo virtual do Daissen começou com a Monja Sodô para atender cidades onde não haviam grupos e se ampliou bastante na pandemia. Que ótimo, porque já tinha uma estrutura criada. E foi fazendo melhorias para isso... Eu particularmente passei os últimos quatro anos estudando sobre

o ambiente digital e sobre o marketing na era digital. Já trabalhei com marketing de moda, marketing de economia. Sou formada em gestão comercial e gestão de eventos. Trabalhei bastante tempo nessa área de marketing, mas isso faz quinze anos, eu acho. Eu trabalhava também como produtora de conteúdo antes de chegar esse “bum” do conteúdo há oito anos, nove anos, uma década atrás. E daí depois do meu treinamento, quando voltei do treinamento aqui, eu quis muito para poder ajudar na divulgação do encontro Zen Latino-americano. Eu falei “Ah, quero saber mais sobre isso”. Estudei e fiz vários cursos e durante um tempo fui coordenadora da comunicação da comunidade Daissen, justamente porque acho muito importante. Chego estudar até “branding”, porque acho que é importante saber como passar os ensinamentos através da internet, por meio de todas as ferramentas que se é possível usar, através de meios hábeis. Gostaria de trabalhar mais, mas tive que pedir licença porque precisei me dedicar a minha vida aqui no Japão e ao meu filho. Durante um tempo eu consegui servir bastante, mas agora estou numa época que não consegui servir muito e estou me voltando aos meus estudos e a minha prática, e a cuidar da minha família um pouco. Mas eu pratico junto com a comunidade. Hoje pratiquei zazen, ontem pratiquei zazen com a comunidade zen. E espero que assim que a gente conseguir se adaptar melhor aqui ao nosso templo, que eu consiga voltar de novo. Mas acho muito importante, sabe? Gostaria até de pegar todo esse material, agora que estudei, e ajudar as pessoas a entender mais meditar. Provavelmente eu vá fazer isso. Não sei se esse ano ainda, mas talvez no ano que vem... Mas ajudar aos mestres, ajudar a comunidade zen, ajudar as pessoas... meio que formar as pessoas. (...) Eu era uma pessoa que talvez estivesse brigando na internet, mas hoje eu acho muito fácil ser simpático na internet. Acho muito fácil ser simpático, empático... Ontem eu estava dirigindo e uma pessoa fez uma coisa errada, mas achou que eu tinha feito uma coisa errada e meio que me deu uma encarada. Uma coisa até meio estranha para um japonês fazer. E daí naquele momento eu estava... Não tinha dormido direito e tenho TDAH, e tenho bastante... Tem um gatinho aí?

Tem! Ela invadiu o quarto... Me desculpe.

Ai que fofinho! Tudo bem! Adoro! E... É... O que eu estava falando... Me perdi. Ah! O TDAH! Eu estou amamentando e meus hormônios estão muito desequilibrados, então se não durmo direito fico mais irritada. E quando em me encontrei com aquela pessoa ontem me deu uma sementinha de que eu brigaria. Geralmente eu não olho mais feio, geralmente estou pedindo desculpas, sabe? Pelo treinamento, né? Mas... Eu já me perdi totalmente...

A senhora dizia que é muito fácil ser simpático na internet.

Sim! É muito fácil, porque não tinha uma tela na minha frente. E geralmente não é uma tela ao vivo, sabe? Geralmente é só uma plataforma que tu está ali escrevendo e quando tu escreve, tu consegue corrigir, tu consegue perceber o que você está fazendo. Então tem esse lado. E gostaria que as pessoas percebessem que é fácil, e gostaria que as pessoas percebessem como é fácil a gente conseguir lidar com o digital. Eu acho que quem está brigando na internet é quem acha que tem que brigar mesmo, que tem que ser daquele jeito mesmo. Quem não está nem um pouco preocupado com compaixão, quem está só preocupado em impor suas ideias. Porque é fácil, não difícil! Porque tu tem uma tela ali, sabe? Não é como estar no dia a dia. Dei o exemplo de ontem porque sou uma pessoa que está em treinamento. Vamos dizer assim, desde que estou lendo o Budismo, desde que estou com contato com essas ideias e que começou essa transformação, faz vinte anos. Então para mim é mais fácil não reagir. Alguma coisa que aconteça dentro da minha casa, não ficar irritada com o meu filho. É mais fácil. Não que eu não fique, mas é mais fácil por conta de um contato de vinte anos. Mas num contato direto... Porque ontem eu estava assustada, num trânsito, tu tá assim né... Eu era uma pessoa que xingava no trânsito! Mas a internet é muito mais fácil... Por que eu estou dizendo isso? Não para dizer que eu sou, sabe? Mas para dizer que se a pessoa realmente, se ela acha que ela... Ter um pouquinho só de empatia, só de estar ali na internet eu acho fácil. Muito mais fácil do que na vida, porque realmente acho que podemos falar sobre isso mais para frente. Quem sabe eu faça um post sobre isso. Mas acho o meio digital para praticar e muito bom para divulgar. Eu gostaria de fazer e não estou fazendo agora por questão de outras prioridades, mas gostaria de fazer um bom trabalho e de ajudar mais as pessoas a entenderem esse meio digital e entenderem como usar. Não só como produtor de conteúdo como também consumidor de conteúdo. Talvez eu faça um trabalho mais para frente...

ENTREVISTA COM MONJA SODO (JUNHO DE 2021)

Apresentação

Meu nome é Sodo, só Monja Sodo. Aluna de Genshō Seinsei, que é o fundador da Daissen, que tem vários grupos de prática, várias sanghas, várias comunidades em todo o país e fora do país.

Como você se interessou pelo budismo?

Eu tive uma educação cristã, católica. Frequentei colégio católico, então eu praticava muito. Tentava seguir aquilo, porém as minhas explicações eram um pouco diferentes. Eu sempre acreditava que, um pouco pela minha imaturidade, por ser muito criança, que ainda não compreendia. Mas, que chegado o momento, eu ia compreender, ou ia ser me passado ensinamentos mais profundos. Mas à medida que fui crescendo, pelo contrário, minhas inquietações foram sendo menos respondidas e cada vez se afastando mais daquilo que eu buscava. Em torno dos quinze anos eu me afastei, mas eu sentia muita falta da espiritualidade na minha vida. A partir daí, nesse momento, que a gente vai para a faculdade, que fica muito envolvida com as coisas de estudos... Então, a partir dos dezoito anos não foi um problema, que eu me formei, me casei, tive meu primeiro filho e daí voltou toda aquela necessidade de busca. Tive minha segunda filha, mas mesmo assim continuava naquela busca, naquelas inquietações. Em 2001 eu vim para o Brasil, tentando achar alguma coisa que me preenchesse, que me desse respostas às minhas inquietações, àquela angustia existencial que tinha. Por acaso, me encontrei com um livro do Dalai Lama e eu li aquele livro. A cada palavra, cada frase era uma (suspiro) descoberta. Só achei que tinha muito misticismo envolvido. Mas é aquilo! É isso que eu busco, é isso que casa comigo, que me completa, que me responde e foi uma grande descoberta. Fui para a internet pesquisar. Naquele momento estava aparecendo a internet, né? Botei lá, ver o quê que era Budismo. Eu vinha do interior, então não tinha a menor noção do que era outra religião além do Catolicismo. Então fui pesquisar e apareceram vários grupos em Florianópolis. Para mim eram todas similares, não tinha noção de que o Budismo tinha várias escolas. Peguei os telefones, fui pesquisar na biblioteca o quê era o Budismo e não achei nada. Só uma definição lá, tipo um dicionário, uma enciclopédia. Nada além disso! Então eu entrei em contato com esses números. Um dos grupos era o de Genshō Sensei, que estava começando um grupo. Em 2002, comecei a praticar, frequentar e continuo até hoje.

Sua primeira experiência já foi com o Zen?

Foi com o Zen. Conheci depois, fui visitar o Budismo Tibetano como visitante. Também fui, que também é tibetano, que foi conhecer o grupo do Lama Padma Samten. Conheci o professor Ricardo Sasaki, que fomos visitar na comunidade de Florianópolis, do Zen. Mas, realmente, meu lugar sempre foi o Zen, minha casa sempre fio o Zen.

Quem são suas principais referências budistas? A senhora mencionou o livro do Dalai Lama. Qual livro seria?

A Arte da Felicidade.

A senhora tem outras referências?

Minhas primeiras referências é Shakiamuni e Dogen, que é o fundador da nossa escola, meus mestres, que é Saikawa Roshi e Genshō Sensei, essas são minhas primeiras referências. E depois, leituras que gosto de fazer. Tich Nah Han, gosto de ler alguma coisa dele. Shunryu Suzuki foi bastante importante. Monja Coen também, como mulher é uma pessoa que inspira bastante como monja.

Você considera o budismo no Ocidente equivalente ao do Oriente? Pode justificar sua resposta?

Posso lhe falar da Daissen, que onde eu pratico. Foi esse Budismo original. Na verdade, vejo aqui na Daissen o Budismo original. O Budismo nasce na Índia com Shakiamuni Buda e a medida que ele vai se espalhando vai existindo o sincretismo com as religiões locais, então tem um sincretismo com o Taoísmo, com o Confucionismo na China, depois chega no Japão, que tem sincretismo com o Xintoísmo. Quando fui para o Japão, é muito interessante todo aquele misticismo, aquele esoterismo que não é próprio do Zen, mas sim essa mistura. E aqui nós estamos retornando para um Budismo mais tradicional, mais original de Shakiamuni Buda, sem tanto misticismo. Porque as pessoas daqui, diferente da China e do Japão, que buscam o Budismo, não buscam esse misticismo. Eles buscam algo mais ascético, então se deu a possibilidade de existir esse Budismo do tempo de Buda, sem tantos coloridos e sem tantos artifícios. Um Budismo mais puro de Buda e de Dogen.

Eu comecei praticando no Brasil e como monja fui fazer um treinamento num mosteiro, treinamento oficial da nossa escola, da escola Soto, e depois retornei para o Brasil. Existe uma diferença não na doutrina, mas sim na sua forma de praticar, no seu dia a dia. Lá existe bastantes cerimônias que são deuses locais e que o Budismo abraça para respeitar a necessidade da sociedade e, então, se mistura a cultura local, aquelas crenças locais com o Budismo. Aqui não.

Normalmente o ocidental quando busca ele está cansado de tudo isso, ele busca mais a essência, então se deu uma coisa mais inversa. Se despiu tudo aquilo que o Budismo que... o Budismo começou a se despir de tudo aquilo e o Budismo que nós praticamos na Daissen é esse, mais puro e sem muitas voltas, mais direto.

Então, encontrou solo fértil no Brasil?

Sim, de um Budismo mais limpo.

Quais as dificuldades de ser um budista no Brasil?

Não. Não tive nenhum tipo de dificuldade, nem de preconceito. Pessoalmente, né? Não digo que não exista, mas eu, propriamente, não tive nenhum tipo de preconceito. Estamos num momento muito bom do Budismo aqui. Por exemplo, quando meu professor começou não tinha literatura, era difícil ter professor, não se encontrava. Nesse momento temos muitos professores bons no Brasil, reconhecidos e com uma boa formação. Temos uma vasta literatura em português, espanhol, inglês, francês... Então, é uma literatura bem vasta no Ocidente que permite que você pratique e estude. As pessoas, não sei como é fora do Brasil, mas o Budismo é muito bem visto. Mesmo sem compreender as pessoas dizem “Ah, Budismo. Ah, Zen, né? É tranquilo, né? Paz e amor, né?”. (Risos). Tem um pouco dessa confusão, mas as pessoas veem bem, veem como uma coisa boa. Não sei se existe algum tipo de preconceito, se alguém viveu algum tipo de preconceito, mas pessoalmente não. Acho que é um momento maravilhoso e de grande crescimento para o Budismo Zen, principalmente, que é o que conheço. Não me refiro às outras escolas, mas acredito que também de grande crescimento.

Como você acha que o budismo pode contribuir na vida de pessoas não-budistas?

Eu acredito que sim, porque o Budismo não prega. Não sai pregando e tentando chamar as pessoas, é o contrário. As pessoas precisam ter um movimento interno que as levem ao Budismo, o Budismo vai nos transformando. A medida que nos transforma, transforma toda a sociedade. As vezes as pessoas não chegam a praticar, mas as pessoas leem ou falam frases. As vezes a gente vê num filme, numa propaganda o Budismo aparece ali. Alguma coisa, um conceito... Isso é muito interessante. A experiência, por exemplo, no Japão é que ela transformou a sociedade japonesa e vai entrando, vai se arrastando como uma raiz e por baixo da terra, e vai transformando aquela sociedade. Numa forma positiva, né? Não quero dizer que as pessoas passem a ser budistas, mas de alguma forma vai influenciando a sociedade. E a

sociedade nada mais é que feita de pessoas. Quando uma pessoa se transforma, todo mundo se transforma. Então, quanto mais pessoas se transformam a sociedade muda.

O que é meditação?

Existem vários tipos de meditação. Com licença... (toma uma bebida quente). Inclusive, dentro do mesmo Budismo existem vários tipos de meditação. A meditação Zen budista, da escola Zen, da Soto Zen, é uma meditação silenciosa onde deixamos repousar a mente. Nós sentamos, de preferência em frente a uma parede, com os olhos semi-abertos, o corpo quieto e imóvel, uma respiração tranquila e abdominal, sem focar em nada. Vamos repousando a mente, sempre voltando ao momento presente e vamos descartando todos aqueles conceitos, aquelas crenças, que estão arraigados em nós. Começa na superficialidade e cada vez vai mais profundo. E cada vez voltamos, estamos mais presentes naquilo que estamos fazendo. Então, existem várias coisas acontecendo. Quando nós voltamos, voltamos e voltamos aprendemos a aprender a vida, que a vida é agora, neste momento. Não no passado que já se foi, nem no futuro que nunca vai chegar. Se passa a perceber a sutileza da vida e ter mais intensidade naquilo tudo que se está vivendo. E também vamos descartando, como falei, todos esses “preconceitos”. Não preconceitos no sentido de negativo, mas os preconceitos que a gente criou, aqueles “achômetros”, que a gente foi se embutindo na vida e a gente vai descartando, nossa mente vai se abrindo para o novo. A aceitação do novo, a aceitação da mudança e ver o que está acontecendo nesse momento da consciência, o que realmente está acontecendo. É tirar as teias de aranhas dos olhos e conseguir ver claramente. Ter consciência do que se faz e das consequências do que se faz, se conseguir medir isso de uma forma mais clara.

A meditação pode influenciar no dia a dia do(a) brasileiro(a)? Se a resposta for afirmativa, como?

No Budismo, no Zen, como falei, as pessoas tem que buscar. As pessoas tem que busca a vida prática. Desta mesma forma que a pessoa vem, ela pode ir embora. Ninguém precisa justificar porque estar ali, nem porque vai embora. Então, as pessoas são livres! Nem todo mundo aprofunda na prática. Muitas vezes as pessoas vêm porque o médico mandou, porque precisa se acalmar, porque é ansioso, porque não dorme de noite e vai para frente. E realmente a meditação, o zazen que a gente faz no Zen Budismo traz efeitos colaterais. Não é sua finalidade, mas traz isso. Você passa a dormir melhor, você fica mais tranquilo, menos ansioso, mais controlado, muitas vezes come menos e todas essas questões. Isso ajuda muito, né? Existe uma corrente que é o mindfulness que utiliza esses conceitos do Zen fora de uma religiosidade,

simplesmente como técnica de concentração. É onde permite que a pessoa seja mais efetiva naquilo que faz, porém não tem nada haver com espiritualidade. Meu sensei costuma dizer que... Como é... Fugiu o nome. Tem um nome... O atirador de elite pode praticar e ele realmente vai conseguir atirar melhor e matar o maior número de pessoas se quiser e isso é através da prática. É uma coisa muito positiva, ajuda muito as pessoas, as empresas, porém se não tem uma ética por trás isso pode agir tanto para um bem, quanto para um mal. E não há uma crítica a mindfulness, porque é uma coisa muito positiva. Mas essa é a grande diferença, conseguir uma religiosidade onde tem uma ética muito forte, onde a gente aprofunda muito mais e isso fica bastante na superficialidade.

Acho interessante que a senhora falou do atirador de elite. Me lembro do livro “A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen”, e ele fala da prática do Kyudo no Japão. Acho maravilhosa e gostaria muito de praticar, mas as barreiras culturais impedem. (risos). Mas acho interessante que o livro, pelo menos na minha interpretação, mostra que o arqueiro não está ali simplesmente para acertar um alvo, ele não está ali simplesmente para se tornar um hábil arqueiro, ele está ali por estar ali e também para se tornar parte desse meio. Ele se torna um com o tiro. É algo difícil para o ocidental entender! O livro é bacana, porque é um ocidental falando de uma prática oriental. É isso, né? Você pode pegar o arco e flecha e atirar em alguém e isso pode esvaziar muitas vezes a prática, né?

É exatamente isso! Nessas artes tem uma parte que ele treina só como tirar a flecha e posicionar. Não chega nem a soltar. E você tem que estar ali, totalmente presente! Você é o próprio arco, você é a própria flecha. É a profundidade da prática, ela busca muito o “dô”. O arco e a flecha é somente um meio de prática. Dentro dos mosteiros surgiram com influência do Zen o Kyudo, o Ikebana... Várias artes que não necessariamente é budista, mas tem uma grande influência dessa mente presente, atenta, consciente, sem julgamento e objetivos, somente estar ali.

Você acha que a mídia (televisão, rádio e internet) são meios interessantes para o ensino do *dharma*? Se a resposta for “sim”, como você vê isso? Se a resposta for “não”, você proporia algum meio disseminação do conhecimento?

Eu acho que é uma ferramenta. Pode ser muito bem usada. Pode ser uma coisa positiva quando bem usada, mas quando mal usada pode ser uma coisa muito negativa. Então a gente procura usar essas ferramentas de uma forma positiva, espalhando o *dharma*, levando os ensinamentos. Não só para os budistas, mas numa linguagem que as outras pessoas possam escutar e de alguma

forma serem tocadas e modificadas. São meios hábeis e que a gente procura usa-los de forma positiva.

Na pandemia se otimizou esse tipo de manifestação?

Com certeza! Nós já tínhamos várias atividades, mas durante a pandemia... Por exemplo, nós temos a Daissen virtual, um programa da Daissen onde nós temos encontros para a prática, ensinamentos, palestras, sessões de perguntas e repostas da mesma forma que seria o presencial. Isso foi muito importante para muita gente, acompanhou muita gente que nesse momento de solidão e de desespero se encontrarão dentro da comunidade e conseguiram levar de uma forma positiva essa pandemia, e continuar sendo né? Porque você pode usar esse momento de reclusão para ficar trazendo coisas negativas, um momento difícil onde estamos longe dos nossos familiares, nossa rotina muda totalmente, onde temos que pensar se vamos receber alguém, se vamos até a porta, tem que usar máscaras e todas as possibilidades. Muita gente adoecendo, muita gente morrendo e de uma forma ou outra isso nos afeta diretamente. A mídia social ajudou a levar um pouco de conforto a todos, de nos unirmos, de estarmos de alguma forma juntos, de trocarmos experiências, de trocarmos algum momento de prática, de trocarmos coisas positivas. A Daissen usou bastante esse momento. Realmente incentivou tudo aquilo que já vinha sendo feito e foi muito positivo para as pessoas, o retorno que a gente tem é muito positivo.

Eu andei visitando o perfil da senhora e vi que tem um podcast. A senhora podia falar desse conteúdo?

Nós temos um podcast da Daissen e eu participo do quadro “Cotidiano” onde falo sobre a prática do Zen no dia a dia. E também tenho um podcast pessoal que faço em espanhol, tem dois quadros que são pensamentos meus, pequenos textos e outro que leio textos do Sensei traduzidos do espanhol.

Como você interpreta a ação da Monja Coen sobre o budismo no Brasil?

Eu conheci a Monja Coen antes de ser monja. Tive a oportunidade de estar com ela várias vezes, inclusive em retiros que ela conduziu. É uma pessoa que inspira muita gente. Ela é uma comunicadora excelente, porque ela usa desde o início por ter sido da comunicação, foi jornalista, soube usar esses meios para divulgar o dharma, divulgar a palavra. Ela muitas vezes usa palavras simples para chegar às pessoas de uma forma positiva, ajudando muita gente. Acho que faz um trabalho maravilhoso.

Como monja no Brasil não tive nenhum tipo de preconceito. Nunca senti esse preconceito, principalmente dentro da Daissen. Todos temos os mesmos direitos e as mesmas posições. O mesmo peso, dentro da Daissen, existem muitas mulheres em cargos de liderança, então não tem esse problema dentro da Daissen. No Japão existe... É uma sociedade machista, sim! O papel da mulher é um pouco diferente do papel da mulher aqui. Então, logicamente, isso passa de certa forma para o Budismo. Isso traz u pouco de diferença pela cultura local, porém quando fui lá fui muito bem respeitada. Mas a gente percebe uma certa... Dentro do mosteiro... Eu estava num mosteiro masculino que eles nos aceitaram. Éramos duas monjas no momento, então os monges noviços que eram muito jovens as vezes ficavam meio incomodados porque agente vinha, porque era estrangeira, porque ocupava o mesmo espaço que eles, mas isso era uma coisa muito pontual, muito dos novos. Eram meninos de uns vinte anos e eu com quase cinquenta anos, mas eles me trataram muito bem. Não tive grandes problemas com eles, de enfrentamento ou qualquer coisa assim. E as condições das monjas lá é um pouco diferente pela questão da cultura local. Mais aqui no Ocidente acho que nós não temos essa diferença de forma alguma. Você vê na Europa, nos Estados Unidos as monjas ocupando cargos de liderança e são grandes professoras, tanto quanto os homens. Pessoalmente não vejo muita diferença. Não sei se... Não digo que não exista, porque outras pessoas podem ter vivenciado essas questões, mas pessoalmente nunca as vivenciei. Talvez no passado pode ter existido algo mais, esse choque. Mas hoje em dia é outra realidade a meu ver.

PRINTS DAS POSTAGENS DO FACEBOOK DA PÁGINA OFICIAL DE MONJA
COEN⁹³

JANEIRO

Monja Coen
15 de janeiro de 2020

Hoje teremos uma palestra online ao vivo com a Monja Coen, às 20h. 😊
O tema será: Como encontrar o equilíbrio e a paz interior 🙏🧘
Não perca! Inscreva-se em www.semanazazen.com.br/palestra-online-15-01-2020 para receber seu link de acesso 😊
Esperamos você! 🙏

#ressignificar #semanazazen #monjacoen #metas2020 #sejazen #gassho #viveremharmonia #equilibrio #pazinterior #praticazazen

**15/01
20h** **LIVE**

PALESTRA AO VIVO
Com Monja Coen
GRATUITO

INSCREVA-SE

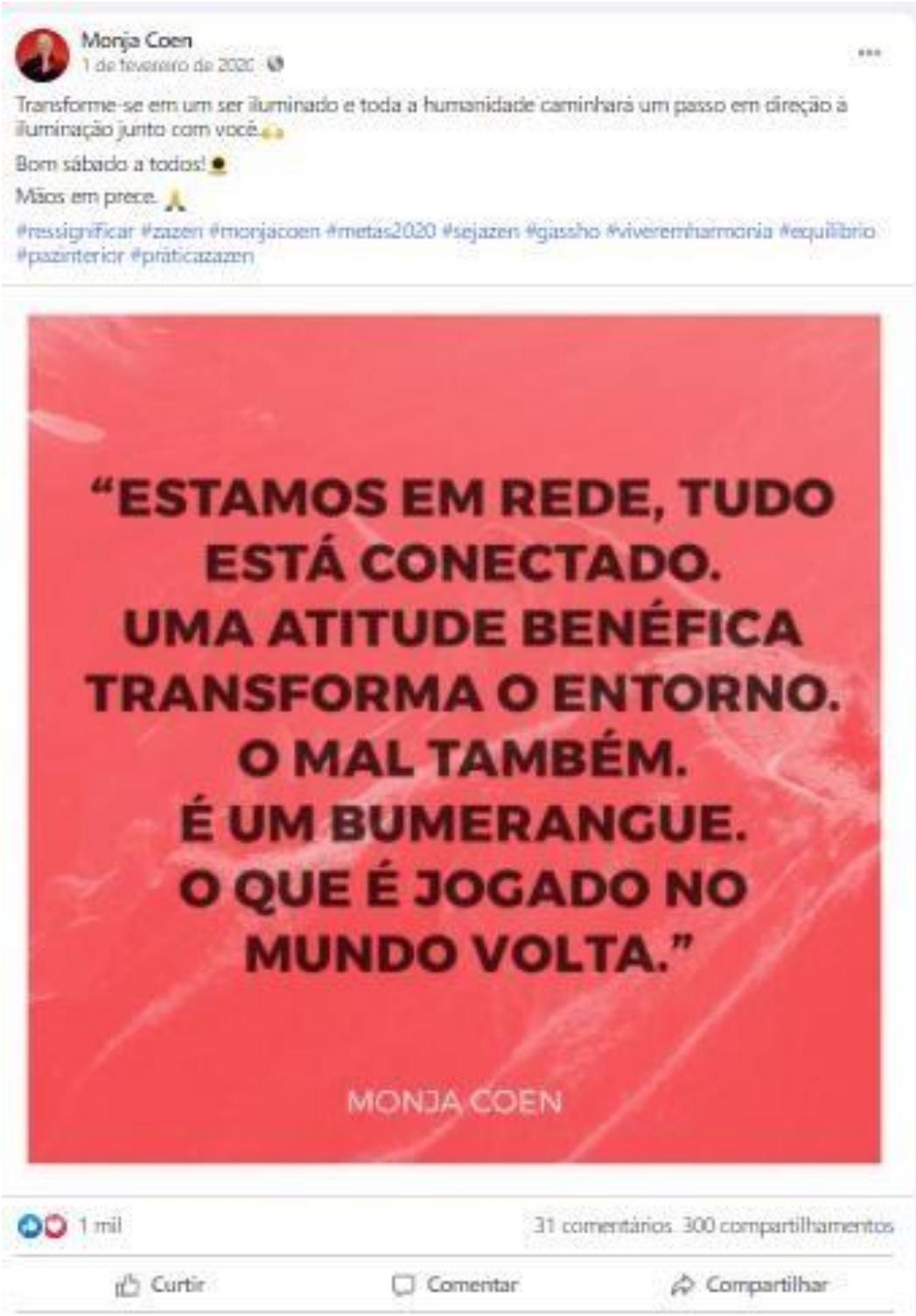
442 31 comentários 47 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Figura 12 Convite para Live

⁹³ Prints realizados no dia 31 de julho de 2022.

FEVEREIRO



Monja Coen
1 de fevereiro de 2020

Transforme-se em um ser iluminado e toda a humanidade caminhará um passo em direção à iluminação junto com você. 🙏

Bom sábado a todos! 🙏

Mãos em prece. 🙏

#ressignificar #zazen #monjacoen #metas2020 #sejazen #gassho #viveremharmonia #equilibrio #pazinterior #praticazazen

“ESTAMOS EM REDE, TUDO ESTÁ CONECTADO. UMA ATITUDE BENÉFICA TRANSFORMA O ENTORNO. O MAL TAMBÉM. É UM BUMERANGUE. O QUE É JOGADO NO MUNDO VOLTA.”

MONJA COEN

1 mil

31 comentários 300 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Figura 13 Frase da Monja



A screenshot of a Facebook post by Monja Coen, dated February 9, 2020. The post features a red background with a repeating pattern of a stylized lotus flower. The text on the post is in white and reads: "Ser zen é ser simples. É fluir com o fluir da vida. Sem drama, sem complicação. Ser zen é servir, cuidar, respeitar e compartilhar." Below the text, the name "MONJA COEN" is written in white capital letters. At the bottom of the post, there are icons for likes (2 mil), comments (67), and shares (451), along with buttons for "Curtir", "Comentar", and "Compartilhar".

Monja Coen
9 de fevereiro de 2020 · 🌐

Ser zen é ser simplesmente quem somos e nada mais. 🌸
Um excelente domingo a todos! 🙏
Gasshō 🙏
#... Ver mais

"Ser zen é ser simples.
É fluir com o fluir da vida.
Sem drama,
sem complicação.
Ser zen é servir, cuidar,
respeitar e compartilhar."

MONJA COEN

👍❤️ 2 mil
67 comentários 451 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Figura 14 Interpretação do Zen



A screenshot of a Facebook post by Monja Coen. The post features a yellow banner with the text "O PODER DA COLABORAÇÃO, COM MONJA COEN". Below the banner is a video thumbnail showing Monja Coen, a Buddhist nun, smiling with her hands in a prayer position. The post includes a link to a podcast episode titled "Colabore com o Futuro" and shows engagement metrics: 263 likes, 5 comments, and 18 shares.

Monja Coen
10 de fevereiro de 2020 · 🌐

O PODER DA COLABORAÇÃO, COM MONJA COEN

PODCAST COLABORANDO COM A SAÚDE  

Colabore com o Futuro
10 de fevereiro de 2020 · 🌐

No novo episódio do podcast da Colabore, [Monja Coen](#) nos inspira para um mundo mais colaborativo e feliz, trazendo ensinamentos muito valiosos para a vida em so... [Ver mais](#)

  263

5 comentários · 18 compartilhamentos

 Curtir  Comentar  Compartilhar

Figura 15 Participação em Podcast

MARÇO

Monja Coen
6 de março de 2020 · 🌐

No Budismo temos Três Preceitos ou Regras de Ouro 🙏

- ✓ Nunca fazer o mal.
- ✓ Sempre fazer o bem.
- ✓ Sempre fazer o bem a todos os seres... Ver mais

**"FAÇA O SEU MELHOR,
PROCURE A PERFEIÇÃO
EM SI MESMO PARA
CHEGAR À EXCELÊNCIA.
TRATE TODOS OS SERES
DA MANEIRA COMO
QUER SER TRATADO:
COM RESPEITO
E INCLUSÃO."**

MONJA COEN

👍❤️ 1,2 mil · 20 comentários · 345 compartilhamentos

👍 Curtir · 💬 Comentar · ➦ Compartilhar

Figura 16 Frase da Monja 2

ABRIL

Monja Coen
5 de abril de 2020

Mais de 30 mil pessoas estão inscritas para acompanhar esta série online e gratuita que vai te ensinar a superar adversidades, apreciar a vida e ser mais leve frente às dificuldades do dia a dia!

Não fique de fora da Semana Zazen. Vamos juntos neste momento: cada um em sua casa, em busca do equilíbrio e paz interior.

Inscriva-se pelo link do perfil ou acesse: www.semanazazen.com.br

#semanazazen #ressignificar #zazen #monjacoen #sejazen #gassho #viveremharmonia #equilibrio #pazinterior #praticazazen

Já são 36.967 inscritos
para a Semana Zazen.

Estreia 13 de abril de 2020

SEMANA ZAZEN
UMA ALIADA DIÁRIA

Já fez sua inscrição?

533 reações · 53 comentários · 35 compartilhamentos

Curtir · Comentar · Compartilhar

Figura 17 Divulgação: Semana Zazen

Monja Coen
6 de abril de 2020 · 🌐

Amanhã 17h
Organizado pela Interreligiosa de São Leopoldo RS



Fórum Inter-religioso e Ecumênico
Pela Democracia, Diversidade e Direitos

CELEBRAÇÃO INTER-RELIGIOSA E ECUMÊNICA

DEFESA DO SUS E SOLIDARIEDADE COM PROFISSIONAIS DE SAÚDE

.....

Junte-se a nós para um tempo de espiritualidade amorosa
de apoio ao SUS e solidariedade com Profissionais de Saúde.

.....

7 ABRIL | TERÇA-FEIRA | 17 HORAS
DIA MUNDIAL DA SAÚDE

#FéNãolmuniza

Apoiado por:

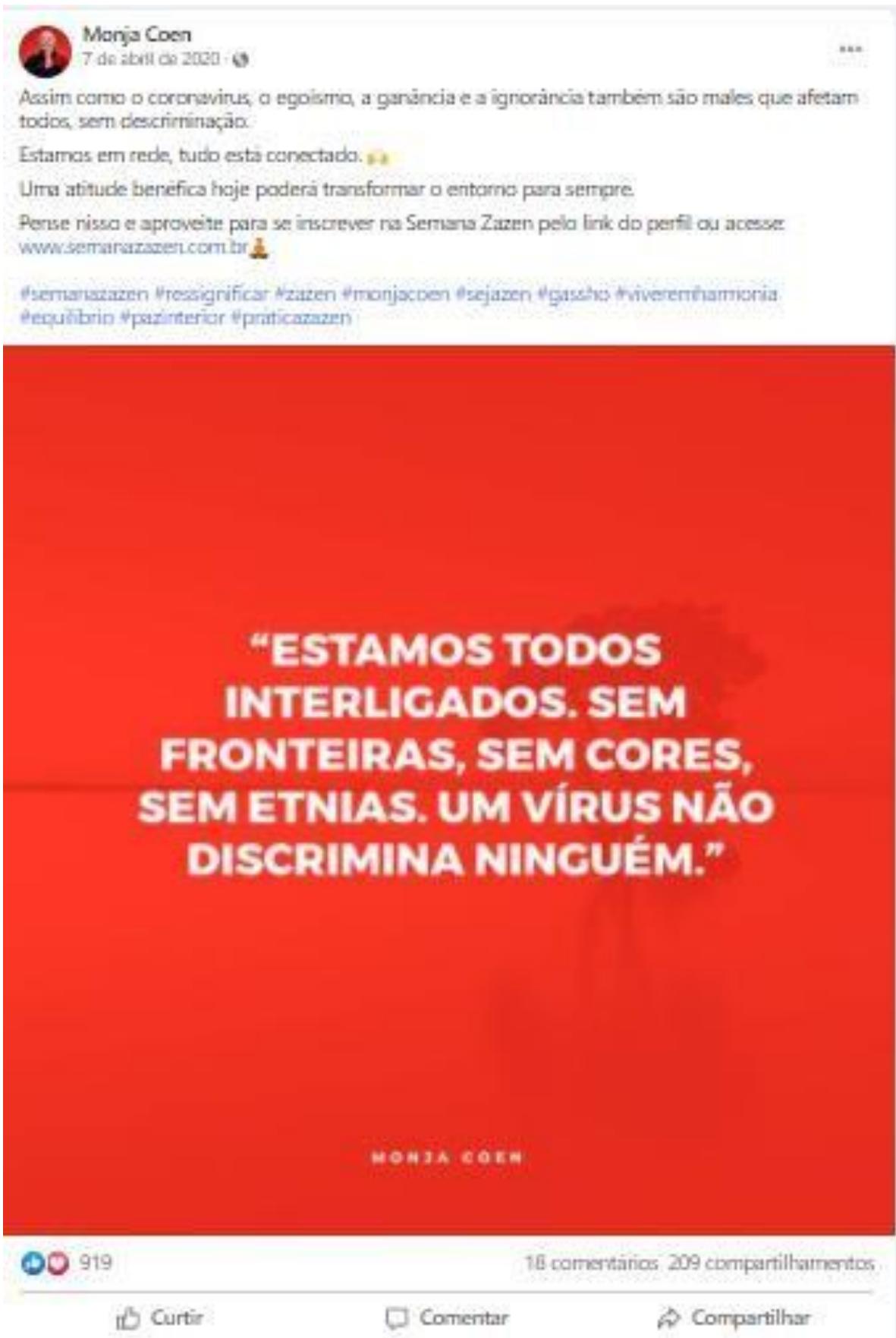


Monja Coen
★ Favoritos · 2 de abril de 2020 · 🌐

7 de abril em defesa e solidariedade ao SUS e todos profissionais de saúde

👤 Maria Ceólia Fonseca e outras 390 pessoas · 6 comentários · 45 compartilhamentos

Figura 18 Celebração inter-religiosa e ecumênica



Monja Coen
7 de abril de 2020 · 🌐

Assim como o coronavírus, o egoísmo, a ganância e a ignorância também são males que afetam todos, sem discriminação.

Estamos em rede, tudo está conectado. 🤝

Uma atitude benéfica hoje poderá transformar o entorno para sempre.

Pense nisso e aproveite para se inscrever na Semana Zazen pelo link do perfil ou acesse www.semanazazen.com.br 🙏

#semanazazen #ressignificar #zazen #monjacoen #sejazen #gassho #viveremharmonia #equilibrio #pazinterior #praticazazen

“ESTAMOS TODOS INTERLIGADOS. SEM FRONTEIRAS, SEM CORES, SEM ETNIAS. UM VÍRUS NÃO DISCRIMINA NINGUÉM.”

MONJA COEN

👍❤️ 919 18 comentários 209 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Figura 19 Frase da Monja 3

 **Monja Coen**
25 de abril de 2020

Você sabia que podemos aumentar a imunidade observando o simples ato de respirar? 🧘
Confira algumas dicas para você se manter sempre saudável, não apenas neste momento de pandemia. 😊

👉 Passe as fotos para o lado e boa prática! 🙏

Gasshô 🙏

#FIQUEEMCASAZEN #semanazazen #ressignificar #zazen #monjacoen #sejazen #gashho #viveremharmonia #equilibrio #pazinterior #praticazazen

DICAS PARA AUMENTAR A IMUNIDADE DURANTE O ISOLAMENTO:

MONJA COEN

A RESPIRAÇÃO CONSCIENTE É APROVADA POR VÁRIOS MÉDICOS. PARE TUDO QUE ESTÁ FAZENDO E FAÇA RESPIRAÇÕES PROFUNDAS E COMPLETAS. COM ISSO, O OXIGÊNIO IRA CIRCULAR LIVREMENTE POR TODO O CORPO E CÉREBRO. O QUE FAZ COM QUE VOCÊ PENSE MELHOR...

MONJA COEN

FIQUE EM SILÊNCIO UM MOMENTO. SEM FAZER NADA, NADA MESMO. SEM CENAR, SEM MEDITAR, PERMANEÇA ALGUNS MINUTOS EM PURA PRESEÇA. APENAS RESPIRE E SINTA O SILÊNCIO DA SUA VIDA...

MONJA COEN

FAÇA A OPÇÃO POR UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E REGULAR E PRINCIPALMENTE, TENHA SUAS NOTES DE SONO BOMAS E IMPORTANTES. PARA UMA BOA NOITE DE SONO, "DELICIE" A MENTE POR SUO MÉRITO. QUAS HORAS NÃO VEM TRUQUEM, NÃO MESA NO CÉLULO, NÃO RESPONDA 9-11111.

MONJA COEN

POR ÚLTIMO, ENVIJE AMOR PARA TODOS OS SERES, NÃO APENAS AOS FAMILIARES E AMIGOS, INCLUIA TODA A HUMANIDADE. FAÇA PRÁTICAS DE SILÊNCIO, DE MEDITAÇÃO, DE ORAÇÃO. QUEM NÃO COSTA O MEDITAR OU DE ORAR, LER, LER TEXTOS INSPIRADORES, DESENVOLVA SUA CAPACIDADE MENTAL DE PERCEPÇÃO.

MONJA COEN

  2 mil

81 comentários · 663 compartilhamentos

 Curtir

 Comentar

 Compartilhar

Figura 20 Dicas na pandemia

Monja Coen
28 de abril de 2020

Ficar em casa é uma grande oportunidade para investir em autoconhecimento, o que pode ser libertador! 🧘

Podemos arrumar a casa e a nossa mente, reorganizar a vida. Resprender a respirar e a meditar.

As práticas meditativas facilitam esse olhar em profundidade em direção a si mesmo. Então, podemos perceber e lidar melhor com diferentes emoções e estados mentais, como o medo, a angústia, a raiva, a tristeza... [Ver mais](#)

**“INVESTIR EM
AUTOCONHECIMENTO
PODE SER LIBERTADOR!”**

MONJA COEN

656 18 comentários 85 compartilhamentos

[Curtir](#) [Comentar](#) [Compartilhar](#)

Figura 21 Frase da Monja 3

Samuel Veggio
Vamos investir em conhecimento nas diversas receitas veganas que não precisam matar nenhum animal. Precisamos acordar os seres humanos para que os animais possam dormir em paz. Junte-se a nós Monja 🌱🌍🌿🙏

[Curtir](#) [Responder](#) 1



Figura 22 Convite para "Petisco Zen"

JUNHO



Figura 23 Participação na Globo

JULHO

Monja Coen
22 de julho de 2020 · 🌐

Já somos mais de 100 mil inscritos no Telegram! 🙌
Agradecemos a todos que estão participando e aproveitamos para convidar você que ainda não faz parte do grupo. 😊
É muito fácil ingressar no grupo oficial da Monja Coen Rashi no Telegram... Ver mais

Monja Coen Oficial
100.219 inscritos

Mensagem fixada
Sejam bem vindos, bem vindas! 🙌

Sejam bem vindos, bem vindas!

193

6 comentários · 3 compartilhamentos

Curtir · Comentar · Compartilhar

1 - Busque pelo Telegram

Telegram
Telegram PZ LLC

4,4 ★
5,1k avaliações · 20 MB · Escrito nos editores · Classificação

Fast Telegram
Powerful Telegram
Private Telegram
Cloud based Telegram

Telegram é um aplicativo de mensagens baseado em segurança e velocidade.

Telegram

Por favor, permita que o Telegram envie chamadas. Assim poderemos confirmar o seu número de telefone automaticamente.

+4

Figura 24 Grupo do Telegram

Monja Coen
31 de julho de 2020 · 🌐

Os episódios 1, 2 e 3 da Semana Zazen já estão no ar. Já conferiu? 🙏
Agora, temos uma novidade para você: 🙏
Se você está amando o que está aprendendo na Semana Zazen e quer se aprofundar mais na prática, não perca tempo!... [Ver mais](#)

SEMANA ZAZEN | **COM MONJA COEN**

GRUPO

ESPECIAL NO WHATSAPP
GARANTA O SEU LUGAR

👍👎 226 23 comentários · 11 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Figura 25 Grupo do WhatsApp

AGOSTO



Monja Coen
26 de agosto de 2020 · 🌐

BOA NOTÍCIA! 🎉
A COMUNIDADE ZAZEN COMPLETA HOJE 1 ANO DE VIDA! 🥳🎂

Temos um convite especialmente para você, aluno do Curso Prática Zazen, lá na comunidade!
Em comemoração ao aniversário, estamos lançando o Concurso Compartilhe Zazen. 🙏🙏

Tem também um vídeo que a Monja Coen gravou especialmente para comemorar a data junto com a gente!

Se você é aluno do Curso Prática Zazen confira tudo em nosso grupo!
Se ainda não ingressou na comunidade, acesse: www.facebook.com/groups/comunidadezazen/ – Informe o e-mail cadastrado no curso e aguarde a aprovação do administrador.

Participe! Boa sorte! 🍀

#comunidadezazen #monjacoen #fiqueemcasazen #ressignificar #zazen #sejazen #gassho #equilibrio #pazinterior #praticazazen #viveremharmonia

Monja Coen

900

72 comentários · 32 compartilhamentos

Figura 26 Live de comemoração

SETEMBRO

Monja Coen
 há cerca de 11 meses

AGORA É A HORA

Mais leitura!
15% OFF
no cupom AMOLIVROS

MONJA COEN
 PONTO DE VIRADA

"PONTO DE VIRADA" NA SUBMARINO
 Promoção de aniversário da Submarino 🥳
 Na compra do livro Ponto de Virada da Monja Coen, ganhe um desconto de 15% de desconto com o cupom AMOLIVROS. 🥳... Ver mais

55 likes · 3 comentários

Figura 27 Divulgação de promoção do livro

OUTUBRO

 **Monja Coen**
6 de outubro de 2020

"Somos cobaias humanas.
Testando medicamentos. Testando tratamentos.
Testando testes."
Monja Coen

E aí, vamos fingir que está tudo bem?

...

...

Livro Virus
Lançamento em e-book nesta quinta-feira, dia 8 de outubro.
#ebook #virusmonjacoen #lançamentodeebook #pandemia #covid-19
#monjacoen #zen #zendobrasil #cordel #paz

**"Será que não querem
ver, entender?
Estão com medo do
que é, assim como é?
Vamos fingir que está**

"Que sejamos todos infectados pelo amor, pela ternura, pela obediência e pela cura."
Virus, o novo livro de MONJA COEN.



8 de outubro.
Lançamento do e-book com download gratuito por 24h.





  391

7 comentários 93 compartilhamentos

 Curtir
 Comentar
 Compartilhar

Figura 28 Livro "Virus" disponível na Amazon

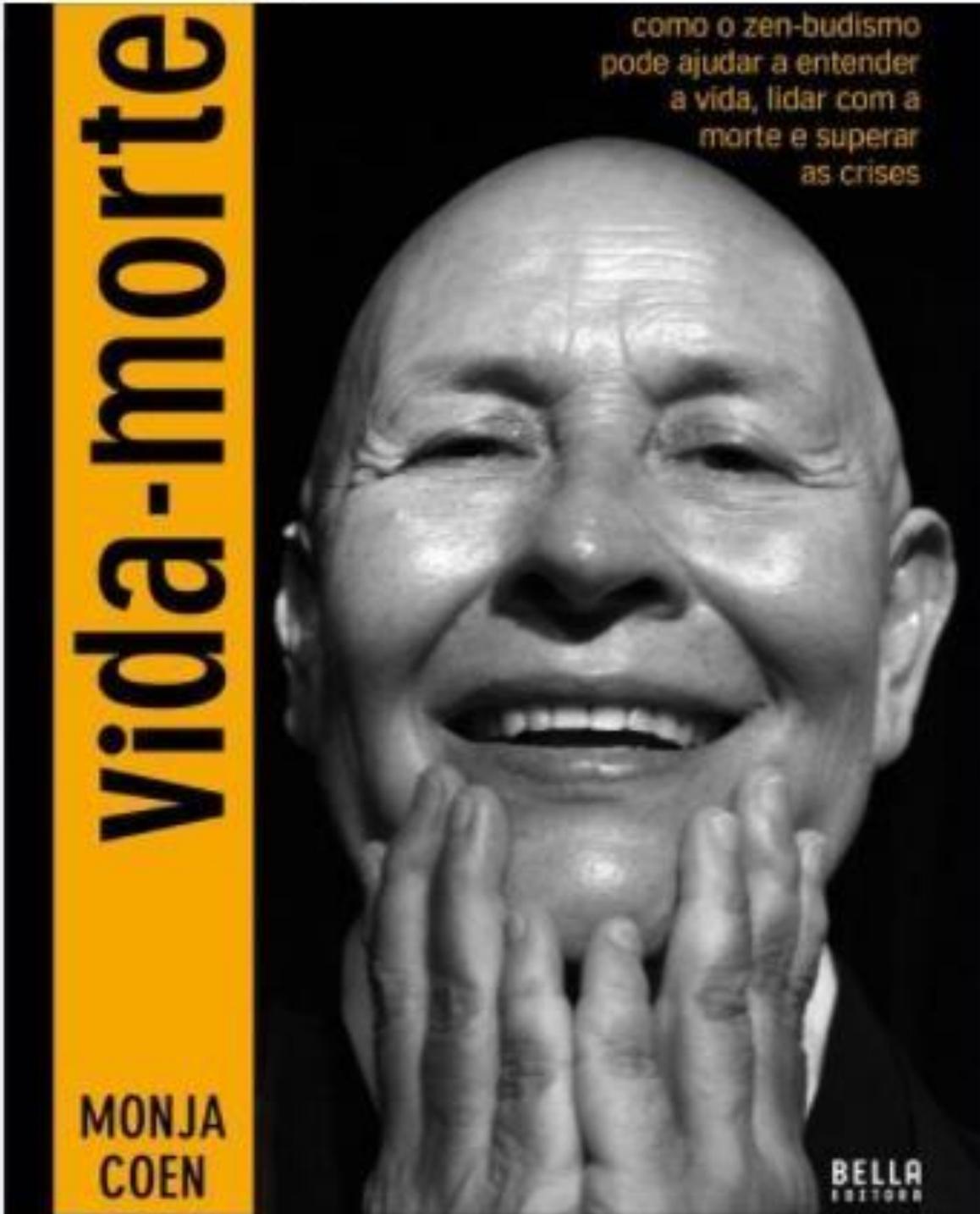


Figura 29 Jornal Zendo Brasil

NOVEMBRO

 **Monja Coen**
2 de novembro de 2020 · 🌐

Vida-Morte, novo livro da Monja Coen
Hoje, lançamento na Amazon
Como o Zen-Budismo pode ajudar a entender a vida, lidar com a morte e superar as crises?



vida-morte

como o zen-budismo
pode ajudar a entender
a vida, lidar com a
morte e superar
as crises

MONJA
COEN

BELLA
EDITORA

  491

28 comentários · 30 compartilhamentos

 Curtir

 Comentar

 Compartilhar

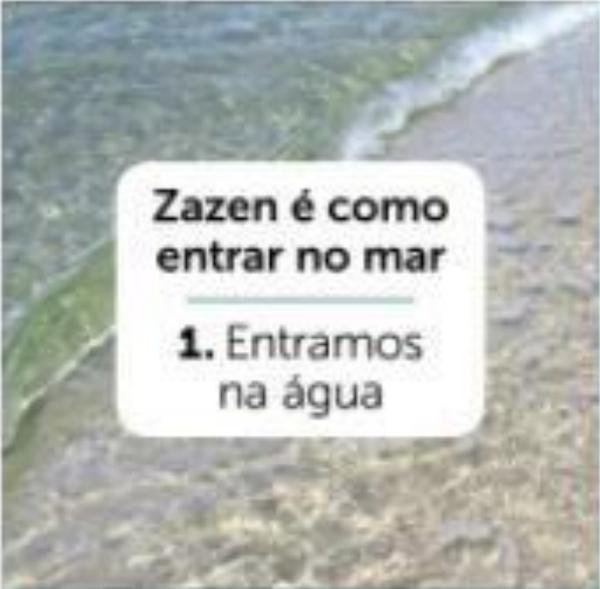
Figura 30 Divulgação do Livro "Vida-morte"

Morja Coen
13 de novembro de 2020

O primeiro zazen a gente nunca esquece... No início, começamos com poucos minutos de meditação em casa ou em atividades de iniciantes em templos zen. Os pensamentos surgem descontrolados, o corpo dói. Mas persistimos em nossa procura pelo autoconhecimento. E essa persistência pode nos levar da confusão à tranquilidade.

Nos próximos dias, você vai mergulhar na prática zazen com a Morja Coen Roshi, numa série de 3 posts muito especiais. Aprecie!

(Textos extraídos de "Olhos de Mar", em A sabedoria da Transformação, de Morja Coen)



Zazen é como entrar no mar

1. Entramos na água

No início, só vemos marolas à beira da praia. Mas o mar não são as marolas, embora as marolas sejam o mar.

Mais adiante, são as ondas que chegam. Aprendemos a nadar.

Há mares tranquilos onde podemos nadar. Há mares verdes, azuis, dourados. Mares brancos pela luz do luar.

@monjacoen

749 16 comentários 80 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Figura 31 Explicando o Zazen

Monja Coen
14 de novembro de 2020 · 🌐

Aos poucos, nossa prática se aprofunda e experimentamos nos sentar durante um dia todo nos Zazenkais. Zazen (meditação), Kai (encontro).

O encontro é a procura. É a procura favorece o encontro.
(Textos extraídos de "Olhos de Mar", em A sabedoria da Transformação, de Monja Coen)

Zazen é como entrar no mar

2. Damos as mãos

Escolhemos um grupo, uma tradição meditativa e seguimos as instruções de um(a) professor(a).

Flutuamos, boiamos, batemos o pé. Usamos boias, nosso(a) professor(a) nos segura pelas mãos.

Pulamos as ondas, mergulhamos por cima e por baixo da arrebentação. Vamos mais fundo. Se houver correntezas, cuidado.

@monjacoen

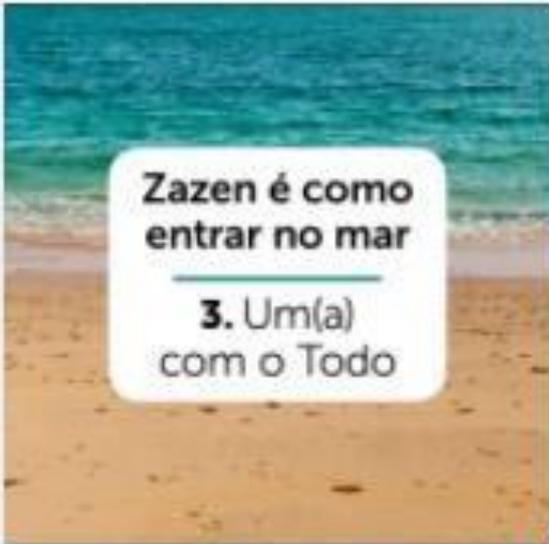
👍👎 241

6 comentários · 18 compartilhamentos

Figura 32 Explicando o Zazen 2

Monja Coen
15 de novembro de 2021

Um dia, experimentamos participar de um sesshin (retiro). Sesshin quer dizer unificar, penetrar a mente. Buscamos um estado de meditação profunda para superarmos o "eu menor" e alcançar samadhi. Então, nos sentimos interconectados com tudo o que existe.
(Textos extraídos de "Olhos de Mar", em A sabedoria da Transformação, de Monja Coen)
Convidamos você para mergulhar na prática de zazen com o Zendo Brasil... [Ver mais](#)



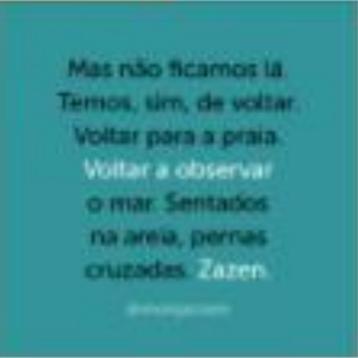
Zazen é como entrar no mar
3. Um(a) com o Todo



Mergulhamos e nos sentimos uma gota de água do mar.



Já não há um eu, uma água, uma pingada, uma bolha. Apenas o-estar presente e inteiro(a) com toda a vida.



Mas não ficamos lá. Temos, sim, de voltar. Voltar para a praia. Voltar a observar o mar. Sentados na areia, pernas cruzadas. Zazen.



Quer entrar no mar com a gente?
Rohatsu Sesshin com o Zendo Brasil.
Inscreva-se em www.zendobrasil.org.br

👍❤️ 232

26 compartilhamentos

Figura 33 Explicando o Zazen 3

DEZEMBRO



Monja Coen
3 de dezembro de 2020

Novo episódio da Quinta Temporada de Monja Coen Responde está no ar:
Como lidar com o envelhecimento de entes queridos?

relacionamento **MOVA**



**ENVELHECIMENTO
DE ENTES QUERIDOS**

5ª Temporada Monja
Coen Responde

youtube.com/monjacoen

325 25 compartilhamentos

Figura 34 Monja Responde (YouTube)

Monja Coen
8 de dezembro de 2020 · 🌐

Até 15 de janeiro de 2021, produtos com entrega gratuita e descontos de até 50%.
Um motivo a mais para você nos conhecer!

Acesse livros editados pelo Zendo Brasil disponíveis apenas em nossa loja, como Livro de Sutras (coletânea de sutras da escola Soto Shu), Zazen: a Prática Essencial do Zen e o Oito Aspectos no Budismo, do mestre Hakuin Yasutani.

Além dos livros de nossa Primaz Fundadora, Monja Coen Roshi.

Assim, reafirmamos nossa missão de espalhar o Dharma e os ensinamentos de Xaquiamuni Buda. E você contribui para a continuidade de nossas atividades e manutenção do templo Taikozan Tenzuizenji.

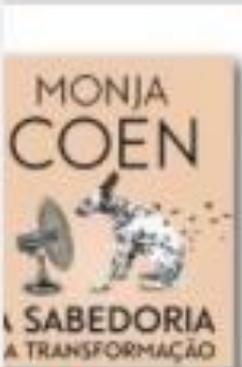
Mas se não encontrou o que procurava, aguarde mais um pouquinho...
Em breve, teremos mais produtos à disposição!







Entrega grátis em todos os produtos?
Conheça a loja do www.zendobrasil.org.br







👍❤️ 231 3 comentários · 37 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Figura 35 Loja Virtual

 **Monja Coen**
13 de dezembro de 2020 · 🌐

Superlive de Monja Coen com Clóvis de Barros Filho, Leandro Karnal e Mario Sergio Cortella na Bienal Virtual do Livro.📖

Lançamento do box Quatro por Quatro contendo livros dos quatro autores.📚

📅 Dia 12/12, às 18h

👉 Ver mais



LIVE: Reflexões para bem pensar, bem sentir, bem agir e bem viver

COM: Clóvis de Barros Filho, Leandro Karnal, Mario Sergio Cortella e Monja Coen

DATA: 12/12 às 18h

LOCAL: Bienal Virtual de São Paulo
Arena Virtual

Inscreva-se e participe:
www.bvcsa1virtualsp.org.br

👍❤️ 313

15 comentários · 33 compartilhamentos

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Figura 36 Livro com outros pensadores